

FRANZ KAFKA



MARTIN CLARET

AMÉRICA

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

FRANZ KAFKA



MARTIN CLARET

AMÉRICA

Table of contents

1. [Anterosto](#)
2. [Folha de rosto](#)
3. [Sumário](#)
4. [Prefácio](#)
5. [AMÉRICA](#)
6. [O foguista](#)
7. [O tio](#)
8. [Uma casa de campo nos arredores de Nova York](#)
9. [O caminho para Ramses](#)
10. [No Hotel Occidental](#)
11. [O caso Robinson](#)
 1. [Um asilo](#)
 2. [“Hora de levantar!”, exclamou Robinson](#)
12. [Fragmentos](#)
 1. [A partida de Brunelda](#)
 2. [O teatro natural de Oklahoma](#)
13. [Página de direitos autorais](#)

Guide

1. [Cover](#)
2. [Sumário](#)

AMÉRIHA

BRANHAHA



MARTIN CLARET

AMÉRICA

Traduzido do alemão por DANIELA KAHN

SUMÁRIO

Anterosto

Folha de rosto

Sumário

Prefácio

AMÉRIKA

O foguista

O tio

Uma casa de campo nos arredores de Nova York

O caminho para Ramses

No Hotel Occidental

O caso Robinson

Um asilo

“Hora de levantar!”, exclamou Robinson

Fragmentos

A partida de Brunelda

O teatro natural de Oklahoma

Página de direitos autorais

PREFÁCIO

KARL ROSSMANN E OS DESCAMINHOS DE AMÉRIKA

DANIELA KAHN¹

Amérika, o primeiro dos três romances fragmentários de Franz Kafka, foi escrito entre 1911 e 1914. Junto com *O processo* (1925) e *O castelo* (1927), ele constitui parte do acervo do escritor, publicado postumamente pelo amigo Max Brod. Vale lembrar que essa publicação se deu contra a vontade do escritor, que, antes de morrer, exigira a destruição dos seus manuscritos.

Max Brod lançou a obra com o nome de *Amérika*; Kafka, entretanto, costumava se referir ao seu romance em andamento como *Der Verschollene*.

Esse segundo título tem sido traduzido para vários idiomas, inclusive para o português, como *O desaparecido*. Na verdade, *verschollen* — termo de difícil correspondência em diversas outras línguas — descreve uma situação irremediável de perda total de pistas, que vai muito além, portanto, de um simples desaparecimento. Uma possível tradução do título, por aproximação, seria: *Aquele cujo rastro se perdeu*.

Esse título talvez seja a maior e mais cruel das ironias de *Amérika*, pois, ao utilizar o termo “desaparecimento” no lugar de “banimento”, o romance encobre o fato de que a perda do rastro do protagonista é o resultado das expulsões sucessivas que o impedem de criar raízes em qualquer lugar.

Uma primeira versão da obra, de 1912, desapareceu ou foi suprimida pelo próprio autor, que se pôs a reescrevê-la imediatamente.² Em 1914, finalmente, ele desistiu de continuar o romance.

O fragmento, em sua forma atual, só veio à luz em 1927. Mas convém destacar o percurso independente de “O foguista”, uma das poucas narrativas que Kafka chegou a publicar em vida. Esse texto foi publicado primeiro como conto, em 1913. A pedido do editor, foi depois incorporado ao romance, como primeiro capítulo de *Amérika*. Essa dupla trajetória foi possível porque a história pode ser lida como um episódio isolado. O seu personagem central, o foguista, não reaparece no restante do romance.

O texto ora em mãos realmente apresenta indícios da existência de

uma versão anterior mais completa, já que alude a elementos e situações ausentes do texto final. Tem-se uma narrativa contínua do primeiro ao sétimo capítulo — esse último denominado “Um asilo” na presente edição.³ Na sequência viria o primeiro fragmento. Um hiato se abre entre o final deste — com Karl servindo o café da manhã para Brunelda e Delamarche — e o segundo fragmento, que principia com a saída de Karl e Brunelda da sua antiga moradia. O diálogo de Karl com o administrador no final dessa narrativa indica que a mudança para o novo endereço foi acertada de antemão (fora do texto, portanto).

Maior ainda é a lacuna entre esse segundo fragmento e o suposto capítulo final, “O teatro natural de Oklahoma”. Nesse último capítulo, Karl reaparece sozinho. Porém, logo se reencontra com Fanny, uma personagem que conheceu no passado, em alguma situação que também não consta das páginas preservadas do romance. O capítulo ainda faz referências a ocupações anteriores e suspeitas de Karl, bem como ao codinome usado nesses empregos. São pistas que apontam para uma variante mais completa do romance ou, pelo menos, para um planejamento mais detalhado que se perdeu.

Um dado curioso sobre *Amérika* é que o próprio Kafka jamais colocou os pés nos Estados Unidos. Ambicionava, no entanto, retratar a modernidade americana, chegando mesmo a pesquisar sobre o assunto. Com efeito, figuraram como fontes inspiradoras histórias contadas por parentes, além de fotos e relatos de viagem dos quais o mais importante teria sido *Amerika heute und morgen* (A América hoje e amanhã), de Arthur Holitscher.

Entretanto, este primeiro romance de Kafka reflete igualmente, e, nesse sentido, talvez seja único na obra do escritor, as ideias socialistas que ele absorveu na juventude. O autor não esconde a sua simpatia pelos trabalhadores mais humildes. Sua ênfase recai sobre as desigualdades sociais, sobretudo, no que diz respeito às possibilidades de emprego e às condições laborais das camadas menos favorecidas. Estas são observadas da ótica do protagonista, oriundo da pequena burguesia de Praga, que transita por diversos grupos sociais. Alguns dos temas abordados que conservaram a sua atualidade são o trabalho infantil, o trabalho escravo, a desumanização do trabalhador e o abuso de poder que impera nos ambientes de trabalho.

Nesse sentido, são especialmente marcantes no romance os retratos de uma sociedade massificada e sem rosto, sujeita à automatização, à aceleração das atividades e à despersonalização do indivíduo nos âmbitos do trabalho, da vida cotidiana e da política, sob o efeito ainda do impacto das novas tecnologias nestes três domínios.

Sirva como exemplo a descrição do trabalho de um funcionário, durante a visita de Karl à fábrica do tio:

Na sala dos telefones viam-se, onde quer que se olhasse, as portas das cabines telefônicas se fechando e se abrindo e o ruído era atordoante. O tio abriu a mais próxima dessas portas, e lá se via o funcionário, sob luz elétrica uma potente, indiferente a qualquer som vindo da porta, com fones de ouvido fixados por uma faixa de aço que lhe passava sobre a cabeça e pressionava suas orelhas. O seu braço direito repousava sobre uma mesinha, como se ele fosse particularmente pesado, e apenas os dedos, que seguravam o lápis, se movimentavam numa regularidade e rapidez inumanas.

Um outro exemplo mostra o comportamento inercial da multidão em cenas de um comício observadas da varanda do apartamento de Brunelda:

O fluxo da multidão aumentava desordenadamente, as pessoas se escoravam umas nas outras, ninguém conseguia mais se manter em pé, a quantidade de adversários parecia ter crescido com a chegada de público novo, o homem que carregava conseguira ficar bastante tempo diante da porta da hospedaria, mas agora ele se deixava impelir, aparentemente sem resistência, rua acima e abaixo, o candidato continuava falando, mas não estava mais claro se ele estava detalhando o seu programa ou pedindo ajuda [...]

Também os romances *David Copperfield* e *Oliver Twist*, de Charles Dickens, serviram como fonte de inspiração, conforme afirma o próprio escritor.⁴ Há que se lembrar, entretanto, diferenças de estilo à parte, de que no insólito universo kafkiano, e este seu primeiro romance não é exceção, o solo sobre o qual caminham os personagens é movediço, o mundo é repleto de armadilhas e a solução fácil que se desenha no horizonte é sempre uma miragem. Aqui as aparências não apenas enganam, elas se metamorfoseiam. Nesse sentido, só pode ser paródico o diálogo de *Amérika* com os dois romances de formação dickensianos. Nesses, depois de um árduo começo, o bom-mocismo acaba premiado pela ascensão social e a estabilidade financeira, ao contrário do que acontece com Karl Rossmann, o órfão de pais vivos que, apesar de todo o seu empenho, se encontra a cada passo mais distante do modesto sonho de um trabalho digno e estável que possibilite sua integração social.

Nesse sentido, o parágrafo inicial do romance é premonitório:

Quando Karl Rossmann — um jovem de dezesseis anos enviado para os Estados Unidos pelos seus pobres pais, porque uma empregada o seduzira e tivera um filho dele — adentrou o porto de Nova York no navio já desacelerado, viu a Estátua da Deusa da Liberdade, que já observava havia algum tempo, como que iluminada, repentinamente, por uma luz solar mais intensa. O braço, elevava-se como que num impulso recente de espada em riste, e os ventos da liberdade sopravam ao redor da sua figura.

O leitor é introduzido de chofre à situação do jovem Karl, expatriado pelos próprios pais, depois de ser estuprado pela cozinheira da casa. Ao chegar aos Estados Unidos, o rapaz se vê recepcionado por uma duvidosa estátua da liberdade, em que a tocha original — que remete ao roubo do fogo celeste por Prometeu — aparece substituída pela espada, prenúncio dos castigos e “julgamentos” (a espada abaixada, na representação clássica

da justiça, é aqui elevada vitoriosamente) que o aguardam no novo continente.

Nesse novo mundo, o protagonista se destaca pela sua capacidade de se meter em situações equívocas. Mas Karl Rossmann também figura como um exemplo de resiliência em meio às instabilidades que o acometem. Uma ingênua positividade presente, sobretudo, nos seus devaneios, bem como sua constante disposição para o recomeço, toda vez que o destino puxa o seu tapete, contrastam com a perspectiva irônica e implacável do autor, empenhado na aniquilação desse moderno Sísifo.

Sendo assim, a opressão presente na atmosfera deste romance ainda não é, nem de longe, tão asfixiante como na obra madura de Kafka. Pode-se mesmo afirmar que a técnica empregada é a do morde e assopra: a cada situação de expulsão ou perseguição, segue-se sempre o momento de calma e readaptação. Ademais, o humor negro, que permeia o romance, é responsável por cenas que já foram comparadas às de filmes de Charlie Chaplin. E, arapucas à parte, a manifesta simpatia do escritor pelo personagem e sua extraordinária juventude conferem ao romance uma leveza e vivacidade ausentes dos seus outros textos.

Como obra da juventude, *Amérika* ocupa, portanto, uma posição singular na produção do seu autor. Ao mesmo tempo que ainda apresenta certas características do romance convencional, já é possível reconhecer nele aspectos da criação madura do escritor: a temática kafkiana recorrente de culpa e castigo (e, haja culpa ou não, sempre haverá castigo) e do isolamento; a atmosfera frequentemente opressiva; os enredamentos surgidos do nada e o drama da falta de saídas; o trânsito por labirintos intermináveis; o confronto com as figuras de autoridade, aqui deslocadas para o universo social e o ambiente de trabalho; o papel destacado do absurdo; o toque expressionista alcançado com a deformação sutil de personagens e ambientes; as pitadas de ridículo; o substrato semântico simbólico que confere densidade ao plano da ação do romance; e, finalmente, a condição de fragmento, que deixou a crítica e o público divididos quanto ao possível final do romance.

O escritor alemão Kurt Tucholsky, um dos primeiros resenhistas a chamar atenção para a obra de Kafka, discerne um parentesco literário do protagonista de *Amérika* com o Príncipe Mishkin⁵ de Dostoiévski e o valente soldado Schwejk, do romance do escritor tcheco Jaroslav Hašek. Para o resenhista: “eles não se defendem da vida, mas estão tão sozinhos e vencem mesmo quando derrotados”.⁶

Para Tucholsky, Karl Rossmann representa ainda o caso, extremamente raro, em que alguém não entende a vida e está coberto de razão.⁷ Na verdade, Rossmann integra o cortejo universal de personagens bons e ingênuos que buscam sobreviver de uma forma digna em um “mundo todo feito contra eles”.⁸

Na sua abertura para múltiplas leituras, *Amérika* é um novo território a ser explorado dentro do inquietante universo kafkiano. É também uma boa porta de entrada para o leitor que busca conhecer a obra do escritor.

* * *

Não é aqui o lugar de tratar das múltiplas questões de tradução, idioma e linguagem que o texto sugere. Gostaria, no entanto, de deixar os meus agradecimentos aos meus colegas e amigos do fórum alemão de literatura, Literaturforum.de, e do fórum de tradução *Proz*, que me ajudaram na elucidação de palavras do romance caídas em desuso, como *Kaiserrock* e também na identificação de vocábulos do alemão austríaco no texto, como Sessel (“poltrona”, na Alemanha, e “cadeira”, na Áustria), Tasse (“xícara”, na Alemanha, e “vasilha”, “recipiente”, na Áustria), Kasten (“caixote”, na Alemanha; na Áustria, além disso também “guarda-roupa”) e vários outros.

¹ Daniela Mercedes Kahn é formada em Psicologia pela USP e Doutora em Teoria Literária e Literatura Comparada (FFLCH-USP). É autora de *A via crucis do outro: identidade e alteridade em Clarice Lispector*. ² A informação consta do site alemão do escritor, da editora S. Fischer Verlage: http://www.franzkafka.de/franzkafka/das_werk/der_verschollene/457389. ³ Kafka só atribuiu nomes aos primeiros seis capítulos do romance. Os títulos restantes são de Max Brod. Ver a carta a Felice Bauer, de 11 de novembro de 1912. ⁴ Ver a anotação do escritor no seu diário, em 8 de outubro de 1917, disponível em: <https://gutenberg.spiegel.de/buch/tagebucher-19101923-9759/10>. ⁵ O Príncipe Mishkin é o protagonista do romance *O idiota*, de Dostoiévski. ⁶ Eis a citação completa no original: “Hier in ‘Amerika’ aber ist jeder Vorgang Selbstzweck, dichterische Frucht und Blüte schmerzlicher Erkenntnis. Es läuft da ein Band vom Dostojewskischen Idioten über Schwejk zu der Hauptfigur des kleinen Karl — sie wehren sich gegen das Leben nicht, aber sie sind so allein und siegen noch in den Niederlagen”. <https://www.textlog.de/tucholsky-kafka-amerika.html> (“Em *Amérika*, cada acontecimento é um fim em si mesmo, é fruto da poesia nascida de uma compreensão dolorosa. Há aí um arco que se estende entre a figura do idiota de Dostoiévski, passando por Schwejk, e o protagonista, o jovem Karl — eles não se defendem da vida, mas estão tão sozinhos e vencem mesmo quando derrotados.” Trad. DK). ⁷ No original: “[...] hier ist der ganz seltene Fall, dass einer ‘das Leben nicht verstehe’ und recht hat.” <https://www.textlog.de/tucholsky-kafka-amerika.html>. ⁸ Expressão cunhada por Clarice Lispector, leitora de Kafka, em referência à personagem Macabéa, do romance *A hora da estrela*, e que cai como uma luva também para Karl Rossmann.

AMÉRIKA

O FOGUISTA

Quando Karl Rossmann¹ — um jovem de dezesseis anos enviado para os Estados Unidos pelos pobres pais, porque uma empregada o seduzira e tivera um filho dele — adentrou o porto de Nova York no navio já desacelerado, viu a Estátua da Deusa da Liberdade, que já observava havia algum tempo, como que iluminada, repentinamente, por uma luz solar mais intensa. O braço, de espada em riste, elevava-se como que num impulso recente, e os ventos da liberdade sopravam ao redor de sua figura.

“Como é alta!”, disse para si mesmo e, como nem lhe passava pela cabeça sair dali, foi se deixando empurrar até a grade de proteção pela crescente multidão de carregadores que passava por ele.

Um jovem, com quem travara ligeiro conhecimento durante a viagem, disse ao passar: “Ei, você não pretende desembarcar?”, “Estou pronto!”, disse Karl, abrindo um largo sorriso e colocando a sua mala no ombro, cheio de disposição, pois era um rapaz forte. Porém, ao olhar na direção de seu conhecido, que, agitando um pouco a sua bengala, já se afastava com os outros, percebeu desconcertado que esquecera o seu guarda-chuva lá embaixo no navio. Imediatamente pediu ao seu conhecido, que não se mostrou muito solícito, o favor de aguardar junto à sua mala por alguns minutos, fez um rápido reconhecimento do lugar para encontrar o caminho de volta e saiu depressa. Para sua consternação, descobriu que, pela primeira vez, o corredor, que encurtaria bastante o seu caminho, estava bloqueado — o que provavelmente estava relacionado com o desembarque de tantos passageiros — e que precisaria esquadrinhar laboriosamente as escadas, que se sucediam infinitamente, através de corredores que mudavam constantemente de direção, cruzando uma sala vazia com uma escrivaninha abandonada, até que ele, que só havia passado por esse caminho uma ou duas vezes e sempre em companhia de um grupo maior de pessoas, acabou, de fato, totalmente perdido. Em seu desamparo e porque não encontrava viva alma, mas apenas ouvia o arrastar incessante de milhares de pés acima de sua cabeça e, à distância, como um leve pulsar, a atividade final das máquinas, que já haviam sido desligadas, o rapaz começou a golpear, sem pensar, uma pequena porta, diante da qual interrompera suas andanças.

“Está aberta”, gritou uma voz lá de dentro, e Karl, totalmente aliviado, abriu a porta. “Por que você está batendo na porta feito um louco?”, perguntou um homem enorme, que mal olhava na direção de Karl. Pela escotilha do teto uma luz baça, que restara depois de ter iluminado a parte de cima do navio, penetrava na mísera cabine, na qual uma cama, um

armário, uma cadeira e o homem se encontravam prensados lado a lado, como sardinhas dentro de uma lata. “Eu me perdi”, disse Karl. “Durante a viagem eu nem havia notado, mas esse navio é imenso.” “Sim, aí o senhor tem razão”, disse o homem com certo orgulho, sem parar de mexer na fechadura de uma pequena mala, que ele pressionava com as duas mãos repetidas vezes, para ouvir o estalo da fechadura. “Mas entre!”, continuou o homem: “o senhor não vai ficar parado aí fora!” “Não incomodo?”, perguntou Karl. “Mas por que o senhor incomodaria?” “O senhor é alemão?”, Karl ainda buscou se assegurar, pois ele ouvira falar muito dos perigos que ameaçavam os recém-chegados à América, especialmente por parte dos irlandeses. “Com certeza!”, disse o homem. Karl ainda hesitava. Inesperadamente, o homem agarrou a maçaneta, fechou a porta com um movimento brusco e empurrou Karl para dentro da cabine. “Eu detesto quando sou observado do corredor”, disse o homem, que tornara a se ocupar de sua mala, “todo mundo passa por aqui e olha para dentro, quem aguenta isso!”. “Mas o corredor está totalmente deserto”, disse Karl, que se encontrava desconfortavelmente prensado contra o pé da cama. “Sim, agora”, disse o homem. ‘Mas é de agora que estamos falando’, pensou Karl, ‘está difícil falar com esse sujeito’. “Deite-se na cama, aí terá mais espaço”, disse o homem. Karl arrastou-se para cima da cama do jeito que deu, rindo alto de sua primeira tentativa malograda de aterrissagem. Porém, assim que se deitou na cama, exclamou: “Meu Deus, esqueci totalmente de minha mala!” “Onde ela está?” “Lá em cima, no convés, um conhecido meu está tomando conta dela. Qual é mesmo o nome dele?” E sacou um cartão de visita de seu bolso secreto, que sua mãe lhe costurara no forro antes da viagem. “Butterbaum, Franz Butterbaum.” “Precisa muito dessa mala?” “Naturalmente.” “Mas, então, por que a deixou nas mãos de um estranho?” “Esqueci o meu guarda-chuva aqui embaixo e vim correndo pegá-lo, mas não queria carregar a mala. E, para completar, acabei me perdendo.” “Está sozinho? Desacompanhado?” “Sim, sozinho.” ‘Talvez eu devesse ficar na companhia desse homem’, pensou Karl, ‘onde vou encontrar um amigo melhor?’. “E agora também perdeu sua mala. Sem falar do guarda-chuva.” E o homem sentou-se em sua cadeira, como se a situação de Karl agora lhe tivesse despertado algum interesse. “Mas não acredito que a mala já esteja perdida.” “Bem-aventurados aqueles que creem!”, disse o homem, coçando com vigor seu cabelo escuro, curto e grosso, “no navio, os costumes mudam conforme os portos. Em Hamburgo, seu Butterbaum talvez tivesse vigiado a sua mala, aqui provavelmente não há mais vestígios de nenhum dos dois”. “Eu tenho que verificar isso imediatamente”, disse Karl, olhando em volta, para ver como poderia sair dali. “Fique onde está”, disse o homem, empurrando-o rudemente com a mão contra o peito de volta para a cama. “Mas por quê?”, perguntou Karl, irritado. “Porque não adianta”, disse o homem, “daqui a pouquinho eu também vou embora, então iremos juntos. Ou a mala foi

roubada e então não tem mais jeito, ou o homem a deixou onde estava, então vamos encontrá-la mais facilmente, quando o navio estiver completamente vazio. Isso também vale para o seu guarda-chuva”. “O senhor conhece bem o navio?”, perguntou Karl, desconfiado, parecendo-lhe que a ideia, aliás plausível, de que as suas coisas seriam mais facilmente encontradas quando o navio estivesse vazio escondia algum ardil. “Ora, eu sou foguista do navio”, disse o homem. “O senhor é foguista!”, exclamou Karl maravilhado, como se isso excedesse todas as suas expectativas, e, descansando a cabeça no cotovelo, observou o homem mais de perto. “Bem na frente da cabine onde eu dormia com um eslovaco havia uma escotilha através da qual a gente podia olhar a sala de máquinas.” “Sim, era lá mesmo que eu trabalhava”, disse o foguista. “Eu sempre me interessei muito por assuntos técnicos”, disse Karl, focando em uma determinada linha de pensamento, “e certamente teria me tornado um engenheiro mais tarde, se não tivesse tido que embarcar para a América”. “Por que você teve que viajar?” “Ora, deixa pra lá!”, disse Karl, afastando toda a história de si com um aceno de mão, como se pretendesse encerrar a conversa. Ao mesmo tempo, olhava sorridente para o foguista, como que pedindo a sua compreensão até mesmo para aquilo que deixara de confessar. “Deve haver um motivo”, disse o foguista, e não se sabia ao certo se ele queria estimular ou impedir Karl de revelar-lhe o motivo. “Eu também poderia ser um foguista”, disse Karl, “a partir de agora, meus pais não se importam mais com a minha profissão.” “O meu posto ficará vago”, disse o foguista, e, totalmente imbuído desse fato, colocou as mãos nos bolsos da calça e jogou suas pernas, que vestiam calças enrugadas cinzentas, de material semelhante a couro, em cima da cama para esticá-las. Karl teve que recuar ainda mais para a parede. “O senhor vai deixar o navio?” “Sim, hoje estamos saindo fora” “Mas, por quê? O senhor não gosta do emprego?” “Bem, são as circunstâncias, nem sempre a decisão depende da nossa vontade. A propósito, você está certo, eu também não gosto disso. Não acredito que pensa seriamente em se tornar um foguista, embora esteja na idade certa para aprender a profissão. Eu decididamente não recomendo. Se você queria estudar engenharia na Europa, por que não estuda aqui? As universidades norte-americanas são incomparavelmente melhores que as europeias”. “É possível”, disse Karl, “mas não tenho dinheiro suficiente para estudar. Eu li sobre alguém que trabalhava em uma loja durante o dia e estudava à noite até se tornar doutor, e acredito também que prefeito, mas é preciso muita força de vontade, não é verdade? Receio que ela me falte. Além disso, nunca me destaquei como aluno, e deixar a escola realmente não foi nenhum sacrifício para mim. E, se brincar, as escolas daqui talvez sejam ainda mais rigorosas. Eu quase não sei falar inglês. De qualquer modo, penso haver muito preconceito aqui contra quem vem de fora”. “Então você também já percebeu isso? Então é dos meus. Veja, nós estamos em um navio alemão, que pertence a uma

companhia de transporte marítimo, a Hamburgo-América-Linie, por que não há mais alemães na tripulação? Por que o maquinista chefe é um romeno? Seu nome é Schubal. É inacreditável. E esse canalha explora alemães em um navio alemão. Não pense” — nesse momento faltou-lhe ar, sua mão tremia — “que eu reclamo por reclamar. Sei que você não tem qualquer influência e que não passa de um pobre coitado. Mas isso é demais!”, e socou a mesa várias vezes com o punho sem tirar os olhos dele enquanto batia. “Eu já servi em tantos navios” — e nomeou vinte nomes seguidos, como se fosse uma única palavra, deixando Karl bastante confuso — “e sempre me distinguiram, fui elogiado, era um trabalhador ao gosto dos meus capitães, até mesmo no cargueiro em que trabalhei vários anos” — e se levantou como se esse tivesse sido o ponto mais alto de sua carreira — “e só aqui nesta gerigonça, onde tudo precisa andar certinho, onde não há espaço para inteligência, é que não valho nada, aqui só sirvo de tropeço ao Schubal, sou um preguiçoso que merece ser despedido e recebe o salário como se fosse uma esmola. Compreende isso? Eu não”. “O senhor não deve aceitar isso”, disse Karl agitado. Quase já havia esquecido que se achava sobre o chão inseguro de um navio na costa de um continente desconhecido, de tão à vontade que se sentia ali na cama do foguista. “Já falou com o capitão? Já reivindicou seus direitos a ele?” “Ora, me deixe, é melhor você ir embora. Não o quero aqui. Não ouve o que lhe digo e ainda quer me dar conselhos. Como é que eu vou falar com o capitão?”, aborrecido, o foguista sentou-se novamente, escondendo o rosto entre as mãos.

‘Não posso lhe dar conselho melhor’, disse Karl de si para si. E pensou que talvez tivesse sido melhor ter ido atrás da sua mala em vez de ali dar conselhos que, afinal de contas, eram considerados estúpidos. Quando o pai lhe entregara a mala, perguntara em tom de brincadeira: “Quanto tempo ela vai ficar nas suas mãos?”, e agora aquela mala fiel já poderia estar realmente perdida. O seu único consolo era que seu pai dificilmente teria notícias da sua situação atual, mesmo que ele se informasse. A empresa de transporte marítimo somente poderia confirmar que ele chegara a Nova York. Era uma pena que pouco usara as coisas que estavam na mala, se bem que sua camisa, por exemplo, já poderia ter sido trocada havia algum tempo. Portanto, ele tinha economizado no lugar errado; justamente agora, no começo de sua carreira, quando mais do que nunca precisava se apresentar em trajes asseados, ele teria de aparecer de camisa suja. Tirando isso, o extravio da mala não teria sido tão terrível, porque o terno que ele usava era até melhor do que aquele que estava na mala, que, na verdade, era apenas um terno de emergência que a mãe consertara às vésperas da partida. Lembrou-se também que ainda havia um pedaço de salame de Verona na mala, que sua mãe embrulhara como um presente adicional, do qual ele só tinha conseguido comer um pedacinho, já que não sentira fome durante a viagem, e a sopa, que fora distribuída na

terceira classe, o deixara saciado. No entanto, agora gostaria de ter o salame à mão, para oferecê-lo ao foguista. Pois esse tipo de gente era facilmente conquistado com algum pequeno agrado, conforme Karl aprendera com o seu pai, que conquistara todos os pequenos funcionários com os quais mantinha relações comerciais distribuindo charutos. Agora Karl só tinha o seu dinheiro para presentear, e nele não queria tocar por enquanto, tendo em vista que talvez já tivesse perdido a sua mala. Novamente para ela seus pensamentos se voltaram, e ele realmente não conseguia entender como é que, tendo-a vigiado com tanta atenção durante a viagem, com uma vigilância que quase lhe custara o sono, permitira que ela lhe fosse surrupiada com tanta facilidade. Lembrou-se das cinco noites durante as quais suspeitara constantemente que um pequeno eslovaco que dormia à sua esquerda estivesse de olho na sua mala. Esse eslovaco só estava à espera de que Karl finalmente, dominado pela fraqueza, cochilasse por um momento, para que pudesse puxar a mala até si com um longo bastão, com o qual sempre brincava ou se exercitava durante o dia. De dia a aparência desse eslovaco era suficientemente inocente, mas bastava a noite cair, e ele se levantava de tempos em tempos de seu canto e olhava com tristeza para a mala de Karl. Karl podia perceber isso com bastante clareza, porque sempre havia alguém que, de vez em quando, com a inquietação própria do emigrante, acendia uma vela, embora isso fosse proibido pelas regras do navio, e tentava decifrar os incompreensíveis folhetos das agências de emigração. Quando uma luz dessas se encontrava nas imediações, Karl podia cochilar um pouco, mas quando ela se achava à distância ou estava escuro, então ele tinha de ficar de vigília. Esse esforço o havia esgotado bastante e agora percebia ter sido esse trabalho completamente em vão. Ai desse Butterbaum, se tornasse a encontrá-lo, onde quer que fosse!

Nesse instante, ouviu-se lá fora, vindo de longe, um ruído de pancadas curtas, como passos de criança, invadir o silêncio até então absoluto; foram-se aproximando, tornando-se cada vez mais distintos, até se transformarem numa tranquila caminhada de homens. Aparentemente, seguiam em fila, como era de se esperar no corredor estreito, ouvia-se como que um entrecostar de armas. Karl, que já estava prestes a se acomodar na cama do foguista para um sono livre de todas as preocupações com malas e eslovacos, assustou-se e cutucou o foguista, para que este finalmente se desse conta, pois o começo da fila parecia ter acabado de alcançar a porta. “Essa é a orquestra de bordo”, disse o foguista “eles tocaram no andar de cima e agora voltam para fazer as suas malas. Agora que todos já saíram, podemos ir. Venha!”, pegou Karl pela mão e, nesse último instante, ainda tirou, da parede sobre a cama, um quadro emoldurado da Nossa Senhora, enfiou-o no bolso do casaco, pegou a sua mala e saiu apressadamente com Karl da cabine.

“Agora vou ao escritório e aqueles senhores vão ouvir o que está

entalado na minha garganta. Não há mais nenhum passageiro aqui, não é necessário se preocupar”. Isso o foguista repetiu várias vezes, e, enquanto andava, tentou dar um pontapé em uma ratazana que lhes cruzou o caminho, dando pisadas para o lado, mas apenas empurrou-a mais depressa para dentro do buraco, que ela ainda alcançou a tempo. Na verdade, ele era lento em seus movimentos, pois, apesar de suas pernas serem longas, eram demasiado pesadas.

Atravessaram um setor da cozinha onde algumas moças com aventais sujos — elas os molhavam deliberadamente — lavavam a louça em grandes cubas. O foguista atraiu uma certa Line, colocou o braço em volta da sua cintura e a fez acompanhá-los durante parte do caminho, enquanto ela resistia ao seu abraço de maneira sedutora. “O pagamento está para sair, você quer vir conosco?”, ele perguntou. “Por que eu deveria me dar a esse trabalho, prefiro que me traga o dinheiro aqui”, ela respondeu, deslizando por debaixo do braço dele e fugindo. “Onde você encontrou esse moço bonito?”, ela ainda gritou, mas já sem esperar uma resposta. Podia-se ouvir o riso de todas as moças, que tinham interrompido seu trabalho.

Os dois, entretanto, continuaram a andar e chegaram a uma porta, encimada por um pequeno frontão sustentado por pequenas cariátides douradas. Parecia muito luxuoso, tendo em vista que se tratava da decoração de um navio. Karl percebeu que jamais estivera naquele setor, reservado provavelmente aos passageiros de primeira e segunda classe, ao passo que agora eles haviam retirado as portas de separação antes da limpeza geral do navio. De fato, já haviam cruzado com alguns homens carregando vassouras no ombro, que cumprimentaram o foguista. Karl ficou espantado com a dimensão do empreendimento; é certo que, como passageiro da terceira classe, pouco conhecimento tomara disso. Ao longo dos corredores estendiam-se também cabos de instalações elétricas e um pequeno sino era ouvido de maneira contínua.

O foguista bateu respeitosamente na porta e, ao ouvir “Entre!”, fez um sinal com a mão para que Karl entrasse sem receio. Karl deu uns passos para dentro, porém ficou parado junto à porta. Diante das três janelas do aposento viu o mar e, ao acompanhar o alegre movimento das ondas com os olhos, seu coração bateu mais forte, como se não tivesse visto o mar durante cinco longos dias. Grandes navios cruzavam as rotas uns dos outros e apenas rendiam-se ao movimento das ondas até onde o seu peso permitia. Semicerrando os olhos, esses navios pareciam cambalear de tanto peso. Nos seus mastros ostentavam galhardetes estreitos e compridos, que, apesar de retesados pela viagem, continuavam tremulando de um lado ao outro. Ouviu-se uma salva de tiros, proveniente, com certeza, dos navios de guerra, os canhões de um navio não muito distante, radiantes com o reflexo de seu manto de aço, como que embalados pela viagem segura e plana, ainda que não horizontal. Os

barquinhos e botes só podiam ser observados ao longe, pelo menos para quem estava perto da porta; pois passavam aos montões pelos espaços entre os grandes navios. E, por trás de tudo isso, erguia-se a cidade de Nova York, e as centenas de milhares de janelas de seus arranha-céus pareciam fitar Karl. Sim, naquela sala a pessoa sabia onde se encontrava.

Em torno de uma mesa redonda encontravam-se sentados três cavalheiros: um deles era oficial do navio, com um uniforme azul; os outros dois, funcionários da Autoridade Portuária, trajavam uniformes norte-americanos pretos. Sobre a mesa estavam empilhados vários documentos que o oficial, com a caneta na mão, primeiro examinava, para em seguida entregá-los aos outros dois, que ora os liam, ora extraíam algo deles, ora guardavam-nos em suas pastas, isso quando aquele que produzia um pequeno ruído quase ininterrupto com os dentes não estava ditando um relatório para o seu colega.

Perto da janela, sentado junto a uma escrivaninha e com as costas voltadas para a porta, encontrava-se um senhor de estatura mais baixa, que se ocupava com grandes livros de contabilidade, ordenados numa estante sólida, que ficava ao mesmo nível que a sua cabeça. Ao seu lado se encontrava um cofre aberto, que, pelo menos à primeira vista, parecia vazio.

A segunda janela estava livre e oferecia a melhor vista. Próximo à terceira, no entanto, dois senhores conversavam em voz baixa. Um deles, encostado à vigia, também vestia o uniforme do navio e brincava com o cabo da espada. O homem com quem conversava estava voltado para a janela e revelava de quando em quando, através de um movimento, uma parte da série de condecorações no peito do outro. Ele vestia trajes civis e carregava uma bengala de bambu fina que, como ele estava com as duas mãos apoiadas nos quadris, parecia uma adaga.

Karl não teve muito tempo para observar tudo, porque logo um criado se aproximou deles e perguntou ao foguista, olhando-o como se este não pertencesse àquele lugar, o que ele queria. O foguista respondeu, no mesmo tom baixo da pergunta, que queria falar com o chefe da tesouraria. Da sua parte o criado fez um gesto de recusa com a mão, mas mesmo assim encaminhou-se na ponta dos pés — com uma grande volta para desviar-se da mesa redonda — até o senhor ocupado com os fólios. Este senhor — visivelmente chocado com as palavras do criado — finalmente virou-se para o homem que desejava falar-lhe, gesticulando então de forma defensiva na direção do foguista e, por via das dúvidas, também na do criado, que retornou até onde estava o foguista e lhe disse em tom confidencial: “Retire-se imediatamente do recinto!”.

Ao receber essa resposta, o foguista olhou para Karl, como se ele fosse seu coração, ao qual silenciosamente confiava sua mágoa. Sem pensar duas vezes, Karl atravessou o recinto correndo, chegando mesmo a esbarrar na cadeira do oficial. O criado corria atrás dele com os braços

abertos prontos para o agarrar, como se estivesse perseguindo um inseto, mas Karl chegou primeiro à mesa do chefe da tesouraria, à qual se agarrou com firmeza para o caso de o criado tentar arrancá-lo de lá.

É claro que a sala imediatamente se animou. O oficial do navio sentado à mesa se colocou de pé num salto, os funcionários da Autoridade Portuária observavam tudo com calma, porém atentos, os dois senhores junto à vigia tinham-se colocado lado a lado, o criado, acreditando que não lhe cabia intervir num caso que já despertara o interesse da alta hierarquia, recuou. Perto da porta, o foguista aguardava tenso pelo momento em que sua ajuda se fizesse necessária. O chefe da tesouraria, enfim, girou sua poltrona ostensivamente para a direita.

Karl vasculhou sua bolsa secreta, sem problemas de revelá-la aos olhos dessas pessoas, e dela extraiu o seu passaporte, que colocou aberto sobre a mesa à guisa de apresentação. O chefe da tesouraria parecia considerar esse passaporte irrelevante, pois deu-lhe um piparote com dois dedos e o afastou; depois disso Karl tornou a guardar o documento, como se essa formalidade tivesse sido cumprida satisfatoriamente.

“Permito-me dizer”, ele começou, “que, na minha opinião, o senhor foguista foi injustiçado. Tem um certo Schubal aqui, que está pegando no seu pé. Ele já serviu de modo satisfatório em muitos navios, cujos nomes poderá dizer aos senhores. É diligente, trabalha com boa vontade, e realmente não dá para entender por que é justamente neste navio, onde o serviço não é tão pesado quanto, por exemplo, nos cargueiros, que seu trabalho desagrada. Portanto, só pode ser uma calúnia o que afeta sua carreira e o priva do reconhecimento que, de outra forma, dificilmente lhe faltaria. Eu apenas tratei o assunto de maneira geral, ele mesmo vai apresentar suas queixas para os senhores”. Com essa fala, Karl tinha se dirigido a todos os presentes, porque de fato todos prestaram atenção e parecia muito mais provável que houvesse um justo entre eles do que esse justo fosse justamente o chefe da tesouraria. Por astúcia, Karl, além disso, ocultou dos ouvintes que conhecia o foguista havia bem pouco tempo. De resto, teria falado muito melhor se não se tivesse distraído com o rosto vermelho do cavalheiro com a bengala de bambu, a quem, da sua posição atual, via pela primeira vez.

“É isso mesmo, sem tirar nem pôr”, disse o foguista, antes de qualquer pessoa perguntar, ou sequer olhar para ele. Essa sua precipitação poderia ter-lhe sido um grande erro, se o cavalheiro com as condecorações, que com certeza era o capitão, conforme Karl intuía naquele momento, não estivesse decidido a ouvir o foguista. Estendeu-lhe a mão e chamou-o: “Venha cá!”, numa voz que parecia de aço, de tão firme. Tudo agora dependia do comportamento do foguista, pois Karl não tinha dúvidas no que dizia respeito à justiça de sua causa.

Felizmente, comprovou-se nessa oportunidade que o foguista era um sujeito com alguma experiência do mundo. Com calma exemplar, sacou

um maço de papéis e mais uma caderneta de anotações da sua maleta e, ignorando totalmente a presença do chefe da tesouraria, levou tudo até o capitão, como se isso fosse a coisa mais natural do mundo, espalhou sua documentação no parapeito da vigia. O chefe da tesouraria não teve escolha senão se dirigir até lá. “O homem é conhecido como encrenqueiro”, disse ele, a título de explicação, “passa mais tempo na tesouraria do que na casa de máquinas. Conseguiu levar o Schubal, que é a calma em pessoa, quase ao desespero. Escute aqui!”, virou-se para o foguista, “O senhor realmente está levando sua impertinência longe demais. Quantas vezes já foi expulso dos escritórios de contabilidade, como o senhor bem merece, com suas reivindicações total e inteiramente e sem exceção injustificadas! Quantas vezes já não correu de lá para a tesouraria! Quantas vezes lhe explicaram pacientemente que o Schubal é seu superior imediato, e que é só com ele que o senhor, na qualidade de seu subordinado, tem que se entender! E agora o senhor ainda vem para cá, quando o capitão está aqui, o senhor não tem vergonha de aborrecê-lo, nem mesmo o bom senso de, como um líder treinado em acusações, não fazer-se acompanhar desse garoto, que estou vendo neste navio pela primeira vez!”

Karl teve que se segurar para não se precipitar para a frente. Mas o capitão já se aproximara dizendo: “Vamos ouvir o que o homem tem a dizer. O Schubal está ficando independente demais para o meu gosto, o que não quer dizer que eu esteja me posicionando a seu favor”. Essa última observação era dirigida ao foguista, era natural que o capitão não se posicionasse imediatamente a seu favor, mas tudo parecia estar bem encaminhado. O foguista começou a dar suas explicações e, de início, conseguiu controlar-se a ponto de tratar Schubal de “senhor”. Perto da mesa do chefe da tesouraria, naquele momento vazia, Karl não cabia em si de contente, várias vezes empurrou para baixo o prato de uma balança de pesar cartas de tanta alegria. — O Sr. Schubal é injusto! O Sr. Schubal prefere os estrangeiros! O Sr. Schubal expulsou o foguista da casa de máquinas e o fez limpar privadas, o que certamente não fazia parte de suas atribuições! A certa altura, até a própria capacidade do Sr. Schubal foi posta em dúvida, como sendo mais aparente do que real. Neste momento, Karl encarou o capitão firmemente e com solicitude, como se fosse seu colega, só para que não se deixasse influenciar contra o foguista por causa dessa sua maneira um pouco desajeitada de se expressar. No final das contas, sua copiosa fala nada revelou de muito substancial e, embora o capitão ainda olhasse para a frente, revelando no olhar a determinação de ouvir o foguista até o fim, os outros senhores ficaram impacientes, e a voz do foguista logo deixou de reinar irrestritamente no ambiente, fato que despertava receio. Primeiro, foi o senhor em trajes civis que começou a brincar com sua bengala de bambu, batendo, ainda que só de leve, no chão. Os outros ainda olhavam de um lado para o outro de vez em quando, os

funcionários da Autoridade Portuária, que pareciam ter pressa, tornaram a pegar os documentos e começaram, ainda que um tanto distraídos, a examiná-los, o oficial do navio voltou à sua mesa e o chefe da tesouraria, supondo que a partida estava ganha, suspirou de profunda ironia. Apenas o criado parecia escapar da dispersão geral — pois se identificava até certo ponto com o sofrimento do pobre homem ali subordinado aos poderosos — e acenava com seriedade a Karl, como se quisesse explicar-lhe algo.

Nesse meio-tempo, para lá das vigias, a vida portuária seguia seu curso: a passagem de um navio de carga de fundo plano, carregado com um monte de barris, certamente empilhados com perfeição para que não comessem a rolar, quase mergulhou o cômodo na escuridão; pequenos barcos a motor, que Karl gostaria de poder observar melhor, se tivesse tempo, deslizavam em linha reta, obedecendo ao movimento das mãos do homem que estava em pé no leme. Flutuadores peculiares surgiam, por conta própria, aqui e ali nas águas agitadas, sendo logo submergidos, afundando perante o olhar espantado; os botes dos transatlânticos repletos de passageiros, que permaneciam sentados silenciosamente e cheios de expectativas, espremidos nos lugares em que eram colocados, embora alguns deles não se furtassem a virar a cabeça espreitando as mudanças da paisagem, eram remados até a frente por marinheiros suados de tanto trabalhar. Era um movimento sem fim, uma inquietude transmitida dos elementos do ambiente inquieto aos seres humanos, incapazes de se defender, e às suas obras!

Porém, tudo recomendava presteza, esclarecimento, precisão absoluta na representação dos fatos; e o que fazia o fogueista? Suava de tanto falar, já não conseguia, com suas mãos trêmulas, manter os papéis sobre o parapeito da vigia; de todos os lados lhe vinham reclamações contra Schubal, cada uma das quais, de acordo com a sua opinião, teria bastado para enterrar Schubal de uma vez por todas; mas tudo o que tinha para apresentar ao capitão era apenas uma triste e confusa maçaroca de todas elas. Já fazia tempo que o cavaleiro com a bengala de bambu assobiava baixinho olhando para o teto, os oficiais do porto já mantinham o do navio na mesa deles, não dando qualquer sinal de que abririam mão dele, era visível que o chefe da tesouraria não se exaltava por causa da calma do capitão, o criado aguardava em estado de atenção, a qualquer momento, a ordem do capitão relacionada com o fogueista.

Karl não podia mais ficar parado. Portanto, dirigiu-se lentamente em direção ao grupo e, enquanto caminhava, pensou com rapidez como abordar o assunto com habilidade. Já não era sem tempo, mais um pouco e ambos poderiam ser escorraçados do escritório. O capitão poderia ser um bom homem e, além disso, ter um motivo especial para parecer um superior justo naquele momento, pelo menos assim parecia a Karl, mas, afinal de contas, não era um instrumento que pudesse ser tocado descuidadamente e era bem assim que o fogueista o estava tratando, é

verdade que levado por sua indignação interior sem limites.

Por isso, Karl disse ao fogueira: “Tem de apresentar isso de um jeito mais simples, mais claro, da forma como está lhe contando os fatos, o capitão não tem como avaliá-los. Será que ele conhece todos os maquinistas e moleques de recado pelo nome ou até pelo prenome, de modo que é só mencioná-lo que ele já sabe de quem se trata? Organize suas reclamações, comece falando das mais importantes e só depois das outras, talvez não seja necessário sequer mencionar a maioria. Comigo você foi sempre tão claro na sua exposição!”. ‘Se na América pode-se roubar malas, uma mentirinha de vez em quando também deve ser permitida’, pensou à guisa de desculpas.

Mas se ao menos tivesse ajudado! Será que já não era tarde demais? É verdade que o fogueira parou de falar imediatamente ao ouvir a voz familiar, mas com os olhos totalmente cobertos de lágrimas da honra masculina ofendida, das lembranças terríveis, da extrema angústia, já nem era capaz de reconhecer Karl direito. E como poderia ele — Karl reconheceu isso silenciosamente diante daquele homem emudecido — como poderia ele agora de repente mudar sua maneira de falar, quando já dissera tudo o que tinha a dizer sem a menor consideração, mas, por outro lado, como se não tivesse dito nada ainda, não podendo esperar que os cavalheiros continuassem a ouvir tudo aquilo. E era num momento desse que Karl, seu único defensor, havia de dar-lhe bons conselhos, que só serviam para mostrar que tudo, tudo estava perdido.

‘Se eu tivesse me aproximado mais cedo, em vez de ficar olhando pela janela/vigia!’ recriminou-se Karl a si mesmo, baixando o rosto na frente do fogueira e deixando cair as mãos, como sinal de que não havia mais qualquer esperança.

Mas o fogueira interpretou mal o seu gesto e, suspeitando talvez que Karl o censurasse secretamente, com a boa intenção de dissuadi-lo, coroou suas ações, pondo-se agora a discutir com Karl. Isso num momento em que os cavalheiros em torno da mesa redonda já estavam, havia muito, indignados com a barulheira inútil que atrapalhava seu trabalho importante, em que o chefe da tesouraria começava a estranhar a paciência do capitão, tendendo a uma interferência imediata, em que o criado, já inteiramente integrado na esfera de seus patrões, media o fogueira com olhar selvagem, e finalmente o senhor com a bengala de bambu, para quem o capitão de vez em quando lançava um olhar amistoso, já completamente exaurido e até aborrecido com o fogueira, puxou uma pequena caderneta, e, aparentemente ocupado com assuntos de todo diferentes, deixava seus olhos passear entre a caderneta e Karl.

“Eu sei”, disse Karl, que se defendia penosamente da torrente de palavras do fogueira, que agora se voltava toda contra sua pessoa, mas que, apesar e durante todo o desentendimento, conservava um sorriso amistoso para o homem, “que você está certo, jamais duvidei disso.” O rapaz teria

gostado de poder segurar suas mãos inquietas, por receio de tapas, mas teria preferido ainda mais arrastá-lo a um canto, para tranquilizá-lo com palavras sussurradas que ninguém mais precisava ouvir. Porém, o foguista estava totalmente fora de controle. Karl começava até mesmo a sentir uma espécie de consolo na ideia de que, em caso de necessidade, o foguista seria capaz de dominar os sete homens daquela sala com a força do seu desespero. Entretanto, sobre a mesa, como verificou com um rápido olhar de relance, havia um painel com uma quantidade excessiva de campainhas; a simples pressão de um dedo poderia alertar o navio inteiro e provocar uma rebelião, reunindo todos os homens hostis que enchiam seus corredores.

Foi então que o cavalheiro com a bengala de bambu, com seu ar de indiferença, se aproximou de Karl e perguntou, sem levantar demais a voz, mas com uma nitidez que se fazia ouvir acima de toda a gritaria do foguista: “Como é mesmo o seu nome?”. Nesse momento, como se alguém atrás da porta tivesse esperado por essa deixa, ouviu-se uma batida na porta. O criado olhou para o capitão e este assentiu com a cabeça. Só então o criado dirigiu-se até a porta e abriu-a. Do lado de fora, envergando uma velha sobrecasaca, encontrava-se um homem de proporções medianas, que, a julgar pela sua aparência, não parecia ser realmente adequado para o trabalho nas máquinas, mas que, não obstante, era — Schubal. Se Karl não o tivesse reconhecido nos olhares de todos, que expressavam certa satisfação, da qual nem mesmo o capitão estava livre, teria sido obrigado a percebê-lo, para seu horror, na reação imediata do foguista, que, de braços esticados, cerrou os punhos, como se fossem a coisa mais importante, de tal maneira que seria capaz de sacrificar tudo o que tinha na vida. Eles concentravam toda a sua força, inclusive a que o mantinha de pé.

E eis que ali estava o inimigo, livre e revigorado em seu traje de passeio, trazendo debaixo do braço o livro de contabilidade, provavelmente a folha de pagamento e a documentação trabalhista do foguista, cujo olhar não escondia que ele queria, antes de tudo, verificar a disposição de cada um, olhando nos olhos de todos, cada um por vez. Os sete já eram todos seus amigos, pois, embora o capitão anteriormente lhe tivesse levantado, ou pelo menos simulado, por pena do foguista, algumas objeções, depois do sofrimento a que o foguista o expusera provavelmente não teria mais a menor crítica contra Schubal. Todo rigor ainda era pouco contra um homem como o foguista e, se havia alguma acusação contra Schubal, era a de que não tinha sido capaz de quebrar suficientemente a teimosia do foguista com o passar tempo, de modo que ele ainda ousara aparecer diante do capitão.

Muito bem: talvez se pudesse esperar que o acareamento do foguista com Schubal não deixasse de provocar nesses homens o mesmo efeito que causaria diante de um tribunal superior, pois, mesmo que Schubal fosse um bom fingidor, quem disse que seria capaz de manter o fingimento até o

final? Um breve lampejo de sua maldade seria suficiente para que a sua máscara caísse perante os presentes, disse Karl se encarregaria. Incidentalmente, já conhecia a perspicácia, as fraquezas, os caprichos de cada um daqueles senhores e, visto desse ângulo, o tempo que ali passara não fora desperdiçado. Se ao menos o fogueira estivesse em melhores condições, mas ele parecia totalmente incapaz de lutar. Se alguém tivesse lhe oferecido o Schubal de bandeja, teria sido capaz de abrir seu odiento crânio com os punhos. Entretanto, ele mal conseguia dar alguns passos em sua direção. Por que Karl não previra, o que era tão fácil de prever, que Schubal teria de apresentar-se, afinal das contas, se não por sua própria iniciativa, por convocação do capitão? Por que, no caminho para lá, não combinara um plano exato de ação com o fogueira em vez de, como tinham feito na realidade, simplesmente entrarem sem nenhuma preparação, uma vez encontrada a porta? O fogueira ainda estaria em condições de falar, de responder sim e não, como seria necessário no interrogatório, ainda que isso só aconteceria na melhor das hipóteses? Lá estava ele, com as pernas afastadas, os joelhos bambos, a cabeça ligeiramente levantada e com o ar entrando e saindo pela boca aberta, como se não existissem mais pulmões para controlar seus movimentos.

Karl, no entanto, sentia-se tão forte e lúcido como talvez jamais se sentira em casa. Se ao menos seus pais pudessem vê-lo, como ele defendia uma boa causa perante personalidades ilustres numa terra estranha e, se ainda não conseguira a vitória, como se colocava totalmente a postos para alcançar a vitória final! Eles reconsiderariam sua opinião sobre ele? Será que o chamariam e o elogiariam? Olhariam, uma vez que fosse, em seus olhos, olhos tão dedicados a eles? Eram perguntas ambíguas e pouco adequadas ao momento!

“Vim porque acho que o fogueira me acusou de algum tipo de desonestidade. Uma funcionária da cozinha me disse que o viu a caminho daqui. Senhor capitão e demais senhores, estou pronto para refutar cada acusação com base nas minhas anotações e, caso necessário, com as declarações das testemunhas incorruptíveis e imparciais que esperam do outro lado da porta”. Assim falou Schubal. Uma declaração clara de um homem e, pela mudança na expressão dos rostos da audiência, era de se pensar que pela primeira vez depois de muito tempo eles tornavam a ouvir uma voz humana. Naturalmente não perceberam que mesmo esse belo discurso tinha lacunas. Por que a primeira palavra factual que lhe ocorreu foi “desonestidade”? Talvez a acusação devesse começar por aqui, em vez de contemplar os seus preconceitos nacionalistas? Uma criada da cozinha vira o fogueira a caminho do escritório, e Schubal compreendera imediatamente o que isso significava? Não teria sido sua consciência de culpa que aguçara sua inteligência? E já vinha com testemunhas que, ainda por cima, reputava imparciais e incorruptíveis? Trapaça, era tudo trapaça! E os cavalheiros toleravam tudo isso e ainda reconheciam esse

comportamento como adequado? Por que ele deixara passar tanto tempo entre o aviso da funcionária da cozinha e seu comparecimento ali? Certamente, com nenhum outro propósito a não ser permitir que o foguista cansasse de tal maneira os cavalheiros, minando gradualmente sua capacidade de julgamento, essa capacidade de julgamento que Schubal devia temer acima de tudo. Ele, que com certeza já estivera bastante tempo atrás da porta, não batera apenas naquele momento, em que a pergunta trivial daquele cavalheiro lhe permitira supor que o foguista havia acabado?

Estava tudo muito claro e era o próprio comportamento de Schubal que, contra a sua própria vontade, apresentava as coisas dessa forma, mas era necessário mostrar isso aos senhores de uma maneira diferente, ainda mais palpável. Eles precisavam de uma sacudidela. Vamos, Karl, seja rápido, pelo menos aproveite o tempo antes de as testemunhas aparecerem e confundirem tudo!

Mas nesse exato momento, porém, o capitão fez um sinal para que Schubal se afastasse, que então imediatamente se postou ao lado do criado — pois o seu caso parecia adiado por algum tempo —, que depressa se juntou a ele, e iniciaram uma conversa em voz baixa, em que não faltaram olhares de soslaio na direção do foguista e de Karl, nem gesticulação convincente. Schubal parecia ensaiar assim a sua próxima declaração.

“O senhor não queria perguntar algo a este jovem, senhor Jakob?”, disse o capitão em meio ao silêncio geral para o cavalheiro com a bengala de bambu.

“É verdade”, disse ele, agradecendo a atenção com uma leve inclinação. E então perguntou a Karl novamente: “Como é mesmo o seu nome?”.

Karl, acreditando que alcançaria seu objetivo principal, se esse episódio do persistente questionador fosse resolvido rapidamente, respondeu de forma breve, sem se apresentar, como era seu costume, mediante a exibição do seu passaporte, que ele teria de procurar primeiro: “Karl Rossmann”.

“Mas”, disse a pessoa referida como Jakob, recuando a princípio com um sorriso quase incrédulo. Também o capitão, o chefe da tesouraria, o oficial do navio e até mesmo o criado demonstraram claramente um espanto excessivo com o nome de Karl. Só os funcionários da Autoridade Portuária e Schubal se mantiveram indiferentes.

“Mas”, repetiu o Sr. Jakob, aproximando-se de Karl com passos rígidos, “então eu sou seu tio Jakob e você é meu sobrinho querido. Eu suspeitava disso o tempo todo!”, disse ele olhando para o capitão, antes de abraçar e beijar Karl, que deixava tudo acontecer em silêncio.

“Qual é o seu nome?”, perguntou Karl com educação, mas sem qualquer emoção, ao se sentir livre do abraço, e fez um esforço para prever as consequências que esse novo evento poderia ter para o foguista. Por

enquanto, nada indicava que Schubal pudesse se beneficiar disso.

“Entenda a sua sorte, meu jovem”, disse o capitão, para quem a pergunta de Karl ofendia a dignidade da pessoa do Sr. Jakob, que havia se voltado para a janela, obviamente para não ter de exibir aos demais o seu rosto emocionado, que ele limpava com um lenço. “É o senador Edward Jakob, quem acaba de se dar a conhecer a você como seu tio. Espere-o agora, provavelmente bem contra suas expectativas anteriores, uma carreira brilhante. Tente reconhecer isso como o melhor que poderia lhe acontecer nesse momento e acalme-se!”

“É verdade que tenho um tio Jakob na América”, disse Karl ao capitão, “mas, se bem entendi, Jakob é só o sobrenome do senhor senador”.

“Isso mesmo”, disse o capitão em tom solene.

“Bem, no caso do meu tio, que é irmão da minha mãe, Jakob é o nome de batismo, enquanto o sobrenome, naturalmente, é o mesmo que o da minha mãe, cujo sobrenome de solteira era Bendelmayer”.

“Senhores!”, exclamou o senador, retornando animado de seu posto junto à vigia, onde se recompusera em resposta à declaração de Karl. Todos, exceto os funcionários portuários começaram a rir, alguns como que emocionados, outros sem razão aparente impenetráveis. ‘Mas eu não disse nada de tão ridículo’, pensou Karl.

“Senhores”, repetiu o senador, “contra a minha e contra a sua vontade, os senhores estão participando de uma pequena cena familiar, portanto, não posso deixar de lhes dar uma explicação, porque, conforme creio, apenas o senhor capitão” — essa menção resultou em uma inclinação mútua — “está totalmente a par da situação.”

‘Mas agora eu realmente tenho que prestar atenção em cada palavra’, pensou Karl e, olhando para o lado, ficou satisfeito ao notar que o rosto do foguista começava a se reanimar.

“Durante todos os longos anos da minha estadia na América — se bem que a palavra estadia é inadequada para um cidadão americano de corpo e alma como eu — durante todos esses longos anos vivi afastado de meus parentes europeus, por razões que, em primeiro lugar, não cabem aqui e, em segundo lugar, realmente me custariam muito a relatar. Eu, inclusive, receio o momento em que talvez seja obrigado a contar a história para o meu querido sobrinho; infelizmente não será possível evitar nessa ocasião uma palavra franca sobre seus pais e seus amigos”.

‘Ele é meu tio, não resta dúvida’, Karl pensou consigo mesmo, escutando atentamente. ‘Provavelmente mandou modificar o seu nome.’

“Meu querido sobrinho foi expulso de casa por seus pais — vamos dar nome aos bois — da mesma forma como quem põe um gato na rua quando ele começa a incomodar. Eu não quero minimizar o comportamento do meu sobrinho que deu origem a esse castigo, mas sua culpa é tal que sua simples evocação já contém desculpa suficiente.”

‘É bom ouvir isso’, pensou Karl, ‘mas não quero que conte a história toda. Aliás, ele nem deve saber de tudo. Como saberia?’

“O fato é que”, prosseguiu o tio, apoiando-se com ligeiros movimentos de vaivém na bengalinha de bambu que plantara diante de si a modo de estaca, conseguindo dessa forma anular a solenidade desnecessária que, de outra forma, o assunto inevitavelmente despertaria. “O fato é que ele foi seduzido por uma empregada, Johanna Brummer, uma mulher de uns trinta e cinco anos. Não quero magoar o meu sobrinho com o termo ‘seduzido’, mas é difícil encontrar outro termo mais adequado.”

Karl, que chegara bem perto do tio, virou-se para ver que impressão a história produzira nos rostos dos presentes. Nenhum deles riu, todos escutavam com paciência e seriedade. Afinal das contas, ninguém ri do sobrinho de um senador na primeira oportunidade que se apresenta. Seria mais certo afirmar que era o foguista que agora sorria para Karl, mesmo que muito de leve, o que, em primeiro lugar, era positivo, pois podia ser tomado como sinal de que a vida voltava a renascer nele e, em segundo lugar, desculpável, já que na cabine Karl fizera um grande mistério desse assunto, que agora se tornava tão público.

“Muito bem: essa Brummer”, continuou o tio, “teve um filho do meu sobrinho, um menino saudável, que foi batizado com o nome de Jakob, sem dúvida em homenagem a minha humilde pessoa, uma vez que mesmo as menções acidentais do meu sobrinho sobre mim devem ter produzido uma grande impressão na moça. Felizmente, digo eu. Os pais, para evitar pagar a pensão alimentícia ou outro escândalo que os pudesse atingir — preciso enfatizar que desconheço tanto as leis ali vigentes quanto as outras circunstâncias dos pais, dos quais tudo o que tenho são duas cartas em que me fazem pedidos, enviados muito tempo atrás, às quais nunca respondi, mas que tive o cuidado de guardar e agora constituem a única e unilateral comunicação entre nós em todos esses anos —, resumindo, digo que para evitar o pagamento da pensão alimentícia ou outro escândalo, os pais fizeram o filho emigrar, meu querido sobrinho, sem quaisquer preparativos, como se pode ver, para a América, onde o rapaz, totalmente à mercê de seus próprios recursos, sem os sinais e milagres ainda presentes justamente na América, provavelmente logo teria sucumbido numa viela do porto de Nova York, se aquela empregada não me tivesse enviado uma carta, contando toda a história, além de fazer a descrição do rapaz e, o que ainda foi mais sensato, de ter dito o nome do navio. Essa carta só me alcançou anteontem, depois de uma longa odisseia. Se minha intenção fosse entretê-los, leria aqui algumas passagens dela”. Ele tirou do bolso duas folhas inteiramente cobertas de escrita. “Certamente ela causaria um impacto, já que foi escrita com uma simples, embora bem-intencionada, astúcia, e com muito amor pelo pai da criança. Mas não quero ocupá-los mais tempo do que o necessário, nem magoar, no momento de sua acolhida, os possíveis

sentimentos ainda persistentes no meu sobrinho, que, se quiser, poderá ler a carta, para tomar conhecimento de seu conteúdo, no silêncio do quarto que já o aguarda.”

Karl, no entanto, não nutria qualquer sentimento por aquela moça. Na multidão de imagens de um passado cada vez mais remoto, via-a sentada na cozinha, ao lado do armário sobre o qual apoiava o cotovelo. Ela sempre olhava para o rapaz quando ele ia à cozinha para pegar um copo de água para o pai ou transmitir uma ordem de sua mãe. Às vezes, escrevia uma carta naquela posição incômoda ao lado do armário da cozinha, usando o rosto de Karl como inspiração. Às vezes, cobria os olhos com a mão e não reagia a qualquer palavra que lhe era dirigida. Outras vezes, ajoelhava-se em seu quatinho estreito, ao lado da cozinha, e rezava a um crucifixo de madeira; Karl a observava com timidez ao passar, pela pequena fresta da porta entreaberta. Às vezes, ela corria pela cozinha e recuava, rindo como uma bruxa, quando Karl cruzava seu caminho. Muitas vezes, fechava a porta da cozinha depois de Karl entrar, segurando a maçaneta até ele exigir que ela o deixasse sair. Às vezes, trazia-lhe coisas que ele nem queria e as colocava silenciosamente nas suas mãos. Mas, certa vez, ela disse “Karl” e levou o rapaz, ainda espantado com a abordagem inesperada, entre suspiros e caretas, para o seu quatinho, e fechou a porta à chave. Envolheu o seu pescoço num abraço sufocante e, enquanto lhe pedia que a despisse, foi ela, na verdade, quem o despiu e o deitou na sua cama, como se a partir desse momento não quisesse deixá-lo para mais ninguém, e quisesse acariciá-lo e cuidar dele para sempre. “Karl, oh, meu Karl!”, ela dizia. Seus olhos pareciam querer devorá-lo, enquanto ele nada via e se sentia desconfortável dentro de toda aquela roupa de cama quente, que ela parecia ter amontoado especialmente para ele. Em seguida, deitou-se ao seu lado, querendo saber dos seus segredos, mas ele nada tinha a lhe contar e ela se ressentiu; em tom de brincadeira ou a sério, sacudiu-o, quis ouvir o seu coração, ofereceu-lhe o peito para que ele também ouvisse o coração dela bater, ao que Karl se recusou, apertou o ventre nu contra o corpo dele, com a mão tateou entre as pernas dele de forma tão repugnante que Karl sacudiu a cabeça e o pescoço para fora dos travesseiros, depois comprimiu a barriga algumas vezes contra o corpo dele — ele tinha a sensação de que ela era uma parte dele e, talvez, por esse motivo, fora tomado por um terrível sentimento de desamparo. Chorando, depois que ela reiterou várias vezes o seu desejo de repetir o encontro, ele finalmente foi para sua própria cama. A isso se resumia o fato, e mesmo assim o tio conseguira transformá-lo num grande romance. A cozinheira, portanto, pensara nele e avisara o tio de sua chegada. Isso fora muito gentil da parte dela e ele provavelmente ainda teria oportunidade de recompensá-la.

“E agora”, gritou o senador, “eu quero saber com franqueza se sou ou não sou o seu tio”.

“É meu tio, sim, senhor!”, disse Karl, beijando-lhe a mão e recebendo em troca um beijo na testa. “Estou muito feliz por tê-lo encontrado, mas você está enganado se acha que meus pais só falam mal de você. Mas mesmo tirando isso, sua fala contém algumas incorreções, quer dizer, eu acho que, na verdade, nem tudo aconteceu dessa maneira. É natural que você não possa avaliar daqui o que aconteceu e não me parece que causará algum dano a esses senhores, que não devem se interessar tanto pelo assunto, se os detalhes das informações não forem tão corretos.”

“Falou bem”, disse o senador, levando Karl até o capitão, que parecia simpatizar com ele, e perguntando: “Não tenho um sobrinho magnífico?”

“Estou feliz”, disse o capitão, fazendo uma reverência da qual só pessoas com treinamento militar são capazes, “em conhecer seu sobrinho, Sr. Senador. Constitui uma honra especial para o meu navio ser o local de tal encontro. Mas a viagem na terceira classe deve ter sido terrível, quem pode saber que pessoas estamos transportando? Bem, nós fazemos o possível para tornar a viagem mais agradável para as pessoas que lá viajam, mais do que, por exemplo, as linhas americanas, mas tornar essa viagem prazerosa é algo que ainda não conseguimos.

“Nada que me prejudicasse”, disse Karl.

“Nada que o prejudicasse!”, repetiu o senador com uma ruidosa risada.

“Apenas temo ter perdido minha ma—”, e nesse momento lembrou-se de tudo o que havia acontecido e do que restava a ser feito, olhou em volta e viu todos os presentes ainda em seus lugares, mudos de tanto respeito e espanto, com os olhos cravados nele. Apenas os oficiais do porto deram a perceber, tanto quanto seus rostos severos e autossuficientes deixavam transparecer, o seu pesar por terem chegado em um momento tão impróprio, e o relógio de bolso que agora tinham diante de si era provavelmente mais importante para eles do que qualquer coisa que acontecia e talvez ainda viesse a acontecer naquele escritório.

O primeiro a expressar seus sentimentos depois do capitão foi, curiosamente, o foguista. “Parabéns, de todo coração”, disse, e apertou a mão de Karl, gesto com o qual queria expressar uma forma de gratidão. Quando quis oferecer os mesmos votos ao senador, este recuou como se o foguista estivesse ultrapassando os limites dos seus direitos; o foguista desistiu imediatamente.

Os restantes, entretanto, perceberam, então, o que precisavam fazer e imediatamente se aglomeraram ao redor de Karl e do senador. E foi dessa forma que Karl, inclusive, recebeu, aceitou e agradeceu os parabéns de Schubal. Por último, com a calma já restabelecida, chegaram os funcionários portuários e disseram duas palavras em inglês, o que causou uma impressão ridícula.

O bom humor do senador fez com que desfrutasse a situação de modo pleno, recordando para si e para os outros momentos menos importantes, o

que, naturalmente, foi não só tolerado por todos, como ainda acolhido com interesse. Assim, ele chamou a atenção para o fato de que anotara na sua caderneta os sinais mais marcantes de identificação de Karl, mencionados na carta da cozinheira, para uma eventual necessidade imediata. Durante o arrazoado insuportável do fogueira, sacara a caderneta, com nenhum outro objetivo a não ser o de distrair-se, e para passar o tempo passara a comparar as observações da cozinheira, que naturalmente careciam da exatidão de um detetive, com a aparência de Karl. “E é assim que a gente encontra um sobrinho!”, concluiu ele num tom como se quisesse ser parabenizado novamente.

“O que vai acontecer agora com o fogueira?”, perguntou Karl, ignorando a última história do tio. Achava que, na sua nova posição, podia dizer tudo o que pensava.

“O fogueira terá o que merece”, disse o senador, “e o que o senhor capitão decidir. Eu penso que o fogueira já rendeu mais do que o suficiente e creio que cada um dos cavalheiros presentes concordará comigo”.

“Não é isso que importa numa questão de justiça”, disse Karl. De pé, entre o tio e o capitão, achava, talvez influenciado por essa posição, que a decisão estivesse em suas mãos.

E, apesar disso, o fogueira parecia já ter perdido todas as esperanças. Mantinha as mãos enfiadas no cinto das calças, que ficara exposto por causa de seus movimentos agitados, junto com um pedaço de camisa estampada. Isso não o incomodava nem um pouco; já havia exposto todo o seu sofrimento, que vissem agora também os poucos molambos que cobriam o seu corpo e que então o levassem embora. Já decidira que, por serem o criado e Schubal os dois presentes que pertenciam à classe mais baixa, seriam eles que lhe fariam essa última gentileza. Schubal, então, teria paz e não entraria mais em desespero, como o chefe da tesouraria. O capitão poderia contratar um monte de romenos, em todos os postos se falaria romeno, e então talvez tudo funcionasse melhor. Nenhum fogueira ficaria mais de papo na tesouraria, apenas seu último arrazoado seria lembrado com bastante carinho, já que o senador o havia citado expressamente como a causa indireta para o reconhecimento do sobrinho. Aliás, antes disso, o sobrinho já tentara o ajudar várias vezes e, portanto, já lhe pagara adiantado o fato de ele ter-lhe proporcionado o encontro familiar; o fogueira nem pensava em perguntar-lhe mais nada agora. De resto, por mais que fosse o sobrinho do senador, um capitão ele não era nem de longe, e só da boca do capitão é que finalmente seria pronunciada a última palavra. — Para se manter coerente com essa postura, o fogueira tentou não olhar para Karl, mas, infelizmente, nessa sala repleta de inimigos não havia nenhum outro pouso para os seus olhos.

“Não entenda mal a situação”, disse o senador a Karl, “trata-se talvez de uma questão de justiça, mas, ao mesmo tempo, de uma questão de disciplina. Ambas e especialmente a última está sujeita ao julgamento do

Sr. Capitão”.

“Isso mesmo”, murmurou o foguista. Quem percebeu e entendeu, sorriu com estranheza.

“Além disso, já atrasamos tanto os compromissos oficiais do Sr. Capitão que, com certeza, tanto se acumulam nessa chegada a Nova York, que está mais do que na hora de deixarmos o navio, para não transformarmos essa insignificante querela entre dois maquinistas em um grande evento, dando-lhe demasiada importância graças a uma interferência altamente desnecessária. Eu entendo muito bem sua atitude, querido sobrinho, mas é justamente isso que me dá o direito de tirá-lo depressa daqui.”

“Vou mandar providenciar um barco para os senhores imediatamente”, disse o capitão, sem a menor objeção, para grande espanto de Karl, às palavras de seu tio, que, sem dúvida, poderiam ser entendidas como uma autodepreciação. O chefe da tesouraria correu rapidamente até a escrivaninha e transmitiu a ordem do capitão por telefone para o barqueiro.

‘O tempo realmente urge’, pensou Karl com seus botões, ‘mas não posso fazer nada sem ofender a todos. Não posso abandonar meu tio agora, quando ele acabou de me reencontrar. O capitão é educado, mas só isso. Sua cortesia acaba onde começa a disciplina, e o meu tio certamente interpretou o que lhe ia na alma. Não quero falar com o Schubal, eu sinto muito que eu tenha apertado a sua mão. E as outras pessoas aqui não apitam nada’.

Mergulhado nesses pensamentos, caminhou lentamente até o foguista, tirou-lhe a mão direita do cinto e segurou-a na sua suavemente.

“Por que você² não diz nada?”, perguntou. “Por que aceita tudo que fazem com você?”

O foguista apenas franziu a testa, como se buscasse uma forma de expressão para aquilo que tinha a dizer. De resto, olhava para a mão de Karl e a sua.

“Você foi injustiçado como ninguém nesse navio, eu sei disso.” E Karl movia os dedos para a frente e para trás entre os dedos do foguista, que olhava ao seu redor com olhos brilhantes, como se estivesse tomado de uma súbita felicidade, pela qual ninguém se atrevesse a censurá-lo.

“Mas você precisa se defender, dizer sim ou não, senão as pessoas não saberão a verdade. Você precisa me prometer que vai me obedecer, porque tenho motivos para recear que eu mesmo não vou mais poder ajudá-lo.” E nesse momento Karl desatou a chorar enquanto beijava a mão do foguista, levando essa mão enorme, rachada e quase inerte e apertando-a contra suas bochechas, como um tesouro a ser renunciado. — Mas logo o tio senador estava ao seu lado, tirando-o de lá, ainda que com suavidade.

“O foguista parece ter enfeitado você”, disse ele, trocando um olhar de compreensão com o capitão, por cima da cabeça de Karl.

“Você se sentiu abandonado, aí encontrou o foguista e agora lhe é

grato, isso é muito louvável. Mas, por amor a mim, não se exceda e aprenda a conhecer o seu lugar.”

Do outro lado da porta, ouviam-se gritos e ruídos, e parecia até que alguém era empurrado brutalmente contra a porta. Um marinheiro entrou, um tanto desganhado e vestindo um avental de mulher. “Tem gente lá fora”, gritou ele, abrindo espaço com o cotovelo, como se ainda estivesse no meio da multidão. Finalmente se recuperou e queria bater continência perante o capitão, quando percebeu o avental de mulher, que arrancou de si, jogou no chão e exclamou: “Isso é nojento, eles colocaram um avental de mulher em mim”. Só então juntou os calcanhares e bateu continência. Alguém ensaiou uma risada, mas o capitão disse severamente: “Isso é o que eu chamo de bom humor. Quem é que está lá fora?”.

“São as minhas testemunhas”, disse Schubal, dando um passo à frente. “Peço humildes desculpas pelo mau comportamento deles. Quando as pessoas terminam uma viagem por mar, elas, às vezes, se comportam como loucas.”

“Mande-as entrar agora mesmo!”, ordenou o capitão e, dirigindo-se ao senador, disse em tom amável, mas apressado: “Tenha a bondade, prezado senador, de seguir com seu sobrinho esse marinheiro, que os acompanhará até o barco. Não preciso dizer que foi um prazer e uma honra ter conhecido o senhor senador pessoalmente. Espero ter outra oportunidade, em breve, de concluir nossa conversa sobre as condições da frota naval americana e, se ela tiver de ser novamente interrompida, que seja de forma tão agradável como a de hoje”.

“Por enquanto, esse sobrinho me basta”, disse o tio, rindo. “E agora aceite meus calorosos agradecimentos por sua gentileza e passe bem. Falando nisso, não seria impossível que” — e deu um abraço sincero em Karl — “em nossa próxima viagem para a Europa tornemos a conviver por mais tempo”.

“Será um prazer”, disse o capitão. Os dois homens apertaram-se as mãos, Karl apenas pode estender a sua mão sem dizer nada ao capitão, que já estava ocupado com as cerca de quinze pessoas que, sob a liderança de Schubal, entraram um pouco apreensivas, mas fazendo bastante barulho. O marinheiro pediu licença ao senador para ir à frente e abrir-lhes caminho por entre a multidão, de modo que ele e Karl puderam passar facilmente pelas pessoas que se inclinavam fazendo uma reverência. Parecia que essas pessoas, de resto bem-humoradas, consideravam a briga de Schubal com o foguista uma piada, cujo ridículo não cessava nem mesmo diante do capitão. Entre eles, Karl reconheceu a auxiliar de cozinha Line, que, piscando-lhe o olho disfarçadamente, vestiu o avental atirado no chão pelo marinheiro e que era o dela.

Continuaram a seguir o marinheiro, deixando o escritório e enveredando por um pequeno corredor, que os conduziu, depois de alguns passos, até uma portinhola, de onde uma escada curta levava ao bote que

estava preparado para eles. Os marinheiros da embarcação, cujo chefe pulou num único salto para dentro do barco, levantaram-se e bateram continência. O senador orientava Karl para que descesse com cuidado, quando Karl, ainda no degrau mais alto, prorrompeu num choro violento. O senador colocou a mão direita sob o queixo do sobrinho, segurando-o com força e acariciando-o com a mão esquerda. Dessa forma, desceram lentamente, degrau por degrau, entrando abraçados no barco, onde o senador escolheu um bom lugar para Karl bem em frente ao seu. A um sinal do senador os marinheiros impulsionaram o bote, distanciando-se do navio, e começaram a remar a toda a velocidade. Assim que se afastaram alguns metros do navio, Karl fez a descoberta inesperada de que estavam justamente daquele lado do navio para onde davam as janelas da tesouraria. Todas as três janelas estavam apinhadas com as testemunhas de Schubal, que saudavam e acenavam cordialmente, até o tio agradeceu, e um marinheiro fez o malabarismo de mandar um beijo, sem interromper a sua remada uniforme. Era realmente como se o foguista não existisse mais. Karl se pôs a observar melhor o tio, cujos joelhos quase roçavam os seus, e lhe vieram dúvidas se esse homem alguma vez seria capaz de substituir o foguista. O tio também esquivou-se-lhe ao olhar, contemplando as ondas que agitavam o barco.

¹ O protagonista Karl Rossmann traz no seu nome o “K” de Kafka, da mesma forma que os protagonistas dos dois romances fragmentários posteriores, Joseph K., de *O processo* e o agrimensor K., de *O castelo*. (N.T.) ² A partir desse momento Karl passa a tratar o foguista por “você” (*du* no original), a forma de tratamento que em alemão é reservada a familiares e pessoas do círculo mais íntimo do falante. (N.T.)

O TIO

Karl logo se acostumou às novas condições na casa do tio. É verdade que o tio sempre o amparava nas menores questões, e Karl nunca teve de aprender com as más experiências, o que costuma tornar a primeira fase de vida no país estrangeiro tão amarga.

Os aposentos¹ de Karl ficavam no sexto andar de um prédio. Os outros cinco andares, junto com mais três no subsolo, eram ocupados pela firma de seu tio. A luz — proveniente das duas janelas e da porta da varanda — que penetrava na sua sala sempre surpreendia Karl quando ele saía de seu pequeno dormitório para ir até a varanda. Onde teria ido morar, se tivesse desembarcado no país como um pobre e obscuro imigrante? Talvez sua entrada nos Estados Unidos até tivesse sido impedida, o que o tio, com o conhecimento que tinha das leis de imigração, considerava muito provável; tê-lo-iam mandado de volta para o seu país, sem se importar com o fato de que ele já não tinha um lar. Pois simpatia era algo que não se podia esperar aqui, e era bem isso o que Karl tinha lido a respeito dos Estados Unidos; aqui, apenas os felizardos pareciam realmente gozar a sua sorte em meio aos rostos despreocupados que os cercavam.

Uma sacada estreita estendia-se por toda a frente da sala. Mas o que na cidade natal de Karl certamente seria considerado o local mais privilegiado aqui não permitia muito mais do que uma visão geral de uma rua que corria em linha reta entre duas fileiras de casas separadas e que parecia perder-se lá ao longe, onde os contornos de uma catedral avultavam espantosamente na bruma espessa. E, de manhã e à tarde, como também até altas horas da noite, essa rua era tomada por um tráfego intenso e permanente, que, visto de cima, era como uma mistura constantemente renovada de figuras humanas distorcidas e tetos de veículos de todos os tipos, dos quais se levantava uma confusão ainda maior de barulho, poeira e odores, e tudo isso era capturado e permeado por uma luz poderosa que, repetidamente distribuída pela quantidade de objetos, era arrebatada e ansiosamente repostada e cuja existência parecia tão física para o olho enfeitiçado que era como se uma placa de vidro que cobrisse toda a rua tornasse a ser estilhaçada a cada momento, com toda força.

Cauteloso como o tio era em tudo, aconselhou Karl a, por enquanto, não se envolver seriamente com nada. Seria bom que examinasse e apreciasse tudo, porém sem se comprometer com coisa alguma. Os primeiros dias de um europeu na América eram comparáveis, na verdade, a

um nascimento e, se aqui alguém se acostumava às coisas mais rapidamente — se bem que Karl não precisasse passar por essa ansiedade desnecessária — do que um recém-nascido do outro lado do oceano, era necessário não só ter em mente que o primeiro juízo sempre estava apoiado sobre pés de barro, como também impedir que, por causa disso, se desorganizassem os juízos futuros, com a ajuda dos quais se pretendia estabelecer uma maneira de viver aqui. Ele mesmo havia conhecido recém-chegados que, por exemplo, em vez de se comportarem de acordo com esses princípios, passavam dias em suas varandas, olhando para a rua como ovelhas perdidas. Isso necessariamente os deixava confusos! Essa inércia solitária diante do ocupado dia a dia nova-iorquino só poderia ser permitida, e até mesmo aconselhada, embora não incondicionalmente, a um turista; para quem quisesse permanecer no país, era uma perdição. Podia-se aplicar esse termo neste caso, mesmo que implicasse certo exagero. E, de fato, o tio franzia a testa, aborrecido, quando encontrava Karl na sacada em alguma de suas visitas, que aconteciam uma vez por dia, sempre em horários diferentes. Karl logo percebeu isso e, como resultado, privava-se, na medida do possível, do prazer de ficar na varanda.

Também essa não era, nem de longe, a sua única diversão. No seu aposento havia uma escrivaninha americana da melhor qualidade, daquelas que seu pai desejara durante anos e tentara comprar em vários leilões a um preço mais acessível, sem o conseguir com seus poucos recursos. Essa, naturalmente, não poderia ser comparada com aquelas escrivaninhas, supostamente americanas, que eram expostas nos leilões na Europa. Por exemplo, na sua parte de cima havia inúmeros compartimentos dos mais variados tamanhos, e até mesmo o presidente da União teria encontrado um lugar adequado para cada um de seus documentos; nela havia ainda um regulador lateral, cuja manivela ao ser acionada, possibilitava as mais diversas mudanças e novas disposições dos compartimentos de acordo com a vontade e a necessidade. Finas paredes laterais desciam lentamente, formando a base de novos compartimentos ou o teto de novas gavetas que se deixavam montar; com uma só volta essa parte de cima já assumia uma aparência totalmente diferente, e tudo isso se dava de forma lenta ou com uma rapidez estonteante, dependendo de como se girava a manivela. Era uma invenção das mais recentes que trazia à lembrança de Karl os espetáculos que eram apresentados às crianças, e que as deixavam maravilhadas, na feira de Natal de sua cidade. Muitas vezes estivera diante deles, embrulhado em suas roupas de inverno, comparando ininterruptamente a volta da manivela, acionada por um velho senhor, com os efeitos sobre a peça, quais sejam, a entrada em cena dos Três Reis Magos aos solavancos, o brilho da estrela e a vida humilde no sagrado estábulo. E sempre lhe parecera que a sua mãe, de pé atrás dele, não acompanhava todos os detalhes com atenção suficiente; ele a atraía para perto de si, até senti-la atrás de suas costas, e durante tanto tempo lhe

mostrava, com exclamações altas, aspectos mais escondidos, talvez um coelhinho que alternava entre levantar as patinhas dianteiras e se preparar para voltar a correr, até que a mãe tapava a sua boca com a mão, recaindo na sua desatenção anterior. É verdade que a escrivaninha não fora fabricada somente para evocar tais lembranças, mas na origem de sua criação provavelmente existia uma vaga relação, tal qual como nas lembranças de Karl. Diferentemente do sobrinho, o tio não nutria simpatia por essa escrivaninha, mas quis comprar uma decente para Karl e agora todas vinham aparelhadas com esse novo recurso, que oferecia ainda a vantagem de poder ser adaptada sem grandes custos aos modelos mais antigos. De qualquer forma, o tio nunca deixava de aconselhar Karl a evitar o uso do regulador tanto quanto possível. Para reforçar o efeito do conselho, o tio alegava que o mecanismo era muito sensível, fácil de estragar e que o seu conserto era muito dispendioso. Não era difícil perceber que tais observações eram apenas desculpas, pois era preciso reconhecer por outro lado que o regulador era muito fácil de travar, coisa que o tio, entretanto, não fazia.

Nos primeiros dias durante os quais, naturalmente, Karl e o tio haviam conversado com maior frequência, Karl também contara que costumava tocar piano em casa, pouco, é verdade, mas com prazer, o que ele, entretanto, tinha conseguido apenas graças aos ensinamentos básicos da sua mãe. Karl tinha plena consciência de que tal narrativa era praticamente o pedido de um piano, mas ele já havia olhado em torno o suficiente para saber que o tio não tinha necessidade nenhuma de economizar. Apesar disso, esse pedido não foi atendido imediatamente, mas cerca de oito dias depois o tio disse, quase sob a forma de uma admissão relutante, que o piano acabara de chegar e que, se quisesse, Karl poderia supervisionar o transporte. Essa fora, na verdade, uma tarefa simples, mas não muito mais fácil do que o próprio transporte, porque na casa havia um elevador próprio para mudanças, onde cabia folgadoamente um caminhão inteiro de móveis, e foi nesse elevador que o piano foi levado até o quarto de Karl. Ele próprio poderia ter subido no mesmo elevador com o piano e os carregadores, mas, como logo ao lado havia um elevador de passageiros livre, subiu nele, mantendo-se com a ajuda de uma alavanca sempre na mesma altura do outro elevador, contemplando fixamente através das paredes de vidro o belo instrumento que agora era sua propriedade. Quando o teve em seu quarto e nele tocou as primeiras notas, foi tomado por uma alegria tão absurda que, em vez de continuar tocando, levantou-se, preferindo admirar o piano de longe, com as mãos nos quadris. A acústica do aposento era excelente e contribuiu para a eliminação completa de uma ligeira sensação de desconforto inicial, por morar em uma casa de ferro. Realmente, por mais que pelo lado externo o edifício aparentasse ser de ferro, no quarto mesmo não dava para perceber o menor sinal de componentes de ferro e ninguém era capaz de acusar

qualquer detalhe da decoração de destoar, de alguma forma, do seu mais completo aconchego. A princípio, Karl alimentou grandes expectativas quanto a sua prática ao piano e não se envergonhava de, antes de adormecer, sonhar com a possibilidade de exercer uma influência direta na sociedade americana por meio da música. É verdade que soava muito estranho, quando, com as janelas abertas e seu quarto ecoando a atmosfera barulhenta das ruas, ele tocava uma velha canção militar da sua terra natal — daquelas que os soldados costumam cantar à noite de uma janela à outra da caserna, enquanto contemplam a praça escura, deitados no peitoril da janela —, mas quando ele tornava a olhar para fora, a rua permanecia inalterada e era apenas uma pequena parte de um sistema de circulação mais amplo, que não se podia parar, a princípio, sem conhecer todas as forças que atuavam sobre ele. O tio tolerava o piano, não se opunha, mesmo porque Karl raramente desfrutava do prazer de tocar depois de sua advertência; ele chegou mesmo a trazer partituras de marchas norte-americanas e, claro, o hino nacional para Karl, mas apenas seu amor à música não explicava por que, certo dia, perguntou a Karl, num tom que não era de brincadeira, se ele não gostaria de aprender também a tocar violino ou trompa.

É claro que o aprendizado do inglês foi a primeira e mais importante tarefa de Karl. Um jovem professor de uma escola superior de comércio aparecia de manhã às sete horas no aposento de Karl e já o encontrava sentado junto à sua escrivaninha e na frente dos seus cadernos ou andando na sala de lá para cá, decorando vocábulos. Karl compreendia que ele não podia assimilar o inglês depressa o bastante e que aqui, além disso, se apresentava a melhor oportunidade de dar uma alegria extraordinária ao seu tio com o seu rápido progresso. E, de fato, se a princípio nas conversas com o tio o inglês se limitava a expressões de cumprimento e despedida, conseguiu, em pouco tempo, falar cada vez com mais frequência em inglês, graças ao que as conversas começaram a incluir, ao mesmo tempo, assuntos com os quais estava mais familiarizado. O primeiro poema americano, a representação de um grande incêndio, que Karl recitou certa noite para o tio deixou-o profundamente compenetrado de tanta satisfação. Ambos estavam de pé junto a uma janela no quarto de Karl, o tio olhava para fora, onde toda a claridade do céu já se desvanecera, e acompanhava o ritmo dos versos com palmas lentas e ritmadas, enquanto Karl, de pé ao lado dele e com o olhar fixo, se desvencilhava do difícil poema.

Quanto mais o inglês de Karl se aperfeiçoava, maior era a vontade que o tio demonstrava de apresentá-lo aos seus conhecidos, dando instruções apenas, em cada caso, para que, por enquanto, o professor de inglês sempre estivesse perto de Karl durante esses encontros. O primeiro conhecido a quem Karl foi apresentado certa manhã foi um jovem esbelto, incrivelmente flexível, que o tio com elogios especiais levou até o quarto de Karl. Ele era obviamente um dos muitos, do ponto de vista dos pais,

filhos fracassados de milionários, cuja vida transcorria de tal maneira que uma pessoa comum não poderia acompanhar sem dor um único dia qualquer desse jovem. E, como se o soubesse ou disso suspeitasse, e como se na medida do possível o enfrentasse, havia sempre um sorriso eterno de felicidade em torno de seus lábios e olhos, que parecia endereçado a si mesmo, a qualquer de seus interlocutores e ao mundo inteiro.

Com a anuência absoluta do tio, ficou acertado com esse jovem, um certo Sr. Mack, que cavalgariam juntos às cinco e meia da manhã na escola de equitação ou ao ar livre. Inicialmente, Karl hesitou em dar o seu consentimento, já que jamais montara o lombo de um cavalo e queria primeiro aprender um pouco de equitação, mas seu tio e Mack tanto fizeram para convencê-lo, argumentando que a equitação seria um mero prazer e um exercício saudável, e de modo algum uma arte, que ele finalmente concordou. Agora tinha de levantar-se às quatro e meia da manhã, o que para ele era um grande sacrifício, porque sofria de sonolência, provavelmente devido à constante atenção que tinha de exercer durante o dia, mas na hora do banho esse pesar logo se desvanecia. Sobre toda a extensão da banheira, tanto no comprimento como na largura, estendia-se a trama do chuveiro — algo que nenhum colega de escola na sua terra, por mais rico que fosse, possuía e, menos ainda exclusivamente para si — e Karl se deixava ficar estendido nessa banheira, onde podia abrir os braços e permitir que o fluxo de água morna, quente, de novo morna e finalmente gelada caísse de parte ou de toda a superfície do crivo sobre ele, conforme sua vontade. Como no gozo ainda um tanto prolongado do sono, ele permanecia deitado, adorando pescar com as pálpebras fechadas, as últimas gotas que caíam individualmente, que então se abriam e escorriam pelo seu rosto.

Na escola de equitação, onde o enorme automóvel do tio o deixava, o professor de inglês já estava à sua espera, enquanto Mack, invariavelmente, chegava atrasado. Mas ele podia se dar ao luxo de chegar mais tarde, sem se preocupar, pois a equitação verdadeira, animada, só começava com a sua chegada. Os cavalos, até então meio adormecidos, não se empinavam com a sua chegada? O chicote não estalava com mais força no ambiente? Não apareciam de repente na galeria muitos indivíduos, espectadores, cavaleiros, estudantes de equitação ou quem quer que fosse? Karl, entretanto, aproveitava o tempo antes da chegada de Mack para praticar um pouco, mesmo que apenas os exercícios mais básicos de equitação. Havia lá um homem muito alto, que mal precisava esticar o braço para alcançar o dorso do cavalo mais alto, que ministrava essas aulas de uns parcos quinze minutos para Karl. O progresso de Karl não era excessivo, aproveitava a oportunidade para aprender várias interjeições de dor em inglês, que ele, durante esse aprendizado, repetia para seu professor de inglês, que costumava ficar encostado no batente da porta, geralmente morrendo de sono. Mas quase toda essa insatisfação com a equitação

cessava quando Mack chegava. O homem alto era dispensado e logo só se ouvia no salão, ainda meio escuro, o som dos cascos dos cavalos galopando e não se via nada além do braço erguido de Mack dando uma instrução a Karl. Depois de meia hora, esse prazer, passageiro como um sonho, encerrava-se. Mack estava sempre com muita pressa, despedia-se de Karl, às vezes dava-lhe tapinhas na bochecha, quando estava particularmente satisfeito com o seu desempenho, e desaparecia sem sequer sair com Karl pela porta, tal era sua pressa. Então Karl dava carona ao seu professor e seguiam para a aula de inglês, geralmente por caminhos alternativos, porque o percurso pela enorme rua que os levava diretamente da casa do tio para a escola de equitação demandava sempre muito tempo. Essa companhia do professor de inglês não durou muito, contudo, pois Karl, que se censurava por obrigar o homem cansado a ir até a escola de equitação sem necessidade, principalmente porque a comunicação em inglês com Mack era muito simples, pediu ao tio que liberasse o professor desse dever. Depois de alguma deliberação, o tio cedeu ao pedido.

Passou-se um tempo relativamente longo antes de o tio se decidir a dar a Karl uma pequena ideia do seu negócio, apesar dos pedidos frequentes de Karl. Tratava-se de uma espécie de empresa de comissões e transporte que, pelo que Karl se lembrava, talvez nem existisse na Europa. É que o negócio consistia num comércio de atravessadores, mas não naquele que transporta as mercadorias dos produtores aos consumidores ou talvez aos revendedores, e sim que intermediava o repasse de todas as mercadorias e produtos primários para os grandes cartéis de fabricantes e entre eles. Era, portanto, um negócio que abrangia a compra, o armazenamento, o transporte e a venda numa escala imensa e que demandava uma comunicação telefônica e telegráfica totalmente precisa e incessante com os clientes. O salão do telégrafo não era menor, e sim maior do que a agência postal-telegráfica da cidade natal de Karl, que ele visitara uma vez na companhia de um colega bem conhecido por lá. Na sala dos telefones viam-se, onde quer que se olhasse, as portas das cabines telefônicas se fechando e se abrindo e o ruído era atordoante. O tio abriu a mais próxima dessas portas, e lá se via o funcionário, sob uma potente luz elétrica, indiferente a qualquer som vindo da porta, com fones de ouvido fixados por uma faixa de aço que lhe passava sobre a cabeça e pressionava suas orelhas. O seu braço direito repousava sobre uma mesinha, como se ele fosse particularmente pesado, e apenas os dedos, que seguravam o lápis, se movimentavam numa regularidade e rapidez inumanas. Era extremamente econômico nas palavras que falava ao microfone e, muitas vezes, via-se até que poderia opor-se a seu interlocutor, querer pedir-lhe maiores detalhes, mas certas palavras que ouvia o forçavam a baixar os olhos e a escrever, antes que pudesse alcançar a sua intenção. Nem precisava falar, explicou baixinho o tio para Karl, pois as mesmas mensagens que esse homem anotava eram simultaneamente registradas e

depois comparadas por outros dois funcionários, de forma a eliminar, da melhor maneira possível, a probabilidade de erros. No momento em que o tio e Karl saíam da cabine, um estagiário esgueirou-se para dentro, e voltou a sair com as mensagens que o operador acabara de anotar. O salão apresentava um vaivém constante de pessoas, correndo desesperadas de um lado para o outro. Ninguém se cumprimentava, não havia saudação, cada um seguia os passos de quem estava na sua frente e mantinha os olhos no chão, o qual queriam deixar para trás o mais rápido possível, ou passava uma vista d'olhos em palavras ou números isolados que estavam nos papéis que segurava e que farfalhavam em virtude de seus passos apressados.

“Você realmente chegou longe”, disse Karl numa dessas visitas à firma, que levava vários dias para ser inspecionada, mesmo levando-se em consideração uma inspeção apenas superficial de cada departamento. “Você precisa saber que comecei a construir tudo isso há trinta anos. Naquela época, eu tinha um pequeno negócio no distrito do porto, e quando cinco caixotes por dia eram descarregados, isso já era muito e eu ia para casa todo orgulhoso. Hoje, sou o dono do terceiro maior armazém do porto, e aquela velha loja é o refeitório e a sala de equipamentos do sexagésimo quinto grupo de meus carregadores.”

“Isso já é quase um milagre”, disse Karl.

“Tudo aqui se desenvolve tão depressa”, disse o tio, encerrando a conversa.

Certo dia, o tio apareceu pouco antes da hora da refeição, que Karl pensava, como de costume, em fazer sozinho, e pediu-lhe que vestisse um terno preto e fosse jantar na companhia dele e de mais dois amigos de negócios. Enquanto Karl se trocava no quarto ao lado, o tio sentou-se à escrivaninha e conferiu a lição de inglês que Karl acabara de terminar, bateu com a mão na escrivaninha e exclamou em voz alta: “Realmente excelente”.

Sem dúvida, vestir o terno social ficou bem mais fácil depois de ouvir esse elogio, mas ele realmente já se sentia muito seguro de seu inglês.

Na sala de jantar de seu tio, da qual ele ainda se lembrava da noite de sua chegada, dois cavalheiros altos e corpulentos levantaram-se para cumprimentá-lo; um deles era um certo Green; o segundo, um certo Pollunder; como ficou claro durante a conversa à mesa. O tio raramente dizia mais que uma palavra passageira sobre quaisquer conhecidos e sempre deixava que Karl, por conta própria, descobrisse o que era relevante ou interessante. Depois que apenas negócios íntimos foram tratados durante a refeição propriamente dita, o que para Karl significava uma boa aula de inglês comercial, pelo que só lhe restou ocupar-se de sua comida em silêncio, como se fosse uma criança que precisasse, acima de tudo, se alimentar direito e não deixar nada no prato, em seguida, o Sr. Green voltou-se para Karl e, em um esforço inconfundível para falar inglês

da forma mais clara possível, quis saber quais eram suas primeiras impressões dos Estados Unidos de forma geral. No meio do silêncio mortal que se seguiu, Karl respondeu de forma bastante detalhada, lançando alguns olhares de soslaio na direção do tio, e para expressar sua gratidão, chegou a usar várias expressões típicas da fala nova-iorquina. Ao empregar uma determinada expressão, todos os três riram ao mesmo tempo e Karl já temia ter cometido uma tremenda gafe; mas não, como o Sr. Pollunder explicou, tinha até dito algo muito acertado. Esse Sr. Pollunder parecia mesmo ter se encantado com Karl e, enquanto o tio e o Sr. Green retomavam as conversas de negócios, o Sr. Pollunder fez Karl trazer a sua cadeira para junto dele, perguntando-lhe primeiro muitas coisas sobre o seu nome, suas origens e sua viagem, até que finalmente, para permitir que Karl descansasse, falou apressadamente, rindo e tossindo, sobre si e sua filha, com a qual morava em uma pequena propriedade rural perto de Nova York, mas onde ele só podia passar as noites porque era banqueiro, e seu trabalho o segurava em Nova York durante o dia todo. Karl, de imediato, recebeu um convite cordial para visitar essa propriedade, um americano recém-aclimatado como Karl devia de vez em quando sentir necessidade de descansar de Nova York. Karl imediatamente pediu permissão ao seu tio para aceitar o convite e o tio pareceu dar essa permissão com gosto, mas sem estabelecer uma data específica nem considerar uma provável, como Karl e o Sr. Pollunder esperavam.

Mas já no dia seguinte Karl foi chamado a um dos escritórios de seu tio (só naquele prédio o tio tinha dez escritórios diferentes), onde encontrou o seu tio e o Sr. Pollunder, reclinados de maneira bastante monossilábica nas poltronas.

“O Sr. Pollunder”, disse seu tio, que mal podia ser reconhecido no lusco-fusco do aposento, “o Sr. Pollunder veio buscar você e quer levá-lo para sua casa de campo, como discutimos ontem”.

“Eu não sabia que já estava programado para hoje”, respondeu Karl, “senão já teria me preparado”.

“Se não está preparado, talvez seja melhor adiarmos essa visita para uma próxima vez”, disse o tio.

“Preparar-se para quê?!”, exclamou o Sr. Pollunder. “Um jovem está sempre preparado.”

“Não é por causa dele”, disse o tio, virando-se para o seu convidado, “mas ele ainda teria que subir ao seu quarto, e o senhor se atrasaria”.

“Também para isso há tempo de sobra”, disse Pollunder. “Eu já tinha previsto o atraso e encerrei o expediente mais cedo.”

“Veja”, disse o tio, “que inconveniências sua visita já está causando”.

“Sinto muito”, disse Karl, “mas já volto”, e queria sair correndo.

“Não se apresse”, disse o Sr. Pollunder. “Não está me causando a menor inconveniência, pelo contrário, a sua visita é um grande prazer para mim”.

“Você vai perder sua aula de equitação amanhã, já a cancelou?”

“Não”, disse Karl, esse passeio tão esperado começava a virar um fardo. “Eu não sabia...”

“E apesar disso você quer ir para o campo?”, o tio continuou.

E foi o Sr. Pollunder, aquele sujeito simpático, que veio em seu socorro.

“No caminho passaremos na escola de equitação e resolveremos o assunto.”

“É uma boa ideia”, disse o tio. “Mas Mack vai esperar por você”.

“Ele não vai me esperar”, disse Karl, “mas é verdade que irá até lá”.

“E então?” disse o tio, como se a resposta de Karl não contivesse a menor justificativa.

Novamente foi o Sr. Pollunder que decidiu a questão: “Mas Klara” — a filha do Sr. Pollunder — “também está esperando por ele, e já hoje à noite, e creio que ela tem preferência sobre Mack?”

“Com certeza”, disse o tio. “Então corra até o seu quarto”, e bateu várias vezes como que sem querer contra o braço da poltrona. Karl já estava na porta quando seu tio ainda o reteve com a pergunta: “Você estará de volta aqui amanhã de manhã para a sua aula de inglês?”.

“Mas”, exclamou o Sr. Pollunder, voltando-se espantado na sua poltrona até onde sua obesidade permitia, “ele não pode pelo menos passar o dia de amanhã fora? Eu não poderia trazê-lo de volta depois de amanhã, logo cedo?”

“De jeito nenhum”, disse seu tio. “Eu não posso permitir que os seus estudos se desorganizem dessa maneira. Mais tarde, quando ele estiver inserido numa atividade profissional regular, ficarei feliz em permitir que aceite um convite tão amistoso e lisonjeiro até por um período de tempo mais longo.”

‘Quantas contradições!, pensou Karl.

O Sr. Pollunder ficou desapontado. “Para passar apenas uma noite realmente não vale a pena.”

“Essa também é a minha opinião”, disse o tio.

“Temos que nos contentar com aquilo que recebemos”, disse Pollunder, já rindo novamente. “Bem, eu o estou esperando!”, gritou para Karl, que, como o seu tio nada mais disse, saiu rapidamente.

Ao retornar pouco tempo depois, pronto para partir, encontrou apenas o Sr. Pollunder no escritório, o tio havia se retirado. O Sr. Pollunder apertou as duas mãos de Karl felicíssimo, como se ele quisesse se certificar, sem margem para dúvida, que Karl agora viria com ele. Karl ainda estava com calor de tanta pressa e também apertou as mãos do Sr. Pollunder, contente por poder realizar o passeio.

“Meu tio não ficou aborrecido com a minha partida?”

“Imagine! Ele não levou isso tudo tão a sério. É que ele se preocupa em demasia com a sua educação.”

“Ele mesmo lhe falou que não era para levar tão a sério o que dissera anteriormente?”

“Decerto”, respondeu o Sr. Pollunder lentamente, provando que era incapaz de mentir.

“É estranho que ele tenha relutado tanto em me dar permissão para visitá-lo, já que o senhor é seu amigo.”

Nem o Sr. Pollunder, ainda que não o admitisse francamente, podia encontrar uma explicação aceitável para essa relutância, e ambos ainda pensaram nisso durante muito tempo, apesar da conversa logo girar em torno de outros assuntos, enquanto o automóvel do Sr. Pollunder rodava pela noite cálida.

Estavam sentados muito juntos, e o Sr. Pollunder segurava a mão de Karl entre as suas enquanto falava. Karl queria saber muitas coisas sobre a Srta. Klara, como se estivesse impaciente com a longa viagem e com a ajuda das histórias pudesse antecipar a sua chegada. Embora ele nunca tivesse andado de carro à noite pelas ruas de Nova York, e embora o barulho varresse as calçadas e as pistas, mudando de direção a todo momento como um vendaval, que não parecia obra humana e sim um elemento estranho, Karl só prestava atenção no colete escuro do Sr. Pollunder, do qual pendia sem movimento uma corrente escura, enquanto buscava compreender atentamente cada uma das suas palavras. Deixando para trás as ruas, onde os espectadores de teatro, com seu grande, indisfarçado medo de atrasar-se, apertavam o passo e guiavam carros a grande velocidade, e passando por distritos de transição, chegaram aos subúrbios, onde o automóvel foi desviado mais de uma vez para ruas laterais pela polícia a cavalo, já que as ruas principais estavam tomadas por uma manifestação de metalúrgicos em greve e apenas o tráfego mais indispensável de veículos tinha permissão de utilizar os cruzamentos. Quando o carro, então, emergiu de becos escuros e tristes, cujo barulho ecoava surdamente, e atravessou uma dessas grandes avenidas, que se assemelhavam a praças, descortinaram-se cenários sem fim de ambos os lados, com as calçadas lotadas por uma multidão que se movimentava a passos minúsculos e cujo canto era mais uniforme do que o de uma única voz humana. Na pista livre, via-se aqui e ali um policial em cima de um cavalo imóvel, portadores de bandeiras ou cartazes cobrindo toda a avenida, ou um líder trabalhista cercado por funcionários e assistentes, um vagão do bonde elétrico, que não tinha escapado a tempo e agora estava ali vazio e escuro, enquanto o maquinista e o motoneiro estavam sentados na plataforma. Pequenos esquadrões de curiosos agrupavam-se de pé longe dos verdadeiros manifestantes e não abandonavam seus lugares, mesmo sem saber o que realmente se passava. Karl, no entanto, se recostara satisfeito no braço que o Sr. Pollunder colocara em sua volta; a convicção de que logo seria um convidado bem-vindo em uma casa de campo iluminada, cercada por muros, guardada por cães, provocava-lhe uma

enorme sensação de bem-estar e, se já não compreendia total ou parcialmente tudo o que o Sr. Pollunder dizia, por causa de uma sonolência que se iniciava, apumava-se de vez em quando e esfregava os olhos para tornar a verificar se o Sr. Pollunder notara sua sonolência, o que queria evitar a todo custo.

¹ Karl ocupava uma espécie de apartamento, que incluía o pequeno quarto onde dormia, a sala com a varanda e um banheiro privativo. (N.T.)

UMA CASA DE CAMPO NOS ARREDORES DE NOVA YORK

“Chegamos”, disse o Sr. Pollunder, bem durante uma das cochiladas de Karl. O automóvel parara diante de uma casa de campo que, seguindo o padrão das mansões das pessoas ricas dos arredores de Nova York, era mais espaçosa e mais alta do que seria necessário para uma casa de campo destinada a abrigar uma única família. Como apenas a parte inferior da casa estava iluminada, não era possível estimar a sua altura. Castanheiras farfalharam na parte dianteira, um pequeno caminho que passava entre elas — o portão já estava aberto — levava até a escadaria da porta de entrada. Ao sair do carro, Karl teve a impressão de que a viagem fora bastante longa, devido ao cansaço que sentia. No escuro da alameda de castanheiras, ouviu uma voz de moça exclaimar ao seu lado: “Finalmente temos aqui o Sr. Jakob”.

“Meu nome é Rossmann”, disse Karl, apertando a mão que lhe estendia a moça, cujos contornos ele agora reconhecia.

“É apenas o sobrinho do Jakob”, explicou o Sr. Pollunder, “e chama-se Karl Rossmann”.

“Isso não muda em nada a nossa alegria em recebê-lo”, disse a moça, que não se importava muito com nomes.

Apesar disso, enquanto caminhava em direção a casa entre o Sr. Pollunder e a moça, Karl perguntou: “É a Srta. Klara?”.

“Sou”, respondeu ela, e logo um pouco da luz, que permitia distinguir os objetos, iluminou o seu rosto, que ela inclinava na sua direção, “mas não queria me apresentar aqui na escuridão”.

“Mas será que ela nos esperou no portão?, pensou Karl, despertando gradualmente durante a caminhada.

“A propósito, temos mais um convidado esta noite”, disse Klara.

“Não é possível!”, exclamou Pollunder, irritado.

“O Sr. Green”, disse Klara.

“Quando ele chegou?”, perguntou Karl, como que tomado de um mau pressentimento.

“Acabou de chegar. Não ouviram o automóvel dele na frente do de vocês?”

Karl ergueu o olhar para Pollunder para descobrir como ele avaliava a situação, mas ele estava com as mãos nos bolsos e apenas pisou um pouco mais forte enquanto andava.

“Não adianta nada a gente viver nos subúrbios de Nova York, aqui a gente não escapa de ser importunado. Nós definitivamente precisaremos

mudar a nossa residência para ainda mais longe; nem que eu tenha que dirigir metade da noite até chegar em casa.”

Detiveram-se junto à escadaria.

“Mas o Sr. Green já não vem faz muito tempo”, disse Klara, parecendo estar totalmente de acordo com o seu pai, mas independentemente disso tentava acalmá-lo.

“Por que ele veio justamente esta noite”, disse Pollunder, e as palavras já rolavam furiosamente sobre o grosso lábio inferior, que, como carne flácida e pesada que era, facilmente entrava em movimento intenso.

“É verdade!”, disse Klara.

“Talvez ele vá embora logo”, comentou Karl, ele mesmo admirado com a sua sintonia com essas pessoas, que ainda no dia anterior lhe eram completamente estranhas.

“Oh, não”, disse Klara, “ele tem algum grande negócio para tratar com o papai, cuja discussão provavelmente levará muito tempo, pois já me ameaçou, de brincadeira, dizendo que terei que escutá-los até o amanhecer, se eu quiser ser uma boa anfitriã”.

“Era só o que me faltava. Então ele vai passar a noite aqui!”, Pollunder gritou, como se fosse o fim da picada. “A minha vontade é”, disse ele, tornando-se mais cordial em razão de sua nova ideia: “A minha vontade é fazê-lo entrar de novo no meu carro, Sr. Rossmann, e levá-lo de volta para a casa do seu tio. A noite de hoje já começou mal, e quem sabe quando o seu tio nos emprestará o senhor novamente. Mas se eu o levar de volta ainda hoje, ele não poderá recusar que nos visite em breve”.

E ele já estava pegando Karl pela mão para executar o seu plano. Mas Karl não se moveu, e Klara pediu que o deixasse ficar, porque pelo menos ela e Karl não seriam incomodados em nada pelo Sr. Green e, finalmente, o próprio Pollunder percebeu que sua decisão não era das mais seguras. Além disso — e este talvez tenha sido o fator decisivo — a voz do Sr. Green de repente fez-se ouvir no jardim, vinda do degrau mais alto da escada: “Onde estão vocês?”.

“Venham”, disse Pollunder, e dirigiu-se até a escadaria. Atrás dele seguiam Karl e Klara, que agora se observavam mutuamente na claridade.

“Que lábios vermelhos ela tem”, disse Karl, pensando nos lábios do Sr. Pollunder e em quão lindamente eles haviam se metamorfoseado nos de sua filha.

“Depois do jantar”, ela disse, “se concordar, vamos direto para o meu quarto para nos livrarmos pelo menos desse Sr. Green, já que papai terá que se ocupar dele. E você fará a gentileza de tocar piano para mim, porque papai já me contou como é bom nisso. Infelizmente sou totalmente incapaz de tocar seja lá o que for e não chego perto do meu piano por mais que ame a música”.

Karl estava de acordo com a sugestão de Klara, embora preferisse trazer o senhor Pollunder para a companhia deles. Diante da enorme figura

de Green — Karl já se acostumara ao tamanho de Pollunder —, que se revelava aos poucos, à medida que subiam a escada, Karl, no entanto, abandonou qualquer esperança de conseguir tirar o Sr. Pollunder das garras daquele homem naquela noite.

O Sr. Green os recebeu apressadamente, como se houvesse muito a ser recuperado, puxou o braço do Sr. Pollunder e empurrou Karl e Klara à sua frente para a sala de jantar, que tinha um ar bem festivo, sobretudo, graças às flores sobre a mesa, que se destacavam parcialmente dos arranjos de folhagem, fazendo com que lamentassem em dobro a presença do Sr. Green. Foi só Karl, que esperou os outros sentarem-se à mesa, alegrar-se que a grande porta de vidro voltada para o jardim permaneceria aberta, pois por ela entrava um perfume que dava a impressão de se estar em um caramanchão, que o Sr. Green, arquejante, se pôs a fechar, inclinando-se para as barras mais baixas, alcançando as do topo e tudo com uma rapidez tão juvenil que o criado que se aproximara com presteza já não tinha mais o que fazer. As primeiras palavras do Sr. Green à mesa foram expressões de espanto por Karl ter recebido a permissão do tio para essa visita. Levando à boca uma colherada de sopa atrás da outra, explicava a Klara, à sua direita, e ao Sr. Pollunder, à sua esquerda, não só por que ficara tão surpreso, como também o zelo com que o tio cuidava de Karl, levando-o a considerar que o amor do tio por Karl era grande demais para ser apenas a afeição de um tio por um sobrinho.

‘Não basta intrometer-se aqui desnecessariamente, ainda precisa interferir entre mim e o meu tio’, pensou Karl, sem conseguir engolir uma só gota daquela sopa dourada. Mas, como não queria que notassem a sua perturbação, começou a se empanturrar silenciosamente de sopa. A refeição transcorreu devagar como uma praga. Apenas o Sr. Green e, de vez em quando, Klara estavam animados e ocasionalmente encontravam oportunidade para uma breve risada. O Sr. Pollunder só interferiu na conversa algumas poucas vezes, quando o Sr. Green começava a falar de negócios. Mas ele também logo abandonava esses assuntos, e o Sr. Green tinha de tornar a surpreendê-lo, trazendo-os à baila novamente e de maneira inesperada depois de algum tempo. Aliás, ele enfatizou — e foi aí que Karl prestou mais atenção, como se houvesse uma ameaça no ar, precisando ser alertado por Klara de que havia um assado diante dele e que estava participando de um jantar — que ele, desde o começo, não tivera a intenção de fazer aquela visita repentina. Porque, mesmo se o negócio, do qual ainda se falaria, reclamava especial urgência, pelo menos o mais importante poderia ter sido tratado na cidade durante o dia e o menos deixado para o dia seguinte ou mais tarde. E assim ele tinha procurado o Sr. Pollunder bem antes do encerramento do expediente, mas não o encontrara, de modo que tinha sido obrigado a telefonar para casa, avisando que não voltaria mais naquela noite, e empreender a viagem.

“Então preciso pedir desculpas”, disse Karl em voz alta, e antes que

alguém tivesse tempo para responder, “eu sou o culpado pelo fato de o Sr. Pollunder ter saído mais cedo hoje, e sinto muito”.

O Sr. Pollunder cobriu a maior parte do rosto com o guardanapo, enquanto Klara sorria para Karl, porém não era um sorriso de simpatia, mas um que, de alguma forma, desejava influenciá-lo.

“Não há necessidade de um pedido de desculpas”, disse Green, que nesse momento destrinchava um pombo com cortes precisos, “muito pelo contrário, estou feliz em passar a noite numa companhia tão agradável, em vez de jantar sozinho em casa, onde sou servido pela minha velha governanta, para quem, de tão velha, o caminho da porta até a minha mesa já é difícil, e chego a me encostar na cadeira durante um bom tempo quando quero observá-la nesse percurso. Só há pouco tempo consegui convencê-la a deixar o criado levar a comida até a porta da sala de jantar, mas o caminho da porta até a minha mesa, pelo que entendo, é só dela”.

“Meu Deus”, exclamou Klara, “que fidelidade!”

“Sim, ainda há fidelidade neste mundo”, disse o Sr. Green, levando uma porção à boca, da qual sua língua, num só bote, como Karl percebeu por acaso, logo se apoderou. Karl sentiu-se mal e levantou-se. Quase ao mesmo tempo, o Sr. Pollunder e Klara seguraram suas mãos.

“O senhor deve permanecer sentado”, disse Klara. E, assim que ele se sentou, ela sussurrou-lhe: “Logo desapareceremos juntos. Tenha paciência”.

Enquanto isso, o Sr. Green ocupava-se silenciosamente com a sua comida, como se coubesse a Sr. Pollunder e Klara acalmar Karl cada vez que ele lhe causava náuseas.

O jantar se estendeu, principalmente devido à minúcia com que o Sr. Green ia dissecando cada prato, mesmo que estivesse sempre aberto para se dedicar incansavelmente a cada nova iguaria, parecendo mesmo que ele queria se recuperar completamente de sua velha governanta. De vez em quando, elogiava a competência da Srta. Klara na administração da casa, o que a lisonjeava, enquanto Karl ficava tentado a afastá-lo, como se ele a atacasse. Porém o Sr. Green não se contentava com ela, lamentava até com frequência, sem levantar os olhos do seu prato, a impressionante falta de apetite de Karl. O Sr. Pollunder defendia a falta de apetite de Karl, embora como anfitrião devesse tê-lo estimulado a comer. E, de fato, Karl ficara tão sensível por causa da obrigação sob a qual se sentiu durante todo o jantar que, contrariando seu bom senso, interpretou a declaração do Sr. Pollunder como hostil. E foi só por causa dessa sua condição que, a partir de determinado momento, passou a devorar a comida de uma vez só e de forma bastante inadequada, para depois, cansado, deixar o garfo e a faca descansarem novamente por um longo tempo, permanecendo então imóvel e em silêncio que o criado que servia os pratos muitas vezes não sabia como lidar com ele.

“Amanhã mesmo vou contar ao Sr. Senador como você, deixando de

comer, ofendeu a Srta. Klara”, disse o Sr. Green, limitando-se a expressar o gracejo implícito nessas palavras, pela maneira como usava os seus talheres.

“Olhe para essa menina, veja como está triste”, continuou ele, segurando o queixo de Klara. Ela acedeu e fechou os olhos.

“Você é uma gracinha!”, exclamou ele, inclinando-se para trás e rindo, o rosto muito vermelho com a energia da saciedade. Em vão, Karl procurou entender o comportamento do Sr. Pollunder. Este mirava seu prato, como se o que realmente importasse estivesse acontecendo lá. Não puxou a cadeira de Karl para mais perto de si e, quando falava, dirigia-se a todos, mas não tinha nada de específico para dizer a Karl. Por outro lado, tolerava que Green, aquele velho e escolado solteirão nova-iorquino, tocasse Klara com intenção explícita de ofender Karl, seu hóspede, ou pelo menos de tratá-lo como criança, e quem sabe para que ações ele estava se fortalecendo e avançando.

Após o jantar — quando Green percebeu o clima geral, foi o primeiro a se levantar e, por assim dizer, a fazer com que todos deixassem a mesa —, Karl dirigiu-se sozinho a uma das grandes janelas mais afastadas, divididas por estreitas barras brancas, que davam para o terraço e eram, na verdade, como ele notou ao se aproximar, autênticas portas. O que restara da aversão que o Sr. Pollunder e sua filha inicialmente sentiram de Green e que, naquele momento, parecera um tanto incompreensível a Karl? Agora estavam reunidos com Green, fazendo gestos de assentimento com a cabeça. A fumaça do charuto do Sr. Green — um presente de Pollunder, que era da mesma grossura dos que apareciam nos relatos esporádicos do pai, como algo que ele provavelmente jamais vira com os próprios olhos — espalhava-se pela sala e levava a influência de Green até cantos e nichos que ele pessoalmente jamais visitaria. Apesar da distância em que se encontrava, Karl ainda sentia uma coceira no nariz em virtude da fumaça e o comportamento do Sr. Green, para quem olhou apenas uma vez rapidamente, lhe parecia infame. Agora não mais rejeitava a ideia de que o tio recusara a sua permissão para essa visita durante tanto tempo apenas porque conhecia o caráter fraco do Sr. Pollunder e, conseqüentemente, embora não previsse exatamente uma afronta a Karl durante essa visita, também não excluía a possibilidade. Tampouco a moça americana lhe agradara, e não era que ele a tivesse imaginado muito mais bonita. Desde quando o Sr. Green passara a lhe proferir galanteios, ele até se surpreendera com a beleza de seu rosto e especialmente com o brilho de seus olhos indomáveis. Uma saia tão justa ao redor do corpo quanto a dela ele jamais tinha visto, pequenas dobras no tecido amarelado, delicado e firme indicavam quão justa estava a peça. E, mesmo assim, Karl não se interessava por ela e teria desistido com prazer de ser levado aos seus aposentos, se, em vez disso, pudesse abrir a porta, cuja maçaneta ele, em todo caso, já segurava em suas mãos, e entrar no carro, ou, se o motorista

já estivesse dormindo, caminhar sozinho até Nova York. A noite clara com a lua cheia estava aberta para qualquer um, e sentir medo ao ar livre lhe pareceu absurdo. Imaginou — e pela primeira vez sentiu-se bem nessa sala — como logo de manhã — a pé dificilmente chegaria em casa mais cedo — surpreenderia o tio. Nunca estivera em seu quarto de dormir, nem sabia onde ficava, mas logo descobriria. Então, bateria à porta e, ao ouvir o formal “Entre!”, correria para dentro do quarto, surpreendendo o tio, que até agora só vira vestido e abotoado até o queixo, de camisola, sentado na cama, com os olhos atônitos dirigidos para a porta. Isso por si só talvez não fosse muito, mas era só imaginar quais seriam as possíveis consequências. Talvez pela primeira vez tomasse o café da manhã com seu tio, o tio na cama, ele em uma cadeira, o café da manhã em uma mesinha entre os dois, talvez esse café da manhã compartilhado se tornasse um hábito permanente, talvez, como resultado desse tipo de café da manhã, como parecia quase inevitável, eles passassem a se ver com mais frequência do que até então, quando se reuniam apenas uma vez por dia e, naturalmente, poderiam conversar também mais abertamente. Era, na verdade, apenas a falta de um diálogo franco que fizera com que lhe desobedecesse um pouco, ou melhor, teimasse com ele. E, mesmo que tivesse de passar a noite ali — infelizmente parecia não haver outro jeito, embora o deixassem se divertindo por conta própria de pé junto à janela —, talvez essa visita infeliz se tornasse o marco de virada para uma melhora em seu relacionamento com o tio, talvez o tio tivesse pensamentos semelhantes esta noite em seu quarto.

Um pouco mais consolado, virou-se. Klara estava na sua frente e disse: “O senhor não gosta nem um pouquinho daqui? Não quer se sentir um pouco mais em casa? Venha, vou fazer uma última tentativa”.

Ela o conduziu através da sala até a porta. Junto a uma mesa lateral, os dois senhores estavam sentados com copos altos e tomavam uma bebida levemente efervescente, que Karl não conhecia, mas que teria gostado de provar. O Sr. Green colocara um cotovelo sobre a mesa e aproximara o seu rosto o máximo possível do Sr. Pollunder; quem não conhecesse o Sr. Pollunder, poderia desconfiar que a discussão girava em torno de algo criminoso e não de negócios. Enquanto o olhar amistoso do Sr. Pollunder acompanhava Karl até a porta, Green, apesar do usual impulso involuntário que se tem de acompanhar o olhar do interlocutor, não deu a menor olhada na direção de Karl, o qual via nessa atitude de Green a expressão da convicção de que eles, Karl e Green, cada qual por si, deveriam se impor ali com suas próprias habilidades, a relação social necessária entre eles se estabeleceria, com o tempo, pela vitória ou a aniquilação de um dos dois.

‘Se é isso que pensa’, disse Karl para si, ‘então é um idiota. Dele eu nada quero. Ele que me deixe em paz’.

Assim que chegou ao corredor, ocorreu-lhe que provavelmente estava se comportando de forma indelicada, pois, com os olhos fixos em Green,

deixara-se quase arrastar por Klara para fora da sala. Por isso, tanto maior era agora a boa vontade com que andava ao lado dela. No caminho pelos corredores, de início, não acreditava em seus próprios olhos, ao ver a cada vinte passos um criado ricamente uniformizado com um candelabro, cuja base segurava com as duas mãos.

“Os novos cabos elétricos só foram instalados na sala de jantar até agora”, explicou Klara. “Compramos esta casa recentemente e a reconstruímos por completo, até onde uma casa velha se deixa reconstruir com todas as suas particularidades originais.”

“Então também há casas antigas nos Estados Unidos”, indagou Karl.

“Naturalmente”, disse Klara, rindo e arrastando-o atrás de si. “Você tem ideias estranhas sobre a América”.

“Não ria de mim”, disse irritado. Afinal, ele já conhecia a Europa e a América; ela, somente a América.

No caminho, Klara entreabriu uma porta com a mão ligeiramente estendida e disse, sem se deter: “É aqui que vai dormir”.

É claro que Karl queria ver o quarto imediatamente, mas Klara explicou sem paciência e quase aos gritos que isso poderia esperar e que ele antes deveria acompanhá-la. Por algum tempo, cada um puxava o outro para o lado oposto do corredor; finalmente Karl achou que não tinha de ceder aos desejos de Klara em tudo, se desvencilhou dela e entrou no quarto. A surpreendente escuridão do lado de fora da janela só se explicava pela grande copa de árvore que balançava, ocupando toda a extensão da janela. Ouvia-se o canto dos pássaros. No quarto em si, ainda não alcançado pelo luar, era difícil distinguir qualquer coisa. Karl lamentou não ter trazido a lanterna elétrica que seu tio lhe dera. Nessa casa uma lanterna era algo indispensável, se houvessem providenciado algumas dessas, poderiam ter mandado os criados dormir. Sentou-se no peitoril da janela, observando e escutando o que vinha de fora. Um pássaro assustado parecia esvoaçar por entre a folhagem da velha árvore. O apito de um trem suburbano de Nova York soou ao longe em algum lugar no campo. Fora isso, reinava o silêncio.

Mas não por muito tempo, porque Klara entrou depressa. Visivelmente furiosa, gritou: “Mas o que é isso?” e bateu na saia com as mãos. Karl só pretendia responder depois que ela se acalmasse. Mas ela avançou a passos largos em sua direção e exclamou: “Então, vem comigo, ou não?” e empurrou, de propósito ou apenas por estar fora de si, com tanta força o peito dele que o teria derrubado da janela, se no último momento não tivesse escorregado do peitoril e tocado o chão do quarto com os pés.

“Eu quase caí lá embaixo”, disse ele em tom de reprovação.

“Que pena que isso não aconteceu. Por que o senhor é tão desobediente! Da próxima, vez vou empurrá-lo lá para baixo.”

E, de fato, com seu corpo atlético graças à prática esportiva, ela o

envolveu com os braços e o carregou quase até a janela, pois, inicialmente aturdido, ele se esquecera de se fazer pesado. Mas nesse momento se deu conta da situação e, com um giro de seus quadris, se desvencilhou e colocou as mãos em volta dela.

“Ai, você está me machucando”, disse ela imediatamente.

Mas agora Karl achava que não devia mais soltá-la. Deu-lhe liberdade para que andasse à vontade, porém a seguiu sem a soltar. Também era tão fácil abraçá-la em seu vestido apertado.

“Deixe-me”, sussurrou ela, com o rosto afogueado tão perto do dele que ele teve de fazer um esforço para conseguir vê-la. “Largue-me, vou lhe dar algo bonito.” ‘Por que ela está suspirando?’, pensou Karl, ‘não pode estar doendo, não a estou apertando’, e continuou a segurá-la. Mas, de repente, depois de um momento de descuidado silêncio, sentiu novamente a força dela lutando contra seu corpo, até se desvencilhar dele, agarrara-o com uma pegada bem treinada, repelira as pernas dele com a posição dos pés, que seguiam uma técnica de luta desconhecida, e, enquanto respirava com grande regularidade, empurrara-o contra a parede. Ao lado dessa parede havia um sofá, sobre o qual ela, sem se inclinar muito, deitou Karl, dizendo:

“Agora mexa-se, se for capaz”.

“Gata selvagem”, Karl mal conseguia gritar naquela confusão de raiva e vergonha que o dominava. “Você¹ está louca, sua gata selvagem!”

“Cuidado com suas palavras”, disse ela, deslizando uma das mãos até a garganta dele e apertando-a de tal maneira que Karl mal podia respirar, enquanto com a outra mão aproximando e afastando o punho do rosto de Karl, ameaçava-lhe dar uma bofetada.

“Que tal”, perguntou-lhe, “se, como castigo pelo seu comportamento para com uma dama, eu o mandasse para casa com uma bela bofetada? Talvez fosse útil para sua vida futura, embora não fosse uma boa recordação. Você me dá pena, é um rapaz até bonitinho e, se você tivesse aprendido Jiu-Jitsu, eu provavelmente me arrependeria. Vê-lo aí deitado desse jeito me deixa tentada a dar-lhe uma bofetada na cara. Provavelmente me arrependeria; se o fizer, saiba desde já que será quase contra a minha vontade. E é claro que não me contentaria com um único tapa, mas o esbofetearia à direita e à esquerda até suas bochechas incharem. E, caso seja um homem de honra — como acredito que seja —, não vai querer viver depois dos tapas na cara e vai dar um jeito de abandonar este mundo. Mas por que você ficou contra mim? Eu não lhe agrado? Não vale a pena visitar meu quarto? Opa! Agora quase bati em você sem querer. A propósito, se você escapar hoje, comporte-se melhor da próxima vez. Não sou seu tio, que você pode desafiar. Além disso, quero que saiba que, se eu o soltar sem tapas na cara, não pense que sua situação atual e uma bofetada de verdade são o mesmo do ponto de vista da honra. Caso você prefira pensar dessa forma, eu realmente preferiria dar

um verdadeiro tapa na sua cara. O que dirá Mack quando eu lhe contar tudo isso?”

Ao se lembrar de Mack, ela soltou Karl, em cujos pensamentos indistintos Mack apareceu como seu libertador. Por alguns instantes, ainda sentiu a mão de Klara no seu pescoço, por isso se esquivou mais um pouco e depois ficou imóvel.

Ela pediu-lhe que se levantasse, ele não respondeu, nem se mexeu. Ela acendeu uma vela, o quarto iluminou-se, um padrão azul em ziguezague desenhou-se no teto, mas Karl continuou deitado, a cabeça apoiada da forma como Klara o tinha acomodado, não a virou nem um centímetro. Klara andava para cá e para lá no quarto, sua saia farfalhando ao redor de suas pernas, depois parou durante muito tempo, provavelmente junto à janela.

“Acabou a pirraça?” Ouviu-se a sua pergunta depois de certo tempo.

Karl lamentou não conseguir ter sossego nem no quarto que o Sr. Pollunder lhe destinara para aquela noite. A moça ficava zanzando por ali, parando e falando, e ele já estava indescritivelmente farto dela. Dormir logo e sair dali era seu único desejo. Não queria mais ir para a cama, queria apenas ficar ali no sofá. Só estava na espreita de que ela saísse, para correr e trancar a porta atrás dela e voltar para se atirar no sofá. Estava com uma enorme necessidade de se espreguiçar e bocejar, mas não queria fazer isso na frente de Klara. E, assim, ficou olhando fixamente para cima, sentindo seu rosto tornar-se cada vez mais rígido, a ponto de uma mosca voar diante dos seus olhos, sem que ele percebesse direito o que era.

Klara aproximou-se dele novamente, curvando-se na direção de seus olhos, e, se ele não tivesse se controlado, teria sido obrigado a encará-la.

“Agora vou embora”, disse ela. “Talvez mais tarde você sinta vontade de ir me ver. A porta do meu quarto é a quarta a contar daqui, deste lado do corredor. Passa por três outras portas e aquela que vem em seguida é a certa. Não vou mais descer até o salão, e sim ficar no meu quarto. Mas você também me deu uma canseira. Não vou ficar esperando por você, mas, se quiser vir, então venha. Lembre-se de que me prometeu que tocaria piano para mim. Mas talvez eu o tenha enervado de tal modo que você não consiga mais nem se mexer, então fique aqui e durma. Por enquanto não vou dizer nem uma palavra sobre nossa briga ao meu pai; digo isso para você não se preocupar.” Em seguida, saiu do quarto com dois saltos, apesar da alegada fadiga.

Karl imediatamente se sentou, ficar deitado naquela posição já se tornara insuportável. Para se movimentar um pouco, foi até a porta e olhou para o corredor. Que escuridão! Estava contente quando voltou para junto da sua mesa iluminada pela vela, depois de fechar e trancar a porta. Decidiu não ficar mais naquela casa, procurar o Sr. Pollunder para dizer-lhe abertamente como Klara o tratara — não se incomodava com a confissão de sua derrota — e, por esse motivo, suficiente o bastante, pedir

sua permissão para voltar para casa de carro ou a pé. Caso o Sr. Pollunder se opusesse a esse retorno imediato para casa, Karl então lhe pediria que fosse conduzido por um criado até o hotel mais próximo. Proceder assim, como Karl planejara, não era a regra no tratamento com anfitriões benevolentes, mas era ainda mais inusitado que um convidado recebesse o tratamento que ele recebera das mãos de Klara. Ela até achara que sua promessa de, por enquanto, não contar nada sobre a briga deles para o Sr. Pollunder fora uma gentileza, o que era absolutamente ultrajante. Por acaso Karl fora convidado para uma luta livre, para ser envergonhado ao ser derrubado por uma moça que provavelmente passara a maior parte da vida praticando golpes? Era capaz até de ela ter tido aulas com o Mack. Ela que lhe contasse tudo; com certeza ele entenderia, isso Karl sabia, embora nunca tivera a oportunidade de o comprovar. Mas Karl também sabia que, se Mack o ensinasse, ele faria progressos muito maiores que os de Klara; então um dia voltaria para cá, provavelmente sem ser convidado, e naturalmente examinaria primeiro o lugar, cujo conhecimento exato tinha sido uma grande vantagem para Klara, em seguida, pegaria essa miserável e a jogaria no pequeno sofá no qual ela o atirara hoje.

Agora a questão era apenas encontrar o caminho de volta para a sala de jantar, onde provavelmente também deixara o seu chapéu num lugar inadequado, em meio a sua desorientação inicial. Claro que levaria a vela, mas mesmo com luz não era fácil se orientar. Sequer sabia, por exemplo, se o quarto se encontrava no mesmo nível da sala. No caminho para lá, Klara o arrastara de tal maneira que ele nem tivera tempo de olhar à sua volta. O Sr. Green e os criados carregando castiçais também o distraíram; em suma, ele agora de fato nem sabia se tinham passado por uma ou duas ou talvez nenhuma escada. A julgar pela sua vista, o quarto se encontrava num lugar bastante alto, o que o levou a imaginar que tinham subido escadas, mas à porta de entrada havia degraus, então talvez isso explicasse a altura desse lado da casa? Se ao menos pudesse ver uma luz por baixo de uma porta ou ouvir uma voz ao longe, ainda que baixinha em algum lugar do corredor!

Seu relógio de bolso, um presente de seu tio, marcava onze horas quando ele pegou a vela e foi para o corredor. Deixou a porta aberta para que pudesse encontrar, pelo menos, o seu quarto novamente, caso a sua busca fosse em vão e, depois, em caso de extrema necessidade, a porta do quarto de Klara. Por segurança, para que a porta não se fechasse sozinha, ele a escorou com uma cadeira. No corredor verificou-se o inconveniente de uma correnteza de ar adversa a Karl — é claro que virou à esquerda, afastando-se da porta de Klara — e, apesar de muito fraca, poderia apagar a vela com facilidade, de modo que Karl teve de proteger a chama com a mão e, além disso, parar volta e meia, para que a chama comprimida se recuperasse. O seu progresso era lento, e o caminho parecia duplamente longo. Karl já avançara por extensos trechos de parede sem portas, não se

podia imaginar o que haveria por trás deles. Em seguida, as portas voltaram a se suceder, uma depois da outra; tentou abrir várias, mas estavam trancadas, e os quartos, obviamente desocupados. Era um enorme desperdício de espaço e Karl pensou nos bairros da região leste de Nova York, que seu tio prometera mostrar-lhe, onde supostamente várias famílias viviam em um pequeno aposento e o lar de uma família se resumia a um canto de sala, onde as crianças se agrupavam em torno de seus pais. E ali havia tantos quartos vazios que só serviam para emitir um som oco quando alguém batia na porta. O Sr. Pollunder pareceu a Karl alguém que, desencaminhado por falsos amigos e deslumbrado por sua filha, se corrompera. O tio certamente o julgara corretamente, e apenas seu princípio de não influenciar o julgamento de Karl era responsável por essa visita e essas andanças pelos corredores. Karl pretendia dizer isso ao tio no dia seguinte, sem rodeios, porque, de acordo com esse princípio fundamental, o tio também ouviria de bom grado e com calma a avaliação feita pelo sobrinho. Apesar de esse princípio talvez ser a única coisa que lhe desagradava no tio, mesmo esse descontentamento não era absoluto.

De repente, a parede de um dos lados do corredor acabou, dando lugar a uma balaustrada de mármore, gelada. Karl colocou a vela ao seu lado e debruçou-se com cuidado. Um vazio imerso em escuridão bafejou-o. Se esse era o saguão principal da casa — a luz da vela revelava um pedaço de teto abobadado —, por que não haviam entrado por esse saguão? Para que servia esse aposento amplo e alto? Ali em cima a gente se sentia como se estivesse na galeria de uma igreja. Karl quase lamentou não poder permanecer na casa até o dia seguinte; gostaria que o Sr. Pollunder lhe mostrasse e explicasse toda ela à luz do dia.

A balaustrada, na verdade, não era longa e Karl logo tornou a tatear um corredor fechado. Em uma curva repentina no corredor, chocou-se com toda a violência contra a parede, e apenas o cuidado ininterrupto e obstinado com que segurava a vela impediu, por sorte, que ela caísse e se extinguisse. Como o corredor parecia não ter fim, em lugar algum uma janela oferecia uma vista para fora, nada se movia nem nas alturas nem nas profundezas, Karl chegou a pensar que estava andando sempre em círculos e alimentou a esperança de talvez reencontrar a porta aberta do seu quarto, mas nem ela nem a balaustrada tornaram a aparecer. Até então, Karl evitara chamar em voz alta, porque não queria tumultuar uma casa estranha àquela hora da noite, mas naquele instante reconheceu que isso não se justificava nessa casa sem iluminação e estava prestes a soltar um sonoro “olá!” para ambos os lados do corredor, quando reparou que, vindo da mesma direção que ele, uma pequena luz se aproximava. Só assim lhe foi possível estimar o comprimento do longo corredor; a casa era uma fortaleza, não uma mansão. A alegria de Karl por essa luz salvadora era tão grande que esqueceu toda a prudência e correu ao seu encontro; já nos primeiros passos, a sua vela se apagou. Nem se deu conta disso, porque já

não precisava mais dela, ali vinha um velho criado com uma lanterna ao seu encontro, que certamente lhe mostraria o caminho.

“Quem é o senhor?”, perguntou o criado, segurando a lanterna perto do rosto de Karl e iluminando ao mesmo tempo o seu próprio. Seu rosto parecia um tanto rígido, devido a uma grande barba branca que formava cachos sedosos até a altura do peito. ‘Deve ser um criado de confiança, para que tenha permissão de usar esse tipo de barba’, pensou Karl, examinando detidamente o comprimento e a largura da barba, sem se sentir tolhido pelo fato de que ele mesmo era observado. Respondeu imediatamente que era convidado do Sr. Pollunder, e que pretendia ir do seu quarto até a sala de jantar e não conseguia encontrá-la.

“Ah, bom”, disse o criado, “é que ainda não instalamos a luz elétrica”.

“Eu sei”, disse Karl.

“Não quer acender sua vela na minha lâmpada?”, perguntou-lhe o criado.

“Sim, obrigado!”, disse Karl, e assim o fez.

“Há muitas correntes de ar aqui nos corredores”, disse o criado, “a vela se apaga facilmente, é por isso que tenho uma lanterna”.

“Sim, uma lanterna é muito mais prática”, disse Karl.

“O senhor também está coberto de pingos de cera da vela”, disse o criado, examinando o terno de Karl com a lanterna.

“Nem tinha notado!”, exclamou Karl, lamentando o fato, já que era o terno preto que, para seu tio, lhe caía melhor. Lembrava-se naquele momento de que a briga com Klara tampouco devia ter feito bem ao terno. O criado foi prestativo o suficiente para limpá-lo o melhor possível naquela pressa; repetidas vezes Karl se virou na frente dele, mostrando-lhe aqui e ali uma mancha, que o criado removia obedientemente.

“Por que há tantas correntes de ar aqui?”, Karl perguntou, quando eles retomaram o caminho.

“Há ainda tanto a ser construído aqui”, disse o criado. “Embora a reforma já tenha começado, está muito lenta. Agora, ainda por cima, os trabalhadores da construção civil entraram em greve, como deve saber. Há muitos aborrecimentos com uma obra desse tipo. Agora foram abertas algumas grandes brechas, que ninguém empareda, e as correntezas de ar passam por toda a casa. Se eu não enchesse meus ouvidos de algodão, não suportaria.”

“Então, preciso falar mais alto?”, perguntou Karl.

“Não, sua voz é muito clara”, disse o criado. “Mas, voltando a falar desta construção; as correntes de ar são especialmente insuportáveis aqui perto da capela, que mais tarde será necessariamente isolada do restante da casa.”

“A balastrada pela qual se passa neste corredor leva então a uma capela?”

“Sim.”

“Foi o que pensei”, disse Karl.

“Vale a pena vê-la”, disse o criado, “se não fosse ela, o Sr. Mack provavelmente não teria comprado a casa”.

“O Sr. Mack?”, perguntou Karl, “achei que a casa pertencesse ao Sr. Pollunder.”

“É claro”, disse o criado, “mas a palavra de Mack foi decisiva para essa compra. Não conhece o Sr. Mack?”

“Certamente”, disse Karl. “Mas qual é o vínculo dele com o Sr. Pollunder?”

“Ele é o noivo da senhorita”, disse o criado.

“Disso eu não sabia”, disse Karl, detendo-se com perplexidade.

“Isso lhe causa tanto espanto?”, perguntou-lhe o criado.

“Não, estou apenas pensando. Quando não se conhece tais relacionamentos, pode-se cometer os maiores erros”, respondeu Karl.

“Estou surpreso que não tenham contado nada disso para o senhor”, disse o criado.

“Sim, de fato”, disse Karl, envergonhado.

“Provavelmente acharam que já sabia”, disse o criado, “não é novidade alguma. Por falar nisso, cá estamos”, e abriu uma porta atrás da qual se via uma escada que levava à porta dos fundos da sala de jantar, que se encontrava fortemente iluminada, como quando chegara.

Antes de Karl entrar na sala de jantar, onde se ouviam as vozes do Sr. Pollunder e do Sr. Green inalteradas havia aproximadamente duas horas, o criado disse: “Se quiser, eu o esperarei aqui e o conduzirei até o seu quarto em seguida. Afinal, é difícil orientar-se aqui logo na primeira noite”.

“Não vou voltar para o meu quarto”, disse Karl, sem saber por que essa informação o deixava triste.

“Não há de ser nada tão grave”, disse o criado, sorrindo com um ligeiro ar de superioridade e dando-lhe um tapinha no braço. Provavelmente concluíra, pelas palavras de Karl, que ele pretendia passar a noite toda na sala de jantar, conversando e bebendo com os cavalheiros. Karl não pretendia fazer confidências naquele momento; além disso, pensou que o criado, que lhe agradava mais do que os outros daquela casa, poderia lhe mostrar o caminho para Nova York e, por isso, disse: “Se você quiser esperar, com certeza será uma grande gentileza da sua parte e eu a aceitarei com gratidão. Em todo o caso, logo voltarei e então lhe direi o que farei em seguida. Acho que ainda precisarei da sua ajuda”. “Está bem”, disse o criado, colocando a lanterna no chão e sentando-se num pedestal baixo, cujo vazio provavelmente também estava relacionado com a reforma da casa. “Esperarei aqui, então. Pode deixar a vela comigo”, acrescentou o criado, quando Karl fez menção de entrar com a vela acesa na sala.

“Que cabeça, a minha!”, disse ele, entregando a vela ao criado, que apenas acenou com a cabeça, sem que fosse possível saber se era um gesto

intencional ou o efeito de sua mão acariciando a barba.

Karl abriu a porta, que tilintou com força, sem que fosse sua culpa, porque era feita de uma única placa de vidro que quase se curvava quando se abria a porta rapidamente, segurando apenas pelo trinco. Karl soltou a porta assustado, porque sua intenção havia sido justamente entrar em silêncio. Sem se voltar para trás, percebeu ainda como o criado, que evidentemente havia descido do pedestal, fechara a porta com cuidado e sem o menor ruído.

“Perdoem-me por incomodá-los”, disse ele aos dois cavalheiros, que o olhavam com seus rostos grandes e atônitos. Ao mesmo tempo, lançou um rápido olhar pela sala, para ver se acharia o seu chapéu em algum lugar. Entretanto, ele não se encontrava em lugar algum, a mesa de jantar já fora completamente tirada, talvez o chapéu, para sua aflição, fora também levado para a cozinha.

“Onde você deixou Klara?”, perguntou o Sr. Pollunder, não parecendo incomodar-se com a interrupção, pois mudou de posição na sua poltrona, ficando de frente para Karl. O Sr. Green se fingiu de desinteressado e sacou uma pasta que, para sua categoria, era monstruosa em tamanho e volume, parecendo procurar algo específico nas suas muitas subdivisões, mas sem deixar de ler também outros papéis que caíam nas suas mãos durante a procura.

“Tenho um pedido e gostaria que o senhor não me interpretasse mal”, disse Karl, aproximando-se rapidamente do Sr. Pollunder e colocando a mão no braço da poltrona para ficar bem perto dele. “E que pedido é esse?”, perguntou o Sr. Pollunder, olhando para Karl com olhar franco e sem reservas. “Ele naturalmente já está concedido.” E ele colocou o braço em torno de Karl e colocou-o entre os seus joelhos. Karl gostava disso, embora de modo geral se sentisse adulto demais para esse tipo de tratamento. Mas comunicar o seu pedido naturalmente era mais difícil.

“Que está achando daqui?”, perguntou o Sr. Pollunder. “Não lhe parece que o campo transmite, por assim dizer, uma sensação de liberdade quando a gente sai da cidade? De modo geral” — e com um inequívoco olhar de soslaio na direção do Sr. Green, um pouco encoberto pelo corpo de Karl — “De modo geral, sinto que essa sensação se renova todas as noites.”

‘Ele fala’, pensou Karl, ‘como se nada soubesse desse enorme casarão, dos infinitos corredores, da capela, dos quartos vazios, da escuridão por toda parte’.

“Bem”, disse o Sr. Pollunder, “vamos ao pedido!”, e amavelmente sacudiu Karl, que se mantinha calado.

“Eu imploro”, disse Karl e, por mais que baixasse a voz, não dava para evitar que o Sr. Green, sentado logo ao lado — de quem Karl teria gostado de ocultar o seu pedido, que poderia ser interpretado como uma desfeita a Pollunder —, ouvisse tudo: “Eu imploro que me deixe voltar

para casa ainda esta noite”.

E, uma vez proferida a pior parte, todo o resto seguiu ainda mais rapidamente; falou, sem recorrer à menor mentira, de coisas que ele nem cogitara antes. “Gostaria muito de ir para casa. Terei prazer em voltar para cá, porque onde o senhor estiver, Sr. Pollunder, lá também gostarei de estar. Só hoje não poderei ficar aqui. Como sabe, meu tio me deu permissão para esta visita com bastante relutância. Certamente teve os seus bons motivos, como para tudo que ele faz, e tomei a liberdade de praticamente forçar a permissão, contrariando o seu melhor entendimento. Abusei do amor que ele sente por mim. Não importam agora suas objeções contra essa visita, apenas sei com certeza que elas não envolvem nada que pudesse ofendê-lo, Sr. Pollunder, pois o senhor é o melhor amigo do meu tio, o melhor de todos. Ninguém mais pode se comparar remotamente ao senhor, nessa amizade que o une a meu tio. Essa é a única, embora insuficiente, desculpa para minha insubordinação. Talvez não esteja exatamente a par da relação entre o meu tio e eu, por isso só vou mencionar os aspectos mais evidentes. Enquanto meus estudos de inglês não estiverem concluídos e eu não tiver me inteirado o suficiente das práticas comerciais, estarei totalmente dependente da gentileza do meu tio, que posso, no entanto, desfrutar, na qualidade de parente consanguíneo. Não pense que já estou em condições de ganhar o meu pão decentemente — e Deus me preserve de jamais o fazer de outras formas. A minha educação infelizmente foi pouco orientada para esse fim. Cursei os quatro anos do ensino secundário europeu como um aluno medíocre, e isso significa muito menos que nada para um ganha-pão, porque nossas escolas secundárias têm um currículo muito atrasado. O senhor daria risadas, se eu lhe contasse o que eu aprendia. Quando a gente prossegue nos estudos, termina o ensino médio e ingressa na universidade, então tudo provavelmente se equilibra de alguma forma, e no final se tem uma formação sistemática, de real utilidade e que confere a determinação para ganhar dinheiro. Porém, infelizmente, fui arrancado dessa formação coesa; às vezes acredito que nada sei e, enfim, tudo que eu poderia saber ainda seria muito pouco para os americanos. Recentemente colégios secundários mais avançados foram introduzidos aqui e ali, na minha terra, onde se aprendem também idiomas modernos e talvez também ciências comerciais; quando saí da escola primária, isso ainda não existia. É verdade que meu pai queria que eu aprendesse inglês, mas, primeiro eu não poderia imaginar naquela época a desgraça que se abateria sobre mim e o quanto necessitaria do inglês e, em segundo lugar, eu tinha que estudar tanto para o ensino médio que não sobrava tanto tempo para outras ocupações. Falo tudo isso para lhe mostrar o quanto dependo do meu tio e, conseqüentemente, como estou em dívida para com ele. O senhor vai concordar que nessas circunstâncias não posso me permitir fazer sequer a menor coisa contra o que imagino ser a sua vontade. E por isso preciso compensar parcialmente

a falta que cometi com relação a ele, voltando para casa imediatamente.”

Durante esse longo discurso de Karl, o Sr. Pollunder o escutara atentamente, amiúde estreitando Karl, embora imperceptivelmente, contra o peito, especialmente quando o tio era mencionado, e olhando algumas vezes sério e como expectante para Green, que continuava, todavia, a se ocupar com sua pasta. Karl, no entanto, ficava cada vez mais inquieto, quanto mais tornava-se consciente de sua posição em relação ao tio enquanto falava, e procurava involuntariamente se desvencilhar do braço do Sr. Pollunder. Tudo ali o fazia sentir-se confinado; o caminho até o tio através da porta de vidro, descendo a escada, cruzando a alameda e as estradas no campo, atravessando os subúrbios até chegar à grande avenida e entrar na casa do tio, tudo lhe pareceu algo rigorosamente sistematizado, que estava pronto para ele, vazio e liso, e clamava por ele com voz forte. A bondade do Sr. Pollunder e o desprezo pelo Sr. Green se esfumaçavam; daquela sala de fumaça nada mais desejava do que a permissão para se despedir. Embora se sentisse fechado contra o Sr. Pollunder e pronto para enfrentar o Sr. Green, um medo indefinido, cujos solavancos turvavam seus olhos, o rondava por todos os lados.

Deu um passo para trás e agora se encontrava à mesma distância do Sr. Pollunder e do Sr. Green.

“Você não tinha algo a dizer a ele?”, perguntou O Sr. Pollunder ao Sr. Green, pegando-lhe na mão como que lhe implorando que dissesse alguma coisa.

“Eu não sei o que teria para dizer a ele”, disse o Sr. Green, que finalmente tirara uma carta de sua pasta e a colocara diante de si, em cima da mesa.

“É bastante louvável que ele queira voltar para a casa do tio e, de acordo com a previsibilidade humana, seria de se acreditar que daria uma alegria especial ao tio. A não ser que sua insubordinação já o tenha deixado contrariado demais, o que também é possível. Nesse caso, seria com certeza melhor que permanecesse aqui. É difícil afirmar algo com certeza; embora sejamos ambos amigos de seu tio e seja difícil perceber diferenças de grau de amizade entre a minha e a do Sr. Pollunder, não podemos saber o que se passa em seu coração, sobretudo pelos muitos quilômetros que nos separam de Nova York.”

“Por favor, Sr. Green”, disse Karl, dominando sua repulsa e aproximando-se dele. “Estou inferindo de suas palavras que também o senhor acha melhor que eu volte imediatamente.”

“Eu não disse nada disso”, replicou Green, dedicando-se a examinar a carta, cujas bordas alisava com dois dedos para a frente e para trás. Parecia sugerir com esse gesto que o Sr. Pollunder lhe perguntara algo a que ele respondera, mas que aquilo nada tinha a ver com Karl.

Nesse meio-tempo, o Sr. Pollunder aproximou-se de Karl e gentilmente tirou-o de perto do Sr. Green, levando-o até uma das grandes

janelas. “Caro Sr. Rossmann”, disse ele, inclinando-se até o ouvido de Karl e, como a ganhar tempo para o que ia dizer, enxugou o rosto com o lenço e aproveitou a ocasião para assoar o nariz. “Não pense que quero mantê-lo aqui contra a sua vontade. De forma nenhuma. Não posso lhe disponibilizar o carro, pois está longe daqui, em uma garagem pública, já que ainda não pude construir aqui, onde tudo ainda se encontra em fase de construção, uma garagem própria. O chofer, por sua vez, não dorme aqui na casa, mas próximo da garagem, eu nem mesmo sei direito onde. Além disso, não tem a obrigação de estar aqui a essa hora, seu dever é apenas apresentar-se de manhã cedo, no horário combinado. Mas tudo isso não seria obstáculo para o seu retorno imediato, porque, se insistir, vou acompanhá-lo até a estação do trem metropolitano, se bem que ela é tão distante que não chegará em casa muito mais cedo do que se vier comigo amanhã no meu carro — sairemos às sete horas.”

“Prefiro pegar o trem metropolitano, Sr. Pollunder”, disse Karl. “Eu nem tinha pensado nessa possibilidade. O senhor mesmo disse que chegarei mais cedo de trem do que saindo amanhã de carro.”

“A diferença é mínima.”

“Mesmo assim, Sr. Pollunder”, disse Karl, “sempre tornarei a visitá-lo com gosto em atenção à sua gentileza, pressupondo que naturalmente o senhor ainda me queira convidar depois do meu comportamento de hoje, e talvez no futuro eu possa explicar melhor por que hoje cada minuto mais cedo que eu possa encontrar meu tio é tão importante para mim”. E, como se já tivesse recebido a permissão para sair, acrescentou: “Mas não precisa me acompanhar de forma alguma. É completamente desnecessário. Lá fora há um criado que fará a gentileza de me acompanhar até a estação. Agora só preciso encontrar o meu chapéu”. E com essas últimas palavras se pôs a andar pela sala, numa última e apressada tentativa de ainda encontrar o chapéu.

“Ajuda se eu lhe oferecer um boné?”, disse o Sr. Green, tirando um boné do bolso. “Pode ser que lhe sirva.”

Atordoado, Karl parou e disse: “Não vou lhe tirar o seu boné. Posso muito bem ir com a cabeça descoberta. Não preciso de nada”.

“O boné não é meu. Vamos, pegue-o”.

“Nesse caso, obrigado”, disse Karl, para não se atrasar, e pegou o boné. Vestiu-o e não teve como não rir, já que servia perfeitamente, tornou a pegá-lo na mão e a olhar para ele, mas não podia encontrar aquilo de especial que procurava; era um boné completamente novo. “Ele serve direitinho!”, disse ele.

“Então, serve!”, exclamou o Sr. Green, batendo na mesa.

Karl já se dirigia para a porta em busca do criado, quando o Sr. Green se levantou, espreguiçando-se após a farta refeição e o longo descanso, bateu fortemente contra o peito e disse em um tom entre conselho e ordem: “Antes de ir embora, precisa se despedir da senhorita Klara”.

“De fato, precisa fazer isso”, concordou o Sr. Pollunder, que também se levantara. Percebia-se que as palavras não eram ditas de coração, as suas mãos pendiam frouxamente contra a costura da calça e ele desabotoava e abotoava incessantemente o paletó, que, seguindo a moda do momento, era bem curto, mal chegando até os quadris, vestindo imperfeitamente pessoas obesas como o Sr. Pollunder. Aliás, quando estava assim ao lado do Sr. Green, tinha-se a nítida impressão de que, no caso do Sr. Pollunder, não se tratava de uma gordura saudável; com toda a sua massa, as costas eram ligeiramente curvadas; a barriga, flácida e mole, um verdadeiro fardo, e o rosto se mostrava pálido e atormentado. Em contrapartida, o Sr. Green talvez ainda fosse um pouco mais gordo que o Sr. Pollunder, mas era uma gordura proporcional, com as partes do corpo se sustentando mutuamente, os calcanhares juntos como um soldado, a cabeça ereta e balançando; parecia um grande ginasta, até mesmo um atleta.

“Então, vá primeiro”, continuou o Sr. Green, “ver a Srta. Klara. Isso decerto o agradará e se encaixa muito bem na minha agenda. Pois, de fato, tenho algo interessante a lhe comunicar antes de você partir, que provavelmente também será decisivo para sua decisão sobre o seu retorno. Infelizmente, estou obrigado por ordem superior a não lhe revelar nada antes da meia-noite. Você pode imaginar que sinto muito por isso, porque interfere com o meu sono, mas sou fiel à minha missão. Agora são onze e quinze, portanto posso terminar de discutir meus negócios com o Sr. Pollunder, um assunto em que a sua presença só incomodaria, e você ainda pode ter uma conversa agradável com a Srta. Klara. À meia-noite em ponto esteja aqui, onde será informado do necessário”.

Poderia Karl recusar essa exigência, que realmente só demandava dele o mínimo de cortesia e gratidão para com o Sr. Pollunder e que, além disso, fora feita por um homem habitualmente grosseiro, e que nada tinha a ver com o assunto, enquanto o Sr. Pollunder, a quem o assunto importava, se abstinha o máximo possível, tanto sem palavras quanto olhares? E o que era aquele algo interessante que só lhe seria comunicado à meia-noite? Se não acelerasse sua volta para casa pelo menos os quarenta e cinco minutos em que agora era adiada, pouco interesse tinha para ele. Sua maior dúvida, contudo, era se deveria procurar Klara, já que ela era sua inimiga. Se pelo menos carregasse consigo o cinzel que o tio lhe dera como peso de papel. O quarto de Klara poderia ser uma caverna muito perigosa. Mas no momento era impossível dizer qualquer coisa contra Klara, já que era a filha de Pollunder e, como ele acabara de saber, a noiva de Mack. Se ela o tivesse tratado ao menos de maneira um pouco diferente, ele a teria admirado por seus bons relacionamentos. Ainda refletia sobre tudo isso quando percebeu que não esperavam reflexões de sua parte, pois Green, abrindo a porta, disse para o criado, que saltou do pedestal: “Conduza este jovem até o quarto da Srta. Klara”.

‘É assim que se executam ordens’, pensou Karl, enquanto o

empregado o conduzia, quase correndo, sob o peso da idade, por um caminho bem mais curto até o quarto de Klara. Ao passar pelo seu quarto, cuja porta ainda estava aberta, quis entrar por um momento, talvez para se acalmar. Mas o criado não permitiu.

“Não”, disse ele, “o senhor deve ir ao quarto da Srta. Klara. O senhor mesmo ouviu”.

“Pretendo ficar só um instante lá dentro”, disse Karl, e pensou em se jogar no sofá para se tranquilizar, de modo que o tempo avançasse mais rápido até a meia-noite.

“Não dificulte o cumprimento da ordem que recebi”, disse o criado.

‘Ele parece pensar que é um castigo para mim, ter de ver a Srta. Klara’, pensou Karl e deu alguns passos, mas parou num gesto de teimosia.

“Vamos, meu jovem”, disse o criado, “já que está aqui. Sei que quer ir embora ainda esta noite, mas nem tudo acontece como a gente quer, eu já lhe disse que isso dificilmente seria possível”.

“Sim, eu quero ir embora e vou embora”, disse Karl, “e quero apenas me despedir da Srta. Klara”.

“É mesmo?”, retorquiu o criado, e Karl percebeu que ele não acreditava em uma só palavra do que dizia. “Por que então hesita em se despedir? Venha.”

“Quem está no corredor?”, ouviu-se a voz de Klara, e era possível vê-la espreitando de uma porta próxima, segurando um grande abajur com a cúpula vermelha. O criado correu até ela e a colocou a par do assunto. Karl o seguiu lentamente. “O senhor demorou”, disse Klara.

Sem lhe responder de imediato, Karl disse baixinho ao criado, mas, como já conhecia sua natureza, num tom de comando severo: “Espere por mim diante desta porta!”.

“Eu já ia me deitar”, disse Klara, colocando a lâmpada em cima da mesa. Como na sala de jantar, o criado fechou cuidadosamente a porta pelo lado de fora. “Já passa das onze e meia.”

“Já passa das onze e meia?”, repetiu Karl interrogativamente, como que assustado com as horas. “Então preciso me despedir agora mesmo”, disse Karl, “porque à meia-noite em ponto preciso estar lá embaixo, na sala de jantar”.

“Que pressa é essa!”, disse Klara, arrumando distraidamente as dobras de sua camisola solta. O rosto estava afogueado e sorria o tempo todo. Karl julgou perceber não haver perigo de tornar a brigar com Klara. “O senhor² não poderia tocar ainda um pouco de piano, como ontem meu pai e hoje o senhor mesmo me prometeram?”

“Mas já não está tarde demais?”, perguntou Karl. Ele teria gostado de agradá-la, porque naquele instante estava bem diferente de antes, como se, de alguma forma, houvesse ascendido à esfera social de Pollunder e de Mack.

“Sim, já está mesmo tarde”, ela disse, e parecia ter perdido a vontade

de ouvir música. “Além disso, cada som que aqui se ouve ecoa na casa inteira, tenho certeza de que, se tocar, vai despertar a criadagem lá em cima, no sótão.”

“Então é melhor deixarmos a música para outra oportunidade, eu voltarei, com certeza; por falar nisso, se não for incômodo, venha fazer uma visita ao meu tio e aproveite a ocasião para passar no meu quarto. Tenho um piano magnífico. Foi o meu tio que me deu. Então, se quiser, tocarei todas as minhas pequenas peças para a senhorita, infelizmente não são muitas, nem combinam com um instrumento tão grande, que deveria ser tocado apenas pelas mãos dos virtuosos. Mas esse prazer também lhe poderá ser proporcionado, se me avisar de antemão de sua visita, pois o meu tio pretende contratar, em breve, um famoso professor para mim — nem pode imaginar a minha felicidade — e sua apresentação fará sua visita durante a aula valer a pena. Para ser sincero, estou até contente que já seja tarde demais para tocar, porque ainda não sei tocar bem, a senhorita ficaria espantada com o pouco que sei. E agora me permita dizer-lhe adeus, afinal de contas já está na hora de dormir.” E, como Klara o olhava com bondade e até parecia não guardar mágoa da briga, acrescentou, sorrindo, enquanto lhe estendia a mão: “No meu país de origem, costuma-se dizer: ‘Durma bem e tenha sonhos cor-de-rosa’”.

“Espere”, disse ela, sem aceitar a sua mão, “talvez devesse mesmo tocar”. E desapareceu por uma pequena porta lateral, ao lado da qual ficava o piano.

‘O que houve?’, pensou Karl. ‘Não tenho muito tempo, por mais meiga que ela esteja’. Ouviu-se uma batida na porta do corredor e o criado, que não se atrevia a abrir a porta por inteiro, sussurrou através de uma fresta: “Desculpe-me, preciso atender a um chamado e não posso mais esperar”.

“Pode ir”, disse Karl, que agora se considerava capaz de encontrar o caminho para a sala de jantar sozinho. “Apenas deixe-me a lanterna do lado de fora da porta. A propósito, que horas são?”

“Quase quinze para a meia-noite”, disse o criado.

“Como o tempo demora a passar!”, disse Karl. O criado já ia fechar a porta quando Karl se lembrou de que ainda não lhe dera uma gorjeta. Tirou um xelim do bolso da calça — passara a carregar moedas no bolso da calça seguindo o costume americano, as cédulas, por outro lado, no bolso do colete — e entregou-o ao criado com as palavras: “Por seus bons serviços”.

Klara já retornara, com as mãos no penteado apertado, quando ocorreu a Karl que não deveria ter dispensando o criado, pois quem o levaria agora até a estação do trem metropolitano? Bem, o Sr. Pollunder provavelmente ainda encontraria algum criado, talvez esse criado, a propósito, tivesse sido chamado à sala de jantar e estaria disponível em seguida.

“Peço mesmo que toque alguma coisa. Aqui raramente se ouve

música, então não se quer desperdiçar nenhuma oportunidade de ouvi-la.”

“Então está em cima da hora”, disse Karl, sem qualquer hesitação, e sentou-se imediatamente ao piano.

“Quer uma partitura?”, Klara perguntou.

“Não, obrigado, nem sei ler partituras direito”, respondeu, já tocando. Era uma pequena canção que, como Karl bem sabia, precisava ser tocada bem devagar, para ser minimamente compreensível, especialmente para quem nunca a havia escutado, mas ele a atropelou, tocando-a no pior tempo da marcha. Após a conclusão, o perturbado silêncio da casa se recompôs, voltando a seu lugar. Eles permaneceram sentados, como que atordoados.

“Nada mau”, disse Klara, mas não havia expressão de cortesia que pudesse lisonjear Karl depois dessa apresentação.

“Que horas são?”, perguntou.

“Faltam quinze para a meia-noite.”

“Então ainda tenho um tempinho”, disse ele, pensando consigo mesmo: ‘Ou uma coisa, ou outra. Não preciso tocar as dez músicas que sei, mas posso tocar uma da melhor maneira possível’. E começou a tocar sua canção militar preferida com tanta lentidão que a ansiedade despertada no ouvinte se prolongava até a próxima nota, que Karl retinha e só entregava com dificuldade. De fato, para cada canção ele tinha primeiro de procurar as teclas necessárias com os olhos, mas, além disso, sentia que dentro dele nascia um sofrimento de quem busca, além do final da canção, um outro final, sem conseguir encontrá-lo. “Não sei tocar nada”, disse Karl no final da música, e olhou para Klara com lágrimas nos olhos.

Aí soaram fortes palmas do quarto vizinho. “Tem mais alguém escutando!”, exclamou Karl, agitado.

“É Mack”, disse Klara suavemente. E já se ouvia Mack chamando: “Karl Rossmann, Karl Rossmann!”.

Karl passou os dois pés, ao mesmo tempo, por cima da banquetta do piano e abriu a porta. Lá viu Mack meio recostado, sentado em uma grande cama de casal, a coberta atirada ligeiramente sobre as pernas. O dossel de seda azul, que lhe conferia um quê de conto de fadas, era o único luxo dessa cama de madeira pesada, de resto simples e talhada de forma angular. Apenas uma vela acesa se encontrava na mesa de cabeceira, mas os lençóis e a camisa de Mack eram tão brancos que a luz da vela que caía sobre eles brilhava com um reflexo quase ofuscante; também o dossel brilhava, pelo menos na beirada, com o seu tecido de seda levemente ondulado, não tão esticado. Logo atrás de Mack, a cama e tudo mais mergulhavam numa completa escuridão. Klara se apoiou num dos pés da cama e só tinha olhos para Mack.

“Olá”, disse Mack, estendendo a mão a Karl. “Toca direitinho, até agora só conhecia seu talento na equitação.”

“Faça uma tão mal quanto a outra”, disse Karl. “Se soubesse que

estava escutando, com certeza não teria tocado. Mas sua noí...” — fez uma pausa, hesitando em dizer “noiva”, pois que Mack e Klara evidentemente já dormiam juntos.

“Eu já desconfiava disso”, disse Mack, “é por isso que Klara teve de atraí-lo de Nova York até aqui, caso contrário, eu nem o teria ouvido tocar. É bem coisa de iniciante, e até mesmo nessas canções muito simples que você já tinha ensaiado cometeu alguns erros, mas me deu grande prazer, sem falar que não desprezo o desempenho de ninguém. Não quer se sentar e passar um tempinho conosco? Klara, dê-lhe uma cadeira”.

“Obrigado”, disse Karl, hesitante. “Não posso ficar, por mais que queira. Soube tarde demais que existem quartos tão aconchegantes nesta casa.”

“Estou reformando a casa toda nesse estilo”, disse Mack.

Naquele momento, soaram doze badaladas de um sino, uma imediatamente atrás da outra, cada qual reverberando na badalada anterior. Karl chegou a sentir nas bochechas a vibração do movimento intenso do sino. Que aldeia era essa que tinha um sino como esse!

“Estou em cima da hora”, disse Karl, estendendo as mãos para Mack e Klara, embora sem apertá-las, e correndo para o corredor. Lá não encontrou a lanterna e lamentou ter dado a gorjeta ao criado cedo demais.

Pretendia tatear o caminho até a porta aberta do seu quarto, esgueirando-se pela parede, porém mal percorrera a metade do caminho, quando viu o Sr. Green cambaleando rapidamente na sua direção, com uma vela na mão. A mesma mão que segurava a vela trazia uma carta.

“Rossmann, por que não vem? Por que me deixou esperando? O que andou fazendo no quarto da Srta. Klara?”

‘Quantas perguntas!’, pensou Karl, ‘e agora ainda está me empurrando contra a parede’, porque, de fato, estava bem na frente de Karl, cujas costas estavam apoiadas na parede. Naquele corredor, Green assumia tamanha proporção que Karl se perguntou de brincadeira se ele, por acaso, não teria devorado o bom Sr. Pollunder.

“Percebe-se que não é um homem de palavra. Prometeu descer à meia-noite e, em vez disso, fica rondando a porta da Srta. Klara. Eu, pelo contrário, lhe prometi algo interessante para a meia-noite e cá estou com o prometido.”

E assim entregou a carta a Karl. No envelope estava escrito: “Para Karl Rossmann, entregar pessoalmente à meia-noite, onde quer que ele se encontre”.

“Afim de contas”, disse o Sr. Green, enquanto Karl abria a carta, “creio que o fato de eu vir de Nova York para cá por sua causa merece algum agradecimento, de maneira que não precisava ter me deixado correr atrás do senhor nos corredores”.

“Do tio!”, disse Karl, assim que olhou a carta. “Eu já esperava isso”, disse ele, voltando-se para o Sr. Green.

“Se esperava isso ou não, me é totalmente indiferente. Ande logo com essa leitura”, disse-lhe, estendendo a vela para Karl.

Karl leu à luz da vela:

“Querido sobrinho!

Como você já deve ter percebido durante nosso breve convívio, muito breve infelizmente, sou um homem de princípios. Isto não é apenas muito desagradável e triste para os que me rodeiam, mas também para mim. Porém devo tudo o que sou aos meus princípios, e ninguém pode exigir que eu mesmo renegue minha maneira de ser, ninguém, nem mesmo você, meu amado sobrinho, mesmo que você fosse o primeiro da fila, caso eu me permitisse ser vítima de um atentado. Nesse caso, é justamente você que eu gostaria de aparar no ar e erguer com estas duas mãos com as quais seguro o papel e o cubro de palavras. Mas como, por enquanto, não há nada que indique que isso possa acontecer, preciso sem falta mandá-lo embora após o incidente de hoje, e lhe peço encarecidamente que não tente retomar contato comigo, seja pessoalmente, seja por carta, seja por meio de intermediários. Você decidiu me deixar esta noite contra a minha vontade, então mantenha essa decisão durante toda sua vida; só então será uma decisão digna de um homem. Escolhi como portador desta mensagem o Sr. Green, meu melhor amigo, que certamente encontrará palavras delicadas o suficiente, palavras que neste momento me faltam. É um homem influente e, nem que seja por minha causa, o apoiará em seus primeiros passos independentes com conselhos e ações. Para entender nossa separação, que agora, no final desta carta, me parece mais uma vez incompreensível, tenho de dizer a mim mesmo repetidas vezes que, da sua família, Karl, não se pode esperar nada de bom. Se o Sr. Green se esquecer de lhe entregar a sua mala e seu guarda-chuva, por favor, lembre-o. Com os melhores votos por seu futuro bem-estar.

Seu fiel tio Jakob.”

“O senhor terminou?”, perguntou Green.

“Terminei”, disse Karl. “O senhor trouxe a mala e o guarda-chuva?”, perguntou Karl.

“Aqui está”, disse Green, colocando a velha mala de Karl, que ele até então escondera com a mão esquerda atrás das costas, no chão ao lado de Karl.

“E o guarda-chuva?”, Karl tornou a perguntar.

“Está tudo aqui”, disse Green, retirando também o guarda-chuva que pendurara num bolso da calça. “As coisas foram entregues por um certo Schubal, maquinista chefe da Hamburgo-América-Linie, que alegou as ter encontrado no navio. Você pode agradecer-lhe quando tiver oportunidade, não se esqueça de agradecer-lhe”.

“Bem, pelo menos recuperei meus velhos pertences”, disse Karl, e

colocou o guarda-chuva em cima da mala.

“Sim, mas o senhor precisa tomar mais cuidado com eles daqui para a frente, foi o que o senador mandou dizer”, disse o Sr. Green, e depois perguntou, aparentemente movido por curiosidade própria: “Que mala estranha é essa?”.

“É um tipo de mala usado pelos soldados de minha terra quando vão para o exército”, respondeu Karl, “é a velha mala militar do meu pai. Ela costuma ser bem prática”, ele acrescentou com um sorriso, “desde que a gente não a largue em algum lugar”.

“Enfim, deve ter aprendido a lição”, disse Green, “e provavelmente não tem um segundo tio na América. Aqui lhe dou ainda uma passagem de terceira classe para São Francisco. Decidi por essa viagem, em primeiro lugar, porque as oportunidades para ganhar a vida no oeste são muito melhores e, em segundo lugar, porque aqui seu tio está envolvido em todas as coisas que poderiam lhe interessar e um encontro deve ser evitado a todo custo. Em Frisco³ o senhor poderá trabalhar sem ser incomodado; comece bem de baixo e tente evoluir gradualmente”.

Karl não pôde detectar malícia naquelas palavras, as más notícias que Green escondera a noite inteira foram entregues, e de agora em diante Green parecia um homem inofensivo, com quem talvez se pudesse falar mais abertamente do que com qualquer outro. A melhor pessoa que, sem querer, fosse escolhida como portadora de uma decisão tão secreta e atormentadora pareceria suspeita enquanto não a revelasse. “Deixarei”, disse Karl, esperando a confirmação de um homem experiente, “esta casa imediatamente, porque fui acolhido aqui apenas como o sobrinho do meu tio, como estranho nada mais tenho que fazer aqui. O senhor me faria a gentileza de me mostrar a saída e depois me guiar até o caminho para a próxima hospedaria?”

“Mas depressa”, disse Green. “Não são poucos os incômodos que me causa.”

Ao perceber como Green andava a passos largos, Karl parou, tanta pressa parecia-lhe sobremaneira suspeita, agarrou Green pelo casaco e, compreendendo de repente a verdadeira situação, disse: “Há uma coisa que o senhor ainda precisa me explicar: no envelope da carta que o senhor ficou encarregado de me entregar, estava escrito apenas que eu deveria recebê-lo após a meia-noite, onde quer que eu o encontrasse. Então, por que o senhor me segurou aqui, invocando esta carta, quando eu quis sair daqui às onze e quinze? O senhor, ao fazer isso, excedeu a sua incumbência”.

Green apresentou a sua resposta com um gesto de mão que representava de forma exagerada a inutilidade da observação de Karl, e então disse: “Será que estava escrito no envelope que eu deveria me matar de pressa por sua causa e que o conteúdo da carta indicaria que a inscrição deveria ser entendida dessa maneira? Se eu não o tivesse retido, teria de

ter-lhe entregado a carta à meia-noite na estrada”.

“Não”, disse Karl imperturbável, “não é bem assim. No envelope está escrito: Para ser entregue depois da meia-noite. Se o senhor estivesse tão cansado, talvez nem tivesse condições de me seguir, ou eu já teria chegado à casa do meu tio à meia-noite, o que, a bem da verdade, até o Sr. Pollunder considerava improvável, ou não seria seu dever, afinal de contas, me levar de volta em seu automóvel, que, de repente, deixou sequer de ser mencionado, até a casa do meu tio, já que eu queria tanto voltar. A inscrição não indica claramente que a meia-noite seria o meu último prazo? E foi por sua culpa que o perdi”.

Karl dirigiu a Green um olhar penetrante e pôde perceber como nele a vergonha de seu desmascaramento lutava com a alegria de ter sido bem-sucedido. Finalmente, ele se recompôs e, num tom como se estivesse interrompendo Karl, que já se calara havia tempo, disse: “Nem uma palavra a mais!”, e — abrindo com um tranco uma pequena porta na sua frente — empurrou Karl, que já estava novamente com a mala e o guarda-chuva, para fora.

Espantado, Karl viu-se ao ar livre. Em sua frente, uma escada externa e sem corrimão, levava ao jardim. Era só descer e depois virar um pouco à direita até a alameda que levava à estrada. Sob a clara luz do luar, era impossível se perder. Lá embaixo, no jardim, ouviam-se os latidos de vários cães, que, soltos, corriam na escuridão entre as árvores. No silêncio que o cercava, dava para ouvir nitidamente, como eles, depois dos grandes saltos que davam, se estatelavam no gramado.

Sem ser perseguido pelos cães, Karl conseguiu sair a salvo do jardim. Não sabia dizer, com precisão, para que lado ficava Nova York. Na viagem de ida, prestara pouca atenção aos detalhes que agora poderiam lhe ser úteis. Por último, pensou que não precisava ir necessariamente para Nova York, onde ninguém o esperava, e pelo menos uma pessoa com toda a certeza não o esperava. Então, escolheu uma direção qualquer e pôs-se a caminho.

¹ Nesse momento da briga, o tratamento passa de formal a informal. Karl e Klara se tratam por “você” até o final do episódio. (N. T.) ² Nesse novo encontro Karl e Klara reverterem à forma de tratamento formal (*Sie*, no original). (N.T.) ³ Diminutivo de São Francisco. (N.T.)

O CAMINHO PARA RAMSES

Na pequena hospedaria aonde chegou depois de uma breve caminhada — e que, na verdade, era apenas uma pequena e última estação para o tráfego de vagões de Nova York e que, portanto, costumava ser pouco usada para pernoite — Karl solicitou o leito mais barato disponível, pois acreditava que precisava começar a poupar desde já. Correspondendo à sua demanda, o senhorio indicou, com um gesto de mão como se Karl fosse um empregado, que subisse a escada, onde o recebeu uma velha desgrehada, irritada com a interrupção do seu sono, que, quase sem ouvi-lo, o conduziu com admoestações ininterruptas para entrar silenciosamente, até um quarto, cuja porta ela fechou, não sem antes de soprar um “psiul!”.

A princípio, Karl não soube precisar se as cortinas da janela estavam apenas fechadas ou talvez o quarto não tivesse janela alguma, de tão escuro que estava; finalmente, notou uma pequena escotilha coberta com um pano, que afastou, deixando entrar alguma luz. O quarto tinha duas camas, mas ambas já ocupadas por dois jovens que dormiam um sono pesado e inspiravam pouca confiança, sobretudo porque dormiam vestidos, sem razão compreensível; um deles até usava botas.

No momento em que Karl descobriu a escotilha, um dos adormecidos ergueu um pouco os braços e as pernas, oferecendo um tal espetáculo que Karl riu-se por dentro, apesar de suas preocupações.

Logo percebeu que, além de não ter outro lugar para dormir — não havia nem canapé nem sofá —, entregar-se ao sono estava fora de questão, porque não podia expor a mala recém-recuperada e o dinheiro que carregava consigo ao perigo. Mas ir embora também não queria, porque não se atreveria a passar de novo pela velha desgrehada e pelo senhorio com a intenção de já deixar a casa novamente. Afinal, a insegurança ali talvez não fosse maior do que na estrada. Chamava a atenção, na verdade, que em todo o quarto, tanto quanto se podia vislumbrar à meia-luz, não se via nem uma única peça de bagagem. Mas talvez, e muito provavelmente, aqueles dois jovens fossem os criados da hospedaria, que em breve teriam de se levantar por causa dos hóspedes e que, por isso, dormiam vestidos. Nesse caso, não era muito honroso dormir no mesmo quarto que eles, mas era um tanto mais inofensivo. Só que ele não poderia de modo algum adormecer, enquanto esse ponto não estivesse totalmente esclarecido.

Debaixo da cama, havia uma vela e fósforos, que Karl silenciosamente foi buscar. Não tinha problemas em acender a vela, porque, por ordem do senhorio, o quarto lhe pertencia tanto quanto aos

outros dois, que já haviam desfrutado do sono durante metade da noite e, graças à posse das camas, se encontravam numa vantagem incomparável em relação a ele. De resto, é claro que foi cauteloso ao andar e mexer nos objetos, esforçando-se para não os despertar.

Primeiro, queria examinar sua mala para ter uma ideia geral de seus pertences, dos quais só se lembrava vagamente e dos quais decerto os mais valiosos já deveriam estar perdidos. Pois quando Schubal colocava a mão em algo, havia pouca esperança de que o objeto seria recuperado intacto. Certamente contara com uma boa gorjeta de seu tio e, caso faltassem alguns objetos, poderia acusar o Sr. Butterbaum, o verdadeiro encarregado de guardar a mala.

Karl ficou horrorizado ao lançar o primeiro olhar sobre a mala aberta. Quantas horas não passara durante a travessia, arrumando e rearrumando a mala, e agora tudo estava tão bagunçado e ali jogado de tal jeito que a tampa saltava por si só quando a fechadura era aberta.

Mas logo Karl reconheceu, para sua alegria, que a desordem só fora causada pela necessidade de guardar na mala, posteriormente, o terno que usara durante a viagem e para o qual naturalmente não fora reservado espaço. Não deu falta de absolutamente nada. No bolso secreto do sobretudo encontrava-se não apenas o passaporte, mas também o dinheiro que trouxera de casa, de modo que, se Karl acrescentasse o que trazia consigo, estaria bem calçado para o momento. Também a roupa de baixo, que trouxera no corpo quando chegara, estava ali, lavada e passada. Imediatamente guardou o relógio e o dinheiro no bolso comprovadamente secreto. O único fato lamentável era que o salame de Verona, que tampouco desaparecera, empesteara todas as coisas. Se não conseguisse se livrar daquele mau cheiro de alguma forma, Karl teria de conviver com o odor desagradável durante meses.

Ao procurar por alguns objetos que se encontravam no fundo da mala — uma Bíblia de bolso, papel de carta e as fotografias dos pais —, seu boné caiu da cabeça para dentro da mala. Em seu antigo ambiente, ele o reconheceu imediatamente, era o seu boné, o boné que a mãe lhe dera para usar durante a viagem. No entanto, não o usara no navio por precaução, já que sabia que na América as pessoas geralmente usam bonés em vez de chapéus, e por isso não quis gastar o seu antes da chegada. No entanto, o Sr. Green o tinha usado para se divertir às custas de Karl. Será que o tio também o encarregara disso? E com um gesto de raiva não intencional soltou a tampa da mala, que se fechou ruidosamente.

Agora não havia mais remédio, ele acordara os dois que estavam dormindo. Primeiro um deles se espreguiçou e bocejou e logo o outro fez o mesmo. Ocorre que quase todo o conteúdo da mala estava espalhado sobre a mesa; se fossem ladrões, só precisavam se aproximar e escolher o que quisessem. Não apenas para se antecipar a essa possibilidade, mas também para já colocar tudo o mais em pratos limpos, Karl se aproximou das

camas com a vela na mão e explicou com que direito estava ali. Eles não pareciam esperar essa explicação, porque, ainda sonolentos demais para falar, apenas o olhavam sem qualquer surpresa. Ambos eram muito jovens, mas ou o trabalho duro ou a necessidade salientaram prematuramente os seus ossos da face, barbas desalinhadas circundavam seus queixos, os cabelos, não cortados havia muito tempo, cobriam suas cabeças em emaranhados, e eles esfregavam e apertavam os seus olhos fundos e sonolentos com os nós dos dedos.

Karl quis aproveitar o atual estado de fragilidade deles e por isso lhes disse: “Meu nome é Karl Rossmann e sou alemão. Por favor, já que estamos dividindo o mesmo quarto, me digam também o seu nome e sua nacionalidade. Apenas vou logo explicando que não tenho direito a uma cama porque cheguei muito tarde, e não tenho a menor intenção de dormir. Além disso, não devem se importar com o meu terno elegante, minha pobreza é total e não tenho quaisquer perspectivas”.

O menor dos dois — o que usava as botas — deu a entender com braços, pernas e caretas que não estava interessado em nada daquilo e que aquele não era o melhor momento para tais conversas, deitou-se e adormeceu imediatamente; o outro, um homem de pele escura, também voltou a deitar, mas antes de adormecer disse, com um indolente aceno de mão: “Aquele lá se chama Robinson e é irlandês, meu nome é Delamarche, sou francês e agora peço-lhe que faça silêncio”.

Mal dissera isso, apagou a vela de Karl com um grande sopro e tornou a colocar a cabeça no travesseiro.

‘Então, por enquanto, o perigo foi evitado’, pensou Karl, e voltou para a mesa. Se a sonolência deles não era um pretexto, estava tudo bem. A única coisa desagradável era que um deles era irlandês. Karl não se lembrava exatamente em qual livro lera certa vez, em sua casa, que na América tinha de tomar cuidado com os irlandeses. Durante a sua estadia com o tio, tivera, claro, a melhor oportunidade para esclarecer a questão da periculosidade dos irlandeses, mas a tinha desperdiçado totalmente, porque acreditara estar abrigado para sempre. Por isso, quis pelo menos examinar melhor aquele irlandês, com a vela que acendera novamente, e concluiu que ele tinha uma aparência mais suportável a do que francês. Ainda tinha o rosto redondo e um sorriso bastante inocente enquanto dormia, tanto quanto Karl podia vislumbrar, a alguma distância e nas pontas dos pés.

Apesar de tudo, firmemente decidido a não dormir, Karl sentou-se na única cadeira do quarto, adiando provisoriamente a arrumação da mala, já que tinha a noite toda para isso, e folheou um pouco a Bíblia, sem nada ler. Depois pegou a foto dos pais, na qual o pai, baixinho, estava de pé, apumado, enquanto a mãe estava sentada, um pouco encolhida, na poltrona à sua frente. O pai apoiava uma de suas mãos no encosto da poltrona e a outra, com o punho cerrado, descansava sobre um livro de gravuras, que se encontrava aberto ao seu lado, em cima de uma delicada

mesinha de decoração. Havia outra fotografia, em que Karl estava junto com seus pais. Nesta, o pai e a mãe o olhavam com olhar penetrante, enquanto ele tivera de olhar para a câmera, obedecendo a instrução do fotógrafo. Mas não a trouxera consigo na viagem.

Passou a examinar a que estava à sua frente com mais atenção, procurando captar o olhar do pai de diferentes ângulos. Mas, por mais que mudasse o ângulo de visão, colocando a vela em posições diferentes, a imagem do pai não adquiria vida, seu basto bigode horizontal tampouco correspondia à realidade, não era uma boa fotografia. A mãe, pelo contrário, estava mais bem retratada, sua boca estava tão distorcida como se alguém tivesse lhe feito algum mal e ela se forçasse a sorrir. Pareceu a Karl que, para quem olhasse a foto, tudo isso era tão evidente que já no momento seguinte a clareza dessa impressão seria forte demais e quase absurda. Como era possível adquirir a convicção irrefutável de um sentimento oculto do representado por meio de uma imagem! E desviou o olhar da fotografia durante algum tempo. Quando seu olhar retornou à imagem, notou a mão da mãe, que pendia bem na frente do braço da poltrona, tão próxima que dava vontade de beijá-la. Pensou se talvez não fosse bom escrever para os pais, como ambos realmente haviam exigido (sobretudo o pai, com muito rigor, em Hamburg). É verdade que, naquela terrível noite em que a mãe anunciara a viagem para a América, ele havia jurado para si mesmo irrevogavelmente que jamais escreveria, mas o que valia tal juramento de um rapaz inexperiente, aqui, nessas novas condições! Poderia ter jurado da mesma forma que, depois de dois meses de permanência na América, seria general do exército americano, enquanto de fato se encontrava em um quarto do sótão na companhia de dois vagabundos, em uma hospedaria nos arredores de Nova York, local que, como tinha de admitir, era realmente apropriado para ele. E, sorrindo, examinou os rostos de seus pais, como se fosse possível reconhecer se ainda tinham o desejo de receber notícias de seu filho.

Durante essa contemplação, logo se deu conta de que estava muito cansado e dificilmente atravessaria a noite acordado. A foto caiu das suas mãos, então ele deitou o rosto sobre ela, cuja frieza lhe proporcionava uma agradável sensação na face, e assim adormeceu.

Logo cedo foi despertado por alguém a fazer-lhe cócegas debaixo do braço. Era o francês que se permitira essa liberdade. Mas até o irlandês já estava na frente da mesa de Karl e ambos olhavam para ele com o mesmo interesse que Karl manifestara por eles durante a noite. Karl não ficou surpreso por não ter acordado quando eles se levantaram; tampouco tinha motivo para atribuir-lhes más intenções nos movimentos silenciosos, pois, além de ele ter dormido um sono profundo, os dois não tinham tido muito trabalho nem para vestir-se nem aparentemente para lavar-se.

Então, cumprimentaram-se devidamente e com certa formalidade, e Karl ficou sabendo que os dois eram ferramenteiros de máquinas, que há

muito tempo não conseguiam emprego em Nova York e, como resultado, estavam numa situação bastante precária. Robinson abriu o casaco como prova e podia se ver que nem usava camisa, o que, na verdade, era perceptível pelo colarinho folgado, costurado à gola do casaco. Pretendiam ir a pé até a cidadezinha de Butterford, a dois dias de distância de Nova York, onde supostamente havia vagas de emprego. Não se opunham a que Karl os acompanhasse e prometeram-lhe, primeiro, que carregariam sua mala de vez em quando e, em segundo lugar, caso conseguissem emprego, lhe arrumariam uma vaga de aprendiz, o que seria fácil, desde que houvesse trabalho. Karl mal havia concordado, quando já lhe deram amigavelmente o conselho de tirar o terno fino, pois ele seria um empecilho na busca por um emprego. Justamente naquele estabelecimento, ele tinha uma boa oportunidade para se livrar do terno, porque a arrumadeira tinha um comércio de roupas usadas. Eles ajudaram Karl, que não estava totalmente decidido com relação ao que fazer com o terno, a despi-lo e o levaram embora. Quando Karl, deixado sozinho e ainda sonolento, colocou lentamente sua velha roupa de viagem, recriminou-se por ter deixado que lhe vendessem o terno, que talvez pudesse, por um lado, prejudicá-lo na obtenção de uma posição de aprendiz, mas que, no caso de uma colocação melhor, só poderia ajudá-lo, e abriu a porta para chamar os dois de volta. Logo esbarrou com eles, que colocaram meio dólar como produto da venda sobre a mesa, mas o fizeram com caras tão felizes que era impossível se convencer de que eles também não haviam lucrado, e muito, com a venda.

Aliás, não havia tempo para conversar sobre isso, porque a arrumadeira logo entrou, tão sonolenta quanto à noite, e expulsou todos os três para o corredor, com o pretexto de que o quarto precisava ser arrumado para novos hóspedes. Claro que não era verdade, ela agia assim apenas por maldade. Karl, que estava prestes a arrumar sua mala, teve de assistir à mulher agarrando as suas coisas com as duas mãos e jogando-as na mala com tal força, como se fossem animais que precisassem ser domesticados. É verdade que os dois mecânicos faziam o possível para intervir, puxando sua saia, batendo nas suas costas, mas, se com isso pretendiam ajudar Karl, então o método era totalmente falho. Quando a mulher fechou a mala, colocou a alça na mão de Karl, se livrou dos mecânicos e enxotou todos os três do quarto com a ameaça de que ficariam sem café, se não obedecessem. Era evidente que a mulher esquecera completamente que Karl não estava com os mecânicos desde o início, pois ela os tratava como se formassem um único bando. É verdade que os mecânicos tinham vendido o terno de Karl para ela, confirmando assim uma certa solidariedade.

No corredor, tiveram de andar de lá para cá por um longo tempo, e especialmente o francês, que estava de braço dado com Karl, esbravejava incessantemente, ameaçando nocautear o proprietário, se ele se atrevesse a

mostrar a cara, e parecia se preparar para isso ao esfregar furiosamente os punhos cerrados um contra o outro. Finalmente apareceu um inocente menino, que precisava se esticar para entregar a cafeteira para o francês. Infelizmente, nada havia além da cafeteira, e foi impossível fazer o menino entender que ainda faltavam os copos. Dessa forma, apenas um deles podia beber de cada vez, e os outros dois ficavam esperando na frente dele. Karl não sentia vontade de beber daquela maneira, mas não queria ofender os outros e, assim, quando chegava sua vez, nada bebia, embora levasse a cafeteira aos lábios.

Como despedida, o irlandês jogou a cafeteira nos ladrilhos de pedra. Deixaram a casa sem serem vistos e entraram na densa e amarelada névoa matutina. Em geral, caminhavam em silêncio lado a lado pela beira da estrada, Karl tinha de carregar sua mala, pois os outros só a carregavam quando ele lhes pedia; de vez em quando, automóveis emergiam do nevoeiro, e os três viravam a cabeça para eles, geralmente gigantescos, cujas carrocerias eram tão salientes, e seu aparecimento, tão fugaz, que não se tinha tempo para perceber a presença de ocupantes. Mais tarde começaram a aparecer as filas de veículos e carroças, que transportavam alimentos para Nova York, e que avançavam ininterruptamente pelas cinco faixas, ocupando toda a largura da estrada, de modo que ninguém podia atravessar. De tempos em tempos, a estrada se alargava, formando uma praça, em cujo centro um policial andava de lá para cá numa elevação em formato de torre para poder supervisionar tudo e organizar com uma vareta o tráfego da rua principal e o que chegava até lá pelas ruas laterais. Esse tráfego permanecia sem supervisão até a próxima praça e o próximo policial, mas que os silenciosos e atentos cocheiros e motoristas, por sua livre vontade, mantinham suficientemente organizado. Karl ficou impressionado principalmente com o silêncio geral. Não fossem os berros dos despreocupados animais destinados ao abate, talvez não se ouvisse nada além do barulho dos cascos e o chiado da borracha antiderrapante. Isso porque a velocidade naturalmente nem sempre era a mesma. Se em determinados lugares — em razão do grande fluxo de veículos vindo das laterais — se tornava necessário empreender grandes manobras, todas as filas paravam e andavam apenas passo a passo, mas também podia acontecer que, durante algum tempo, todos voassem com a rapidez de um raio, até que, como que governados por um único freio, todos se acalmavam novamente. E tudo se dava sem que se levantasse a menor poeira na estrada, tudo se movia no ar mais límpido. Não havia pedestres, aqui nenhuma feirante caminhava sozinha para a cidade como na terra natal de Karl, mas aqui e ali apareciam camionetas carregando umas vinte mulheres com cestos nas costas, talvez até mesmo feirantes, que viajavam de pé e esticavam o pescoço para observar o trânsito na esperança de uma viagem mais rápida. Depois se viam automóveis semelhantes em que homens sozinhos ficavam andando com as mãos nos bolsos. Em um desses

automóveis, que ostentavam diferentes inscrições, Karl leu com um pequeno sobressalto: “Companhia de navegação Jakob aceita estivadores”. Nesse momento o carro andava bem devagar e um homem pequeno, encurvado e animado em pé no degrau do carro convidou os três caminhantes a embarcar. Karl se escondeu atrás dos mecânicos, como se o tio estivesse no carro e o pudesse ver. Ficou feliz porque os outros dois também recusaram o convite, apesar de sentir-se ofendido, de certa forma, com a expressão de arrogância em seus rostos durante a recusa. Não deveriam pensar que eram bons demais para trabalhar para o tio. Ele lhes deu a entender isso imediatamente, mas é claro que não de forma explícita. Então Delamarche pediu-lhe que não se intrometesse em coisas de que não entendia; aquela forma de contratar pessoas era uma fraude vergonhosa, e a empresa Jakob tinha péssima reputação em toda a América. Karl não respondeu, mas a partir daquele momento passou a preferir a companhia do irlandês, e lhe pediu que carregasse a sua mala por algum tempo, o que ele só fez depois de Karl repetir seu pedido várias vezes. Só que ele reclamava ininterruptamente do peso da mala, até que ficou claro que a sua intenção era aliviar a mala do salame de Verona, que provavelmente já chamara agradavelmente a sua atenção no hotel. Karl teve de desembulhá-lo, mas o francês se apoderou dele para cortá-lo com a sua faca em formato de punhal e comeu quase tudo sozinho. Robinson só conseguia algumas fatias de vez em quando; Karl, por outro lado, que teve de carregar a mala novamente, se não a quisesse deixá-la na estrada, não ganhou pedaço algum, como se já tivesse recebido a sua parte antecipadamente. Parecia-lhe mesquinho demais mendigar um pedacinho, mas a bile começou a acumular-se dentro de si.

O nevoeiro já havia se dissipado completamente, ao longe brilhava uma alta cordilheira, cuja crista ondulada levava a uma bruma ensolarada ainda mais distante. Na beira da estrada encontravam-se campos mal cultivados, que se estendiam em torno das grandes fábricas, enegrecidas pela fumaça, situadas nos campos abertos. Nos velhos conjuntos habitacionais espalhados aleatoriamente, as muitas janelas tremiam sob a multiplicidade de movimentos e luzes e, em todas as pequenas e frágeis varandas, mulheres e crianças se ocupavam de uma variedade de tarefas, enquanto em torno delas, escondendo-as e revelando-as, panos pendurados e dobrados e peças de roupas esvoaçavam na brisa matinal e se enfunavam fortemente. Quando os olhares se desviavam das casas, viam-se as cotovias lá no alto do céu e embaixo as andorinhas, não muito acima das cabeças dos viajantes.

Muitas coisas ali fizeram Karl se lembrar da sua terra natal e ele não sabia se fazia bem em deixar Nova York e ir para o interior do país. Em Nova York havia o mar e, a qualquer momento, a possibilidade de voltar para a pátria. E assim parou e disse para seus dois companheiros que ficara com vontade de retornar a Nova York. E quando Delamarche

simplesmente quis impeli-lo a continuar a andar, não aceitou a pressão e disse que ainda tinha o direito de decidir seu próprio destino. O irlandês teve então de interceder e explicar que Butterford era muito mais bonita que Nova York, e ambos tiveram de lhe pedir insistentemente antes que ele voltasse a andar. E mesmo assim não teria ido, se não dissesse a si próprio que talvez fosse melhor ir para um lugar de onde não fosse tão fácil voltar para casa. Certamente lá trabalharia melhor e cresceria mais profissionalmente, porque não perderia tempo com pensamentos inúteis. E agora era ele quem puxava os outros dois, e eles ficaram tão felizes com a sua pressa que carregaram alternadamente a sua mala, sem que ele precisasse pedir, e Karl não conseguia entender muito bem a causa de toda essa alegria. Chegaram a uma região mais alta e, quando paravam aqui e ali e olhavam para trás, podiam ver o panorama de Nova York e de seu porto descortinando-se cada vez mais. A ponte que ligava Nova York a Boston pairava delicadamente sobre o rio Hudson, e ela tremia quando a gente apertava os olhos. A impressão era de que estava completamente livre de tráfego e, debaixo dela, estendia-se uma faixa inerte e lisa de água. Tudo nessas duas cidades gigantescas parecia vazio e inútil. Não havia praticamente nenhuma diferença entre as casas grandes e as pequenas. Na profundidade invisível das ruas a vida provavelmente seguia à sua maneira, mas acima delas não se via nada além de uma ligeira névoa que, embora não se movesse, parecia fácil de espantar. Mesmo no porto, o maior do mundo, a quietude voltara a reinar, só de vez em quando se acreditava ver, talvez provocada pela lembrança de uma visão recente, um navio que se afastava a curta distância. Mas era impossível segui-lo por muito tempo, pois fugia do campo visual e não podia mais ser visto.

Evidentemente que Delamarche e Robinson viam muito mais, à direita e à esquerda, com suas mãos estendidas, apontavam praças e jardins, dizendo os respectivos nomes. Não conseguiam entender como Karl ficara mais de dois meses em Nova York e não conhecera quase nada da cidade além de uma rua. E prometeram-lhe que, quando tivessem ganhado o suficiente em Butterford, iriam com ele a Nova York e lhe mostrariam tudo que valesse a pena conhecer e, claro, especialmente aqueles lugares onde podia se divertir para valer. Em seguida, Robinson começou a cantarolar a plenos pulmões uma canção que Delamarche acompanhou batendo palmas e Karl a reconheceu como uma opereta de sua terra natal, que lhe agradou muito mais nessa versão em inglês do que na que conhecia em casa. E assim seguiu-se um pequeno espetáculo a céu aberto, do qual todos participaram, enquanto a cidade lá embaixo, que deveria se divertir ao som dessa música, permanecia aparentemente indiferente.

A certa altura Karl perguntou onde ficava a Companhia de Navegação Jakob e imediatamente viu os dedos indicadores de Delamarche e Robinson estendidos e direcionados talvez para o mesmo ponto ou talvez

para pontos localizados a milhas de distância um do outro. Quando retomaram a caminhada, Karl perguntou quando poderiam retornar para Nova York, se conseguissem bons salários. Delamarche respondeu que bem poderia ser dali a um mês, porque em Butterford havia escassez de mão de obra e os salários eram altos. Claro que colocariam o dinheiro em um cofre comum para que as diferenças salariais entre eles, que eram camaradas, fossem compensadas. Karl não gostou dessa ideia de um cofre comum, embora, como aprendiz, ganharia naturalmente menos do que um trabalhador qualificado. Além disso, Robinson mencionou que eles precisariam seguir adiante, se não houvesse trabalho em Butterford, ou para trabalhar no campo em algum lugar, ou talvez até para ir para a Califórnia à procura de ouro, o que, a julgar pelos detalhes das histórias de Robinson, era o seu plano favorito.

“Por que se tornou mecânico, já que agora quer ir para o garimpo de ouro?”, perguntou Karl, relutante com a perspectiva de uma viagem tão longa e incerta. “Por que me tornei um mecânico?”, disse Robinson, “certamente não para que o filho da minha mãe passasse fome. O garimpo de ouro proporciona um bom ganho”.

“Proporcionava”, disse Delamarche.

“Ainda proporciona”, disse Robinson, contando os casos de muitos conhecidos que ainda estavam lá e que haviam ficado ricos. Claro que agora não precisavam mais mover nem um dedo, mas, naturalmente, por causa de sua antiga amizade, o ajudariam e também aos seus camaradas a ficar ricos.

“Vamos obrigá-los a nos dar empregos em Butterford”, disse Delamarche, dando voz ao que havia no íntimo de Karl, embora não fosse uma declaração confiante.

Durante o dia, só pararam uma vez em uma hospedaria, na frente da qual comeram ao ar livre, numa, como pareceu a Karl, mesa de ferro, uma carne quase crua que, como não pôde ser cortada, foi esfacelada com faca e garfo. O pão era em forma de rolo, e em cada um espetava-se uma faca comprida. Junto com essa refeição serviu-se um líquido preto que queimava a garganta. Delamarche e Robinson gostaram da bebida e levantaram seus copos com frequência, expressando vários desejos e fazendo brindes juntos, segurando os copos de vidro na mesma altura durante algum tempo. Na mesa ao lado, estavam sentados trabalhadores com camisas manchadas de cal e todos bebiam o mesmo líquido. Os automóveis, que passavam aos montes, jogavam nuvens de poeira sobre as mesas. Jornais eram distribuídos, falava-se animadamente sobre a greve dos operários da construção civil, o nome Mack era citado com muita frequência. Karl se informou a esse respeito e soube que se tratava do pai de Mack, seu conhecido, que era o maior empresário da construção civil de Nova York. A greve lhe custava milhões e talvez ameaçasse sua posição nos negócios. Karl não acreditou em uma só palavra desses falatórios de

pessoas mal informadas e maldosas.

Além disso, a comida ainda tornou-se mais amarga para Karl depois que soube como ela seria paga. O natural seria que cada um pagasse a sua parte, mas tanto Delamarche como Robinson tinham comentado de passagem que o dinheiro que lhes restava havia sido gasto com o último pernoite. Nenhum dos dois trazia relógio, anel ou qualquer outra coisa que pudesse ser vendida. E Karl não podia acusá-los de terem lucrado com a venda das suas roupas, isso seria um insulto e significaria uma separação para sempre. O espantoso era que nem Delamarche nem Robinson estavam preocupados com o pagamento. Pelo contrário, estavam de tão bom humor que não paravam de tentar conquistar a criada, que, orgulhosa e com andar pesado, se movia de mesa em mesa. Finalmente, quando se esperava a primeira palavra gentil de sua parte, ela foi até a mesa, colocou as duas mãos em cima dela e perguntou: “Quem vai pagar?”. Nunca se haviam visto mãos mais rápidas do que as de Delamarche e Robinson, naquele momento, apontando para Karl, que não se assustou, porque havia previsto a situação, e não via nada de mau no fato de que os camaradas, dos quais também esperava tirar vantagem, esperassem que lhes pagasse uma conta tão módica, embora combinar isso direito antes do momento crucial tivesse sido mais decente. Apenas o constrangia que ele primeiro teria de extrair o dinheiro do bolso secreto. Sua intenção original era guardar esse dinheiro para uma emergência extrema, equiparando-se de certa forma, por enquanto, a seus companheiros. A vantagem que esse dinheiro e principalmente a ocultação de sua posse perante os camaradas lhe trazia era amplamente compensada pelo fato de eles viverem na América desde a infância e terem conhecimento e experiência suficientes para ganhar dinheiro e, finalmente, por não estarem acostumados a condições de vida melhores do que as presentes. A intenção que Karl tinha até então em relação ao seu dinheiro em realidade não seria prejudicada por esse pagamento, porque ele poderia abrir mão de um quarto de dólar e, por isso, poderia colocar um quarto de dólar na mesa e declarar que era tudo o que tinha e estava pronto a sacrificá-lo para a viagem conjunta a Butterford. Para uma viagem a pé essa quantia era mais que suficiente. Mas agora ele não sabia se tinha uma quantidade suficiente de moedas e, além disso, essas moedas, assim como as cédulas dobradas, estavam em algum lugar no fundo do bolso secreto, de onde era difícil encontrar algo sem se despejar tudo sobre a mesa. Além disso, era totalmente desnecessário que os camaradas soubessem da existência desse bolso secreto. Para sua sorte, parecia que os camaradas ainda estavam mais interessados na garçonete do que em como Karl providenciaria o dinheiro para o pagamento. Ao pedir a conta, Delamarche atraiu a garçonete, deixando-a entre ele e Robinson, de modo que ela só conseguia repelir o atrevimento dos dois espalmado a mão inteira no rosto ora de um, ora do outro, e dando-lhe um empurrão. Enquanto isso, Karl, afogado com o esforço, reunia em uma mão o

dinheiro que caçava com a outra, tirando-o moeda a moeda do bolso secreto sob o tampo da mesa. Por fim, achou que, embora ainda não conhecesse o dinheiro americano tão bem, tinha uma soma suficientemente grande, pelo menos a julgar pela quantidade de moedas, e colocou-as sobre a mesa. O tilintar das moedas interrompeu a brincadeira na mesma hora. Para o aborrecimento de Karl e o espanto geral, verificou-se que havia ali quase um dólar. É verdade que ninguém perguntou por que Karl nada dissera antes sobre aquela quantia, que seria suficiente para uma confortável viagem de trem para Butterford, mas Karl estava muito sem graça. Lentamente, depois de pagar a conta, recolheu as moedas. Delamarche ainda conseguiu tirar uma moeda da sua mão para dar de gorjeta à garçonete, a quem abraçou e apertou contra o peito enquanto lhe entregava com a outra mão a moeda.

Karl estava-lhes grato por não comentarem nada sobre o dinheiro quando voltaram a caminhar e, por alguns momentos, até pensou em lhes confessar toda sua fortuna, mas desistiu por falta de oportunidade. Ao anoitecer, chegaram a uma região mais rural e fértil. Ao redor, viam-se campos abertos, espreados em sua primeira floração sobre colinas suaves; ricas propriedades rodeavam a estrada e ficava-se horas andando ao longo das grades douradas dos jardins; diversas vezes os três cruzaram o mesmo riacho e muitas vezes ouviram os trens trovejando nos viadutos que pairavam lá nas alturas, sobre suas cabeças.

O sol se punha nas orlas alinhadas de florestas distantes, justamente quando os três se atiraram sobre a relva no topo de uma colina, no meio de um pequeno grupo de árvores, para descansar dos seus esforços. Delamarche e Robinson deitaram-se, espreguiçando-se à vontade. Karl, sentado, observava a estrada uns poucos metros ali abaixo, onde os automóveis continuavam a passar uns pelos outros apressadamente, como já acontecera o dia inteiro, como se uns tantos fossem sempre enviados de um determinado local e o mesmo número fosse esperado do outro lado. Durante todo o dia, desde muito cedo, Karl não tinha visto nenhum automóvel parar ou algum passageiro desembarcar.

Robinson sugeriu que passassem a noite ali, já que todos estavam bem cansados; poderiam continuar a viagem mais cedo no dia seguinte e dificilmente encontrariam um local mais barato e mais bem localizado antes de escurecer completamente. Delamarche concordou, Karl se sentiu, contudo, obrigado a dizer que tinha dinheiro suficiente para pagar o pernoite para todos os três em um hotel. Delamarche respondeu então que ainda poderiam precisar do dinheiro, que ele apenas o guardasse bem, não escondendo, todavia, que já contavam com o dinheiro de Karl. Como a sua primeira proposta fora aceita, Robinson continuou sugerindo que agora teriam de comer algo substancial para se fortalecerem para o dia seguinte e que um deles deveria buscar a comida para os outros no hotel cujo letreiro “Hotel Occidental” cintilava perto da estrada. Por ser o mais novo, e como

também ninguém mais se apresentasse, Karl não hesitou em se oferecer para essa tarefa e, tendo recebido a encomenda para trazer embutidos, pão e cerveja, se dirigiu ao hotel.

Deveria haver uma cidade grande por perto, pois logo o primeiro salão em que Karl pôs os pés encontrava-se apinhado de uma multidão barulhenta e, ao redor do bufê, que se estendia ao longo de uma parede longitudinal e das duas paredes laterais, muitos garçons com aventais brancos andavam incessantemente, sem, no entanto, conseguir satisfazer os clientes impacientes, porque o tempo todo e de todos os lugares se ouviam pragas e punhos batendo nas mesas. Ninguém dava atenção a Karl; como no salão não havia serviço de atendimento, os clientes, acomodados em torno de mesas minúsculas que mal davam para os seus três ocupantes, eram obrigados a buscar tudo o que desejavam no bufê. Em todas as mesinhas havia uma garrafa grande de azeite, vinagre ou algo semelhante, com que regavam a comida que traziam do bufê, antes de a consumirem. Se Karl quisesse mesmo chegar até o bufê, onde provavelmente suas dificuldades só começariam, principalmente tendo em vista o tamanho da sua encomenda, teria de abrir passagem entre muitas mesas, o que, apesar de todo o cuidado, naturalmente era impossível sem causar um grande incômodo aos clientes, que, entretanto, se mantinham insensíveis, mesmo quando Karl, numa ocasião, empurrado por um cliente contra uma das mesinhas, quase a derrubou. Embora tenha se desculpado, aparentemente não o entenderam, nem ele, por sua vez, entendia o que gritavam na sua direção.

No bufê encontrou, com dificuldade, um pequeno espaço livre, mas mesmo assim sua visão era obstruída durante um bom tempo pelos cotovelos apoiados de quem estava à sua frente ou ao seu lado. Parecia ser hábito nesse lugar apoiar os cotovelos na mesa e descansar a cabeça com as mãos; Karl se lembrou de como o professor de latim, Dr. Krumpal, odiava essa posição e de como sempre se aproximava sorrateiramente, sem que ninguém esperasse, e, com uma régua, que ninguém sabia de onde surgira, varria os cotovelos das mesas de maneira abrupta e dolorosa.

Karl foi empurrado contra o bufê, pois, mal se havia posicionado, colocaram uma mesa atrás dele e o chapéu volumoso de um dos clientes que lá se instalaram roçava com força suas costas toda vez que ele se inclinava um pouco para trás enquanto conversava. Mas parecia haver pouca esperança de conseguir alguma coisa com o garçom, mesmo depois de os dois vizinhos desajeitados terem ido embora satisfeitos. Algumas vezes Karl segurou um garçom pelo avental, por cima da mesa, mas ele sempre escapava com uma careta. Não havia como deter ninguém ali, todos só corriam de um lado para o outro. Se pelo menos houvesse algo apropriado para comer e beber perto de Karl, ele teria se servido, perguntado o preço, colocado o dinheiro na mesa e ido embora satisfeito. Mas em sua frente havia apenas tigelas com peixes parecidos com

arenques, cujas escamas negras brilhavam douradas nas bordas. Deviam ser muito caros e provavelmente não saciariam a fome de ninguém. Havia também pequenos barris de rum ao alcance da mão, mas isso ele não queria levar para seus companheiros; esses, de qualquer maneira, pareciam privilegiar em todas as ocasiões só o álcool mais concentrado e nisso ele não queria incentivá-los.

Karl, portanto, não via outra saída a não ser procurar outro lugar e recomeçar as suas tentativas. Mas já era muito tarde. O relógio na outra extremidade do salão, cujos ponteiros mal podiam ser identificados em meio a tanta fumaça, indicava que já passava das nove. Nos outros pontos do bufê a aglomeração era ainda maior do que no anterior, que ficava um pouco afastado. Além disso, o salão enchia-se conforme ficava mais tarde. Mais e mais clientes passavam com grande algazarra pela porta principal. Em alguns lugares, os clientes afastavam pretensiosamente as coisas do bufê, sentavam-se no balcão e brindavam uns com os outros; eram os melhores lugares, de lá dava para ver o salão inteiro.

Karl continuava a abrir caminho, mas já sem muita esperança de conseguir alguma coisa. Recriminou-se por ter-se oferecido para essa tarefa, logo ele, que desconhecia as condições do lugar. Seus companheiros iam repreendê-lo com toda a razão, e poderiam até pensar que ele voltara de mãos vazias para economizar dinheiro. E, nesse momento, encontrava-se justamente num lugar onde, nas mesas a sua volta, consumiam refeições quentes, com carne e belas batatas amarelas; era-lhe incompreensível como as pessoas tinham conseguido aqueles alimentos.

Foi quando viu a alguns passos à sua frente uma mulher mais velha que parecia fazer parte da equipe do hotel e conversava rindo com um hóspede. Ela mexia constantemente em um grampo no seu penteado. Imediatamente, Karl se decidiu a encomendar o seu pedido com ela, mesmo porque, como a única mulher no salão, sobressaía como exceção ao barulho e à loucura geral e também pela simples razão de ela ser a única funcionária do hotel que se encontrava ao seu alcance, desde que, no entanto, ela não saísse correndo para cuidar dos seus assuntos, mal ele a abordasse. Mas aconteceu exatamente o contrário. Karl ainda sequer se dirigira a ela, apenas ficara um pouquinho à espreita, quando ela olhou para ele como quem às vezes olha para os lados no meio de uma conversa e, interrompendo sua fala, lhe perguntou amigavelmente e num inglês tão claro quanto o das gramáticas se ele estava procurando alguma coisa.

“É verdade”, disse Karl, “não consigo me servir de nada aqui”.

“Então venha comigo, rapaz”, disse ela, despedindo-se do seu conhecido, que tirou o chapéu, o que ali parecia uma cortesia espantosa, pegou Karl pela mão, foi até o bufê, afastou um hóspede para o lado, abriu uma porta articulada no balcão, atravessou a passagem atrás do balcão, onde era necessário tomar cuidado com os garçons que circulavam incessantemente, abriu um reposteiro, e já se encontravam nas grandes e

ventiladas instalações da despensa. ‘A gente precisa conhecer o mecanismo’, Karl disse a si mesmo.

“Bem, o que deseja?”, ela perguntou, inclinando-se, prestativa. Era muito gorda, seu corpo oscilava, mas as feições do rosto eram em compensação muito delicadas. À vista de tanta variedade de alimentos, cuidadosamente dispostos em prateleiras e mesas, Karl ficou quase tentado a improvisar a encomenda de um jantar mais fino, especialmente porque poderia sair mais barato ser atendido por essa mulher influente, mas, já que não conseguia pensar em nada mais requintado, enfim solicitou apenas embutidos, pão e cerveja.

“Mais alguma coisa?”, perguntou a mulher.

“Não, obrigado”, disse Karl, “mas uma porção para três pessoas”.

Respondendo à pergunta da mulher sobre quem eram os outros dois, Karl falou em poucas palavras de seus camaradas e sentiu-se agradecido por lhe fazerem perguntas.

“Mas isso é comida para presidiários”, disse a mulher, aguardando evidentemente mais encomendas de Karl. Mas, com receio de que ela o presenteasse e não quisesse aceitar dinheiro, calou-se. “É pra já”, disse a mulher, e com uma agilidade surpreendente, considerando sua obesidade, foi até uma das mesas e, com uma faca longa, fina e de corte serrilhado, cortou um pedaço grande de salame, recheado de muita carne, pegou um pão de uma prateleira, três garrafas de cerveja do chão e colocou tudo em uma leve cesta de palha, que entregou a Karl. Enquanto isso, explicava a Karl que o trouxera ali porque lá fora, no bufê, apesar do rápido consumo, os alimentos sempre perdiam o frescor por causa da fumaça e do calor. Para as pessoas lá fora, contudo, eram bons o suficiente. Karl nada disse, porque não sabia o que fizera para merecer esse tratamento exclusivo. Pensou em seus companheiros, que, talvez, por mais que conhecessem tão bem a América, não teriam chegado até essa despensa e teriam de se contentar com a comida estragada do bufê. Aqui não se ouvia o menor barulho do salão, as paredes deviam ser muito espessas para manter essas despensas suficientemente frescas. Karl já estava com a cesta de palha na mão havia algum tempo, mas não pensava em pagar e tampouco se movia. Só quando a mulher ainda quis adicionar uma garrafa à cesta, semelhante àquelas que estavam em cima das mesas lá fora, agradeceu, mas com um estremecimento recusou.

“Ainda tem uma longa caminhada?”, perguntou a mulher.

“Até Butterford”, respondeu Karl.

“Ainda falta muito!”, disse a mulher.

“Mais um dia de viagem”, disse Karl.

“Não mais que isso?”, perguntou a mulher.

“Oh, não”, disse Karl.

A mulher arrumou algumas coisas nas mesas, um garçom entrou, olhou em volta procurando algo e, direcionado pela mulher, dirigiu-se até

uma tigela grande na qual havia um monte de sardinhas salpicadas com um pouco de salsa, que levou com as mãos levantadas para o salão.

“Por que quer passar a noite ao ar livre?”, perguntou a mulher. “Temos espaço suficiente aqui. Venha dormir no hotel.”

Isso era bastante tentador para Karl, especialmente após ter passado a noite anterior tão mal.

“Minha bagagem está lá fora”, disse, hesitante, mas não sem vaidade.

“É só o senhor a trazer para cá”, disse a mulher, “isso não é um obstáculo”.

“Mas e meus camaradas!”, disse Karl, percebendo imediatamente que eles sim representavam um obstáculo.

“Eles naturalmente também poderão pernoitar aqui”, disse a mulher. “Venha de uma vez! Não se faça de rogado.”

“Meus companheiros são, na realidade, pessoas de bem”, disse Karl, “mas não são lá muito asseados”.

“Não viu a sujeira no salão?”, a mulher perguntou, torcendo o nariz. “Aqui recebemos até as piores pessoas. Vou mandar preparar três camas. No entanto, terão de ficar no sótão, porque o hotel está lotado; eu também me mudei para o sótão, em todo caso, é melhor do que ficar ao relento”.

“Não posso trazer meus camaradas”, disse Karl, imaginando o barulho que os dois fariam nos corredores daquele hotel elegante; Robinson sujaria tudo e Delamarche infalivelmente assediaria até mesmo a mulher.

“Não sei por que seria impossível”, disse a mulher, “mas, se o senhor quiser, deixe seus companheiros lá fora e venha pernoitar conosco sozinho”.

“Não posso, não posso”, disse Karl, “eles são meus companheiros e tenho de ficar com eles”.

“Como é teimoso”, disse a mulher, desviando o olhar, “minha intenção é boa, estou tentando ajudá-lo, mas o senhor se defende com todas as suas forças”.

Karl reconhecia tudo isso, mas não via saída, então disse apenas: “Muito obrigado pela sua gentileza”.

Lembrou-se naquele momento de que ainda não pagara e perguntou quanto devia.

“Só precisa pagar quando me devolver a cesta de palha”, disse a mulher. “Eu precisarei dela o mais tardar amanhã de manhã”.

“Pois não”, disse Karl. Ela abriu uma porta que levava direto para a rua e ainda disse, enquanto ele saía e lhe fazia uma reverência: “Boa noite; o senhor não está fazendo a coisa certa”. Ele estava a poucos passos de distância quando ela gritou atrás: “Nos vemos amanhã!”

Assim que saiu, tornou a ouvir o barulho do salão, que continuava o mesmo e ao qual agora também se misturavam os sons de uma banda de instrumentos de orquestra. Estava feliz por não ter tido de sair pelo salão.

Os cinco andares do hotel agora estavam iluminados, clareando a rua em frente em toda a sua largura. Embora com menor frequência, ainda havia automóveis que passavam com velocidade maior do que a de durante o dia, procurando a estrada com os feixes luminosos de suas lanternas brancas, que empalideciam ao atravessar a área iluminada do hotel, para por fim precipitarem-se na escuridão.

Karl encontrou os companheiros já dormindo profundamente, pois ficara fora tempo demais. Já ia ajeitar a comida de maneira apetitosa em cima das toalhas de papel que encontrou na cesta e acordar os camaradas apenas quando tudo estivesse pronto, quando, para o seu horror, viu a mala que deixara trancada e cuja chave carregava no bolso, totalmente aberta e com metade do conteúdo espalhado sobre o gramado.

“Levantem-se!”, gritou ele. “Vocês ficaram dormindo enquanto ladrões aqui estiveram.”

“Mas falta alguma coisa?”, perguntou Delamarche. Robinson ainda nem estava totalmente acordado e já estendia a mão para pegar a cerveja.

“Não sei”, exclamou Karl, “mas a mala está aberta. Foi uma imprudência deitar-se para dormir e deixar a mala aqui à mercê dos ladrões”.

Delamarche e Robinson deram uma risada, e o primeiro disse: “Da próxima vez, não fique tanto tempo fora. O hotel fica a dez passos de distância e precisou de três horas para ir e voltar. Estávamos com fome, pensamos que pudesse haver algo para comer em sua mala e por isso forçamos a fechadura, até que ela se abriu. De resto, não encontramos nada lá dentro, de modo que pode guardar tudo novamente, sem problemas”.

“Então foi isso”, disse Karl, olhando para o cesto que se esvaziava rapidamente, escutando o barulho peculiar que Robinson produzia enquanto bebia, já que o líquido mergulhava primeiro na sua garganta, depois com uma espécie de assobio retrocedia novamente, para só então rolar em grande efusão para as profundezas.

“Já acabaram de comer?”, perguntou Karl, quando os dois pararam por um momento para recuperar o fôlego.

“Não comeu no hotel?”, perguntou Delamarche, acreditando que Karl estava reivindicando sua parte.

“Se querem comer ainda mais, apressem-se”, disse Karl, dirigindo-se até a sua mala.

“Parece que ele está de mau humor”, disse Delamarche a Robinson.

“Não estou de mau humor”, disse Karl, “mas é certo arrombar a minha mala na minha ausência e espalhar minhas coisas no chão? Sei que uma certa tolerância entre camaradas é necessária, e me dispus a isso, mas agora foram longe demais. Vou pernoitar no hotel e não irei para Butterford. Comam depressa, pois preciso devolver a cesta”.

“Ouviu, Robinson, o que ele disse”, exclamou Delamarche, “que belo discurso. Trata-se de um alemão. Bem que você me prevenira

anteriormente contra ele, mas fui muito tolo e por isso deixei que viesse conosco apesar de tudo. Confiamos nele e o arrastamos conosco por um dia inteiro, perdemos pelo menos meio dia por causa disso e agora — só porque alguém o atraiu lá para o hotel — vai embora, simplesmente vai embora. Mas como é um alemão falso, não o faz abertamente, mas usa o pretexto da mala, e como é um alemão grosseiro, não pode ir embora sem nos ofender em nossa honra e nos chamar de ladrões, só porque fizemos uma pequena brincadeira com a mala dele”.

Arrumando suas coisas, Karl respondeu sem se virar: “Continue falando desse jeito e facilitando a minha partida. Sei muito bem o que é camaradagem. Também tinha amigos na Europa e nenhum deles pode me acusar de ter agido de forma falsa ou mesquinha. Atualmente não estamos em contato, mas, se ainda voltar algum dia para a Europa, todo mundo vai me receber bem e me reconhecer imediatamente como amigo. E vocês, Delamarche e Robinson, julgam que eu os trairia, depois que tiveram a gentileza de cuidar de mim, o que eu nunca vou negar, e me oferecer a possibilidade de um emprego como aprendiz em Butterford, não é? Mas o motivo é outro. O fato de não terem onde cair mortos não os rebaixa nem um pouco aos meus olhos, mas vocês têm inveja das minhas pequenas posses e procuram me humilhar por causa disso, o que não posso suportar. Depois de arrombarem minha mala, não me endereçaram qualquer pedido de desculpa, e ainda insultam a mim e também a meu povo — tirando-me com isso qualquer possibilidade de permanecer com vocês. Aliás, isso não se aplica a você, Robinson. Minha única objeção a seu caráter é que é dependente demais do Delamarche”.

“Ora, ora”, disse Delamarche, aproximando-se de Karl e dando-lhe um leve safanão, como que para alertá-lo: “então está colocando as manguinhas de fora. O dia inteiro andou atrás de mim, preso à aba do meu casaco, imitando cada movimento meu e, de resto, calado como um ratinho. Mas agora que conseguiu algum apoio no hotel, começa a fazer grandes discursos. É um espertinho e ainda nem sei se vamos aceitar tudo isso com tanta tranquilidade, se não vamos exigir uma taxa pelo que aprendeu conosco durante o dia. Veja só, Robinson, ele acha que nós o invejamos pelas suas posses. Uma jornada de um dia em Butterford — para não mencionar a Califórnia — e teremos dez vezes mais do que aquilo que já nos mostrou e ainda deve trazer escondido no forro do casaco. Portanto, cuidado com o que fala!”.

Karl se pusera de pé e agora via também o Robinson se aproximar sonolento, mas um tanto reanimado pela cerveja. “Se eu ficasse mais tempo aqui”, disse ele, “talvez ainda teria outras surpresas. É impressão minha, ou estão querendo me dar uma surra?”

“Toda a paciência tem limites”, disse Robinson.

“É melhor não se intrometer, Robinson”, disse Karl, sem tirar os olhos de Delamarche, “no fundo me dá razão, mas para manter as

aparências, finge estar de acordo com Delamarche!”

“Pretende aliciá-lo?”, perguntou Delamarche.

“Nem pensar”, disse Karl. “Estou contente por ir embora, e não quero ter mais contato com nenhum dos dois. Só mais uma coisinha, quero lhes dizer. Me acusam de ter dinheiro e escondê-lo. Pressupondo que seja verdade, não seria muito acertado proceder assim com pessoas que só conheci há algumas horas? Além disso, o comportamento de vocês agora não confirma a exatidão de tal ação?”

“Fique quieto”, disse Delamarche a Robinson, embora esse não se mexesse. Então perguntou a Karl: “Já que é tão escandalosamente sincero, e como estamos sendo o mais franco possível, por que não leva essa sinceridade ainda mais longe e admite por que realmente quer ir para o hotel?”. Karl teve de dar um passo por cima da mala, tão próximo Delamarche estava dele. Mas Delamarche não se intimidou, empurrou a mala para o lado, deu um passo à frente, colocando o pé em uma camisa branca que ficara jogada no gramado, e repetiu sua pergunta.

Como à guisa de resposta, surgiu da rua um homem com uma lanterna de luz intensa, caminhando na direção do grupo. Era um garçom do hotel. Mal tinha visto Karl, quando disse: “Estou procurando o senhor faz quase meia hora. Procurei-o em todas as encostas nos dois lados da rua. A chefe de cozinha mandou-me dizer que precisa com urgência da cesta de palha que lhe emprestou”.

“Aqui está”, disse Karl com uma voz embargada pelo nervosismo. Delamarche e Robinson se afastaram com aparente modéstia, como sempre faziam na presença de estranhos bem-apegoados. O garçom pegou a cesta e disse: “A chefe de cozinha também pediu que lhe perguntasse, se não mudou de ideia e talvez queira pernoitar no hotel. Também os outros dois senhores serão bem-vindos, se o senhor quiser levá-los consigo. As camas já estão preparadas. A noite de hoje está quente, mas dormir aqui na encosta não é nada seguro, pois cobras aparecem com frequência”.

“Como a chefe de cozinha tem sido tão gentil, não posso deixar de aceitar o seu convite”, disse Karl, esperando por uma manifestação de seus companheiros. Porém, Robinson se mantinha indiferente e Delamarche tinha as mãos nos bolsos e olhava para as estrelas. Ambos aparentemente achavam que Karl os levaria consigo de qualquer jeito.

“Neste caso”, disse o garçom, “tenho ordens para levá-lo ao hotel e carregar sua bagagem”.

“Espere, então, por favor, só mais um momento”, disse Karl, e curvou-se para colocar as poucas coisas que ainda estavam espalhadas na mala.

De repente, endireitou-se. Faltava a fotografia que ficara por cima de tudo e agora não podia ser encontrada em lugar algum. Tudo estava lá, faltava apenas a fotografia. “Não consigo encontrar a fotografia”, disse ele, suplicando a Delamarche.

“Que fotografia?” perguntou Delamarche.

“A dos meus pais”, disse Karl.

“Não vimos nenhuma fotografia”, disse Delamarche.

“Não havia fotografia, Sr. Rossmann”, confirmou Robinson de sua parte.

“Mas isso é impossível”, disse Karl, e seus olhares, que imploravam ajuda, atraíram o garçom. “Estava por cima de tudo e agora sumiu. Se não tivessem feito a brincadeira com a minha mala!”

“Não estamos enganados”, disse-lhe Delamarche, “na mala não havia qualquer fotografia”.

“Era mais importante para mim do que qualquer outra coisa que tenho na minha mala”, disse Karl para o garçom, que continuava a procurar no gramado. “É que ela é insubstituível, não consigo outra.” E quando o garçom desistiu daquela busca frustrada, ele disse: “Era a única foto que tinha dos meus pais”.

O garçom, sem qualquer eufemismo, disse em voz alta: “Talvez pudéssemos procurar ainda nos bolsos dos cavalheiros.”

“Sim”, disse Karl imediatamente, “preciso encontrar a fotografia. Mas, antes de revistar os bolsos, quero ressaltar que quem me der a fotografia voluntariamente poderá ficar com tudo o que há na mala”. Depois de um momento de silêncio total, Karl disse ao garçom: “Meus camaradas obviamente querem ter seus bolsos revistados. Mas mesmo agora prometo até para aquele em cujo bolso ela for encontrada a mala e tudo o que nela há. Mais que isso não posso fazer”.

Imediatamente o garçom começou a revistar Delamarche, que lhe parecia mais intratável do que Robinson, deixando esse último aos cuidados de Karl. Ele alertou Karl para o fato de que ambos deveriam ser revistados ao mesmo tempo, caso contrário, um deles poderia esconder a fotografia, sem que alguém percebesse. Logo de cara, Karl encontrou no bolso de Robinson uma gravata que lhe pertencia, mas não a pegou de volta e gritou para o garçom: “Tudo o que encontrar no bolso de Delamarche, deixe para ele, tudo, por favor. Não quero nada além da fotografia, só a fotografia”.

Ao procurar nos bolsos internos da jaqueta, a mão de Karl entrou em contato com o peito quente e gorduroso de Robinson, e ele se deu conta de que poderia estar cometendo uma grande injustiça para com seus camaradas. Apressou-se, por isso, o máximo possível. De qualquer forma, foi tudo em vão, a fotografia não foi encontrada nem com Robinson nem com Delamarche.

“Não adianta”, disse o garçom.

“Provavelmente, rasgaram a fotografia e jogaram os pedaços fora”, disse Karl. “Pensei que fossem meus amigos, mas no íntimo só queriam me prejudicar. Não tanto o Robinson, ele nunca pensaria que a fotografia teria tanto valor para mim, mas não era o caso de Delamarche.” Karl só via

o garçom na frente dele, cuja lanterna iluminava apenas um pequeno círculo, enquanto todo o resto, incluindo Delamarche e Robinson, encontrava-se mergulhado em profunda escuridão.

É claro que agora nem se cogitava mais em levar os dois para o hotel. O garçom colocou a mala sobre o ombro, Karl pegou a cesta de palha e foram embora. Karl já estava na estrada quando, interrompendo os seus pensamentos, parou e gritou para a escuridão lá em cima: “Escutem, se algum de vocês tiver a fotografia e me levar no hotel — ainda ficará com a mala e não será denunciado, eu juro”. Nenhuma resposta veio lá de cima, apenas uma palavra solta, o começo de uma exclamação de Robinson, mas, pelo visto, Delamarche imediatamente tapara a sua boca. Karl ainda esperou um longo tempo, caso alguém lá em cima mudasse de ideia. Por duas vezes, com intervalos, gritou: “Ainda estou aqui!”. Porém nenhum som se fez ouvir, apenas uma pedra rolou encosta abaixo, talvez por acaso, arremessada sem atingir o seu alvo.

NO HOTEL OCCIDENTAL

Ao chegar ao hotel, Karl foi logo conduzido a uma espécie de escritório, no qual a chefe de cozinha, com um bloco de anotações na mão, ditava uma carta a uma jovem datilógrafa. A forma extremamente precisa de ditar, os toques cadenciados e elásticos das teclas passavam em carreira acelerada pelo tique-taque, só perceptível vez ou outra, do relógio de parede, que já mostrava quase onze e meia. “Pronto!”, disse a chefe de cozinha, fechando o bloco de anotações. A datilógrafa levantou-se com um salto e colocou a tampa de madeira sobre a máquina, sem tirar os olhos de Karl durante essa tarefa, que realizava de maneira mecânica. Parecia ainda uma colegial, seu avental estava tão bem engomado que, por exemplo, tinha ondulações sobre os ombros, o penteado era bastante alto e, depois de todos esses detalhes, era de se espantar um pouco quando se observava seu rosto sério. Depois de cumprimentar com um gesto com a cabeça a chefe de cozinha e depois com outro Karl, ela se retirou, e involuntariamente Karl dirigiu um olhar de interrogação à chefe de cozinha.

“Que bom que pôde vir, afinal de contas”, disse a chefe de cozinha. “E seus camaradas?”

“Eu não os trouxe”, disse Karl.

“Provavelmente partirão muito cedo”, disse a chefe de cozinha, como que buscando uma explicação.

“Ela não vai pensar que eu também partirei junto com eles?”, conjecturou para eliminar todas as dúvidas e disse: “Nós rompemos a amizade”.

A chefe de cozinha pareceu receber isso como uma boa notícia. “Então está livre?”, ela perguntou.

“Sim, estou livre”, disse Karl, e nada lhe pareceu mais inútil.

“Escute, não aceitaria um emprego aqui no hotel?”, perguntou a chefe de cozinha.

“Com prazer”, disse Karl, “mas tenho pouquíssima experiência. Por exemplo, nem sei datilografar”.

“Isso não é o mais importante”, disse a chefe de cozinha. “De início, teria apenas uma função modesta e precisaria ser diligente e atencioso para progredir. Em todo o caso, creio que seja melhor e mais apropriado se estabelecer em algum lugar do que perambular pelo mundo. O senhor não me parece feito para isso.”

‘O meu tio assinaria embaixo disso tudo’, Karl pensou com seus botões, assentindo com a cabeça. Ao mesmo tempo, lembrou-se de que ele, que despertava tantos cuidados naquela senhora, sequer tinha se

apresentado. “Desculpe-me, por favor”, disse, “eu ainda nem me apresentei, me chamo Karl Rossmann”.

“É alemão, não é verdade?”

“Sim”, disse Karl, “ainda estou há pouco tempo na América”.

“Mas de onde é?”

“De Praga, na Boêmia”, disse Karl.

“Ora, veja só”, exclamou a chefe de cozinha num alemão com forte sotaque inglês, quase erguendo os braços, “mas então somos compatriotas, eu me chamo Grete Mitzelbach e sou de Viena. E conheço Praga muito bem, trabalhei durante meio ano no Goldenen Gans do Wenzelsplatz.¹ Consegue imaginar isso?”

“Quando foi isso?”, perguntou Karl.

“Isso já faz muitos e muitos anos”.

“O antigo Goldenen Gans”, disse Karl, “foi demolido há dois anos”.

“Verdade?”, disse a chefe de cozinha, absorta nas lembranças de dias passados.

Mas, de repente, de novo animada, exclamou, tomando as mãos de Karl: “Agora que descobrimos que é meu compatriota, não pode ir embora de jeito nenhum. Não pode fazer isso comigo. Por exemplo, não teria vontade de trabalhar como ascensorista? Apenas diga sim e será atendido. Se já andou um pouco por aí, deve saber que não é muito fácil conseguir esses empregos, porque são o melhor começo que se pode imaginar. Está em contato com todos os hóspedes, todos o veem sempre, além de lhe darem tarefas para fazer; em suma, todos os dias se tem a oportunidade de conseguir algo melhor. Deixe-me cuidar de todo o resto”.

“Bem que gostaria de ser ascensorista”, disse Karl depois de uma pequena pausa. Seria um grande absurdo fazer ressalvas em relação à colocação de ascensorista por causa de seus anos de ensino médio. Pelo contrário, aqui na América os anos de ensino médio seriam motivo para envergonhar-se. A propósito, Karl sempre gostara dos ascensoristas, que lhe pareciam as joias dos hotéis.

“Não é necessário ter conhecimento de idiomas?”, perguntou ele ainda.

“Você fala alemão e um belo inglês, isso é mais do que suficiente.”

“Meu inglês eu só vim a aprender aqui na América, em dois meses e meio”, disse Karl, achando que não deveria ocultar o seu único mérito. “Isso já diz o suficiente sobre você”, disse a chefe de cozinha. “Quando penso em quanta dificuldade tive com o inglês. É verdade que isso foi há uns trinta anos. Ainda ontem falava sobre isso. Pois ontem foi o meu quinquagésimo aniversário.” E, sorrindo, buscou ler no rosto de Karl a impressão que a dignidade dessa idade lhe causaria.

“Então desejo-lhe muitas felicidades”, disse Karl.

“A gente sempre pode precisar disso”, disse ela, apertando a mão de Karl, melancólica mais uma vez com essa velha expressão da terra natal,

que lhe ocorreria enquanto falava alemão.

“Mas eu o estou atrasando”, exclamou em seguida. “Deve estar muito cansado, e nós podemos discutir tudo isso muito melhor durante o dia. A alegria de ter encontrado um compatriota me tornou desatenciosa. Venha, vou lhe mostrar o seu quarto.”

“Tenho mais um pedido a fazer-lhe”, disse Karl ao ver o aparelho de telefone sobre a mesa”, é possível que amanhã, talvez ainda bem cedo, meus antigos companheiros me tragam uma foto de que eu necessito com urgência. Poderia me fazer a gentileza de telefonar para o porteiro e pedir-lhe que mande as pessoas me procurarem ou me mande chamar?”

“Certamente”, disse a chefe de cozinha, “mas não seria suficiente ele receber a fotografia? Que tipo de fotografia é, me permite perguntar?”

“É a fotografia dos meus pais”, disse Karl. “Não, eu mesmo preciso falar com eles.” A chefe de cozinha nada mais disse e ligou para a portaria, dando a ordem apropriada e indicando o número 536 como o do quarto de Karl.

Em seguida, saíram por uma porta que se encontrava do lado oposto ao da porta de entrada, entrando num pequeno corredor, onde um jovem ascensorista dormia encostado na grade do elevador. “Nós mesmos podemos acioná-lo”, disse a chefe de cozinha baixinho e deixou Karl entrar no elevador. “Um turno de dez a doze horas é um pouco puxado para um menino assim”, disse ela enquanto subiam. “Mas esta é uma peculiaridade da América. Aí está, por exemplo, esse rapaz também chegou aqui há apenas meio ano com seus pais, é italiano. Agora parece não aguentar o trabalho, seu rosto está pele e osso, adormece durante o serviço, embora por natureza seja muito prestativo — mas ele só precisa trabalhar mais meio ano aqui ou em qualquer outro lugar da América, para suportar tudo com facilidade, e em cinco anos será um homem forte. Poderia passar horas contando-lhe casos assim. E nem estou pensando em você, pois é um jovem forte. Tem dezessete anos, certo?”

“Vou fazer dezesseis anos no mês que vem”, respondeu Karl.

“Nem ainda dezesseis!”, disse a chefe de cozinha, “então, coragem!”

Ao chegarem ao último andar, conduziu Karl até um cômodo com uma parede inclinada, por estar localizado no sótão, mas que, de resto, iluminado por duas lâmpadas elétricas, apresentava um aspecto bastante acolhedor.

“Não se assuste com a decoração”, disse a chefe de cozinha, “este não é um quarto de hotel, mas um dos de meu apartamento de três cômodos, de modo que não vai me perturbar nem um pouco. Trancarei a porta de comunicação para que fique totalmente à vontade. Amanhã, como novo funcionário do hotel, receberá naturalmente o seu próprio quarto. Se tivesse vindo com seus companheiros, eu os teria instalado no dormitório comum dos criados, mas, como está sozinho, penso que ficará mais bem acomodado aqui, mesmo que precise dormir num sofá. E agora, durma

bem para se fortalecer para o trabalho. Amanhã ainda não será tão puxado”.

“Muito obrigado pela sua gentileza.”

“Espere”, ela disse, parando na saída, “quase que o senhor seria despertado antes da hora”. E foi até uma porta lateral da sala, bateu e chamou: “Therese!”

“Pois não, minha senhora”, disse a voz da jovem datilógrafa.

“Quando vier me acordar amanhã cedo, terá de contornar pelo corredor, aqui na sala dorme um convidado, que está morto de cansaço.” Sorriu para Karl enquanto dizia isso. “Entendeu?”

“Sim, senhora.”

“Então, boa noite!”

“Boa noite para a senhora também!”

“É que já faz alguns anos”, disse a chefe de cozinha, “que durmo muito mal. Estou muito satisfeita com a minha posição e, na verdade, não tenho com o que me preocupar. Mas devem ser as consequências das preocupações que tive que me causam essa insônia. Quando consigo adormecer às três da madrugada, posso me dar por satisfeita. Porém, como pego no serviço já às cinco, o mais tardar às cinco e meia, tenho de ser despertada e com um cuidado especial para não ficar mais nervosa do que já sou. E aí é a Therese que me acorda. Mas agora já está mesmo a par de tudo e o estou segurando. Boa noite!” E, apesar de seu peso, saiu em disparada da sala.

Karl estava ansioso para dormir, porque o dia fora bastante cansativo. E não poderia desejar um ambiente mais confortável para um sono longo e tranquilo. É verdade que o aposento não era destinado a ser quarto de dormir, era antes uma sala de estar, ou, mais precisamente, a sala de visitas da chefe de cozinha. Além disso, um lavatório tinha sido levado para lá naquela noite, especialmente para ele, mas, apesar disso, Karl não se sentia um intruso, pelo contrário, sentia-se ainda mais acolhido. Sua mala fora colocada no lugar apropriado e, com certeza, estava mais segura que em muito tempo. Havia um gaveteiro por cima do qual fora colocada uma toalha rendada de lã e havia várias fotografias emolduradas. Ao olhar a sala com atenção, Karl ficou na frente delas e as observou. Tratava-se em geral de fotografias antigas que mostravam, na sua maioria, meninas em roupas antiquadas e desconfortáveis, com chapéus pequenos de copa alta, que cobriam ligeiramente as cabeças, a mão direita apoiada numa sombrinha, viradas para o espectador e mesmo assim desviando o olhar. Entre os retratos de homens, chamou especial atenção o de um jovem soldado que havia colocado o quepe em cima de uma mesinha, estava em pé em posição de sentido, com cabelos negros e revoltos e uma risada arrogante, mas reprimida. O dourado dos botões de seu uniforme fora acrescentado posteriormente à imagem. Todas essas fotografias decerto haviam sido feitas na Europa, provavelmente era possível ler isso no verso, mas Karl

não queria pegá-las na mão. Da mesma forma como essas fotografias estavam expostas ali, também gostaria de colocar a foto de seus pais em seu futuro quarto.

Estava justamente se espreguiçando, depois de ter lavado o corpo inteiro — o que tentou fazer o mais silenciosamente possível em atenção à sua vizinha —, ansioso para dormir em seu canapé, quando julgou ouvir uma leve batida em uma das portas. Não se podia verificar de imediato em qual porta era, poderia ser apenas um ruído casual. O ruído não se repetiu logo em seguida e, quando tornou a ocorrer, Karl já estava quase adormecendo. Mas agora não restava mais dúvida de que alguém batia e de que o som vinha da porta da datilógrafa. Karl foi até a porta na ponta dos pés e perguntou tão baixinho que, se ela estivesse dormindo, não a teria acordado: “Deseja alguma coisa?”.

A resposta veio sem tardar em tom de sussurro: “Não quer abrir a porta? A chave está do seu lado”.

“Pois não”, disse Karl, “eu só preciso primeiro me vestir.”

Após uma pequena pausa, a datilógrafa disse: “Não é necessário. Abra a porta e deite-se na cama, que eu espero um pouco”.

“Está bem”, disse Karl, e assim fez, só que, além disso, também acendeu a luz elétrica. “Já estou deitado”, disse, um pouco mais alto. Logo a pequena datilógrafa, vestida com a mesma roupa do escritório, saiu do seu quarto escuro; durante esse tempo todo ela provavelmente nem pensara em ir se deitar.

“Mil desculpas”, disse ela, em pé diante do leito de Karl, inclinando-se sobre ele. “Não me denuncie, por favor. Não vou tomar muito de seu tempo, sei que está morto de cansaço.”

“Não é para tanto”, disse Karl, “mas talvez teria sido melhor que eu tivesse me vestido”. Tinha de se esticar todo para poder cobrir-se até o pescoço, porque não tinha uma camisola.²

“Vou ficar só um instante,” disse ela, esticando a mão em direção a uma cadeira. “Posso me sentar no seu sofá?”

Karl assentiu. Ela sentou-se tão perto de Karl que ele teve de recuar até a parede para poder olhar para ela. Tinha um rosto redondo, de feições regulares, com exceção da testa, que era excepcionalmente alta, mas deveria ser por causa do seu penteado, que não combinava muito bem com ela. Usava um vestido muito limpo e bem cuidado. Na mão esquerda, apertava um lenço.

“Pretende ficar aqui por muito tempo?”, ela perguntou.

“Ainda não estou bem certo”, respondeu Karl, “mas acho que sim”.

“Seria tão bom”, disse ela, passando o lenço pelo rosto: “Sinto-me tão sozinha aqui”. “Estou surpreso”, disse Karl. “A chefe de cozinha é tão gentil com a senhorita. Ela não a trata como uma funcionária. Cheguei a pensar que fossem parentas.”

“Oh, não”, ela disse, “me chamo Therese Berchtold, sou da

Pomerânia”.

Karl também se apresentou. Em seguida, ela o olhou bem nos olhos pela primeira vez, como se a menção a seu nome o tornasse um pouco mais desconhecido. Ficaram em silêncio durante alguns instantes. Então ela disse: “Não pense que eu seja uma ingrata. Sem a chefe de cozinha, eu estaria numa situação muito pior. Eu costumava trabalhar como auxiliar de cozinha aqui no hotel e já corria um grande perigo de ser demitida, porque não dava conta do trabalho pesado. Aqui eles são muito exigentes. Há um mês uma auxiliar de cozinha desmaiou pelo excesso de trabalho e ficou quatorze dias internada no hospital. Não sou muito forte, em outros tempos sofri bastante, o que retardou um pouco o meu desenvolvimento; o senhor diria que já tenho dezoito anos? Mas agora já estou mais forte”.

“O serviço aqui deve ser realmente muito puxado”, disse Karl. “Acabei de ver um ascensorista dormindo em pé, no andar de baixo.”

“E isso porque a situação dos ascensoristas ainda é a melhor”, ela disse, “ganham um bom dinheiro extra com gorjetas e não precisam, nem de longe, se matar de trabalhar como o pessoal da cozinha. A verdade é que em certa ocasião tive muita sorte, a chefe de cozinha precisou de uma moça para arrumar os guardanapos para um banquete e mandou chamar uma das auxiliares de cozinha, aqui há por volta de cinquenta dessas moças, eu estava à mão e ela ficou muito satisfeita, porque arrumar bem os guardanapos é comigo mesmo. E assim me manteve perto dela desde então e me treinou aos poucos para ser sua secretária. Aprendi muito durante esse tempo”.

“Há tanto assim para escrever?”, perguntou Karl.

“Oh, bastante”, ela respondeu, “nem pode imaginar. Pôde ver que trabalhei esta noite até as onze e meia, e hoje não é nenhum dia especial. É verdade que não escrevo o tempo todo, pois também tenho muitos afazeres na cidade”.

“Como se chama a cidade?”, perguntou Karl.

“Não sabe?”, disse ela: “Ramses.”

“A cidade é grande?”, perguntou Karl.

“Muito grande”, ela respondeu: “Não gosto de ir lá. Mas o senhor realmente ainda não quer dormir?”

“Não, não”, disse Karl, “ainda nem sei por que me procurou”.

“Porque não tenho com quem conversar. Não sou de me queixar, mas, quando não se tem mesmo ninguém, a gente já fica feliz de finalmente encontrar uma pessoa disposta a nos escutar. Eu já havia visto o senhor no salão, eu estava indo buscar a chefe de cozinha quando ela o levou até a despensa”.

“Aquele salão é terrível”, disse Karl.

“Já nem noto mais”, ela respondeu. “Porém só queria dizer que a chefe de cozinha é tão gentil comigo como só a minha mãe era. Mas nossas posições são diferentes demais, para que eu possa conversar com ela

livremente. Eu costumava ter boas amigas entre as auxiliares de cozinha, mas já não trabalham mais aqui, e mal conheço as novas auxiliares. Enfim, às vezes tenho a impressão de que o meu trabalho atual exige mais esforço do que o anterior, mas que nem o faço tão bem quanto aquele e que a chefe de cozinha só me mantém na minha função por caridade. Na verdade, a gente realmente precisa de uma educação melhor para se tornar secretária. É um pecado dizer isso, mas muitas e muitas vezes tenho medo de enlouquecer. Pelo amor de Deus”, e ao dizer isso, passou a falar muito mais rápido, agarrando o ombro de Karl, já que ele conservava as mãos sob o cobertor. “Não fale nada disso para a chefe de cozinha, senão realmente estarei perdida. Se, além dos incômodos que já lhe causo devido ao meu trabalho, também lhe provocar sofrimento, realmente seria o fim da picada”.

“É claro que não vou contar nada para ela”, respondeu Karl.

“Então está bem”, disse ela, “espero que fique conosco. Gostaria tanto que ficasse aqui, e poderíamos ser amigos se concordar. Logo que o vi pela primeira vez, senti confiança no senhor. E, apesar disso — veja como sou má — também fiquei com receio de que a chefe de cozinha o nomeasse como seu secretário em meu lugar e me demitisse. Só quando fiquei sozinha por um longo tempo, enquanto o senhor estava lá embaixo no escritório, é que me convenci de que seria muito bom se assumisse as minhas tarefas porque, com certeza, as executaria melhor. Caso não quisesse fazer as compras na cidade, eu poderia continuar a realizar essa tarefa. Além disso, eu certamente seria muito mais útil na cozinha, em especial porque já estou um pouco mais forte”.

“Já está tudo arranjado”, disse Karl, “Trabalharei como ascensorista e a senhorita continua como secretária. Mas, se fizer uma alusão, por menor que seja, de seus planos à chefe de cozinha, contarei todo o resto do que me disse hoje à noite, mesmo sentindo muito”.

Esse tom perturbou tanto Therese que ela se ajoelhou ao lado da cama, escondendo o rosto nas roupas de cama, e choramingou.

“Não vou contar nada”, disse Karl, “mas a senhorita também não pode falar nada”.

Naquele momento não conseguia mais permanecer totalmente escondido debaixo do cobertor, descobriu-se um pouco para acariciar o braço dela, mas não encontrou nada reconfortante para dizer-lhe e só pensou em como deveria ser amarga a vida da datilógrafa. Finalmente ela se acalmou o suficiente para se envergonhar do seu choro, olhando com gratidão para Karl, convenceu-o a dormir até tarde e prometeu que, se tivesse tempo, subiria por volta das oito horas para acordá-lo.

“A senhorita tem muito jeito para acordar as pessoas”, disse Karl.

“Sim, há algumas coisas que sei fazer”, disse ela, passando a mão delicadamente sobre o cobertor como gesto de despedida, e correu para seu quarto.

No dia seguinte, Karl insistiu em começar a trabalhar imediatamente, embora a chefe de cozinha lhe quisesse ceder esse dia para que pudesse fazer um passeio em Ramses. Mas Karl declarou abertamente que haveria outras oportunidades para visitar a cidade e que o mais importante para ele era começar a trabalhar, porque na Europa já tinha interrompido desnecessariamente uma carreira e estava começando como ascensorista em uma idade na qual rapazes mais capacitados já estavam perto de assumir cargos de maior responsabilidade. Era-lhe certo que começasse como ascensorista, mas era-lhe igualmente certo que precisaria progredir com celeridade. Visitar a cidade nessas circunstâncias não proporcionaria qualquer prazer. Sequer concordou em dar uma pequena volta para a qual Therese o convidara. Não conseguia tirar da cabeça a ideia de que, se não fosse diligente, acabaria como Delamarche e Robinson.

Na alfaiataria do hotel, provou o uniforme de ascensorista, que lhe parecia esplendidamente guarnecido de botões e cordões dourados; no entanto, ao vesti-lo, Karl estremeceu um pouco, porque, especialmente embaixo dos braços, a jaqueta estava fria, rígida e, ao mesmo tempo, úmida, uma umidade provocada pelo suor dos ascensoristas, que o tinham usado antes e que não secava nunca. O uniforme teve de ser especialmente alargado no peito para servir a Karl, porque nenhum dos dez disponíveis lhe servia apropriadamente. Apesar desses ajustes necessários e de o mestre parecer muito exigente — duas vezes o uniforme já entregue voou da sua mão de volta para a oficina —, tudo foi resolvido em uns cinco minutos e Karl deixou o ateliê já como ascensorista com calças muito justas e uma jaqueta — apesar das garantias em contrário do mestre — que lhe demandava esforços constantes para respirar, como se para confirmar se isso ainda era possível.

Em seguida, apresentou-se ao *maître-d'hôtel*, sob cujas ordens se encontrava, um homem magro e bonito, com um nariz grande, provavelmente com mais de quarenta anos. O *maître* não tinha tempo para conversa, por mais rápida que fosse; apenas tocou a campainha, convocando um dos ascensoristas, que calhou de ser justamente aquele que Karl tinha visto no dia anterior. O *maître-d'hôtel* só o chamava pelo primeiro nome, Giacomo, como Karl soube só mais tarde, porque sua pronúncia em inglês deixava o nome irreconhecível. Esse rapaz foi encarregado de mostrar a Karl o necessário para a realização do serviço de elevador, mas era tão tímido e apressado que Karl pouco aprendeu com ele, por menos que houvesse a aprender. Com certeza, Giacomo também estava irritado porque, ao que parecia, tivera de deixar o serviço de ascensorista por causa de Karl, sendo designado como auxiliar das camareiras, o que lhe pareceu desonroso por causa de certas experiências, que ele entretanto ocultou. O que mais decepcionou Karl foi que o contato do ascensorista com o maquinário do elevador limitava-se a sua movimentação, com a simples pressão de um botão, enquanto os reparos

no motor eram tarefa exclusiva dos técnicos especializados do hotel, e que Giacomo, por exemplo, apesar de já trabalhar havia meio ano como ascensorista, nunca vira com os próprios olhos, nem o motor no porão, nem as máquinas dentro do elevador, embora, como afirmava categoricamente, sempre o tivesse desejado. De qualquer forma, o trabalho mostrava-se monótono e, por causa dos turnos de doze horas que alternavam entre o dia e a noite, era tão exaustivo que, de acordo com os relatos de Giacomo, só era suportável quando se conseguia dormir alguns minutos de pé. Karl nada quis comentar, mas compreendeu que fora justamente essa aptidão que devia ter custado a Giacomo seu cargo.

Para Karl, era muito conveniente que o elevador do qual ficara encarregado servisse apenas os andares superiores, razão pela qual não teria de lidar com os hóspedes ricos, os mais exigentes. É verdade que nesse elevador não aprenderia tanto quanto nos outros portanto era bom apenas para começar.

Já depois da primeira semana, Karl reconheceu que dava plenamente conta do serviço. O seu elevador era aquele cuja parte metálica estava mais polida, nenhum dos outros trinta elevadores poderia ser comparado ao dele nesse quesito, e ainda poderia estar mais brilhante, se o rapaz que servia no mesmo elevador também fosse tão diligente e não se tivesse sentido apoiado em seu descaso pela diligência de Karl. Era um americano chamado Renell, um adolescente vaidoso com olhos escuros e bochechas lisas, ligeiramente côncavas. Tinha um terno elegante que vestia quando saía apressado para a cidade, ligeiramente perfumado, nas noites de folga; de vez em quando também pedia a Karl que o substituísse à noite, alegando que precisava sair por causa de assuntos da família e pouco se importando que sua aparência desmentisse todas essas desculpas. Apesar disso, Karl gostava dele e apreciava quando, nessas noites, Renell, já vestindo o seu terno social, ainda parava um pouco na sua frente, junto ao elevador, com mais algumas desculpas, enquanto calçava as luvas, e depois saía corredor afora. Aliás, Karl queria apenas fazer um favor para um colega mais antigo, o que no começo lhe parecia natural; não pretendia, contudo, que isso se tornasse um arranjo permanente. Essa eterna condução do elevador era cansativa o bastante e, especialmente à noite, quase não havia pausas.

Rapidamente, Karl também aprendeu a fazer a reverência curta e profunda que se exige dos ascensoristas, e a gorjeta, ele a pegava no ar. Ela desaparecia no bolso do seu colete e, pela sua expressão, ninguém poderia dizer se era grande ou pequena. Abria a porta para as damas com uma certa dose de galanteria e entrava lentamente no elevador atrás delas, que, preocupadas com suas saias, chapéus e adereços, costumavam hesitar mais do que os homens para entrar. Durante a subida, mantinha-se de pé junto à porta e de costas para os passageiros, por ser esta a posição mais discreta, e segurava a maçaneta da porta do elevador para empurrá-la para o lado, de

repente, sem atrasos nem sustos, no momento da chegada. Era raro alguém bater no seu ombro durante a viagem para obter alguma informação, então ele se virava apressadamente, como se a esperasse, e respondia em voz alta. Muitas vezes havia uma multidão tão grande, apesar dos muitos elevadores, principalmente após a saída dos teatros ou após a chegada de certos trens expressos, que ele mal deixava os hóspedes lá em cima e já tinha de descer correndo para pegar as pessoas que aguardavam lá embaixo. Também tinha a opção de puxar uma corda de arame que passava por dentro da cabine do elevador para aumentar a velocidade normal; no entanto, isso estava proibido pelo regulamento do elevador e também devia ser perigoso. Karl nunca fazia isso quando transportava passageiros, mas, quando os tinha desembarcado lá em cima e havia outros esperando lá embaixo, então dispensava qualquer cautela e manobrava, como um marinheiro, a corda com gestos fortes e ritmados. Sabia, a propósito, que os outros ascensoristas também o faziam e não queria perder seus passageiros para os outros. Alguns hóspedes, que já moravam havia mais tempo no hotel, o que aliás era bastante comum naquele lugar, mostravam eventualmente com um sorriso que reconheciam Karl como seu ascensorista privativo. Karl aceitava essa demonstração de reconhecimento com um rosto sério, mas com prazer. Às vezes, quando o movimento estava um pouco mais fraco, aceitava pequenos encargos, buscando, por exemplo, algo esquecido para um hóspede do hotel que não queria subir novamente ao quarto, então voava sozinho até lá em cima no seu elevador, que em tais momentos lhe era tão familiar, entrava no aposento desconhecido, onde objetos curiosos que nunca vira se encontravam espalhados ou pendurados no cabideiro, sentia o odor característico de um sabonete estrangeiro, um perfume, um enxaguante bucal e retornava apressadamente, sem se deter, na maioria dos casos com o objeto localizado, apesar das instruções imprecisas que recebia. Muitas vezes lamentava não poder aceitar tarefas maiores, para as quais eram designados criados e mensageiros próprios, que faziam o seu caminho de bicicleta e até de motocicleta. Karl podia ser aproveitado apenas como mensageiro dos quartos aos restaurantes ou às salas de jogos nas ocasiões oportunas.

Quando encerrava o horário de trabalho, depois de um turno de doze horas, em três dias às seis da noite, nos três dias seguintes às seis horas da manhã, estava tão exausto que, sem se importar com ninguém, ia direto para a cama, que ficava no dormitório comum dos ascensoristas. A chefe de cozinha, cuja influência talvez não fosse tão grande como ele pensara na primeira noite, tinha se esforçado para conseguir um quartinho só para ele e talvez o tivesse conseguido, mas, como Karl viu a dificuldade que era e como a chefe de cozinha, por causa desse assunto, telefonara diversas vezes para seu chefe, aquele *maître-d'hôtel* ocupadíssimo, abriu mão disso e a convenceu da sinceridade de sua renúncia, sugerindo que não queria causar inveja aos outros rapazes por causa de um privilégio que não fora

conquistado por merecimento.

O dormitório não era exatamente um lugar silencioso, pois, como cada um dos ocupantes distribuía o tempo livre de doze horas de forma diferente entre refeições, sono, passatempos e atividades extras, o dormitório estava sempre movimentadíssimo. Alguns dormiam e puxavam o cobertor sobre a cabeça para não ouvir nada; se, apesar disso, um desses fosse despertado, então reclamava tão furiosamente da gritaria dos outros que os restantes, por mais dorminhocos que fossem, haviam de despertar. Quase cada rapaz tinha seu cachimbo, fazendo dele uma espécie de artigo de luxo, também Karl adquirira o seu e logo encontrara gosto nele. Acontece que não era permitido fumar durante o trabalho e a consequência disso era que no dormitório aquele que não estivesse necessariamente dormindo fumava. Como resultado, cada cama se achava envolta por sua própria nuvem de fumaça, e o ambiente todo, em uma verdadeira névoa. Era impossível colocar em prática a sugestão, embora na verdade a maioria concordasse em princípio, que à noite somente a lâmpada numa extremidade do salão deveria ficar acesa. Se essa sugestão tivesse sido colocada em prática, aqueles que queriam dormir poderiam fazê-lo na metade escura do salão — era um grande salão com quarenta camas — enquanto os outros poderiam jogar dados ou cartas na parte iluminada e cuidar de tudo mais que precisasse de iluminação. Se alguém, cuja cama estivesse na metade iluminada do salão, quisesse ir dormir, era só se deitar numa das camas desocupadas do lado escuro, pois sempre havia uma quantidade suficiente de camas desocupadas e ninguém se opunha ao uso temporário de sua cama por outrem. Mas não houve uma só noite em que essa divisão fosse adotada. Era comum que, por exemplo, dois rapazes, depois de aproveitar a escuridão para dormir um pouco, ficassem com vontade de jogar baralho na cama, num tabuleiro colocado entre eles, e naturalmente acendessem uma lâmpada elétrica ao lado, cuja luz intensa despertava de chofre os rapazes que ainda dormiam, cujos rostos estavam voltados diretamente para ela. Quem dormia se revirava por um tempo, mas, no fim, não havia nada melhor para fazer do que iniciar, por sua vez, uma partida com os vizinhos, igualmente despertos, e para isso acender mais uma lâmpada. E, naturalmente, todos os cachimbos voltavam a soltar fumaça. Havia, no entanto, alguns que queriam dormir a qualquer preço — entre os quais Karl geralmente estava — e que, em vez de colocar a cabeça no travesseiro, cobriam-na ou embrulhavam-na nele; mas como era possível continuar dormindo, quando o vizinho mais próximo se levantava na calada da noite para aproveitar ainda um pouco as diversões da cidade, antes de iniciar o turno no serviço, e se lavava na bilha ao pé da cama, fazendo barulho e respingando água? Como continuar dormindo, se ele não apenas calçava as botas ruidosamente, mas também pisava com força para as melhor calçar — quase todos tinham botas muito justas, apesar do formato dos calçados americanos — e então, finalmente, porque faltava

algo em seu traje, levantar o travesseiro do que ainda queria dormir, mas que estava, de fato, havia bastante tempo já acordado, apenas esperando para lhe dar uma boa bronca? Além disso, todos também eram jovens esportistas, rapazes fortes que não desperdiçavam nenhuma oportunidade de praticar algum exercício. E era certo que, ao pular da cama — tendo sido despertado à noite, por um grande barulho, do meio do sono,— se encontrariam dois lutadores ali no chão, ao lado da cama, e de pé, em cima das camas ao redor, em camisas e cuecas, sob forte iluminação, especialistas em luta. Certa vez, por ocasião de um desses combates noturnos de boxe, um dos lutadores caiu por cima de Karl, que ainda dormia, e a primeira coisa que viu quando abriu os olhos foi o sangue que escorria do nariz do garoto inundando toda a roupa de cama, antes que algo pudesse ser feito para evitar tudo isso. Com frequência, Karl passava quase todas as doze horas tentando ganhar algumas horas de sono, embora também estivesse muito tentado a participar dos passatempos dos outros; mas parecia-lhe sempre que todos os outros tinham uma vantagem inicial em suas vidas e que ele tinha de compensar por um trabalho mais diligente e uma certa renúncia. Embora prezasse muito o seu sono, principalmente por causa de seu trabalho, não se queixava nem para a chefe de cozinha nem para Therese das condições no dormitório, porque, em primeiro lugar, os garotos de modo geral sofriam com elas sem reclamar seriamente e, em segundo lugar, esse incômodo no dormitório era parte necessária de seu trabalho como ascensorista, que aceitara com gratidão das mãos da chefe de cozinha.

Tinha vinte e quatro horas de folga, uma vez por semana, quando mudava de turno, e parte desse tempo usava para fazer uma ou duas visitas à chefe de cozinha ou esperava o escasso tempo livre de Therese para trocar algumas palavras com ela, em algum lugar ou canto, em algum corredor, mas só raramente no quarto dela. Às vezes, também a acompanhava quando ela tinha compromissos que precisavam ser executados com a máxima urgência na cidade. Então corriam, Karl com a bolsa dela na mão, até a mais próxima estação do metrô, a viagem transcorria num instante, como se o trem fosse arrastado sem opor qualquer resistência, de repente já estavam desembarcando e subindo os degraus da escada, em vez de aguardar o elevador, que achavam lento demais, e logo surgiam as grandes praças, das quais as ruas irradiavam em forma de estrela, causando um alvoroço no trânsito que fluía em linha reta vindo de todos os lados, mas Karl e Therese andavam muito juntos, apressando-se em chegar aos vários escritórios, lavanderias, depósitos e lojas em que tinham de tratar de encomendas ou reclamações que não podiam ser resolvidas por telefone e compromissos que não demandavam tanta responsabilidade. Therese logo percebeu que a ajuda de Karl nessas tarefas não era de se desprezar, pois, pelo contrário, graças a ela tudo se resolvia mais depressa. Na sua companhia, nunca tinha de esperar, como

de costume, que os empresários sobrecarregados a atendessem. Ele ia até o balcão e tamborilava tanto com os nós dos dedos até que isso surtisse efeito; seu chamado, em um inglês ainda um pouco exagerado, era ouvido em meio à multidão, aproximava-se das pessoas sem hesitação, mesmo que elas se recolhessem arrogantemente ao fundo dos escritórios mais compridos. Não fazia isso por atrevimento e respeitava qualquer resistência, mas sentia-se em uma posição segura, lhe dava direitos, pois o Hotel Occidental não era um cliente que se pudesse desprezar e, no fundo, porque Therese precisava de ajuda, apesar da sua experiência com os negócios.

“Você deveria me acompanhar sempre”, dizia ela às vezes, rindo feliz quando vinham de uma transação particularmente bem-sucedida.

Somente três vezes, durante o mês e meio que Karl ficou em Ramses, ele passou mais algumas horas, no quatinho de Therese. Naturalmente era um quatinho menor do que qualquer cômodo da chefe de cozinha, as poucas coisas que lá havia estavam, por assim dizer, dispostas ao redor da janela, mas, depois de suas experiências no dormitório, Karl aprendera a valorizar um quarto particular relativamente tranquilo, e, embora não o verbalizasse explicitamente, Therese percebeu o quanto ele gostava do seu quarto. Não tinha segredos com ele, nem seria possível que ainda os tivesse, após sua visita naquela primeira noite. Era filha ilegítima, o pai era um encarregado de obras e providenciara para que a mãe e a criança pudessem vir da Pomerânia, mas, como se com isso tivesse cumprido seu dever ou como se tivesse esperado pessoas diferentes da mulher esgotada pelo trabalho e da criança adoentada que foi receber no cais de desembarque, emigrou para o Canadá sem muitas explicações logo após a chegada delas, e as duas, que ficaram para trás, jamais receberam uma carta nem qualquer outra notícia dele, o que em parte não era de admirar, porque se perdiam sem deixar rastro nos alojamentos coletivos da zona leste de Nova York.

Uma vez Therese falou — Karl estava ao lado dela junto à janela e olhava para a rua — sobre a morte de sua mãe. Contou-lhe como a mãe e ela, numa noite de inverno — na época, teria por volta de cinco anos de idade —, andavam depressa pelas ruas, cada uma com a sua trouxa, procurando um lugar para dormir. Prosseguiu narrando como a mãe, num primeiro momento, a segurava pela mão — estavam em uma nevasca e não era fácil avançar —, até a mão se paralisar com o frio e largar a de Therese, sem olhar para ela, que teve de se esforçar para segurar as saias da mãe. Várias vezes Therese tropeçou, chegando até a cair, mas a mãe parecia alucinada e não parava. E aquelas nevascas nas longas ruas retilíneas de Nova York! Karl ainda não tinha passado nenhum inverno em Nova York. Quem anda contra o vento, que sempre gira em círculos, não consegue abrir os olhos por um momento sequer, pois o vento sempre esfrega a neve no rosto de quem se move e, por mais que a pessoa tente se

locomover, não consegue avançar, é algo desesperador. Uma criança nessa situação naturalmente está em vantagem em comparação com os adultos, pois passa por baixo do vento e ainda se diverte um pouco com tudo isso. Assim, Therese não conseguira compreender bem sua mãe naquela ocasião, mas agora estava firmemente convencida de que, se naquela noite tivesse se comportado com mais inteligência no trato com a mãe — embora ainda fosse uma criança tão pequena —, ela não teria sofrido uma morte tão triste. Já fazia dois dias que a mãe estava desempregada, não tinham um tostão furado, haviam passado o dia ao relento, sem comer, e em suas trouxas carregavam apenas molambos inúteis, que não se atreviam a jogar fora, talvez por superstição. O fato era que tinham prometido uma vaga para a mãe numa construção para a manhã seguinte, mas ela temia, como tentara explicar a Therese o dia todo, não poder aproveitar a boa oportunidade, porque se sentia morta de cansaço, e naquela manhã já cuspira bastante sangue, para a consternação dos transeuntes, e seu único desejo era arrumar algum lugar quente e descansar. E justamente naquela noite era impossível encontrar um lugar, por menor que fosse. Em qualquer lugar onde o zelador ainda não as houvesse expulsado de debaixo da marquise, onde poderia recuperar-se pelo menos um pouco do mau tempo, percorreram depressa os corredores estreitos e gelados, subiram para os andares altos, rodearam os terraços estreitos dos pátios, bateram indiscriminadamente nas portas, primeiro não ousaram falar com ninguém, depois pediram abrigo a todos que encontravam e uma ou duas vezes a mãe sentou-se silenciosamente e sem fôlego no degrau de uma escada, puxou para junto de si Therese, que quase se defendeu, e beijou-a nos lábios com uma obstinação dolorosa. Quando se descobre mais tarde que esses eram os últimos beijos, não se entende como alguém pode ser tão cego a ponto de não o perceber, por mais que esse alguém fosse só um pedacinho de gente. Em alguns dos quartos pelos quais passaram, as portas estavam abertas para deixar sair o ar sufocante e, de dentro da fumarada que, como se causada por um incêndio, enchia o cômodo, apenas aparecia a figura de alguém na entrada demonstrando pela sua presença muda ou por breves palavras que estava fora de questão elas serem acolhidas naquele espaço. Olhando retrospectivamente, parecia agora a Therese que a mãe procurara com afinco por um lugar apenas durante as primeiras horas, pois, passada a meia-noite, não deve ter falado com mais ninguém, embora continuasse andando, com pequenos intervalos, até a madrugada, e embora soubesse que nesses prédios, onde nunca se fecham a porta de entrada nem a dos apartamentos, sempre há movimento e se encontram pessoas a cada passo. Claro que não era uma andança que lhes permitia avançar rapidamente, mas apenas o esforço extremo de que eram capazes, e na verdade podia ser apenas uma forma de arrastar-se. Therese tampouco saberia dizer se tinham estado em vinte, em dois ou mesmo em um só prédio entre a meia-noite e as cinco da manhã. Os corredores desses

prédios tinham sido construídos visando ao melhor aproveitamento do espaço, mas sem levar em conta a facilidade de orientação; quantas vezes teriam atravessado os mesmos corredores! Therese tinha uma vaga lembrança de que tinham abandonado a entrada de um prédio que haviam explorado durante um tempo que parecia eterno, mas igualmente pareceu-lhe que logo tinham mudado de direção na calçada e retornado depressa para o mesmo prédio. Para a criança, naturalmente era um sofrimento inimaginável ser arrastada pela mãe sem a menor palavra de consolo, ora sendo levada pela sua mão, ora se agarrando a ela, e, naquele momento, tudo parecia ter apenas uma explicação para sua falta de entendimento: a mãe queria fugir dela. É por isso que Therese — mesmo quando a mãe a segurava com uma das mãos — se agarrava por segurança com uma força cada vez maior também às saias da mãe, chorando de vez em quando. Não queria ser abandonada ali, entre aquelas pessoas, que subiam as escadas na frente delas com passos firmes, que surgiam atrás delas numa volta da escada antes de serem vistas, que brigavam entre si nos corredores, em frente a uma porta, e que se empurravam mutuamente para dentro dos cômodos. Bêbados perambulavam, cantando sombriamente pelo prédio, mas felizmente a mãe conseguia se esgueirar com Therese por esses grupos que as impediam de passar. Sem dúvida, quando as pessoas já não estavam mais tão atentas e ninguém mais insistia tanto nos seus direitos, teriam conseguido entrar tarde da noite pelo menos em um dos dormitórios coletivos alugados por particulares — elas haviam passado por alguns deles —, mas Therese ainda não sabia disso e a mãe já não queria mais descansar. De manhã, no começo de um lindo dia de inverno, ambas estavam encostadas numa parede, talvez tivessem dormido um pouco ali, talvez apenas olhado em volta com os olhos abertos. Therese tinha uma vaga lembrança de ter perdido a sua trouxa e de a mãe querer lhe bater por causa do descuido, mas Therese não ouviu nem sentiu nenhuma das pancadas. Então seguiram pelas ruas, que estavam ficando mais movimentadas, a mãe junto aos muros, passaram sobre uma ponte, de cuja balaustrada a mãe afastou o gelo com a mão, chegando por fim, naquela época aceitara o fato, que hoje lhe parecia incompreensível, justamente àquela obra na qual a mãe começaria a trabalhar naquela manhã. A mãe não disse a Therese se ela deveria esperar ou ir embora e Therese tomou isso como uma ordem para esperar, já que era o que melhor correspondia à sua própria vontade. Então sentou-se em uma pilha de tijolos e viu a mãe desamarrar a sua trouxa, tirar dela um molambo colorido e envolver com ele o lenço de cabeça que usara a noite toda. Therese estava cansada demais até mesmo para lembrar-se de ajudar a mãe. Sem se apresentar no barracão de obras, como seria de praxe, e sem perguntar nada a ninguém, a mãe subiu uma escada como se já soubesse de qual tarefa fora encarregada. Therese ficou surpresa, porque as auxiliares geralmente são encarregadas apenas de remover a cal, transportar as telhas e fazer outros serviços mais

simples. Por isso, pensou que a mãe naquele dia queria fazer um trabalho mais bem remunerado e olhou para ela com um sorriso sonolento, lá para cima, em direção à mãe. A obra ainda não estava alta, mal se terminara o andar térreo, embora as colunas altas para a construção adicional, ainda sem as vigas de conexão, se destacassem contra o céu azul. Lá em cima, a mãe contornou com habilidade os pedreiros que colocavam tijolos em cima de tijolos e curiosamente não a questionaram, segurando-se com cuidado num guarda-corpo de madeira, que servia de corrimão, e Therese, sonolenta, maravilhou-se com aquela habilidade e ainda acreditou receber um olhar afetuoso da mãe. Mas, em seguida, o caminho da mãe levava até uma pequena pilha de tijolos, na frente da qual o corrimão e provavelmente também o caminho terminava, mas ela não levou isso em consideração, avançando diretamente para a pilha de tijolos, sua destreza parecia tê-la abandonado, pois derrubou a pilha de tijolos e, caindo por cima dela, precipitou-se das alturas. Muitos tijolos rolaram atrás dela e, finalmente, um bom tempo depois, uma tábua pesada se soltou em algum lugar, atingindo-a com grande barulho. A última lembrança que Therese guardou da sua mãe foi vê-la deitada com as pernas afastadas, vestindo a saia quadriculada que ainda era da Pomerânia, como aquela tábua crua em cima dela quase a encobria, enquanto convergiam pessoas de todos os lados e um homem enfurecido gritava lá em cima da construção alguma coisa lá para baixo.

Já era tarde quando Therese terminou sua história. Ela a contara com uma minúcia que não lhe era habitual e, especialmente em trechos não tão essenciais, como na descrição das colunas da construção, que se erguiam isoladamente, cada uma por si, em direção ao céu, teve de calar-se com lágrimas nos olhos. Agora, depois de dez anos,³ lembrava exatamente de cada pormenor que acontecera naquele dia e, como a última lembrança da vida da mãe era a visão dela lá em cima naquele piso do andar semiacabado do edifício, e porque não conseguira transmitir essa imagem com suficiente clareza a seu amigo, quis voltar novamente a esse ponto, depois do final da narrativa, mas vacilou, enterrou o rosto nas duas mãos e não disse mais palavra.

Mas também passavam momentos mais alegres no quarto de Therese. Logo na primeira visita Karl descobrira por lá um manual de correspondência comercial e o pedira emprestado. Logo combinaram que Karl faria as tarefas propostas no livro e as apresentaria para a correção de Therese, que já o havia estudado na medida do necessário, para realizar suas tarefas. Desde então Karl ficava noites inteiras, com algodão nos ouvidos, em sua cama lá embaixo no dormitório, alternando-se nas mais diferentes posições possíveis, enquanto lia o livro e rabiscava as tarefas em um caderninho, com uma caneta-tinteiro que a chefe de cozinha lhe dera como recompensa por um grande inventário de estoque, muito prático e simples, que ele montara para ela. Conseguiu tirar proveito da maioria das

perturbações vindas dos outros rapazes, pois pedia-lhes sempre pequenos conselhos sobre questões de língua inglesa até que eles se cansaram e o deixaram em paz. Frequentemente espantava-se ao ver como os outros estavam satisfeitos com a situação atual, sem preocupações com seu caráter provisório — ascensoristas com mais de vinte anos de idade não eram aceitos —, como não sentiam a necessidade de decidir por conta própria a respeito de uma profissão futura e que, apesar do exemplo de Karl, nada liam além de, no máximo, histórias de detetives, que passavam de cama em cama em exemplares sujos e escangalhados. Nas reuniões, Therese corrigia com zelo exagerado; surgiam divergências de opinião, Karl invocava em sua defesa o seu grande professor de Nova York, mas isso contava tão pouco para Therese como as teorias gramaticais dos ascensoristas. Tirava a caneta-tinteiro da sua mão e riscava o trecho de cujo erro ela estava convencida, porém, nesses casos de dúvida, embora, em princípio nenhuma autoridade superior à de Therese devesse tratar do assunto, Karl tornava a riscar as correções de Therese para registrar sua discordância. Às vezes, no entanto, a chefe de cozinha aparecia e decidia então sempre a favor de Therese, o que ainda não provava nada, pois Therese era sua secretária. Mas, ao mesmo tempo, ela promovia a reconciliação geral, porque faziam chá, buscavam bolos e Karl tinha de contar histórias sobre a Europa, embora com muitas interrupções por parte da chefe de cozinha, que o enchia de perguntas e se espantava, fazendo-o compreender como as coisas por lá tinham mudado em um tempo razoavelmente curto e como muitas coisas provavelmente já tinham mudado desde a sua partida e continuariam a mudar.

Karl devia estar em Ramses havia cerca de um mês quando Renell, certa noite, ao passar por ele, lhe disse que fora abordado na frente do hotel por um homem chamado Delamarche, que o interrogara sobre Karl. Renell não tinha motivo para ocultar fosse lá o que fosse e, sem faltar à verdade, lhe contara que Karl trabalhava como ascensorista, mas que tinha perspectivas de conseguir cargos bem melhores graças à proteção da chefe de cozinha. Karl percebeu o cuidado com que Renell fora tratado por Delamarche, que até o convidara nessa mesma noite para jantar.

“Não tenho mais nada a ver com Delamarche”, disse Karl, “e é melhor você também tomar cuidado com ele!”

“Eu?”, disse Renell, espreguiçando-se e saindo apressado. Era o menino mais gracioso do hotel, e entre os outros circulava o boato — sem que se soubesse o autor — de que uma senhora distinta que já morava havia mais tempo no hotel o teria, no mínimo, coberto de beijos no elevador. Para quem conhecia esse boato, o grande atrativo era ver passar aquela senhora autoconfiante, cuja aparência exterior, com seus passos tranquilos e leves, o rosto coberto por véus delicados, cintura bem espartilhada, não revelava o menor indício da possibilidade de tal comportamento. Morava no primeiro andar, que não era atendido pelo

elevador de Renell, mas é claro que não se podia negar a entrada a essa classe de hóspedes num elevador diferente do seu quando os outros se achavam temporariamente ocupados. Dessa forma, essa senhora de vez em quando tomava o elevador de Karl e Renell, e, de fato, apenas quando Renell estava de serviço. Poderia ser até coincidência, mas ninguém acreditava nisso e, quando o elevador partia com os dois, havia em toda a fila de ascensoristas uma mal reprimida agitação, que já causara até a intervenção de um dos *maîtres-d'hôtel*. Fosse a causa a dama, fosse o boato, o caso era que Renell tinha mudado, tornara-se mais autoconfiante, deixando a limpeza do elevador completamente por conta de Karl, que já aguardava a próxima oportunidade para esclarecer isso a fundo, e não era mais visto no dormitório. Nunca nenhum outro abandonara tão completamente a comunidade dos ascensoristas, porque, de modo geral, todos se mantinham estritamente unidos pelo menos nas questões relacionadas ao trabalho e até tinham uma organização reconhecida pela gerência do hotel.

Tudo isso passou pela cabeça de Karl, que pensou também em Delamarche, e, de resto, fez o seu trabalho como de costume. Por volta da meia-noite, teve uma pequena distração, porque Therese, que com frequência o surpreendia com pequenos presentes, trouxe-lhe uma grande maçã e uma barra de chocolate. Conversaram algum tempo, sem se deixarem perturbar pelas interrupções que as viagens de elevador proporcionavam. A conversa também girou em torno de Delamarche, e Karl percebeu que, na verdade, havia sido influenciado por Therese, pois havia algum tempo passara a considerá-lo uma pessoa perigosa, já que era assim que ela o via, com base em como Karl falara dele. Karl, no entanto, o considerava no fundo apenas um vagabundo que tinha sido arruinado pelo infortúnio e de quem era possível dar conta. Therese o contradizia com muita veemência e exigiu, após longas conversas, a promessa de Karl de que não trocaria mais nem uma palavra com Delamarche. Em vez da promessa, Karl insistiu repetidas vezes que ela fosse dormir, pois já passava da meia-noite, mas, como ela se recusou, ele a ameaçou de deixar seu posto para levá-la ao quarto. Quando ela finalmente decidiu-se ir embora, ele disse: “Por que se preocupa à toa, Therese? Caso isso a ajude a dormir melhor, prometo que não falarei com Delamarche, a menos que seja inevitável”. Logo em seguida teve de fazer muitas viagens, porque o rapaz do elevador vizinho teve de prestar algum outro tipo de serviço, e Karl teve de se encarregar dos dois elevadores. Alguns hóspedes reclamaram da desorganização e um senhor, que acompanhava uma dama, chegou a tocar em Karl com a bengala para apressá-lo, uma admoestação completamente desnecessária. O problema não teria ocorrido se os hóspedes, ao verem que não havia ascensorista em um dos elevadores, pelo menos se posicionassem na frente do elevador de Karl, mas não o faziam; iam para o elevador vizinho e ficavam lá, com as mãos na maçaneta, em pé, ou

mesmo entravam sozinhos no elevador, o que os ascensoristas, de acordo com o parágrafo mais estrito da ordem de serviço, deviam impedir a qualquer preço. Dessa forma, Karl teve de correr de baixo para cima até se exaurir, sem que tivesse consciência de estar cumprindo o seu dever com exatidão. Como se isso não bastasse, por volta das três horas da manhã, um porteiro, um senhor idoso encarregado de transportar malas, com quem ele cultivava certa amizade, solicitou sua ajuda, mas naquele momento ele não podia prestá-la de forma alguma, porque havia hóspedes na frente dos dois elevadores. E era necessário ter presença de espírito para se decidir imediatamente por um dos grupos. Portanto, ficou aliviado quando o outro ascensorista retornou para o seu posto, dirigindo-lhe até algumas palavras de reprovação por causa de sua longa ausência, embora provavelmente não fosse culpa dele.

Depois das quatro horas da manhã, instalou-se uma certa tranquilidade, da qual Karl já precisava urgentemente. Exaurido, encostou-se fortemente na grade ao lado de seu elevador, comeu devagar a maçã, que, já depois da primeira mordida, exalava um forte aroma, e olhou para um pátio iluminado lá embaixo, rodeado pelas grandes janelas dos armazéns, atrás das quais mal se podia discernir o brilho dos cachos de bananas pendurados no escuro.

¹ O Goldenen Gans (Ganso de Ouro) do Wenzelsplatz era um dos prédios famosos da *Belle Époque* de Praga. (N.T.) ² No começo do século XX, era comum os homens usarem camisola como roupa de dormir. (N.T.) ³ Parece haver um equívoco aqui. No primeiro encontro com Karl, Therese diz que já tem dezoito anos, embora aparente menos. Então ela devia ter oito anos, e não cinco, quando sua mãe faleceu. (N.T.)

O CASO ROBINSON

Nesse momento, alguém bateu de leve em seu ombro. Naturalmente, Karl, pensou que se tratava de um hóspede, guardou depressa a maçã no bolso e correu para o elevador, mal olhando para o homem.

“Boa noite, Sr. Rossmann”, disse o homem, “sou eu, Robinson”.

“Você está muito diferente!”, disse Karl, balançando a cabeça.

“Sim, agora estou bem de vida”, disse Robinson, olhando para suas roupas, que até poderiam ser muito finas, mas estavam combinadas de tal maneira que ele parecia um maltrapilho. A peça que mais se notava era um colete branco enfeitado com quatro bolsinhos com arremates pretos, que aparentemente estava sendo estreado e para o qual Robinson tentava chamar a atenção, estufando o peito.

“Anda gastando com roupas caras!”, disse Karl, lembrando-se por um momento do seu terno simples e elegante, com o qual faria bonito até mesmo ao lado do próprio Renell, mas que os dois maus amigos haviam vendido.

“É verdade”, disse Robinson, “quase todos os dias compro alguma coisa nova. O que acha deste colete?”

“Nada mau”, disse Karl.

“Mas não são bolsos verdadeiros, são só imitação”, disse Robinson, e tomou a mão de Karl para que ele mesmo pudesse se convencer disso. Mas Karl recuou, pois a boca de Robinson exalava um cheiro insuportável de aguardente.

“Voltou a encher a cara”, disse Karl, novamente de pé junto à grade.

“Não”, respondeu Robinson, “não muito”, e acrescentou, contradizendo a aparência de satisfação anterior: “O que mais resta ao ser humano para fazer no mundo?”. Uma viagem de elevador interrompeu a conversa e mal Karl tinha retornado lá para baixo, já havia uma ordem, enviada pelo telefone, para que Karl fosse buscar o médico do hotel, pois uma senhora no sétimo andar havia sofrido um desmaio. No caminho, Karl torceu secretamente para que Robinson fosse embora nesse meio-tempo, porque não queria ser visto com ele e, tendo em mente o aviso de Therese, tampouco queria ter notícias de Delamarche. Mas Robinson continuava esperando com a postura rígida de alguém completamente bêbado, e justamente nesse momento um alto funcionário do hotel, vestindo sobrecasaca preta e cartola, passou felizmente sem, ao que parece, prestar atenção especial em Robinson. “Sr. Rossmann, não quer visitar-nos um dia desses, nós agora estamos bem de vida”, disse Robinson, e olhou para Karl de maneira convidativa.

“É você que me está convidando ou Delamarche?”, perguntou Karl.

“Eu e Delamarche. Estamos de acordo nesse ponto”, respondeu Robinson.

“Então, vou lhe dizer o seguinte e peço-lhe que transmita o recado a Delamarche: caso isto ainda não tenha ficado suficientemente claro, o rompimento foi definitivo. Vocês dois me fizeram mais mal do que qualquer outra pessoa. Por acaso colocaram na cabeça que não vão mais me deixar em paz?”

“Mas somos seus companheiros”, disse Robinson, e seus olhos se encheram com aquelas lágrimas insuportáveis de quem está bêbado. “Delamarche mandou dizer que quer compensá-lo por todos os prejuízos passados. Vivemos agora com Brunelda, uma cantora maravilhosa.” E estava prestes a entoar uma canção em falsete, quando Karl o repreendeu a tempo: “Faça silêncio imediatamente; não sabe onde está?”.

“Sr. Rossmann”, disse Robinson, já intimidado demais para cantar: “Sou seu companheiro, diga o que quiser. E, agora que tem esse belo emprego, não poderia me arrumar algum dinheiro?”.

“Para gastar tudo novamente com bebida”, disse Karl, “estou vendo até uma garrafa de aguardente em seu bolso, da qual certamente bebeu enquanto eu não estava aqui, porque, há pouco, ainda estava razoavelmente sóbrio”.

“É só para me fortalecer enquanto resolvo meus compromissos”, disse Robinson, desculpando-se.

“Já nem me dou mais ao trabalho de corrigi-lo”, disse Karl.

“Mas e o dinheiro!”, disse Robinson, com os olhos arregalados.

“É provável que tenha recebido ordem de Delamarche para levar dinheiro. Bem, vou lhe dar algum, mas só com a condição de sair daqui imediatamente e nunca mais me visitar. Se quiser me comunicar algo, me escreva. Karl Rossmann, ascensorista, Hotel Occidental, é suficiente como endereço. Mas, repito, não pode mais me visitar aqui. Aqui estou de serviço e não tenho tempo para visitas. Quer mesmo o dinheiro nesta condição?”, perguntou Karl, colocando a mão no bolso do colete, pois estava decidido a sacrificar a gorjeta daquela noite. Robinson apenas assentiu à pergunta e respirou com dificuldade. Karl o interpretou mal e perguntou novamente: “Sim ou não?”.

Robinson fez sinal para que ele se aproximasse e sussurrou, cambaleando de maneira inconfundível: “Sr. Rossmann, estou passando muito mal”.

“Que inferno”, Karl exclamou, arrastando-o com as duas mãos até a grade. E da boca de Robinson já jorrava uma torrente de vômito lá para baixo, no fundo das escadas. Desamparado, estendia cegamente as mãos, nos intervalos do seu mal-estar, na direção de Karl. “Você é realmente um bom rapaz”, dizia então, ou “já vai parar”, o que estava longe de ser verdade, ou: “Canalhas, que é que me deram para beber!”, Karl não

suportava mais ficar a seu lado de tanta aflição e asco e começou a andar de um lado para o outro. Ali, naquele canto, ao lado do elevador, Robinson estava um pouco escondido, mas o que aconteceria se, apesar disso, ele chamasse a atenção de alguém, de um daqueles hóspedes nervosos e ricos que só aguardavam o momento para prestar queixa ao funcionário do hotel, que corria para atendê-los e que então se vingava com raiva de todo o pessoal, ou se passasse algum daqueles detetives do hotel, que eram trocados constantemente e ninguém conhecia, exceto a direção, de tal maneira que se suspeitava de todo ser humano que, talvez mesmo apenas em função da miopia, lançasse olhares inquisitivos. E, lá embaixo, era só alguém entrar em uma das despensas durante o funcionamento do restaurante, que não parava a noite toda, para notar espantado a nojeira na claraboia e telefonar para Karl para perguntar o que diabos estava acontecendo lá em cima. Será que Karl poderia dizer que não conhecia Robinson nessas circunstâncias? E se o fizesse, será que Robinson, em sua estupidez e em virtude de seu desespero, não iria justamente pedir ajuda a Karl em vez de esculpas? E Karl não teria de ser demitido imediatamente, porque então o inconcebível teria acontecido, um ascensorista, o empregado mais baixo e mais dispensável na vasta escala hierárquica dos empregados deste hotel, permitira que seu amigo sujasse o hotel chocando ou até mesmo afugentando completamente os hóspedes? Poder-se-ia continuar tolerando um ascensorista que tivesse tais amigos, e que ainda por cima permitia que o visitassem durante o seu horário de trabalho? Não daria a impressão de que um tal ascensorista era ele mesmo um bêbado ou algo pior, pois que outra suposição poderia ser mais óbvia do que a de que ele superalimentava seus amigos com os estoques do hotel, até que fizessem essas coisas, nesse mesmo hotel, escrupulosamente limpo, como agora Robinson fazia? E por que tal rapaz se restringiria a roubos de alimentos, já que eram realmente incontáveis as oportunidades de roubar, dada a conhecida negligência dos hóspedes, que deixavam os armários abertos por toda parte, objetos de valor espalhados sobre as mesas, cofres escancarados, as chaves largadas descuidadamente em qualquer lugar?

Nesse momento, Karl viu, à distância, alguns hóspedes subindo as escadas de um bar no andar de baixo, onde um show de variedades acabara de terminar. Karl se posicionou junto ao seu elevador e não ousou se virar na direção de Robinson por medo do que pudesse presenciar. O fato de não ouvir nenhum som, nem mesmo um suspiro, vindo de lá o tranquilizou um pouco. Atendeu seus hóspedes, subindo e descendo com eles, mas sem conseguir esconder totalmente sua preocupação, e, toda vez que descia, preparava-se para encontrar uma surpresa embaraçosa lá embaixo.

Finalmente, voltou a ter tempo para verificar o estado de Robinson, que estava todo encolhido no mesmo canto e apertava o rosto contra os joelhos. Afastara o chapéu redondo e duro para trás.

“Agora vá”, disse Karl em voz baixa, mas com firmeza. “Aqui está o

dinheiro. Se se apressar, posso lhe mostrar o caminho mais curto.”

“Não estou em condições de ir embora”, disse Robinson, limpando a testa com um lenço minúsculo, “vou morrer aqui. Não pode imaginar como estou passando mal. Delamarche me leva a todos os lugares finos, mas não tolero essas bebidas caras, digo-lhe isso todos os dias”.

“Aqui é que não pode ficar”, disse Karl, “pense onde está. Se o encontrarem aqui, será punido e eu perco o meu emprego. É isso que quer?”

“Não posso ir embora”, disse Robinson, “prefiro pular lá embaixo”, e apontou por entre as grades de proteção para um salão iluminado. “Se eu ficar sentado aqui, ainda consigo me aguentar, mas não posso me levantar, já tentei enquanto você estava fora.”

“Então vou buscar um carro para levá-lo ao hospital”, disse Karl, chacoalhando um pouco as pernas de Robinson, que a cada momento ameaçava cair em total apatia. Mas mal Robinson ouviu a palavra hospital, que parecia lhe despertar impressões terríveis, começou a chorar em voz alta e estendeu as mãos para Karl, implorando misericórdia.

“Quieto”, disse Karl, abaixando as mãos dele com um tapa, e dirigiu-se em seguida até o ascensorista que substituíra naquela noite, e, pedindo-lhe o mesmo favor por alguns instantes, voltou correndo para onde estava Robinson, puxou-o ainda soluçando com todas as suas forças para levantá-lo e lhe sussurrou: “Robinson, se quiser que eu o ajude, faça um esforço para caminhar uma distância bem pequena. Eu o levarei até a minha cama, onde poderá ficar até se sentir bem. Ficaré surpreso com a rapidez da sua recuperação. Mas agora tenha modos, porque os corredores estão cheios de gente, e minha cama fica em um dormitório coletivo. Se alguém reparar em você por pouco que seja, não poderei fazer mais nada por você. E procure manter os olhos abertos, não posso andar por aí com um homem agonizante”.

“Quero fazer tudo o que disser”, disse Robinson, “mas sozinho não será capaz de me levar. Não poderia chamar o Renell?”

“O Renell não está”, disse Karl.

“Ah, é”, disse Robinson, “Renell está com Delamarche. Foram os dois que me enviaram para procurá-lo. Já estou confundindo tudo”. Karl aproveitou esses e outros solilóquios incompreensíveis de Robinson para empurrá-lo e felizmente chegou com ele até um canto, do qual um corredor pouco iluminado levava ao dormitório dos ascensoristas. Nesse momento, um ascensorista correu a toda velocidade na sua direção e passou por eles. De resto, até então tinham tido apenas encontros inofensivos; pois o período entre quatro e cinco horas era o mais tranquilo e Karl sabia que, caso não conseguisse livrar-se de Robinson agora, ao amanhecer e com o início da movimentação diária, seria impensável fazê-lo.

No outro extremo do dormitório, uma grande luta ou algum outro evento do gênero estava em andamento naquele momento; ouvia-se um

bater de palmas ritmado, passos animados e gritos da torcida. Na metade do dormitório que ficava ao lado da porta, viam-se apenas alguns teimosos adormecidos nas camas, a maioria dos rapazes estava deitada de costas e olhando para o teto, enquanto de vez em quando um deles, vestido ou despido, como se encontrava no momento, pulava da cama para ver como andavam as coisas no outro extremo do dormitório. Dessa forma, Karl colocou Robinson — que, enquanto isso, se acostumara a andar um pouco — de modo que ninguém percebesse na cama de Renell, pois ela ficava bem perto da porta e felizmente estava desocupada, enquanto na sua própria cama, como viu de longe, dormia calmamente um menino que lhe era totalmente desconhecido. Assim que Robinson sentiu a cama debaixo dele, adormeceu imediatamente, com uma perna para fora da cama. Karl puxou bem o cobertor por cima do rosto dele e pensou que, pelo menos, não teria por enquanto de se preocupar, porque Robinson certamente não acordaria antes das seis da manhã e até lá ele estaria de volta e acharia uma maneira, talvez até com Renell, de levá-lo embora. Uma inspeção do dormitório por alguns órgãos superiores só acontecia em casos extraordinários; os ascensoristas já tinham conseguido anos atrás a abolição da inspeção de rotina que fora praxe anteriormente, então não havia nada a temer por esse lado.

Quando Karl retornou ao seu elevador, viu que tanto o seu como o do seu vizinho estavam subindo. Inquieto, esperou uma explicação. Seu elevador desceu primeiro, e dele saiu o menino que corraera pelo corredor havia pouco.

“Mas onde você estava, Rossmann?”, perguntou ele. “Por que você saiu? Por que não avisou?”

“Mas pedi a ele que me substituísse por alguns instantes”, respondeu Karl, apontando para o rapaz do elevador vizinho, que acabava de se aproximar. “Eu também o substituí durante duas horas no horário de pico.”

“Está tudo muito bem”, disse o interpelado, “mas não é suficiente. Você não sabe que mesmo a ausência mais curta durante o serviço precisa ser comunicada ao escritório do *maître-d'hôtel*? É para isso que há ali o telefone. Eu teria substituído você com prazer, mas você sabe que não é tão fácil. Há pouco se encontravam na frente de ambos os elevadores os novos hóspedes do trem expresso das quatro horas e trinta. Eu não podia subir primeiro com o seu elevador e deixar os meus hóspedes esperando, por isso subi primeiro com o meu elevador!”

“E então?”, Karl perguntou ansiosamente, já que os dois garotos silenciaram.

“E então”, disse o ascensorista do elevador vizinho, “acontece que justamente naquele momento me passa o *maître-d'hôtel*, vê as pessoas sem atendimento na frente do seu elevador, fica furioso, pergunta-me, quando cheguei correndo, onde você estava, mas eu não fazia ideia porque você não me dissera para onde iria, então ele já telefonou para o dormitório,

solicitando a presença imediata de outro menino”.

“Eu ainda o encontrei no corredor”, disse o substituto de Karl, que assentiu.

“É claro”, garantiu o outro rapaz, “que eu disse que você me pediu para substituí-lo, mas você acha que ele vai aceitar esse tipo de desculpas? Você provavelmente ainda não o conhece. E ele nos encarregou de lhe transmitir o recado, que é para você se apresentar imediatamente no seu escritório. Então é melhor não esperar mais e correr até lá. Talvez ele o perdoe, você realmente se ausentou apenas durante dois minutos. Pode mencionar que você me pediu que o substituísse. É melhor, contudo, não dizer que me substituiu, siga o meu conselho, pois não pode me acontecer nada, uma vez que eu tinha permissão para me ausentar, portanto não é bom falar sobre isso e ainda misturar com o seu assunto, com o qual ele não tem nada a ver”.

“Foi a primeira vez que saí do meu posto”, disse Karl.

“É sempre assim, só que ninguém acredita”, disse o menino e correu para o seu elevador, já que pessoas se aproximavam.

O substituto de Karl, um garoto de cerca de quatorze anos, disse, com visível pena de Karl: “Já houve muitos casos nos quais esse tipo de coisa foi perdoado. Normalmente, transferem-nos para outras funções. Pelo que sei, apenas uma pessoa foi despedida por esse motivo. Você tem de pensar em uma boa desculpa. Em hipótese alguma diga que passou mal de repente, ele vai rir de você. Nesse caso é melhor dizer que um hóspede pediu que fizesse algo urgente para outro hóspede e que você não se lembra mais quem foi o primeiro hóspede e que tampouco conseguiu encontrar o segundo”.

“Bem”, disse Karl, “não será o fim do mundo”, depois de tudo que ouvira, não acreditava mais em um final feliz. E, mesmo se essa falha de serviço fosse perdoada, lá dentro do dormitório ainda havia o Robinson como uma prova viva de sua culpa e era muito provável, tendo em vista o temperamento colérico do *maître-d’hôtel*, que não se contentariam com uma investigação superficial e acabariam encontrando Robinson. Provavelmente não havia uma proibição explícita de trazer pessoas desconhecidas para o dormitório, mas isso era apenas porque coisas inconcebíveis não precisam ser proibidas.

Quando entrou no escritório, o *maître-d’hôtel* tomava o seu desjejum; ele bebia um gole e depois examinava uma lista, que, ao que tudo indicava, lhe fora entregue pelo também presente chefe da portaria do hotel, que ali também se encontrava. O porteiro chefe era um homem alto, o seu uniforme luxuoso e ricamente ornamentado — até mesmo nos ombros e nas mangas serpenteavam correntes e fitas douradas — deixava os seus ombros ainda mais largos do que eram por natureza. O bigode preto e brilhante, com as pontas bem esticadas, como usam os húngaros, não se agitava nem mesmo com o movimento mais rápido da cabeça. De resto, o

homem só podia se movimentar com dificuldade devido ao peso de suas roupas, e sempre se colocava de pé com as pernas afastadas fincadas no chão, para distribuir o seu peso adequadamente.

Karl entrou com a desenvoltura e a presteza a que se acostumara no hotel, porque lentidão e cuidado, considerados cortesia entre as pessoas, eram vistos como preguiça quando se tratava de ascensoristas. Além disso, não era necessário que notassem o seu sentimento de culpa logo de saída. O *maître-d'hôtel* chegou a olhar rapidamente na direção da porta que se abria, voltando, no entanto, imediatamente ao seu café e à sua leitura, sem se preocupar mais com Karl. O porteiro, no entanto, parecia perturbado pela presença de Karl, talvez tivesse alguma mensagem secreta para comunicar ou um pedido a fazer em todo caso; olhava a todo momento com um ar zangado e com a cabeça rigidamente inclinada na direção de Karl, para em seguida — quando, o que ao que parece era a sua intenção, o seu olhar encontrava os olhos de Karl — novamente voltar a sua atenção para o *maître-d'hôtel*. Mas Karl achou que não ficaria bem se, uma vez que já estava lá, se retirasse novamente do escritório sem a ordem do *maître-d'hôtel*. O *maître*, no entanto, continuava a estudar a lista, comendo aos poucos um pedaço de bolo, o qual de vez em quando agitava para tirar o açúcar, sem parar de ler. Uma página caiu no chão e o porteiro nem sequer fez a tentativa de pegá-la, pois sabia que não ia conseguir, tampouco era necessário, porque Karl já acorrera e entregara a folha ao *maître-d'hôtel*, que a tomou dele com um movimento de mão, como se ela se tivesse levantado do chão por conta própria. Essa pequena gentileza de nada adiantara, porque o porteiro continuou com os olhares invocados.

Apesar disso, Karl estava mais calmo do que antes. Que seu caso fosse tão pouco importante para o *maître-d'hôtel*, podia ser tomado como um bom sinal. Afinal de contas, isso era compreensível. Naturalmente um ascensorista não significa nada e, portanto, não pode se dar ao luxo de fazer qualquer coisa, mas precisamente porque não significa nada também não pode fazer nenhuma bobagem fora do comum. Afinal de contas, o próprio *maître-d'hôtel* fora ascensorista na sua juventude — algo de que a atual geração de ascensoristas ainda se orgulhava — fora ele que organizara os ascensoristas pela primeira vez e certamente deve ter deixado o seu posto sem permissão alguma vez, embora fosse verdade, por um lado, que ninguém poderia obrigá-lo a lembrar-se disso agora e, por outro, não se devesse desconsiderar que justamente na qualidade de antigo ascensorista considerasse seu dever manter a ordem dessa classe com um rigor por vezes implacável. Além disso, Karl também depositava sua esperança no avanço das horas. No relógio do escritório, já eram cinco e quinze, Renell poderia voltar a qualquer momento, talvez até já tivesse voltado, pois devia ter percebido que Robinson não retornara; aliás, ocorreu a Karl nesse momento que Delamarche e Renell não poderiam estar longe do Hotel Occidental, porque, do contrário, Robinson não teria

encontrado o caminho até ali no estado miserável em que estava. Se Renell encontrasse Robinson em sua cama, o que acabaria acontecendo necessariamente, então estava tudo bem. Pois prático como Renell era, especialmente quando era assunto do seu interesse, encontraria alguma forma de remover Robinson do hotel na mesma hora, o que seria tanto mais fácil, uma vez que nesse meio-tempo já teria se recuperado um pouco e, além disso, Delamarche provavelmente o esperava em frente ao hotel para levá-lo de volta. Uma vez afastado Robinson, Karl poderia enfrentar o *maitre-d'hôtel* com muito mais tranquilidade e talvez escapar só com uma advertência dessa vez, ainda que séria. Então se aconselharia com Therese sobre se deveria dizer a verdade à chefe de cozinha — de sua parte não via problema — e, se fosse possível, o assunto seria encerrado sem maiores danos.

Karl acabara de se acalmar um pouco com esses pensamentos e se dispunha a contar discretamente a gorjeta recebida naquela noite, pois lhe parecia ter sido especialmente generosa, quando o *maitre-d'hôtel* colocou a lista na mesa com as palavras “Por favor, espere mais um momento, Feodor”, levantou num pulo e gritou tão alto com Karl que ele, de tão assustado, só conseguia naquele momento fixar o olhar no buraco grande e escuro de sua boca.

“Você deixou seu posto sem permissão. Sabe o que isso quer dizer? Isso quer dizer demissão. Não quero ouvir um pedido de desculpas, suas desculpas esfarrapadas não me interessam, para mim basta o fato de que você se ausentou. Se eu tolerar e perdoar isso uma única vez que seja, logo todos os quarenta ascensoristas sumirão durante o horário de trabalho, o que me obrigaria a carregar sozinho meus cinco mil hóspedes escada acima.”

Karl ficou em silêncio. O porteiro aproximou-se e esticou um pouco a jaqueta de Karl, que apresentava algumas rugas, sem dúvida para chamar a atenção especial do *maitre-d'hôtel* para essa pequena irregularidade no uniforme de Karl.

“Por acaso, passou mal de repente?”, perguntou o *maitre-d'hôtel* ironicamente.

Karl o examinou com o olhar e respondeu: “Não”.

“Então nem se sentiu mal?”, o *maitre-d'hôtel* gritou ainda mais alto. “Bem, então deve ter inventado uma mentira ainda melhor. Qual desculpa vai dar? Desembuche!”

“Não sabia que a gente tinha de pedir permissão por telefone”, disse Karl.

“Isso é ótimo”, disse o *maitre*, segurando Karl pelo colarinho e arrastando-o quase suspenso até o regulamento da prestação de serviço dos elevadores, que estava pregado na parede. O porteiro veio atrás. “Aqui, leia!”, disse o *maitre-d'hôtel* e apontou para um parágrafo. Karl achou que deveria ler em voz baixa. “Em voz alta!”, ordenou o *maitre-d'hôtel*.

Em vez de ler em voz alta, Karl disse, na esperança de acalmar o *maître-d'hôtel*: “Conheço o parágrafo, pois recebi o regulamento e o li com atenção. Mas é justamente esse tipo de regra que nunca se usa que a gente esquece. Já trabalho aqui há dois meses e nunca me ausentei do meu posto”.

“Em compensação, vai perdê-lo agora”, disse o *maître-d'hôtel*, dirigindo-se até a mesa, pegando a lista novamente, como se quisesse continuar a lê-la, mas bateu com ela na mesa, como se fossem pedaços de papel inúteis, e pôs-se a caminhar de um lado para o outro pelo aposento, com a testa e as bochechas muito vermelhas. “Tanta desordem por causa de um moleque desses! Tanta agitação durante o turno da noite!”, ele exclamou algumas vezes. “Sabe quem estava querendo subir justamente quando esse moleque abandonou o elevador?”, dirigiu-se ao porteiro, mencionando um nome que fez o porteiro, que certamente conhecia e podia avaliar todos os hóspedes, estremecer de tal maneira que teve de olhar rapidamente para Karl, como se apenas sua existência fosse uma confirmação de que o portador desse nome tivera de esperar algum tempo inutilmente na frente de um elevador, cujo ascensorista tinha sumido.

“Isso é terrível!”, disse o porteiro, muito preocupado, sacudindo a cabeça lentamente na direção de Karl, que olhou para ele com tristeza e pensou que agora teria de pagar também pelo entendimento limitado desse homem.

“A propósito, eu também já conheço você”, disse o porteiro, esticando o indicador gordo, grande e rígido. “É o único garoto que nunca me cumprimenta. Quem você pensa que é? Todos os que passam pela cabine do porteiro precisam me cumprimentar. Com os outros porteiros você pode agir como quiser, mas eu exijo ser cumprimentado. Às vezes finjo que não estou prestando atenção, mas você pode ter certeza de que sei exatamente quem me cumprimenta e quem deixa de me cumprimentar, seu pilantra!” E se afastou de Karl, encaminhando-se todo empertigado na direção do *maître-d'hôtel*, que, em vez de se pronunciar sobre a reclamação do porteiro, terminou seu desjejum e passou os olhos num jornal matutino que um criado acabara de trazer para o escritório.

“Senhor”, disse Karl, que, durante a desatenção do *maître*, queria resolver pelo menos a situação com o porteiro, pois entendia que talvez a acusação dele não pudesse prejudicá-lo, mas sua inimizade, com certeza sim: “Eu lhe garanto que sempre cumprimento o senhor. Ainda não faz muito tempo que vivo na América, sou da Europa, onde, como todos sabem, cumprimenta-se muito mais do que necessário. Naturalmente, ainda não me desacostumei e, por complexo há dois meses em Nova York, onde por acaso frequentava a alta sociedade, não perdiam a oportunidade de me exortar para que eu parasse com a minha cortesia exagerada. E eu deixaria de cumprimentar justamente o senhor! Eu o cumprimento várias vezes ao dia. Mas é claro que nem toda vez que o vejo, já que passava centenas de

vezes pelo senhor”.

“Você tem de me cumprimentar todas as vezes, todas, sem exceção, você tem de segurar o boné na mão o tempo inteiro enquanto fala comigo, tem de se dirigir a mim sempre como ‘Senhor chefe da portaria’ e não como ‘senhor’. Sempre e todas as vezes.”

“Todas as vezes?”, Karl repetiu baixinho e em tom de interrogação, pois agora se lembrava de como, durante toda a sua estadia no hotel, o porteiro sempre o encarara com um olhar severo e reprovador, já a partir daquela primeira manhã em que, ainda não completamente adaptado à sua posição de serviçal, adotara uma atitude um pouco ousada demais, ao interrogar esse porteiro de forma meticulosa e insistentemente se por acaso dois homens haviam indagado por ele para lhe entregar uma foto.

“Agora você vê aonde esse seu comportamento o leva”, disse o porteiro, voltando para bem perto de Karl e apontando para o *maître-d’hôtel*, que ainda estava lendo, como se ele fosse o representante de sua vingança. “No seu próximo emprego, saberá cumprimentar o porteiro, nem que seja em uma espelunca qualquer.”

Karl percebeu que perdera mesmo seu emprego, porque o *maître-d’hôtel* já o havia anunciado, e o chefe da portaria repetido como um fato consumado e, no caso da demissão de um ascensorista, provavelmente não era necessário o aval da administração do hotel. Entretanto, tudo tinha acontecido mais depressa do que esperara, pois, afinal de contas, durante dois meses dera o melhor de si, trabalhando com certeza melhor do que alguns dos outros rapazes. Porém, no momento decisivo, aparentemente isso não é levado em consideração em nenhuma parte do mundo, nem na Europa nem na América, a decisão é tomada de acordo com o veredito cuspidor no primeiro momento de raiva. Talvez o melhor a fazer agora fosse despedir-se e ir embora imediatamente. A chefe de cozinha e Therese talvez ainda estivessem dormindo e, para poupá-las da decepção e da tristeza com o seu comportamento em um encontro cara a cara, poderia se despedir delas por carta, portanto, arrumaria rapidamente sua mala e iria embora em silêncio. Se, no entanto, ficasse mais um dia só que fosse, e bem que precisava dormir um pouco, o que o esperaria seria a transformação de seu caso em um escândalo, com acusações de todos os lados, a visão intolerável das lágrimas de Therese e talvez até da chefe de cozinha e possivelmente, para o cúmulo do absurdo, ainda uma punição. Por outro lado, o que o confundia era que se encontrava diante de dois inimigos, e que cada palavra que dissesse seria mal interpretada e criticada quando não por um, pelo outro. Por isso, ficou em silêncio e desfrutou da paz provisória que reinava na sala, porque o *maître-d’hôtel* ainda lia o jornal e o chefe da portaria organizava pela numeração das páginas sua lista espalhada na mesa, com bastante dificuldade devido à sua manifesta miopia.

Finalmente, o *maître-d’hôtel*, bocejando, colocou o jornal na mesa,

certificou-se com um olhar de que Karl ainda estava presente e girou o disco do telefone de mesa. Chamou “Alô” várias vezes, mas ninguém respondia. “Ninguém atende”, disse ele para o chefe da portaria, que observava, como pareceu a Karl, o telefonema com interesse especial, e disse: “Já são cinco e quarenta e cinco. Certamente já está acordada. Apenas insista”. Naquele momento, sem mais sem que ele voltasse a discar, o telefone tocou por sua própria conta. “Aqui fala o *maître-d’hôtel*, Isbary”, disse o *maître*. “Bom dia, é a chefe de cozinha? Será que eu a acordei? Sinto muito. Sim, sim, já são quinze para as seis. Mas realmente sinto muito se a assustei. Deveria desligar o telefone enquanto dorme. Não, não, na verdade, é imperdoável de minha parte, especialmente tendo em vista a insignificância do assunto sobre o qual quero lhe falar. Mas é claro que tenho tempo, por favor, aguardarei na linha, se quiser.”

“Ela deve ter atendido o telefone em sua camisola”, disse o *maître-d’hôtel*, sorrindo para o porteiro, que permanecia curvado o tempo todo na direção do aparelho com uma expressão tensa. “Eu realmente a acordei, porque ela costuma ser despertada pela moça que datilografa para ela, mas que excepcionalmente deve ter esquecido de chamá-la hoje. Sinto muito por tê-la assustado, ela habitualmente já é nervosa.”

“Por que ela interrompeu a conversa?”

“Foi ver o que houve com a moça”, respondeu o *maître-d’hôtel*, já com o telefone no ouvido, pois voltara a ouvir vozes. “Logo será encontrada”, continuou ele, falando ao telefone. “Não se deixe assustar por qualquer coisa. Na verdade, está precisando de um bom descanso. Vamos então ao assunto a respeito de que quero falar. Está aqui um ascensorista chamado —,” e se virou com um ar de interrogação para Karl, que, como acompanhava tudo com atenção, imediatamente lhe disse o nome — “chamado Karl Rossmann. Se bem me lembro, a senhora tem demonstrado um certo interesse por ele; infelizmente ele retribuiu mal a sua gentileza, deixou o seu posto sem permissão, com isso me causando transtornos, cuja extensão ainda não pude avaliar e, por isso, acabei de demiti-lo. Espero que não me leve isso a mal. Que quer dizer? Demitido, sim, demitido. Mas acabei de lhe dizer que ele se ausentou de seu posto. Não, minha cara, nisso realmente não posso ceder. É a minha autoridade que está em jogo, um menino como ele é capaz de me corromper o grupo inteiro. Especialmente com os ascensoristas, a gente precisa tomar um cuidado danado. Não, não, nesse caso não posso lhe fazer o favor, não, por mais que eu esteja sempre empenhado em agradá-la. E, se eu permitir que ele fique, apesar de tudo, por nenhum outro propósito a não ser para manter minha cólera acesa, por sua causa, sim, por sua causa, minha cara, é que ele não poderá continuar aqui. Você lhe dedica uma atenção especial que ele não merece, e como conheço não só ele, mas também a senhora, sei que isso lhe traria as maiores decepções, das quais quero poupá-la a todo custo. Digo isso com toda a franqueza, embora o rapaz teimoso esteja só a alguns

passos diante de mim. Ele será demitido, não, minha cara, ele será demitido definitivamente, não, não, não será transferido para qualquer outra função, ele é completamente inútil. Aliás, estão aparecendo outras reclamações contra ele. O porteiro-chefe, por exemplo, sim, claro, Feodor, sim, Feodor tem reclamado da grosseria e da insolência desse rapaz. Como, isso não é suficiente? Sim, minha cara, você está renegando sua própria natureza por causa desse rapaz. Não pode fazer isso comigo”.

Nesse momento, o porteiro se inclinou para a frente e cochichou alguma coisa no ouvido do *maître*. O *maître-d'hôtel* primeiro o olhou espantado e, depois, falou tão rapidamente ao telefone que Karl, no começo, não o entendeu direito e, por isso, se aproximou, dando dois passos na ponta dos pés.

“Minha cara”, disse, “com toda a franqueza, jamais acreditaria que conhecesse tão mal a espécie humana. Acabo de saber algo acerca de seu rapaz angelical que vai mudar completamente sua opinião a respeito dele, e lamento ter de ser justamente eu quem precise lhe contar isso. É que esse garoto exemplar, que você considera um modelo de decência, não passa uma noite de folga sem ir para a cidade, de onde retorna apenas pela manhã. Sim, sim, minha cara, isso está comprovado por testemunhas, por testemunhas confiáveis, sim. Pode me dizer, por acaso, de onde ele tira dinheiro para essas diversões? Como consegue manter a concentração no seu trabalho? E talvez a senhora também queira que eu lhe descreva o que ele faz na cidade? Vou é me livrar desse menino o mais rápido possível. E, por favor, tome isso como advertência de como a gente precisa tomar cuidado com esses rapazes vindos não se sabe de onde”.

“Mas, mas senhor”, exclamou Karl, visivelmente aliviado pelo grande engano que parecia ter acontecido ali e talvez estivesse destinado, antes de qualquer coisa, a encaminhar tudo para uma inesperada solução para a situação, “com certeza há aqui algum engano. Acho que o porteiro-chefe lhe disse que eu saio todas as noites. Isso não está correto, passo todas as noites no dormitório, todos os rapazes podem confirmar isso. Quando não estou dormindo, estou estudando correspondência comercial, mas à noite nunca saio do dormitório. Isso é fácil de provar. O chefe da portaria aparentemente me confundiu com outra pessoa e agora também entendo por que ele acha que eu não o cumprimento”.

“Cale a sua boca imediatamente”, gritou o chefe da portaria, sacudindo o punho onde outros teriam movimentado um dedo. “Eu o teria confundido com outra pessoa! Sim, nesse caso eu não posso mais ser chefe da portaria, se eu estiver confundindo as pessoas. Ouça, Sr. Isbary, se eu estiver confundindo as pessoas, realmente, não posso mais ser o chefe da portaria. Nos meus trinta anos de serviço, no entanto, jamais aconteceu qualquer engano, como centenas de *maîtres* que tivemos desde então podem atestar, mas com você, menino desgraçado, é que eu começaria a me confundir. Logo com você, que chama atenção com essas fuças lisas.

Como eu poderia me confundir? Você poderia ter ido para a cidade todas as noites sem o meu conhecimento, mas confirmo só de olhar para a sua cara que você é um completo canalha.”

“Deixe, Feodor!” disse o *maître*, cuja conversa telefônica com a chefe de cozinha parecia ter sofrido uma interrupção súbita. “A coisa é muito simples. Em primeiro lugar, não vem ao caso quais são seus passatempos durante a noite. Talvez ele queira que realizemos uma grande investigação de suas ocupações noturnas antes de sair. Posso imaginar que isso lhe agradaria. Provavelmente todos os quarenta ascensoristas seriam citados e entrevistados como testemunhas, eles, é claro, também o teriam confundido todos, então teríamos de chamar todos os funcionários para testemunhar, o funcionamento do hotel naturalmente ficaria suspenso por algum tempo e, se ele então fosse finalmente mandado embora, pelo menos teria se divertido. Então é melhor evitarmos isso. Ele já enganou a chefe de cozinha, essa boa mulher, e isso basta. Não quero ouvir mais nada; você está despedido imediatamente por negligência. Aqui está uma instrução para o caixa para que seu salário seja pago até o dia de hoje. Diga-se de passagem que, tendo em vista o seu comportamento — isso dito só aqui entre nós —, estou lhe dando um presente tão somente em consideração à chefe de cozinha.”

Um telefonema impediu o *maître-d’hôtel* de assinar a instrução de imediato. “Os ascensoristas estão me dando muito trabalho hoje!”, exclamou ao ouvir as primeiras palavras. “Isso é o fim da picada!”, exclamou depois de um tempo. E, afastando-se do telefone, virou-se para o porteiro do hotel e disse: “Por favor, Feodor, me segure esse rapaz um pouco, nossa conversa com ele ainda não terminou”. E deu a ordem ao telefone: “Suba imediatamente”.

Pelo menos agora o chefe dos porteiros podia dar maior vazão à sua raiva, o que só conseguira verbalmente. Segurou Karl pelo braço, mas não com um aperto tranquilo, o que teria sido suportável afinal das contas, mas afrouxando a pressão aqui e ali, para em seguida, aplicar-lhe uma intensidade cada vez maior, que, considerando a sua grande força física, não parecia ter limite, e provocou um escurecimento diante dos olhos de Karl. Não só segurava Karl como se tivesse recebido ordem para esticá-lo, mas também o levantava e o sacudia de vez em quando, sempre com um olhar meio interrogativo para o *maître-d’hôtel*, dizendo: “Agora não o estou confundindo, não é mesmo, agora não o estou confundindo”.

Foi um alívio para Karl quando o chefe dos ascensoristas, um rapaz gordo, sempre ofegante, chamado Bess, entrou e atraiu um pouco da atenção do chefe da portaria. Karl estava tão esgotado que mal o cumprimentou, quando, para o seu espanto, viu Therese mortalmente pálida, desarrumada, os cabelos presos de qualquer jeito, se esgueirar para dentro do escritório por trás do menino. Num instante, estava ao lado dele e sussurrou: “A chefe de cozinha já sabe disso?”.

“O *maître-d’hôtel* contou-lhe tudo pelo telefone”, respondeu Karl.

“Então está tudo bem, então está tudo bem”, disse ela rapidamente, com certa animação no olhar.

“Não”, disse Karl. “Você não sabe o que eles têm contra mim. Tenho de ser afastado, a chefe de cozinha também já está convencida disso. Por favor, não fique aqui, suba que vou lá me despedir de você.”

“Mas, Rossmann, o que deu em você, vai ficar conosco o tempo que quiser. O *maître-d’hôtel* faz tudo o que a chefe de cozinha quer, ele a ama, descobri isso recentemente. Fique tranquilo.”

“Por favor, Therese, vá embora agora. Não consigo me defender tão bem com você aqui. E tenho de me defender com muito cuidado, porque estão me caluniando. Quanto melhor puder prestar atenção e me defender, tanto maior a esperança de que eu fique. Portanto, Therese —”. Infelizmente não pôde deixar de acrescentar baixinho, num arroubo de dor repentino: “Se o chefe da portaria pelo menos me soltasse! Nem sabia que ele era meu inimigo. Mas ele não para de me apertar e puxar!”. ‘Por que estou dizendo isso?’, pensou enquanto falava, ‘nenhuma mulher suporta ouvir isso em silêncio’, e de fato Therese, sem que ele pudesse impedir com a mão livre, se virou para o chefe da portaria e disse: “Senhor, por favor, solte Rossmann imediatamente, pois está o machucando. A chefe de cozinha já virá pessoalmente e então logo se vai perceber que ele está sendo totalmente injustiçado. Solte-o; que prazer pode ter em atormentá-lo!”, já pegando na mão do chefe da portaria. “São ordens, senhorita, ordens”, disse o chefe da portaria, puxando Therese suavemente com a mão livre para perto de si, enquanto com a outra apertava Karl com força, como se quisesse não só machucá-lo, mas como se ele tivesse um objetivo especial com o braço que se encontrava em sua posse que ainda estava longe de ser alcançado.

Therese precisou de algum tempo para se livrar do abraço do porteiro e ia justamente interceder por Karl junto ao *maître*, que ainda ouvia o metuculoso relato de Bess, quando a chefe de cozinha entrou apressada.

“Graças a Deus!”, exclamou Therese, e por um momento não se ouviu nada na sala além dessa exclamação. Imediatamente o *maître-d’hôtel* se levantou e empurrou Bess para o lado.

“Então a senhora veio pessoalmente, minha cara? Por causa de algo tão insignificante? Depois da nossa conversa telefônica, eu poderia até pressentir, mas nunca acreditar que se daria a esse trabalho. Sendo que, de qualquer forma, a causa de seu protegido vai de mal a pior. Receio até que não vá precisar demiti-lo, mas, em compensação, terei de mandar prendê-lo. Ouça por si mesma”. E fez sinal para que Bess se aproximasse.

“Gostaria de trocar primeiro algumas palavras com Rossmann”, disse a chefe de cozinha, sentando-se em uma cadeira que o *maître-d’hôtel* lhe oferecia.

“Karl, por favor, se aproxime”, disse ela então. Karl obedeceu, ou

melhor, foi arrastado para mais perto pelo chefe da portaria. “Solte-o”, disse a chefe de cozinha, irritada, “ele não matou ninguém!”. O porteiro de fato o soltou, mas antes apertou-o mais uma vez com tanta força que ele mesmo ficou com lágrimas nos olhos de tanto esforço.

“Karl”, disse a chefe de cozinha, colocando as mãos calmamente no colo e observando com a cabeça inclinada o rapaz — nem parecia um interrogatório —, “antes de mais nada, quero lhe dizer que ainda tenho total confiança em você. Também o *maître-d’hôtel* é um homem justo, eu garanto isso. No fundo, nós dois queremos manter você aqui” — prosseguiu olhando rapidamente para o *maître*, como a pedir-lhe que não a interrompesse. Isso também não aconteceu. “Esqueça, portanto, o que lhe disseram até agora. Você não precisa levar muito a sério principalmente o que talvez lhe tenha dito o chefe da portaria. Ele é um homem intempestivo, o que no seu trabalho não é de admirar, mas ele também tem esposa e filhos e sabe que um garoto que só depende de si mesmo não precisa ser atormentado inutilmente, pois o resto do mundo já se encarrega suficientemente disso”.

Reinava um silêncio total no recinto. O chefe da portaria olhava para o *maître* exigindo explicações, este olhava para a chefe de cozinha e balançava a cabeça. O ascensorista Bess sorria como um idiota por detrás das costas do *maître*. Therese soluçava internamente de alegria e tristeza e fazia todo o esforço para que ninguém a ouvisse.

Karl, no entanto, olhava — embora isto só pudesse ser considerado um mau prenúncio — não para a chefe de cozinha, que certamente buscava seu olhar, mas para o chão. No seu braço, a dor se espalhava em todas as direções, a camisa estava colada aos vergões, e, na verdade, gostaria de tirar o colete para examiná-los. O que a chefe de cozinha dissera era naturalmente muito bem-intencionado, mas infelizmente lhe pareceu que o comportamento dela só evidenciava que ele não merecia benevolência, que ele tinha usufruído imerecidamente de sua gentileza durante dois meses e que não merecia nada além de cair nas mãos do chefe da portaria.

“Digo isso”, continuou a chefe de cozinha, “para que você responda sem hesitação, o que aliás teria feito de qualquer forma, pelo que conheço de você”.

“Dão-me licença, por favor, para buscar o médico enquanto isso? Senão, nesse meio-tempo, o homem é capaz de sangrar até a morte”, intrometeu-se de repente o ascensorista Bess, de forma muito educada, porém extremamente inconveniente.

“Vá”, disse o *maître-d’hôtel* a Bess, que saiu de imediato. E então para a chefe de cozinha: “Trata-se do seguinte: O chefe da portaria não está segurando o menino à toa. Lá embaixo, no dormitório dos ascensoristas, foi encontrado um estranho em uma das camas, cuidadosamente coberto, bêbado como um gambá. Naturalmente ele foi despertado e tentaram tirá-lo de lá. Mas esse homem começou a fazer um grande escarcéu, gritando

diversas vezes que o dormitório pertencia a Karl Rossmann, de quem era convidado, que o trouxera para lá e enquadraria qualquer um que ousasse tocá-lo. De resto, ele disse ainda que precisava esperar por Karl Rossmann, que lhe prometera dinheiro e que ele só tinha ido buscar. Por favor, atente para esse detalhe, minha cara: prometera-lhe dinheiro e fora buscá-lo. Você também pode prestar atenção, Rossmann”, disse o *maître-d’hôtel* em um aparte a Karl, que acabara de se virar para Therese, que olhava o *maître-d’hôtel*, por sua vez, como se estivesse enfeitçada, afastando repetidamente da testa uma mecha de cabelo ou executando mecanicamente o movimento da mão por si só. “Talvez possa ainda lembrá-lo de compromissos assumidos. O homem lá embaixo também disse que, depois do seu retorno, vocês dois fariam uma visita a uma tal cantora, cujo nome, no entanto, ninguém entendeu, porque ele só conseguia pronunciá-lo cantando.”

Nesse momento, o *maître* teve de parar de falar, porque a chefe de cozinha, visivelmente pálida, se levantou da cadeira, empurrando-a um pouco para trás.

“Vou poupá-la do resto”, disse o *maître*.

“Não, por favor, não”, disse a chefe de cozinha, segurando-lhe a mão, “continue. Quero ouvir tudo, é por isso que estou aqui”.

O chefe da portaria, que, dando um passo para a frente, bateu com força no peito como sinal de que previra tudo desde o início, foi ao mesmo tempo acalmado e advertido pelo *maître-d’hôtel* com as palavras: “Sim, você estava certo, Feodor!”.

“Não há mais muito o que contar”, disse o *maître*. “Os rapazes se comportaram lá do jeito deles: primeiro, riram do homem; depois, brigaram com ele e, como lá há sempre bons pugilistas, ele simplesmente foi nocauteado; e nem ousei perguntar em quais e quantos lugares ele está sangrando, porque esses meninos são pugilistas terríveis e, com um bêbado, tudo fica naturalmente muito fácil para eles!”

“Pronto”, disse a chefe de cozinha, segurando o espaldar da cadeira e olhando para o assento que acabara de deixar. “Então, por favor, diga qualquer coisa, Rossmann!”, disse ela. Therese saiu de onde estava e correu até a chefe de cozinha, ficando de braço dado com ela, coisa que Karl nunca a tinha visto fazer até então. O *maître-d’hôtel* estava atrás da chefe de cozinha, bem próximo dela, alisando lentamente uma pequena e discreta gola de renda, que estava um pouco revirada. O chefe da portaria, ao lado de Karl, disse: “Bem, é para hoje?”, Porém, ele pretendia com isso apenas sublinhar a pancada que, nesse ínterim, desferira nas costas de Karl.

“É verdade”, disse Karl, mais inseguro do que pretendia, em consequência da pancada, “que levei o homem para o dormitório”.

“É tudo o que queremos saber”, disse o porteiro, em nome de todos. A chefe de cozinha virou-se silenciosamente para o *maître-d’hôtel* e depois para Therese.

“Não pude evitar”, continuou Karl. “O homem já foi meu camarada, veio visitar-me depois de dois meses em que não nos víamos, mas estava tão bêbado que não conseguia ir embora sozinho.”

O *maître-d'hôtel*, disse em voz baixa ao lado da chefe de cozinha: “Então, veio fazer uma visita e depois ficou tão bêbado que não conseguiu ir embora”. A chefe de cozinha cochichou alguma coisa por cima do ombro para o *maître*, que parecia, com um sorriso que aparentemente nada tinha a ver com esse caso, fazer objeções. Therese — Karl olhava só para ela — encostou o rosto em completo desamparo contra a chefe de cozinha e não queria ver mais nada. O único que parecia totalmente satisfeito com a explicação de Karl era o chefe da portaria, que repetiu algumas vezes: “Está tudo certo, a gente tem de ajudar o companheiro de bebedeira”, e procurava ressaltar essa explicação a todos por meio de olhares e movimentos das mãos.

“Sou culpado apenas disso, portanto”, disse Karl, e calou-se como se esperasse por uma palavra amiga de seus juízes, que lhe desse a coragem para continuar a sua defesa, mas ela não veio: “Sou culpado apenas de levar o homem — o nome dele é Robinson, ele é irlandês — para o dormitório. Tudo o mais que ele disse, o fez em estado de embriaguez e não é verdade”.

“Então você não lhe prometeu dinheiro?”, perguntou o *maître*.

“Prometi”, disse Karl, arrependendo-se de ter se esquecido disso; por imprudência ou distração, declarara sua inocência em termos categóricos demais. “Prometi-lhe dinheiro porque me pediu. Mas eu não pretendia buscá-lo, e sim lhe dar as gorjetas que ganhei durante a noite.” E como prova, tirou o dinheiro do bolso e apontou para as poucas moedas pequenas na sua mão espalhada.

“Você está se complicando cada vez mais”, disse o *maître*. “Se alguém quiser acreditar em você, precisa sempre esquecer aquilo que você disse antes. Primeiro, levou o homem — nem no nome Robinson eu acredito; desde que a Irlanda existe, nunca houve um irlandês com esse nome — então primeiro apenas o levou para o dormitório; só isso, aliás, já é motivo suficiente para despachá-lo em grande estilo; inicialmente você não lhe havia prometido qualquer dinheiro, mas depois, interpelado de surpresa, responde que lhe prometera algum. Isto aqui não é, contudo, um jogo de perguntas e respostas pelo contrário, queremos ouvir sua justificativa. Primeiro, você não queria buscar o dinheiro, e sim lhe dar as gorjetas de hoje, só que depois descobre-se que esse dinheiro ainda está com você, então é óbvio que você ia buscar mais, o que também está confirmado pela sua longa ausência. Afinal de contas, não seria nada de mais se você quisesse retirar dinheiro da mala para ele, mas que o negue de maneira tão determinada é algo fora do comum, assim como o é continuar escondendo que embebedou o homem aqui no hotel, sobre o que não pesa a menor dúvida, pois você mesmo admitiu que ele veio sozinho, mas não

pôde ir embora, e ele mesmo gritou no dormitório que era seu convidado. Portanto, há apenas dois fatos a serem esclarecidos, os quais, se quiser simplificar as coisas, você mesmo pode responder, mas que podem ser averiguados também sem a sua ajuda: primeiro, como conseguiu o acesso às despesas e, segundo, como conseguiu dinheiro para doar assim?”

“É impossível alguém se defender quando não há nem um pouco de boa vontade”, disse Karl para si mesmo e não respondeu mais ao *maître*, por mais que Therese provavelmente sofresse com isso. Sabia que tudo o que poderia dizer assumiria um aspecto muito diferente do pretendido, e que direcionar sua fala para o bem ou para o mal ficava à critério de quem o estava julgando.

“Ele não responde”, disse a chefe de cozinha.

“É a coisa mais sensata que pode fazer”, disse o *maître*.

“Ele vai inventar alguma outra coisa”, disse o chefe da portaria, acariciando sua barba com a mão que anteriormente fora tão cruel.

“Faça silêncio”, disse a chefe de cozinha a Therese, que começava a soluçar ao seu lado, “como você vê, ele não responde, como então posso fazer algo por ele? Afinal, sou eu quem perde a razão diante do *maître*. Diga-me, Therese, na sua opinião, há alguma coisa que eu tenha deixado de fazer por ele?”. Como poderia Therese saber, e de que adiantava que a chefe de cozinha fizesse essa pergunta abertamente à menina, perdendo seu prestígio perante esses dois senhores?

“Senhora chefe de cozinha”, disse Karl, reunindo suas forças mais uma vez, com nenhum outro propósito a não ser o de poupar Therese da resposta: “Não creio ser motivo de vergonha para a senhora, e qualquer pessoa chegaria a essa conclusão depois de uma investigação rigorosa”.

“Qualquer outra pessoa”, disse o porteiro, apontando o dedo para o *maître*, “isso é uma alfinetada contra o senhor, Sr. Isbary”.

“Bem, senhora chefe de cozinha”, disse o *maître*, “são seis e meia, está mais do que na hora. Acho que o melhor é a senhora me deixar dar a palavra final neste caso, já tratado com demasiada tolerância.”

O pequeno Giacomo entrou, queria falar com Karl, mas, assustado com o silêncio geral reinante, desistiu e acabou esperando.

A chefe de cozinha não afastara o olhar de Karl desde as suas últimas palavras e nada indicava que tivesse ouvido a observação do *maître*. Seus olhos olhavam para Karl de frente, eles eram grandes e azuis, mas um pouco nublados pela idade e pelo excesso de trabalho. Ao vê-la ali balançando um pouco a cadeira à sua frente, daria até para esperar que ela no próximo instante dissesse: “Bem, Karl, quando penso sobre isso tudo, vejo que a coisa ainda não está suficientemente esclarecida e precisa, como você com razão disse, de uma investigação minuciosa. E é o que vamos fazer agora, quer concordem, quer não, porque a justiça tem de ser feita”.

Porém, em vez disso, depois de uma pausa que ninguém se atreveu a interromper — apenas o relógio batia seis e meia em confirmação às

palavras do *maître-d'hôtel* e com ele, como todos sabiam, todos os relógios do hotel ao mesmo tempo, ressoando nos ouvidos e no pressentimento como o duplo espasmo de uma grande impaciência —, a chefe de cozinha disse: “Não, Karl, não, não! Não nos deixamos convencer. Causas justas também têm uma aparência especial e, devo confessar, não é o que acontece com a sua. Posso e devo dizê-lo, tenho de confessá-lo, pois fui eu que vim com a melhor predisposição a seu respeito. Veja você, até mesmo Therese está calada”. (Mas ela não estava calada, estava chorando.)

Diante da decisão repentina que tomara, a chefe de cozinha hesitou e disse: “Karl, venha cá”, e, quando ele foi até ela — imediatamente o *maître-d'hôtel* e o chefe da portaria se juntaram atrás de suas costas numa conversa animada —, envolveu-o com o braço esquerdo, foi com ele e Therese, que os seguia apática, até o fundo da sala e lá começou a andar com os dois de um lado para o outro, dizendo: “É possível, Karl, e você parece acreditar nisso, caso contrário eu não o entenderia, que uma investigação lhe desse razão em algumas pequenas coisas. E por que não? Você talvez tenha realmente cumprimentado o chefe da portaria. Tenho certeza de que sim, eu mesma tenho minha opinião sobre o chefe da portaria, veja que mesmo agora falo abertamente com você. Mas esse tipo de justificativa não o ajuda em nada. O *maître-d'hôtel*, cujo conhecimento da natureza humana aprendi a apreciar ao longo de muitos anos e que é o homem mais confiável que conheço, declarou a sua culpa claramente e ela parece-me irrefutável. Talvez você tenha apenas agido sem pensar, mas também pode não ser quem pensei que fosse. E, mesmo assim”, ela interrompeu-se e olhou ligeiramente na direção dos dois senhores, “me custa deixar de acreditar que, no fundo, você seja um bom rapaz”.

“Senhora chefe de cozinha! Senhora chefe de cozinha!”, advertiu o *maître*, que tinha capturado o seu olhar.

“Já estamos terminando”, disse ela, falando mais rápido com Karl: “Escute, Karl, da forma como avalio o assunto, ainda estou contente que o *maître-d'hôtel* não queira iniciar uma investigação; porque, se ele quisesse iniciá-la, eu teria de impedi-la em seu interesse. Ninguém deve descobrir como ou com o que você bancou o anfitrião para aquele homem, que, aliás, não pode ser um de seus antigos camaradas, como você sustenta, porque teve uma briga feia com eles na hora da separação, de modo que não receberia agora um deles como seu convidado. Então só pode ser um conhecido com quem você se irmanou imprudentemente em alguma taverna da cidade. Como pôde me esconder todas essas coisas, Karl? Se o dormitório lhe era insuportável, e por esse motivo inocente você começou com suas excursões noturnas, por que nunca disse uma palavra sequer sobre isso? Sabe que eu queria lhe arrumar o seu próprio quarto e só desisti disso por um pedido seu. Quer-me parecer agora que preferiu o dormitório porque lá se sentia mais à vontade. Além disso, o seu dinheiro estava guardado no meu cofre, e as gorjetas você me trazia toda semana; de onde,

pelo amor de Deus, você tirou dinheiro, rapaz, para suas diversões e onde ia buscar o dinheiro agora para o seu amigo? Isto é naturalmente uma série de coisas que, pelo menos por enquanto, nem deveria sugerir ao *maître*, senão uma investigação seria inevitável. Você precisa sair do hotel sem falta, o mais rápido possível. Vá diretamente para a Pensão Brenner — você já esteve lá várias vezes com a Therese —, eles vão recebê-lo de graça com esta recomendação —”, e a chefe de cozinha escreveu algumas linhas em um cartão de visita com uma lapiseira dourada, que ela tirou da blusa, sem interromper a sua fala. “Mandarei a sua mala em seguida. Therese, vá ao dormitório dos ascensoristas e faça a mala dele! (Mas Therese nem se mexeu, pois da mesma forma como passara por todo aquele sofrimento, agora também queria participar plenamente dessa reviravolta para melhor, que o destino de Karl experimentava graças à bondade da chefe de cozinha.)

Alguém entreabriu a porta, sem aparecer, e imediatamente voltou a fechá-la. Devia ter a ver com Giacomo, que se adiantou e disse: “Rossmann, preciso falar com você”.

“Um minuto”, disse a chefe de cozinha, colocando o cartão de visitas no bolso de Karl, que a escutava de cabeça baixa, “vou ficar com o seu dinheiro por enquanto, você sabe que o pode confiar a mim. Fique em seu quarto hoje e reflita sobre sua situação, amanhã — hoje não tenho tempo e já me detive demais aqui — vou até a Pensão Brenner, e vamos ver o que mais podemos fazer por você. Não vou abandoná-lo você, isso em todo caso quero que você já saiba hoje. Não precisa se preocupar com o seu futuro, mas, antes, com o passado recente”. Então deu-lhe um tapinha no ombro e foi ter com o *maître*. Karl levantou a cabeça e acompanhou com o olhar a mulher, imponente e vistosa, que se afastava dele com passos serenos e uma atitude de independência.

“Não está feliz”, disse Therese, que ficara ao lado dele, “que tudo tenha acabado tão bem?”

“Claro que sim”, disse Karl, sorrindo para ela, mas ele não sabia por que deveria estar feliz por ser demitido como ladrão. Os olhos de Therese brilhavam de pura alegria, como se ela não se importasse se Karl tivesse feito algo errado ou não, se tivesse sido julgado de forma justa ou não, contanto que o deixassem partir, em desgraça ou com honra. E era assim que se comportava justamente Therese, a garota que era tão conscienciosa com seus próprios assuntos, a ponto de ser capaz de revirar e examinar em seus pensamentos por semanas a fio uma palavra não totalmente clara da chefe de cozinha. Deliberadamente ele perguntou: “Você vai arrumar e mandar a minha mala agora?”. Contra sua vontade ele teve de balançar a cabeça, espantado, tal foi a rapidez com que Therese compreendeu o que estava implícito na pergunta, e, como sua convicção de que na mala havia coisas que tinham de ser ocultadas das pessoas significava que ela nem sequer olhasse para Karl, nem apertasse a sua mão, apenas sussurrou:

“Naturalmente, Karl, eu vou arrumar a sua mala agora mesmo”. E saiu correndo.

Porém, nesse momento, Giacomo não se segurou mais e, agitado pela longa espera, exclamou: “Rossmann, o homem está se contorcendo lá no corredor e se opõe a que o tirem de lá. Queriam levá-lo ao hospital, mas ele se defende e afirma que você nunca toleraria que ele fosse hospitalizado. Que era para chamarmos um carro e mandá-lo para casa e que você pagaria o carro. Você concorda?”

“O homem confia em você”, disse o *maître*. Karl encolheu os ombros, contou quanto tinha e entregou-o na mão de Giacomo. “Isso é tudo que tenho”, disse ele.

“Ele também quer saber se você vai acompanhá-lo”, ainda perguntou Giacomo, fazendo tilintar as moedas.

“Ele não vai acompanhá-lo”, disse a chefe de cozinha.

“Então, Rossmann”, disse o *maître-d’hôtel* rapidamente, sem esperar sequer que Giacomo estivesse do lado de fora, “você está demitido”.

O chefe da portaria assentiu várias vezes com a cabeça, como se essas fossem suas próprias palavras e o *maître-d’hôtel* as estivesse apenas repetindo.

“Não posso mencionar em público os motivos da sua demissão, caso contrário teria de mandar prendê-lo.”

O chefe da portaria olhou com severidade especial para a chefe de cozinha, pois percebera que ela fora a causa desse tratamento demasiadamente tolerante.

“Agora se apresente a Bess, troque de roupa, entregue-lhe seu uniforme e deixe o hotel imediatamente.”

A chefe de cozinha fechou os olhos com a intenção de acalmar Karl. Enquanto fez a reverência de despedida, ainda viu de relance o *maître-d’hôtel* pegar discretamente a mão da chefe de cozinha e acariciá-la. O chefe da portaria acompanhou Karl com passos pesados até a porta, não permitindo que o rapaz a fechasse, mas, ao contrário, ele mesmo ainda a manteve aberta para poder berrar atrás de Karl: “em quinze minutos quero ver você passando por mim pela porta principal! Lembre-se disso!”.

Karl se apressou como pôde para evitar aborrecimentos na saída, mas tudo caminhou muito mais devagar do que pretendia. Primeiro, demorou um pouco para encontrar Bess, e, nesse momento, no horário do café da manhã, os lugares estavam todos apinhados de gente; depois descobriu-se que um rapaz pegara emprestadas as calças velhas de Karl, e ele teve de procurar em quase todos os cabides ao lado das camas até as conseguir encontrar, de modo que se passaram uns cinco minutos antes que Karl chegasse à entrada principal. Bem na sua frente andava uma senhora no meio de quatro cavalheiros. Todos caminhavam na direção de um grande automóvel, que já os aguardava, e cuja porta era mantida aberta por um criado, enquanto o braço esquerdo se estendia para o lado na horizontal,

com rigidez, o que dava ao ato uma aparência extremamente solene. Mas a esperança de Karl de passar despercebido ao acompanhar esse nobre grupo foi ilusória. O chefe da portaria o pegou pela mão por entre dois dos senhores, a quem ele pediu desculpas, e o puxou para o lado dele.

“É isso que você chama de quinze minutos”, perguntou ele, olhando para Karl com desconfiança, como se estivesse observando um relógio defeituoso. “Venha cá”, disse ele, empurrando-o para dentro da guarita, que Karl, de fato, já queria conhecer faz tempo, mas na qual, empurrado pelo porteiro, agora só entrou com desconfiança. Ele já estava na porta quando se virou e fez uma tentativa de afastar o porteiro e fugir.

“Não, não, a entrada é aqui”, disse o porteiro, girando-o em direção à entrada.

“Mas já fui demitido”, disse Karl, querendo dizer com isso que ninguém do hotel podia mais lhe dar ordens.

“Enquanto eu estiver segurando você, você não está demitido”, disse o porteiro, o que aliás também estava correto.

No fundo, Karl não via motivo para se defender do porteiro. Que mais lhe poderia acontecer? Além disso, as paredes da guarita eram feitas exclusivamente de imensas placas de vidro, pelas quais se podia observar as multidões que fluíam ao encontro umas das outras no hall, como se estivesse no meio delas. De fato, não parecia haver em toda a guarita um só canto em que fosse possível se ocultar das pessoas. Por mais apressadas que parecessem, buscando o seu caminho com o braço esticado e a cabeça abaixada, com olhos observadores, carregando a bagagem, dificilmente alguma delas deixava de dar uma olhada na guarita, porque atrás das suas vidraças sempre se encontravam afixados comunicados e mensagens importantes tanto para os hóspedes como para os funcionários do hotel. Mas, além disso, ainda existia uma comunicação direta da portaria com o hall, porque havia dois auxiliares de portaria sentados na frente de dois grandes guichês, que estavam constantemente ocupados em dar informações sobre os mais variados assuntos. Eram pessoas absolutamente sobrecarregadas, e Karl seria capaz de apostar que o chefe da portaria, pelo que dele se sabia, se esquivara desse posto durante toda a sua carreira. Esses dois atendentes sempre tinham diante de si, na abertura da janela — do lado de fora não se fazia ideia disso —, pelo menos dez rostos inquisitivos. Entre esses dez clientes, que mudavam constantemente, reinava uma confusão de idiomas, como se cada um tivesse sido enviado de um país diferente. Alguns sempre faziam perguntas simultâneas e, além disso, sempre havia algumas pessoas falando ao mesmo tempo. A maioria queria buscar ou entregar alguma coisa na guarita, por isso também se viam mãos gesticulando impacientemente, destacando-se da multidão o tempo inteiro. Numa dessas ocasiões, alguém quis ler um jornal, que, de repente, se desdobrou nas alturas e, por um momento, ocultou todos os rostos. Os dois auxiliares de portaria tinham de resistir a tudo isso. Falar

pouco não era suficiente para resolver os problemas, eles tinham de falar torrencialmente, em especial um deles, um homem de aspecto sombrio que, com uma barba escura que lhe emoldurava o rosto, dava informações sem a menor interrupção. Não olhava nem para a mesa, onde constantemente tinha de pegar alguma coisa, nem para o rosto deste ou daquele cliente, apenas olhava para a frente, com certeza para poupar e reunir suas forças. Aliás, sua barba provavelmente atrapalhava um pouco a inteligibilidade da sua fala e, no curto espaço de tempo em que esteve ao lado dele, Karl só conseguiu entender muito pouco do que ele dizia; embora fosse possível que ele, a despeito do sotaque inglês, estivesse recorrendo aos idiomas estrangeiros necessários. Além disso, causava muita confusão que uma informação seguisse tão de perto a anterior, emendando-se a ela, de modo que, muitas vezes, aquele que perguntara ainda escutava com expressão atenta, porque achava que o assunto abordado ainda era o seu, para perceber só depois de alguns instantes que esse já estava resolvido. Também era necessário se acostumar com o fato de que o auxiliar de portaria nunca pedia para repetir uma pergunta, mesmo que ela, no geral, fosse inteligível e apenas um pouco obscura. Um quase imperceptível meneio da cabeça revelava então que ele não tinha intenção de responder a essa pergunta e que cabia ao seu autor reconhecer o próprio erro e reformular a questão. Principalmente por causa disso, algumas pessoas passavam muito tempo na frente do guichê. Para sua assistência, cada auxiliar de portaria dispunha de um ajudante, cuja tarefa era buscar correndo, na estante e nas diversas caixas, tudo de que o auxiliar de portaria estivesse precisando naquele momento. Essas eram as funções mais bem pagas, embora também as mais extenuantes que existiam no hotel destinadas a pessoas muito jovens. Em certo sentido, estavam em uma situação pior do que a dos auxiliares de portaria, porque estes tinham apenas de pensar e falar, enquanto os jovens tinham de pensar e, ao mesmo tempo, resolver tudo da maneira mais rápida possível. Quando traziam algo errado, é claro que o auxiliar de portaria, por estar demasiado ocupado, não podia se deter com longas explicações e, em vez disso, simplesmente jogava no chão com um único empurrão o que era colocado na sua mesa. Muito interessante era a substituição dos porteiros auxiliares, que ocorreu logo após a entrada de Karl na guarita. Essa substituição naturalmente devia ocorrer com muita frequência, pelo menos durante o dia, já que não havia quase ninguém que teria suportado mais de uma hora atrás do guichê. No momento da substituição, tocava uma sineta, e por uma porta lateral entravam os dois porteiros auxiliares do próximo turno, cada qual seguido pelo seu ajudante. Provisoriamente permaneciam inativos junto ao guichê, observando as pessoas de fora durante algum tempo para verificar em que fase de respostas o atendimento se encontrava naquele momento. Se o momento lhes parecia adequado à sua intervenção, batiam no ombro do auxiliar de portaria a ser substituído, que, embora até aquele

momento ainda não se ocupasse de nada do que acontecia atrás de suas costas, entendia imediatamente e desocupava o seu lugar. Tudo acontecia tão depressa, muitas vezes surpreendendo as pessoas lá fora, que elas quase recuavam assustadas diante do novo rosto que surgia tão de repente na sua frente. Os dois homens substituídos se espreguiçavam e, depois, derramavam água sobre suas cabeças quentes nas duas pias à sua disposição. Já os ajudantes substituídos ainda não podiam se espreguiçar, pois tinham primeiro de passar um tempo recolhendo e guardando nos respectivos lugares os objetos que tinham sido atirados no chão durante o seu horário de trabalho.

Tudo isso, a atenção concentrada de Karl absorveu em poucos instantes e, em seguida, com uma leve dor de cabeça, seguiu em silêncio o porteiro que continuava a guiá-lo. Aparentemente, também o chefe da portaria notara a profunda impressão de Karl com essa maneira de fornecer informações e, puxando de repente e com força a mão de Karl, disse: “Veja, é assim que trabalhamos aqui”. Karl, na realidade, não passara o seu tempo no hotel de papo para o ar, mas não fazia ideia desse tipo de trabalho e, esquecendo quase totalmente que o chefe da portaria era seu grande inimigo, olhou para ele e meneou a cabeça silenciosamente em sinal de reconhecimento. Porém o chefe da portaria já tomara isso como uma supervalorização do auxiliar de portaria e talvez como uma indelicadeza para com a sua própria pessoa, pois, como se tivesse feito Karl de bobo, exclamou sem a preocupação de que alguém pudesse ouvi-lo: “Naturalmente este é o trabalho mais estúpido de todo o hotel; depois de ficar ouvindo durante uma hora, já se sabe praticamente todas as perguntas que serão feitas e, quanto ao resto, nem é preciso responder. Se você não tivesse sido atrevido e malcriado, e não tivesse mentido, vadiado, bebido e roubado, eu poderia ter colocado você em um desses guichês, porque só posso usar gente tapada para isso”.

Karl ignorou completamente o insulto que lhe fora dirigido, tal a sua indignação ao ver o trabalho honesto e pesado dos auxiliares de portaria ser ridicularizado em vez de reconhecido e, sobretudo, ridicularizado por um homem que, se tivesse ousado sentar-se atrás de um desses guichês, certamente teria sido forçado a abandoná-lo depois de alguns minutos, debaixo do riso de toda a clientela.

“Deixe-me ir embora”, disse Karl, já com sua curiosidade em relação à guarita satisfeita até a exaustão, “não quero mais ter nada a ver com o senhor”.

“Isso não é motivo para deixar você partir”, disse o porteiro, apertando os braços de Karl de modo que ele não pudesse movê-los e carregando-o literalmente para o outro lado da guarita. Será que as pessoas lá fora não viam a violência do chefe da portaria? Ou, se a viam, como eles a interpretavam para que ninguém se manifestasse sobre isso, para que ninguém pelo menos batesse na janela para mostrar ao chefe da portaria

que ele estava sendo observado e não podia agir a seu bel-prazer com Karl?

Mas logo Karl perdeu qualquer esperança de receber ajuda de alguém de fora do vestíbulo, pois o chefe da portaria puxou uma corda e, num átimo, cortinas pretas cobriram as vidraças de metade da guarita até o alto. Nesta parte da guarita também havia pessoas, mas todas estavam imersas em suas ocupações, sem ouvidos e olhos para qualquer coisa que não estivesse relacionada com o seu trabalho. Além disso, eram totalmente dependentes do chefe da portaria e, em vez de ajudar Karl, teriam preferido ajudar a ocultar tudo, fosse lá o que fosse que o chefe da portaria inventasse. Havia ali, por exemplo, seis auxiliares de portaria diante de seis telefonistas. Conforme se percebia de imediato, as instruções demandavam que sempre só um deles atendesse uma ligação, enquanto seu vizinho encaminhava os pedidos por telefone depois de receber as anotações do primeiro. Tratava-se daqueles aparelhos de telefone mais recentes, que não precisavam de cabine telefônica, porque o toque da campainha não era mais alto do que um zumbido, podia-se falar sussurrando ao telefone que, ainda assim, graças às amplificações elétricas especiais, as palavras atingiam o seu destino com voz de trovão. É por isso que mal se ouviam os três atendentes falando em seus aparelhos e poder-se-ia pensar que apenas murmuravam algo para si, observando algum procedimento nos microfones do telefone, enquanto os outros três, atordoados pelo ruído que chegava até eles pelos alto-falantes, inaudível, aliás, para o seu entorno, debruçavam-se sobre a folha de papel que lhes cabia preencher. Aqui também cada um dos três atendentes era acompanhado por um jovem ajudante; esses três rapazes nada faziam além de inclinar o pescoço para ouvir a conversa de seu superior e, em seguida, procurar os números de telefones com a rapidez de um raio — o farfalhar das muitas páginas viradas se sobrepondo de longe a qualquer ruído do telefone — em enormes livros amarelos.

Karl, de fato, não pôde deixar de acompanhar tudo isso detidamente, embora o chefe da portaria, que se sentara, o segurasse na sua frente com uma espécie de abraço de ferro.

“É meu dever”, disse o porteiro, sacudindo Karl como se quisesse conseguir apenas que o rapaz olhasse para ele, “recuperar um pouco, pelo menos em nome da direção do hotel, o que o *maître* negligenciou, seja lá por que motivo. Dessa forma, todos aqui sempre auxiliam uns aos outros. Sem isso, um empreendimento deste porte seria impensável. Você talvez diga que não sou seu chefe imediato; tanto mais nobre da minha parte adotar esta causa, de outra forma abandonada. Aliás, como chefe da portaria, de certa forma estou acima de todos, porque todos os portões do hotel estão sob minhas ordens: este portão principal, os três portões centrais e os dez laterais, sem mencionar as inúmeras portinholas e saídas sem portas. Naturalmente todas as equipes de serviço que vêm ao caso me

devem obediência irrestrita. Por outro lado, em face dessa grande honra, naturalmente tenho a obrigação perante a direção do hotel de não deixar ninguém que esteja sob a mínima suspeita sair. E justamente você, porque assim me convém, me parece muito suspeito”. E, de tanta alegria consigo mesmo, levantou as mãos e as deixou cair novamente, com uma força que fazia barulho e causava dor. “É possível”, acrescentou ele, de maneira presunçosa, “que você tivesse conseguido sair despercebido por uma outra saída, porque você não tem qualquer importância para mim a ponto de eu dar instruções especiais referentes a você. Mas, já que está aqui, quero me deliciar. De resto, nunca duvidei de que fosse comparecer ao encontro marcado no portão principal, porque pela regra os atrevidos e os desobedientes só abandonam seus vícios quando eles os prejudicam. Você ainda terá chances de perceber isso com frequência em você mesmo”.

“Não pense o senhor”, disse Karl, respirando o cheiro peculiar de mofo que emanava do chefe da portaria, e que ele só agora notara, depois de passar esse tempo todo tão perto dele. “Não pense”, disse ele, “que estou totalmente em seu poder, pois posso gritar”.

“E eu posso calar a sua boca”, disse o chefe da portaria com a mesma calma e rapidez com a qual provavelmente pretendia partir para a ação, se necessário. “E você acha realmente que, se entrassem aqui por sua causa, alguém lhe daria razão, diante de mim, que sou o chefe da portaria? Você reconhece, portanto, o absurdo de suas esperanças. Sabe, quando você ainda estava de uniforme, apresentava um aspecto um pouco mais distinto, mas nesse terno, que, de fato, só pode ter sido feito na Europa!” — E começou a puxar as mais variadas partes do terno, que, se há cinco meses estava praticamente novo, agora estava gasto, amarrotado e sobretudo manchado, o que se devia principalmente ao pouco caso dos ascensoristas, que obedecendo as ordens gerais manter o chão do dormitório liso e livre de poeira, por preguiça não limpavam o chão direito, mas o aspergiam com um pouco de óleo e, ao mesmo tempo, vergonhosamente, todas as roupas que se encontravam nas araras. É claro que se podia guardar as próprias roupas onde a pessoa quisesse, mas sempre havia alguém cujas roupas não estavam à mão e que encontrava as roupas alheias escondidas com facilidade e as pegava emprestadas. E invariavelmente era justo a pessoa que estava encarregada da limpeza do quarto naquele dia e que então não apenas aspergia as roupas com o óleo, mas as besuntava de cima a baixo. Apenas Renell escondia suas roupas caras em algum lugar secreto, de onde dificilmente alguém as tirava aliás, era pouco provável que alguém tomasse emprestadas as roupas alheias por maldade ou mesquinhez, e sim as pegava onde as encontrava, por pura pressa e descuido. Mas até mesmo o terno de Renell tinha uma mancha de óleo, circular e avermelhada, bem no meio das costas, e, por essa mancha, qualquer um na cidade saberia que o jovem elegante não passava de um ascensorista.

E, ao evocar essas lembranças, Karl pensou consigo mesmo que

também sofrera o suficiente como ascensorista e que tudo tinha sido em vão, porque esse trabalho, como ele esperava, não se comprovava como trampolim para algo melhor, pelo contrário, fora empurrado ainda mais para baixo e tinha chegado até muito perto da prisão. Além disso, ainda estava nas garras do chefe da portaria, que provavelmente estava pensando em como poderia humilhá-lo ainda mais. E, esquecendo completamente que o chefe da portaria não era o tipo de homem que talvez se deixasse convencer, Karl exclamou, enquanto batia repetidamente contra a testa com a mão que por acaso estava livre: “E mesmo que eu realmente não o tivesse cumprimentado, como pode uma pessoa adulta ser tão vingativa por causa da omissão de um cumprimento!”

“Não sou vingativo”, disse o porteiro-chefe. “Tudo o que quero é examinar os seus bolsos. É verdade que estou convencido de que nada encontrarei, porque você deve ter sido precavido e provavelmente deixou o seu amigo levar tudo aos poucos, todos os dias alguma coisa. Mas você deve ser revistado.” E colocou a mão num dos bolsos do paletó de Karl com tanta violência que as costuras laterais rebentaram. “Não há nada aqui”, disse ele, bisbilhotando na palma da mão o conteúdo deste bolso: um calendário promocional do hotel, uma página com uma tarefa de correspondência comercial, alguns botões de paletó e calças, o cartão de visita da chefe de cozinha, uma lima de unhas que um hóspede lhe dera ao fazer as malas, um velho espelho de bolso que Renell lhe dera uma vez em agradecimento por aproximadamente dez substituições de turno e mais algumas ninharias. “Não há mesmo nada aqui”, repetiu o chefe da portaria, atirando tudo para debaixo do banco, como se fosse natural que os pertences de Karl, que não eram produto de roubo, fossem parar ali embaixo.

‘Agora chega’, disse Karl de si para si — seu rosto devia estar pegando fogo —, e quando o chefe da portaria, levado à imprudência em sua ganância, começou a procurar no segundo bolso, Karl se livrou das mangas com um safanão, empurrou, com seu primeiro salto, ainda desgovernado, um auxiliar de portaria vigorosamente contra seu aparelho, correu pelo recinto abafado até a porta, demorando, de fato, mais do que pretendia, mas felizmente se viu do lado de fora antes que o chefe da portaria, com o seu pesado casaco, pudesse sequer se levantar. O serviço de segurança não devia ser dos mais organizados, é verdade que soaram alguns alarmes, mas só Deus sabe com que propósito! Perto do portão, na entrada, havia, de fato, funcionários do hotel andando a torto e a direito em tal quantidade que quase se poderia pensar que quisessem impossibilitar discretamente a saída, pois não se podia ver muito sentido nessas andanças de lá para cá; de qualquer forma, Karl logo alcançou o lado de fora, porém ainda teve de andar pela calçada do hotel, pois era impossível atravessar a rua, já que a fileira ininterrupta de automóveis que passava pela porta principal quase não andava. Para alcançarem os seus proprietários o mais

rápido possível, esses automóveis praticamente se encadeavam, cada qual impelido para a frente pelo que vinha atrás. Os pedestres mais apressados para chegar até o outro lado da rua atravessavam aqui e ali no meio dos automóveis, como se aquilo fosse uma passagem pública, sem se importar se o automóvel carregava apenas o motorista e os criados ou pessoas de alta estirpe. Um tal comportamento, no entanto, parecia exagerado a Karl, e era necessário estar bem inteirado das circunstâncias para se atrever a tanto. Com facilidade poderia encontrar um automóvel cujos ocupantes se ressentissem, o atirassem no chão e fizessem um escândalo, e para ele, como funcionário suspeito, fugindo em mangas de camisa, nada poderia ser mais perigoso. Afinal de contas, a fila dos automóveis não havia de durar para sempre e, enquanto permanecesse nas imediações do hotel, despertaria, na verdade, bem menos suspeitas. Karl, de fato, finalmente conseguiu alcançar um lugar onde a fileira de automóveis não estava propriamente no fim, mas fazia um desvio, tornando-se mais espaçada. Estava prestes a mergulhar no trânsito da rua, em que circulavam livremente pessoas de aparência, com certeza, muito mais suspeita do que a sua, quando ouviu alguém lá perto chamar o seu nome. Virou-se e viu dois ascensoristas seus conhecidos retirando por uma porta pequena e baixa que mais parecia a entrada de um túmulo, com um esforço descomunal, uma maca sobre a qual, como Karl agora conseguia reconhecer, estava Robinson, com a cabeça, o rosto e os braços enfaixados de várias maneiras. Era horrível vê-lo levando os braços aos olhos para enxugar com as ataduras as lágrimas que derramava de dor ou de outro sofrimento ou até mesmo de alegria por rever Karl.

“Rossmann”, reclamou ele, “por que me deixou esperando tanto tempo? Faz uma hora que estou me defendendo para não ser levado embora antes de você chegar. Esses caras” — e deu uma cabeçada num dos ascensoristas, como se as ataduras o protegessem de espancamentos — “são de fato verdadeiros demônios. Oh, Rossmann, visitar você me custou muito caro”.

“O que fizeram com você?”, disse Karl, aproximando-se da maca, que os garotos colocaram no chão, em meio a risadas, para descansar.

“Você ainda pergunta”, suspirou Robinson, “não está vendo o meu estado? Pense bem, é provável que eu tenha ficado aleijado para o resto da minha vida. Tenho dores terríveis daqui até ali” — e apontou primeiro para a cabeça e depois para os dedos dos pés. “Queria que você tivesse visto como sangrei pelo nariz. Meu colete está completamente estragado, eu o deixei lá, minhas calças estão esfarrapadas, estou de cueca”, e ergueu um pouco o cobertor e convidou Karl a certificar-se do que dizia. “O que será de mim agora! Vou ter de repousar pelo menos alguns meses, e já lhe digo, não tenho ninguém além de você que possa cuidar de mim, Delamarche é impaciente demais. Rossmann, pequeno Rossmann!” E Robinson estendeu a mão para conquistar com afagos Karl, que recuou um pouco. “Por que fui

visitar você?”, repetiu várias vezes para não deixar Karl esquecer a parcela de culpa que tinha na sua desgraça. — É verdade que Karl reconheceu de imediato que os lamentos de Robinson não eram provocados pelos ferimentos, mas sim pela enorme ressaca, já que, mal adormecera, totalmente embriagado, fora logo despertado e, para sua surpresa, golpeado até sangrar, não conseguindo mais se orientar no mundo dos acordados. Que os ferimentos eram leves já se podia constatar pelos curativos grotescos, feitos de velhos trapos com que os ascensoristas o tinham enfaixado totalmente, ao que parece, por diversão. A comprová-lo, os dois ascensoristas que seguravam as pontas da maca bufavam de tempos em tempos de tanto rir. No entanto, ali não era o lugar certo para trazer Robinson à razão, pois os transeuntes passavam correndo por eles, sem se preocupar com o grupo em volta da maca. Com frequência as pessoas passavam por cima de Robinson com um salto verdadeiramente atlético e o motorista pago com o dinheiro de Karl gritava: “Vamos embora!”. Os ascensoristas fizeram um grande esforço para levantar a maca e Robinson agarrou a mão de Karl, dizendo em tom de lisonja: “Agora venha, venha logo”. Nos trajes em que se encontrava, Karl não estaria mais protegido na escuridão do carro? E assim sentou-se ao lado de Robinson, que encostou a cabeça nele. Os ascensoristas, que ficaram para trás, apertaram a sua mão cordialmente pela janela do carro, como a de um antigo colega, e o automóvel deu uma guinada brusca na direção da rua, como se fosse imperativo que acontecesse um acidente, mas o tráfego, que tudo abarcava, imediatamente integrou a corrida retilínea desse automóvel com serenidade no seu fluxo.

UM ASILO

A rua em que o automóvel parou parecia ser a de um subúrbio afastado, pois ali a calma reinava por toda parte e crianças brincavam acoradas na beira da calçada. Um homem com um monte de roupas velhas jogadas por cima dos ombros observava as janelas dos prédios, enquanto apregoava suas mercadorias. Cansado como estava, Karl sentiu-se desconfortável ao sair do carro e pisar no asfalto aquecido e iluminado pelo sol da manhã.

“Você mora mesmo aqui?”, gritou para dentro do carro.

Robinson, que dormira tranquilamente durante todo o trajeto, resmungou algo incompreensível e parecia esperar que Karl o tirasse do carro.

“Então, não tenho mais nada a fazer aqui. Passe bem”, disse Karl, e dispôs-se a descer a rua suavemente inclinada.

“Mas, Karl, onde você acha que vai?”, gritou Robinson quase de pé no carro de tanta preocupação, apenas com os joelhos um pouco trêmulos.

“Eu preciso ir”, disse Karl, que observara a rápida recuperação de Robinson.

“Em mangas de camisa?”, perguntou-lhe Robinson.

“Eu conseguirei ganhar o suficiente para um paletó”, disse Karl, acenando confiantemente a Robinson, cumprimentando-o com a mão em sinal de despedida, e teria mesmo partido se o motorista não tivesse exclamado: “Um momento, meu senhor!”.

Infelizmente, parecia que o motorista reivindicava um pagamento adicional para compensar o tempo que tivera de esperar em frente ao hotel.

“Pois é”, exclamou Robinson de dentro do carro, concordando com a demanda do motorista, “eu tive de esperar você lá durante um tempão. Você ainda precisa lhe dar algo”.

“Sim, claro”, disse o chofer.

“Sim, se eu ainda tivesse alguma coisa”, disse Karl, enfiando a mão nos bolsos, embora soubesse de antemão que era inútil.

“Eu só posso contar com o senhor”, disse o chofer, plantando-se à frente de Karl com as pernas afastadas. “Não posso cobrar nada desse doente aí”.

Um rapaz com um nariz roído se aproximou do portão e acompanhou a conversa a uma distância de alguns passos. Um policial que naquele instante fazia a ronda mirou aquela figura em mangas de camisa e parou.

Robinson, que também notara o policial, cometeu a estupidez de gritar pela outra janela: “Não foi nada, não foi nada!”, como se fosse

possível espantar um policial como se espanta uma mosca. As crianças que tinham observado o policial, como este parou, também repararam em Karl e no motorista e correram para lá. No portão em frente, uma velha parada os olhava fixamente.

“Rossmann!”, chamou naquele momento uma voz lá do alto. Era Delamarche, que gritava da varanda do último andar. Ele mesmo mal se destacava contra o céu azul-esbranquiçado, aparentemente estava de roupão e observava a rua com um binóculo de ópera. Ao seu lado via-se uma sombrinha vermelha aberta, sob a qual parecia estar sentada uma mulher. “Olá!”, gritou ele, lutando para se fazer entender, “Robinson também está aí?”.

“Está”, respondeu Karl, fortemente apoiado por um segundo “está”, muito mais alto, de Robinson, ecoando de dentro do carro.

“Olá!”, gritou novamente: “Eu já desço!”.

Robinson debruçou-se para fora do carro. “Que homem!”, disse ele, e esse elogio a Delamarche era dirigido a Karl, ao motorista, ao policial e a qualquer um que o quisesse ouvir. Lá no alto, na varanda, para onde ainda se olhava distraidamente, embora Delamarche já não estivesse lá, levantara-se, sob o guarda-sol, uma mulher forte em um vestido vermelho sem cintura, que pegou o binóculo de ópera do parapeito e olhou através dele para as pessoas lá embaixo, que gradualmente desviavam os seus olhares dela. À espera de Delamarche, Karl olhou pelo portão da frente e em seguida para o pátio, onde se via uma fila quase contínua de carregadores, cada um dos quais carregava no ombro uma caixa pequena, mas aparentemente muito pesada. O chofer foi até o carro e, para aproveitar o tempo, limpou os faróis com um trapo. Robinson examinava seus membros doloridos, parecia se surpreender com a pouca dor que sentia, apesar do exame minucioso, e com o rosto abaixado começou a soltar, cautelosamente, uma das grossas ataduras que lhe cobriam a perna. O policial segurava o cassete preto à frente do corpo e esperava em silêncio, com a imensa paciência que a polícia deve ter, quer seja durante o seu serviço habitual, quer esteja à espreita. O rapaz do nariz carcomido sentou-se em uma pedra do portão e esticou as pernas. As crianças se aproximaram gradualmente de Karl, a pequenos passos, pois, apesar de ele não lhes prestar atenção, parecia-lhes ser ele o mais importante de todos, talvez por causa de suas mangas de camisa azuis.

Pelo tempo que se passou até a chegada de Delamarche, podia-se avaliar a altura do prédio. E Delamarche até que chegou rápido, apenas com um roupão amarrado às pressas. “Então, aí estão vocês!”, exclamou contente e severo ao mesmo tempo. Seus passos largos revelavam, momentaneamente, sua roupa de baixo colorida. Karl não entendia muito bem por que Delamarche andava assim vestido tão à vontade naquele imenso condomínio de apartamentos e no meio da rua, como se estivesse em sua própria mansão. Da mesma forma que Robinson, Delamarche havia

mudado muito. Seu rosto escuro, recentemente barbeado, escrupulosamente limpo, onde se desenhava a musculatura saliente, tinha uma aparência orgulhosa e inspirava respeito. O brilho forte dos seus olhos, agora sempre ligeiramente contraídos, surpreendia. Seu roupão roxo estava velho, manchado e era grande demais para ele, mas de dentro dessa feia vestimenta emergia, junto ao pescoço, uma poderosa gravata escura de seda pura.

“E então?”, perguntou a todos. O policial se aproximou um pouco e encostou-se à caixa do motor do automóvel. Karl deu uma pequena explicação.

“Robinson está um pouco mal das pernas, mas, se se esforçar, conseguirá subir as escadas; o motorista aqui quer mais qualquer coisa para completar a tarifa que já lhe paguei. E eu estou indo. Bom dia.”

“Você não vai embora”, disse Delamarche.

“Eu também já falei isso a ele”, disse Robinson do carro.

“É claro que vou”, disse Karl, dando alguns passos. Mas Delamarche já estava atrás dele e o empurrou violentamente de volta.

“Eu estou dizendo que você fica!”, gritou ele.

“Deixe-me em paz”, disse Karl, preparando-se para defender sua liberdade com os punhos, se necessário, por menor que fosse a esperança de sucesso contra um homem como Delamarche. Mas ali estava o policial, havia o motorista, aqui e ali grupos de trabalhadores passavam pela rua, que, de fato, no geral era tranquila; eles tolerariam que ele sofresse uma injustiça por parte de Delamarche? Não gostaria de ficar sozinho com Delamarche num quarto, mas ali? Delamarche já pagava tranquilamente o motorista, que guardou a quantia imerecida e substancial, e com muitas medidas dirigiu-se por gratidão a Robinson, aparentemente confabulando com ele sobre a melhor maneira de tirá-lo do carro. Karl percebeu que não estava sendo observado, talvez Delamarche tolerasse melhor uma saída discreta; naturalmente seria melhor se a briga pudesse ser evitada, e assim Karl simplesmente pisou na rua para poder sair de lá o mais rápido possível. As crianças correram até Delamarche para lhe chamar a atenção para a fuga de Karl, mas ele mesmo nem precisou intervir, porque o policial disse com o cassetete estendido: “Pare!”.

“Qual é o seu nome?”, perguntou o policial, enfiando o bastão debaixo do braço e sacando lentamente um livro de anotações. Foi então que Karl o observou pela primeira vez, era um sujeito forte, embora seus cabelos já estivessem quase completamente brancos.

“Karl Rossmann”, disse ele.

“Rossmann”, repetiu o policial, sem dúvida apenas por ser um sujeito calmo e minucioso, mas Karl, que tinha de lidar com autoridades americanas pela primeira vez, pressentiu naquela repetição certa suspeita. E, de fato, sua situação não deveria ser muito boa, porque até mesmo Robinson, que estava bastante preocupado com seus próprios assuntos,

pediu de dentro do carro com gestos de mão eloquentes e mudos para que Delamarche ajudasse Karl. Mas Delamarche repeliu-o com uma rápida negativa com a cabeça e assistiu a tudo parado, com as mãos nos bolsos exageradamente grandes. O rapaz sentado na pedra explicava a história toda desde o começo a uma mulher que só agora saíra pelo portão. As crianças formavam um semicírculo atrás de Karl e olhavam em silêncio para o policial.

“Mostre seus documentos de identidade”, disse o policial. Isso provavelmente era apenas uma pergunta formal, porque, quando não se está de paletó, não se carrega consigo documentos de identidade. Karl permaneceu em silêncio, preferindo passar para a próxima pergunta para então responder em detalhes e assim encobrir a falta de documentos de identidade o melhor possível.

Mas a próxima pergunta foi: “Então, você não tem documentos de identidade?”, e Karl teve de responder: “Não aqui comigo”.

“Isso é grave”, disse o policial, olhando em volta, pensando e tamborilando com dois dedos na tampa do livro dele. “Você tem alguma ocupação?”, perguntou por fim o policial.

“Eu trabalhava como ascensorista”, disse Karl.

“Se era ascensorista, mas não é mais, de que vive agora?”

“Agora vou procurar um novo emprego.”

“Mas você foi demitido?”

“Sim, há uma hora.”

“De repente?”

“Sim”, disse Karl, levantando a mão, como se quisesse se desculpar. Não poderia contar toda a história ali e, ainda que fosse possível, parecia bastante inútil querer afastar uma ameaça de injustiça, narrando outra já sofrida. E, se ele não recebera justiça nem da bondade da chefe de cozinha nem do discernimento do *maitre-d’hotel*, certamente não era aqui, desse pessoal da rua, que ele poderia esperá-la.

“E foi demitido sem paletó?”, perguntou o policial.

“Pois é”, disse Karl, descobrindo então que na América as autoridades também tinham a mania de perguntar o óbvio. (Como seu pai se aborrecera, ao providenciar o passaporte para Karl, com o questionamento inútil das autoridades!) Karl sentiu uma vontade imensa de fugir e se esconder em algum lugar sem ter de ouvir mais perguntas. E foi então que o policial fez justamente aquela pergunta que Karl mais temia e por causa da qual até agora provavelmente se comportara de maneira mais descuidada do que teria agido em outras circunstâncias.

“Em que hotel você estava empregado?”

Ele baixou a cabeça e não respondeu, essa pergunta ele não responderia nem morto. Em hipótese alguma poderia voltar ao hotel Occidental escoltado por um policial, para que lá fossem instaurados interrogatórios para os quais seriam convocados seus amigos e inimigos,

para que a chefe de cozinha abandonasse completamente a já abalada confiança nele, já que ela, que o supunha na pensão Brenner, o encontraria novamente em mangas de camisa, sem o cartão de visita que lhe dera, sob custódia de um policial, enquanto o *maître-d'hôtel* talvez apenas assentiria com a cabeça como quem já tivesse entendido tudo e o chefe da portaria, por outro lado, recorreria à mão da Providência, que finalmente fizera com que encontrasse o canalha.

“Ele estava empregado no Hotel Occidental”, explicou Delamarche, colocando-se ao lado do policial.

“Não”, gritou Karl, batendo o pé, “isso não é verdade!” Delamarche encarou-o franzindo a boca ironicamente, como se ainda pudesse revelar outras coisas. A inesperada emoção de Karl provocou uma grande excitação entre as crianças, que foram para o lado de Delamarche, preferindo observar Karl de lá. Robinson colocara a cabeça completamente para fora do carro e estava quase paralisado de tanta tensão; uma piscadela aqui e ali eram seus únicos movimentos. O rapaz no portão bateu palmas de prazer, a mulher ao lado dele deu-lhe uma cotovelada para que ficasse quieto. Os carregadores estavam no intervalo do café da manhã e apareceram com grandes canecas de café, que mexiam com bengalas de pão. Alguns se sentaram na beira da calçada, todos sorviam o café ruidosamente.

“O senhor parece conhecer o rapaz?”, perguntou o policial a Delamarche.

“Melhor do que eu gostaria”, disse ele. “Eu já o ajudei muito em outros tempos, mas ele me agradeceu muito mal, como o senhor facilmente já deve ter deduzido, depois do brevíssimo interrogatório a que o submeteu.”

“Sim”, disse o policial, “ele parece ser um menino teimoso”.

“De fato”, disse Delamarche, “mas esse ainda não é o seu pior defeito”.

“Não diga!”, disse o policial.

“Pois é”, disse Delamarche, que se empolgara ao falar, ao mesmo tempo que, com as mãos nos bolsos, imprimia um movimento ondulante em todo o roupão, “ele não é flor que se cheire. Eu e aquele meu amigo lá no carro o acolhemos uma vez, por acaso, quando ele estava na miséria; naquela época, não fazia ideia das condições americanas, pois acabara de chegar da Europa, onde também não o queriam. Pois bem, nós o levamos conosco, o deixamos morar conosco, explicamos tudo a ele, queríamos dar-lhe um emprego, pensamos que ainda pudéssemos transformá-lo em uma pessoa decente, apesar de todos os sinais em contrário, até que, certa noite, ele desapareceu, foi simplesmente embora, e em circunstâncias que prefiro silenciar. Foi ou não foi assim?”, perguntou por fim Delamarche, puxando a manga da camisa de Karl.

“Para trás, crianças!”, gritou o policial, pois elas tinham se adiantado

tanto que Delamarche quase tropeçou numa delas. Nesse meio-tempo, também os carregadores, que antes haviam subestimado o interesse desse interrogatório, haviam ficado atentos e se reunido em um círculo fechado atrás de Karl, de maneira que ele não poderia dar um passo sequer para trás e, além disso, tinha incessantemente nos ouvidos a confusão de vozes desses carregadores, que mais vociferavam do que falavam, em um inglês completamente incompreensível, talvez misturado com palavras eslavas.

“Obrigado pela informação”, disse o policial, cumprimentando Delamarche com uma saudação militar. “De qualquer forma, vou levá-lo e mandar devolvê-lo ao Hotel Occidental.” Mas Delamarche disse: “Posso pedir-lhe que deixe o menino comigo por enquanto? Tenho algumas contas a acertar com ele. Eu me comprometo a levá-lo pessoalmente ao hotel”.

“Não posso fazer isso”, disse o policial.

Delamarche disse: “Aqui está meu cartão de visita”, e entregou-lhe um cartão.

O policial olhou para ele com um ar de aprovação, mas disse com um sorriso cordial: “Não, é inútil”.

Por mais que Karl tivesse evitado Delamarche até então, via agora nele a única salvação possível. É verdade que seu empenho ao pedir que o policial deixasse Karl com ele era suspeito, mas, de qualquer forma, seria mais fácil convencer Delamarche do que o policial a não o devolver ao hotel. E, mesmo que Karl voltasse para o hotel levado por Delamarche, não seria tão ruim como na companhia do policial. Mas, por enquanto, Karl não podia demonstrar que realmente preferiria ficar com Delamarche, caso contrário, estava tudo perdido. E inquieto olhava para a mão do policial, que poderia se levantar a qualquer momento para pegá-lo.

“Eu precisaria pelo menos descobrir por que ele foi demitido tão de repente”, disse finalmente o policial, enquanto Delamarche olhava para o lado com uma expressão rabugenta e amassava o cartão de visita entre as pontas dos dedos.

“Mas ele não foi demitido!”, Robinson exclamou para surpresa geral e, apoiado no motorista, inclinou-se o máximo possível para fora do carro. “Pelo contrário, ele tem um bom cargo lá. É o chefe do dormitório e pode colocar lá dentro quem ele quiser. Só que é muito ocupado e, quando se quer algo dele, é preciso esperar muito. É muito querido pelo *maître-d’hotel* e pela chefe de cozinha e desfruta da confiança deles. Com certeza não foi demitido. Não sei por que disse isso. Por que seria demitido? Eu me feri gravemente no hotel e ele recebeu ordens de me trazer para casa e, porque naquele momento estava sem paletó, me acompanhou sem paletó mesmo. Eu não podia mais esperar até ele pegar o paletó.”

“Pois, então”, disse Delamarche, com os braços estendidos, em um tom como se ele acusasse o policial de falta de conhecimento da natureza humana, e essas suas duas palavras pareceram acrescentar uma consistência livre de ambiguidade à declaração imprecisa de Robinson.

“Mas isso é mesmo verdade?”, perguntou o policial ainda mais inseguro. “E, se é verdade, por que o rapaz diz que foi demitido?”

“Responda”, disse Delamarche.

Karl olhou para o policial, que tinha de estabelecer a ordem entre pessoas estranhas, só preocupadas consigo mesmas, e algumas das suas preocupações comuns também passaram para Karl. Por isso, não queria mentir e segurou as mãos firmemente enlaçadas atrás das costas.

No portão, apareceu um supervisor e bateu palmas em sinal de que os carregadores deveriam voltar ao trabalho. Eles despejaram a borra de suas canecas de café e, calados, caminharam de maneira relutante para dentro da casa.

“Assim não chegaremos a lugar nenhum”, disse o policial, tentando levar Karl pelo braço. Involuntariamente Karl recuou um pouco, percebeu o espaço livre que a partida dos carregadores tinha aberto, virou-se e, dando alguns grandes saltos iniciais, começou a correr. As crianças irromperam em um único grito e o acompanharam por algum tempo com os bracinhos estendidos.

“Segurem-no!”, exclamou o policial correndo atrás de Karl pela rua longa e quase vazia, a uma velocidade que revelava grande força e preparo, repetindo a ordem com regularidade. A sorte de Karl foi que a perseguição ocorreu num bairro da classe trabalhadora. Os trabalhadores não colaboram com as autoridades. Karl corria no meio da rua, porque lá havia o menor número de obstáculos, e via de vez em quando trabalhadores que ficavam de pé na calçada e o observavam calmamente, enquanto o policial, apontando incessantemente para Karl com o cassete estendido, gritava “Segurem-no!” em sua direção, mantendo-se sabiamente na calçada lisa durante a sua corrida. Karl tinha pouca esperança de escapar e a perdeu quase completamente, agora que eles se aproximavam das travessas, em que com certeza havia patrulhas policiais, quando o policial começou a apitar de maneira quase ensurdecadora. A única vantagem de Karl era a sua roupa leve, ele voava, ou melhor, despencava pela descida cada vez mais íngreme, só que, talvez por estar sonolento devido ao sono atrasado, muitas vezes dava saltos muito altos e desnecessários. Além disso, o policial tinha seu objetivo sempre em mente, sem ter de refletir, enquanto para Karl, pelo contrário, a corrida era secundária, ele tinha de pensar, escolher entre diferentes opções, tomar novas decisões constantemente. Seu plano um tanto quanto desesperado era evitar, por enquanto, as travessas, pois não se podia saber o que elas podiam esconder, talvez ele fosse parar direto na antessala de uma delegacia. Enquanto fosse possível, queria manter-se nessa rua com vista ampla, que só terminava lá muito embaixo de uma ponte que, quando mal começava, já desaparecia entre o sol e a neblina. Tendo tomado essa decisão, ia justamente reunir suas forças com o intuito de acelerar ainda mais a corrida para passar bem depressa pela primeira travessa, quando avistou, não muito distante dele,

um policial à espreita, colado à parede escura de uma casa que ficava na sombra, pronto para saltar-lhe em cima no momento certo. Agora não havia outro remédio senão o beco e, quando ainda por cima alguém o chamou pelo seu nome inofensivamente de dentro do beco — parecia ser um engano, a princípio, porque já fazia algum tempo que estava com um chiado nos ouvidos —, não hesitou mais e, para melhor surpreender os policiais, virou-se e girou em ângulo reto, num pé só, para dentro daquele beco.

Mal dera duas passadas na rua — já se esquecera que alguém o chamara pelo nome, pois o segundo policial também começara a apitar, notava-se o seu pleno vigor, transeuntes mais afastados dessa travessa pareciam apertar o passo — quando, saindo de uma pequena porta de frente, uma mão o alcançou e o puxou, dizendo “Calado!”, para dentro de um corredor escuro. Era Delamarche, totalmente sem fôlego, com a cara vermelha, o cabelo grudado em volta da cabeça. Colocara o roupão debaixo do braço e estava apenas de camiseta e cueca. Fechou e trancou imediatamente a porta, que não era a entrada principal, mas apenas uma discreta entrada lateral.

“Espere um momento”, disse ele, encostando-se na parede e respirando com dificuldade, com a cabeça erguida para trás. Karl, quase deitado em seus braços e semi-inconsciente, apertava o rosto contra o seu peito.

“Escute os cavalheiros correndo”, disse Delamarche, apontando para a porta com o dedo, os ouvidos atentos. Realmente, os dois policiais estavam passando naquele instante, os passos soavam no beco vazio como golpes de aço contra a pedra.

“Você está totalmente esgotado”, disse Delamarche a Karl, que ainda continuava a arfar e não conseguia dizer uma palavra sequer. Delamarche colocou-o com cuidado no chão, ajoelhou-se ao lado dele, passou-lhe a mão várias vezes sobre a testa enquanto o observava.

“Agora já dá”, disse Karl, levantando-se com esforço.

“Então, vamos”, disse Delamarche, vestindo novamente o roupão e empurrando Karl para a frente, que ainda mantinha a cabeça baixa por causa de fraqueza. De vez em quando ele sacudia Karl para animá-lo.

“Você ainda reclama de cansaço?”, perguntou ele. “Você tinha toda a rua para correr como um cavalo, e eu, que tive de me esgueirar por estas malditas passagens e pátios. Felizmente, também sou um corredor.” Sentia-se tão orgulhoso que deu um forte tapa nas costas de Karl. “Apostar corrida com a polícia de vez em quando é um bom exercício.”

“É que eu já estava cansado quando comecei a correr”, disse Karl.

“Não há desculpas para o mau corredor”, disse Delamarche. “Se não fosse eu, eles teriam pegado você há muito tempo”.

“Também acho”, disse Karl. “Sou-lhe muito grato.”

“Sem dúvida”, disse Delamarche.

Atravessaram um corredor extenso e estreito, pavimentado com pedras escuras e lisas. De vez em quando, aparecia uma escada à direita ou à esquerda, ou a perspectiva de outro corredor maior. Mal se viam adultos, apenas crianças brincavam nas escadas vazias. Encostada em um corrimão, uma garotinha chorava tanto que o rosto inteiro brilhava com as suas lágrimas. Assim que ela viu Delamarche, subiu correndo as escadas, ofegando com a boca aberta, só se acalmando quando chegou ao topo e se convencer, depois de olhar várias vezes para trás, que ninguém a seguia ou estava com a intenção de segui-la.

“Eu a derrubei um momento atrás”, disse Delamarche, rindo, e ameaçou-a com o punho, o que a fez subir ainda mais, aos gritos.

Também os pátios pelos quais passavam estavam quase completamente desertos. De vez em quando um carregador empurrava um carrinho de mão com duas rodas, uma mulher reabastecia um jarro de água na bomba, um carteiro cruzava o pátio inteiro a passos tranquilos, um velho com bigode branco fumava um cachimbo sentado com as pernas cruzadas em frente a uma porta de vidro, caixotes eram descarregados na frente de uma transportadora, os cavalos desocupados movimentavam as cabeças com indiferença, um homem vestindo um jaleco profissional supervisionava todo o trabalho com um papel na mão. Um escritório estava com a janela aberta e um empregado, sentado junto à sua escrivaninha, se afastara dela e olhava pensativamente para fora, justamente quando Karl e Delamarche passavam por lá.

“É difícil encontrar um lugar mais calmo que esse”, disse Delamarche. “À noite, faz-se muito barulho durante algumas horas, mas de dia é realmente exemplar.”

Karl assentiu com a cabeça, o sossego lhe parecia grande até demais. “Eu não poderia viver em qualquer outro lugar”, disse Delamarche, “porque Brunelda não suporta o menor barulho. Você conhece Brunelda? Bem, logo vai conhecê-la. De qualquer forma, recomendo que você evite fazer qualquer barulho”.

Quando chegaram às escadas que levavam ao apartamento de Delamarche, o automóvel já tinha ido embora, e o rapaz com o nariz carcomido comunicou, sem qualquer surpresa com o reaparecimento de Karl, que carregara Robinson escada acima. Delamarche apenas lhe acenou como se ele fosse um criado que não fizera mais do que a sua obrigação e puxou escada acima Karl, que hesitava um pouco olhando para a rua ensolarada. “Já estamos quase no topo”, disse Delamarche várias vezes durante a subida, mas a sua previsão não se cumpria, de novo e de novo a escadaria era substituída por outra, com a direção imperceptivelmente mudada. Numa dessas vezes, Karl chegou a parar, não de cansaço, mas por sentir-se desanimado diante de escadas que não acabavam nunca. “O apartamento fica num andar muito alto”, disse Delamarche, quando continuaram a subir, “mas isso também tem suas vantagens. É muito raro

sairmos. Ficamos de roupão o dia inteiro, é muito confortável. Naturalmente nenhuma visita sobe até aqui.”

“De onde viriam essas visitas?”, perguntou-se Karl. Finalmente encontraram Robinson num patamar da escada, na frente da porta fechada de um apartamento, e agora sim eles haviam chegado; a escada sequer terminara, continuando na semiescuridão, sem qualquer sinal de final próximo.

“Foi o que imaginei”, exclamou Robinson baixinho, como se ainda estivesse dolorido, “que Delamarche ia trazê-lo! Rossmann, o que seria de você sem Delamarche?”. Robinson estava de roupa de baixo e tentava apenas enrolar-se, na medida do possível, no pequeno cobertor que recebera no Hotel Occidental. Não dava para entender por que não entrara no apartamento, em vez de se expor ao ridículo diante das pessoas que eventualmente por ali passassem.

“Ela está dormindo?”, perguntou Delamarche.

“Acho que não”, disse Robinson, “mas preferi esperar que você voltasse”.

“Primeiro precisamos ver se ela está dormindo”, disse Delamarche, inclinando-se para espreitar pelo buraco da fechadura. Depois de passar muito tempo entortando a cabeça de várias maneiras, levantou-se e disse: “Não se pode vê-la direito, pois a persiana está abaixada. Ela está sentada no sofá, mas talvez esteja dormindo”.

“Ela está doente?”, perguntou Karl, pois Delamarche hesitava como se estivesse à espera de um conselho. Mas logo retrucou num tom áspero: “Doente?”

“Ele não a conhece”, disse Robinson, desculpando-o.

Algumas portas mais adiante, duas mulheres saíram para o corredor, limpando as mãos em seus aventais. Olhavam para Delamarche e Robinson e pareciam falar sobre eles. Uma garota muito jovem de cabelo loiro brilhante saltou de uma porta e aninhou-se entre as duas, pendurando-se nos braços delas.

“São mulheres repugnantes”, disse Delamarche baixinho, mas evidentemente apenas por consideração ao sono de Brunelda. “Em breve as denunciarei à polícia e estarei livre delas por vários anos. Não olhe para lá!”, sussurrou para Karl, que não via nada de errado em olhar para as mulheres, já que era mesmo preciso ficar esperando no corredor até Brunelda acordar. E sacudiu a cabeça irritado, como quem não tinha de aceitar advertências de Delamarche, e, para deixar isso ainda mais claro, quis se aproximar das mulheres, mas Robinson o reteve pela manga, com estas palavras: “Rossmann, cuidado!”, e Delamarche, já irritado por causa de Karl, ficou furioso com uma súbita gargalhada da moça e deu uma forte arrancada e, agitando braços e pernas, correu na direção das mulheres, que desapareceram, cada qual atrás da sua porta, como se tivessem sido levadas por um vendaval.

“É assim que tenho de sanear os corredores com frequência”, disse Delamarche, voltando lentamente. Então, lembrou-se da resistência de Karl e disse: “Mas de você espero outro tipo de comportamento, caso contrário, vai se haver comigo”.

Naquele momento, ouviu-se uma voz gentil e cansada chamar, vinda do apartamento: “Delamarche?”

“Sim”, Delamarche respondeu, olhando a porta com ternura, “Podemos entrar?”.

“Podem, claro”, foi a resposta, e Delamarche abriu lentamente a porta, depois de passar os olhos pelos dois que aguardavam atrás dele.

Ao entrar, enfrentava-se a escuridão total. A persiana da porta da varanda — não havia janelas — fora baixada até o chão e era pouco transparente. Mas, além disso, o quarto estava entulhado de mobília e de roupas penduradas em toda parte, o que contribuía bastante para o seu escurecimento. O ar estava abafado, dava para sentir o cheiro da poeira, que, ao que tudo indica, tinha se acumulado nos cantos, inacessível a qualquer pessoa. A primeira coisa que Karl notou ao entrar foram os três armários colocados muito próximos, um atrás do outro.

No sofá estava deitada a mulher que, mais cedo, observara a rua da varanda. Seu vestido vermelho estava um pouco amarrotado na parte de baixo, que formava uma grande cauda que se estendia até o chão; era possível ver as pernas dela quase até os joelhos, usava meias grossas de lã brancas e estava sem sapatos.

“Que calor, Delamarche”, disse ela, afastando o rosto da parede, sua mão estendida casualmente na direção de Delamarche, que a tomou na sua e a beijou. Karl só olhava para o queixo duplo dela, que acompanhava o movimento da sua cabeça.

“Devo mandar subir a cortina?”, perguntou Delamarche.

“De jeito nenhum”, disse ela, de olhos fechados e como que desesperada: “aí só piora”.

Karl fora até o pé do sofá para ver a mulher mais de perto. Estava espantado com as suas queixas, pois o calor nem era assim tão grande.

“Espere, vou deixá-la mais confortável”, disse Delamarche, ansioso, desabotoando-lhe alguns botões junto ao pescoço e afastando as duas partes correspondentes do vestido, desafogando o colo e parte dos seios e revelando a renda delicada e amarelada.

“Quem é esse?”, a mulher perguntou, de repente, apontando para Karl, “por que está me encarando desse jeito?”.

“É bom que comece a se tornar útil em breve”, disse Delamarche, empurrando Karl para o lado, enquanto tranquilizava a mulher: “É apenas o menino que trouxe para ser seu serviçal”.

“Mas eu não quero ninguém!”, exclamou ela. “Por que está trazendo estranhos para o apartamento?”

“Mas o tempo todo você pede um serviçal”, disse Delamarche,

ajoelhando-se; apesar da largura considerável do sofá, não havia o menor espaço ao lado de Brunelda.

“Oh, Delamarche”, ela disse, “você não me entende mesmo”.

“Então, eu realmente não entendo você”, disse Delamarche, segurando-lhe o rosto entre as mãos. “Mas não aconteceu nada; se você quiser, ele vai embora imediatamente”.

“Já que está aqui, deixe-o ficar”, disse ela de novo e, cansado como estava, Karl ficou tão grato por essas palavras, decerto nem tão cordiais, que, só de pensar na escada sem fim que poderia ter de voltar a descer, passou por cima de Robinson, já profundamente adormecido sobre seu cobertor, apesar da gesticulação irritada de Delamarche, e disse: “Obrigado por permitir que ainda fique um pouco aqui. Há vinte e quatro horas que não durmo, período em que trabalhei bastante e tive muitos contratemplos. Estou muito cansado. Não sei bem onde estou. Mas, se eu puder dormir algumas horas, a senhora pode me mandar embora à vontade, que eu irei com prazer”.

“Você pode ficar aqui de vez”, a mulher disse, acrescentando ironicamente: “Espaço é o que não falta, como pode ver”.

“Então você tem de ir embora”, disse Delamarche. “Nós não precisamos de você.”

“Não, ele deve ficar”, tornou a falar a mulher, agora com seriedade. E Delamarche, como que para atender a esse desejo, disse a Karl: “Então, procure algum lugar para se deitar”.

“Ele pode deitar-se em cima das cortinas, mas tem de tirar as botas, para não rasgar nada.”

Delamarche mostrou a Karl o lugar do qual ela estava falando. Entre a porta e os três armários, havia uma grande pilha formada pelos mais variados tipos de cortina. Se todas fossem dobradas devidamente, as pesadas ficando mais embaixo e as mais leves por cima, e se, por fim, as tábuas e as argolas de madeira tivessem sido retiradas dali de dentro, aquilo se transformaria em uma acomodação razoável para dormir, mas assim era apenas um monte de entulho que balançava e escorregava, sobre o qual Karl, contudo, se deitou imediatamente. Estava cansado demais para preparativos especiais e, além disso, tinha de tomar cuidado para não incomodar os anfitriões.

Quase pegara no sono, quando ouviu um grito. Levantando-se, viu Brunelda, sentada no sofá, abrir muito os braços e abraçar Delamarche, que estava ajoelhado na frente dela. Constrangido com o que observara, recostou-se novamente, mergulhando nas cortinas para continuar a dormir. Que ele não aguentaria esse lugar nem por dois dias, pareceu-lhe evidente. Por isso, precisava dormir primeiro o bastante, para depois, de mente lúcida, poder tomar suas decisões com calma e rapidez.

Mas Brunelda já tinha reparado nos olhos de Karl, bem abertos de fadiga, que havia pouco a assustaram, e comentou: “Delamarche, não

aguento mais este calor, estou queimando, tenho de me despir, tenho de tomar banho, mande os dois para fora do quarto, para onde quiser, para o corredor, para a varanda, contanto que eu não os veja mais! Não se pode estar em seu próprio apartamento e ser constantemente perturbada. Se eu estivesse sozinha com você, Delamarche! Oh, Deus, eles ainda estão aqui! Veja só como esse insolente Robinson se espreguiça em sua roupa de baixo na presença de uma dama! E como esse garoto estranho, que me olhou como um louco há um minuto, tornou a se deitar apenas para me enganar! Tire-os daqui, Delamarche, eles são um fardo para mim, estão oprimindo o meu peito, se eu morrer agora, é por causa deles”.

“Eles já estão saindo, pode tirar sua roupa”, disse Delamarche, indo até Robinson e sacudindo-o com o pé no peito dele. Ao mesmo tempo, gritou para Karl: “Rossmann, levante-se! Vocês dois têm de ir para a varanda! E ai de vocês se entrarem antes de serem chamados! Ande, Robinson”, e sacudiu Robinson com mais força, “e você, Rossmann, muito cuidado ou terá de se haver comigo!”, disse ele, batendo palmas duas vezes.

“Que demora!”, gritou Brunelda do sofá, sentada com as pernas bem separadas para seu corpo demasiadamente obeso ter mais espaço. Só com grande esforço, ofegando muito e descansando frequentemente, conseguia se abaixar o bastante para alcançar a parte de cima das suas meias e puxá-las um pouco para baixo. Não conseguia tirá-las completamente, isso quem fazia era Delamarche, por quem ela esperava com impaciência.

Entorpecido de sono, Karl desceu da pilha de cortinas e caminhou devagar até a porta da varanda; um pedaço de tecido havia se enrolado em torno do seu pé e ele arrastou-o com indiferença. Distraído como estava, ao passar por Brunelda, até disse: “desejo-lhe uma boa noite”, em seguida, passou por Delamarche, que abriu um pouco a cortina da porta, e foi para a varanda. Logo atrás seguia Robinson, provavelmente não menos sonolento, porque cantarolava para si mesmo e não parava de resmungar: “Vivem maltratando a gente! Se Brunelda não vier, não irei para a varanda”. Mas, apesar disso, saiu sem nenhuma resistência e estendeu-se imediatamente no chão de pedra, pois Karl já se afundara na poltrona.

Quando Karl despertou, já era noite, as estrelas já brilhavam no céu e atrás dos prédios altos do outro lado da rua via-se o brilho da lua. Somente depois de examinar um pouco o lugar desconhecido e respirar o ar cáldo e refrescante, Karl percebeu onde estava. Como fora imprudente, negligenciando todos os conselhos da chefe de cozinha, todas as advertências de Therese e seus próprios receios. E agora estava ali, sentado tranquilamente na varanda de Delamarche, onde dormira metade do dia, como se atrás daquela cortina não estivesse Delamarche, seu grande inimigo. No chão, o preguiçoso Robinson se contorcia e puxava Karl pelo pé, parecia até tê-lo despertado dessa maneira, pois dizia: “Que sono pesado você tem, Rossmann! Essa é a despreocupação da juventude.

Quanto tempo você ainda pretende dormir? Eu teria deixado você dormir mais, todavia, em primeiro lugar, estou farto de ficar aqui e, em segundo lugar, estou com muita fome. Peço que se levante um pouco, pois guardei algumas coisas para comer aí embaixo da poltrona, gostaria de pegá-las. Você também vai ganhar alguma coisa”. E Karl, ao se levantar, viu então como Robinson, sem se erguer, se arrastou no chão até ele e, com as mãos estendidas, puxou de debaixo da poltrona uma travessa prateada, daquelas usadas para guardar cartões de visita. Na travessa havia metade de uma salsicha totalmente preta, alguns cigarros fininhos, uma lata de sardinha aberta, ainda bem cheia e com o óleo transbordando, e uma maçaroca de bombons, a maioria deles esmagados. Depois ainda apareceu um grande pedaço de pão e uma espécie de frasco de perfume, mas que parecia conter algo muito diferente de perfume, pois Robinson o apontou com especial satisfação, dando pequenos estalidos com a língua na direção de Karl.

“Veja, Rossmann”, disse Robinson, enquanto devorava uma sardinha atrás da outra, limpando de vez em quando o óleo das mãos em um pano de lã que Brunelda aparentemente esquecera na varanda. “Veja, Rossmann, é assim que a gente deve guardar a própria comida, se não quiser morrer de fome. Fui completamente posto de lado. E, quando se é sempre tratado como um cachorro, a gente acaba por acreditar que é mesmo. Que bom que está aqui, Rossmann, pelo menos eu tenho com quem conversar. Ninguém do prédio fala comigo. Nós somos odiados. E tudo por causa de Brunelda. Claro que ela é uma mulher e tanto. Ei” — E fez sinal para Karl se abaixar para poder cochichar no seu ouvido. “Uma vez eu a vi nua. Ah!” E, ao lembrar-se dessa felicidade, começou a apertar e a bater nas pernas de Karl até ele exclama: “Robinson, você está louco”, agarrar suas mãos e empurrá-las para trás.

“Você ainda é só uma criança, Rossmann”, disse Robinson e, tirando um punhal que usava pendurado em uma correntinha por baixo da camisa, o desembainhou e cortou a salsicha dura. “Ainda tem muito a aprender. Mas aqui conosco você está no lugar certo. Sente-se. Não quer comer alguma coisa também? Talvez fique com apetite ao me observar. Também não quer beber? Não quer mesmo nada. E você também não é de falar muito. Mas tanto faz com quem a gente está na varanda, contanto que haja alguém aqui. Eu vivo na varanda. A Brunelda se diverte com isso. Ela só precisa ter uma ideia, tem hora que está com frio, outra hora com calor, tem hora que quer dormir, tem hora que quer se pentear, tem hora que quer abrir o corpete, tem hora que o quer vestir, e aí sempre me mandam para a varanda. Às vezes ela realmente faz o que diz, mas na maioria das vezes fica no sofá e não se move. Eu costumava afastar um pouco a cortina e olhar para dentro, mas desde que Delamarche numa dessas ocasiões — tenho certeza de que ele não queria fazer isso, só o fez a pedido de Brunelda — bateu com o chicote algumas vezes na minha cara — está vendo estas marcas? — desde então não ousa mais olhar. E assim fico

deitado aqui na varanda sem nenhum passatempo além de comer. Anteontem, quando estava deitado aqui sozinho, ainda com minhas roupas elegantes que infelizmente perdi no seu hotel — esses cães, como é que arrancam as roupas caras do corpo da gente! — quando estava deitado tão sozinho, olhei do parapeito lá para baixo e achei tudo tão triste que comecei a chorar. Por coincidência, sem que eu notasse imediatamente, Brunelda entrou com o vestido vermelho — que é o que lhe fica melhor —, ficou olhando um pouco e finalmente disse: “Robinson, por que está chorando?”. Então, levantou seu vestido e enxugou os meus olhos com a barra. Quem sabe o que mais teria feito, se Delamarche não a tivesse chamado e ela não tivesse de voltar na mesma hora para o quarto. Naturalmente pensei que tinha chegado minha vez, e perguntei através da cortina se já podia entrar. E o que você acha que Brunelda me respondeu? “Não!”, ela disse, e “O que você está pensando?”

“Por que você continua aqui, se é tratado dessa maneira?”, perguntou Karl.

“Perdoe-me, Rossmann, essa pergunta não é muito inteligente”, respondeu Robinson. “Você também vai ficar aqui, mesmo que o tratem ainda pior. Na verdade, nem me tratam tão mal assim.”

“Não”, disse Karl, “eu vou embora, com certeza, e talvez ainda hoje à noite. Não vou ficar com vocês”.

“Como pretende, por exemplo, ir embora hoje à noite?”, perguntou Robinson, que extraíra o miolo do pão e o embebera cuidadosamente no óleo da lata de sardinha. “Como vai embora se nem no quarto pode entrar?”

“Por que não podemos entrar lá?”

“Bem, enquanto não tocarem a sineta, não podemos entrar”, disse Robinson, comendo o pão oleoso com a boca bem aberta, enquanto aparava o óleo que pingava do pão com uma das mãos para de vez em quando mergulhar o pão restante na parte côncava dela, que servia como um reservatório. “Tudo por aqui ficou mais rigoroso. No começo havia apenas uma cortina fina; nada se podia enxergar, mas à noite se reconheciam as sombras através dela. Isso deixou Brunelda desconfortável, e eu tive de transformar um de seus casacos do teatro em uma cortina e pendurar aqui no lugar da antiga. Agora já não se pode ver mais nada. Antes eu sempre podia perguntar se já podia entrar, e a resposta era, dependendo das circunstâncias, sim ou não, mas eu provavelmente abusei dessa permissão, perguntando demais. Brunelda não suportava isso — apesar de obesa, tem a constituição fraca, tem dores de cabeça com frequência e quase sempre gota nas pernas — e assim ficou decidido que eu não poderia mais perguntar, e que só posso entrar quando eles tocam o sino de mesa. O som dele é tão forte que é capaz até de me despertar do sono — certa vez tive um gato aqui para me fazer companhia, mas ele, de tão assustado com o barulho, fugiu e nunca mais voltou; bem, o sino ainda

não tocou hoje; porque, quando ele toca, eu não só posso como devo entrar — e, quando eles ficam assim muito tempo sem tocar, pode levar ainda muito mais tempo para o fazerem.”

“Tudo bem”, disse Karl, “mas o que vale para você não vale necessariamente para mim. Na verdade, isso só vale para quem aceita essa situação”.

“Mas”, exclamou Robinson, “por que isso não se aplicaria também a você? Claro que também vale para você. Melhor esperar aqui comigo até o sino tocar. Então poderá tentar ir embora”.

“Por que você não vai embora daqui? Só porque Delamarche é, ou melhor, foi seu amigo. Isso é vida? Você não estaria melhor em Butterford, para onde pretendiam ir antes? Ou até mesmo na Califórnia, onde tem amigos?”

“Sim”, disse Robinson, “mas ninguém poderia prever isso”. E antes de continuar, acrescentou: “À sua saúde, caro Rossmann”, e tomou um longo trago do frasco de perfume. “Quando você nos abandonou vergonhosamente, estávamos numa situação péssima. Nos primeiros dias, não conseguimos trabalho. Delamarche, na verdade, não queria nenhum trabalho, ele teria conseguido um, mas sempre me mandava procurar, porém não tenho sorte. Ele ficava apenas vadiando por aí, mas já era quase noite quando ele trouxe apenas um porta-moedas feminino. Era muito bonito, feito de pérolas, agora já o deu de presente a Brunelda, mas nele não havia quase nada. Depois sugeri que pedíssemos esmolas de porta em porta, pois nessas ocasiões a gente pode, naturalmente, encontrar muitas coisas úteis. Então fomos pedir esmolas e eu cantava na frente das portas das moradias, para causar uma impressão melhor. E, como Delamarche sempre tem muita sorte, assim que ficamos na frente do segundo apartamento, um apartamento muito suntuoso no piso térreo, e cantamos um pouco para a cozinheira e o criado, a senhora que era a dona do apartamento, ou seja, Brunelda, surgiu na escada. Talvez o seu espartilho estivesse apertado demais e ela não conseguia subir aqueles poucos degraus. Mas como ela estava linda, Rossmann! Usava um vestido todo branco e uma sombrinha vermelha. Dava vontade de morder! Meu Deus, meu Deus, como ela estava linda! Que mulher! Não, só me diga, como pode haver uma mulher assim? Claro que a cozinheira e o criado correram imediatamente ao seu encontro e quase a carregaram para cima. Nós nos postamos em cada lado da porta e a cumprimentamos, como é o costume por aqui. Ela parou um pouco porque ainda não recuperara o fôlego suficientemente, e já nem sei direito como aconteceu, pois eu não estava no meu juízo perfeito por causa da fome, e de perto era ainda mais bonita e enorme e, graças a um corpete especial, posso mostrá-lo a você no armário, tudo nela era tão firme; resumindo, eu toquei-a de leve por trás, mas muito de leve, você sabe, muito de leve mesmo. Naturalmente não se pode tolerar que um mendigo toque numa dama rica. Eu mal toquei nela, mas a verdade

é que toquei. Quem sabe o que teria acontecido, se Delamarche não me tivesse dado uma bofetada imediatamente, e uma bofetada tão forte que precisei das duas mãos para proteger a minha cara”.

“Cada uma que vocês aprontam!”, disse Karl, bastante envolvido pela história e sentando-se no chão. “Era, portanto, a Brunelda?”

“Pois é”, disse Robinson, “era a Brunelda”.

“Você não disse certa vez que ela era uma cantora?”, perguntou Karl.

“Claro que é, e uma grande cantora”, respondeu Robinson, que movimentava uma grande maçaroca de bombons em cima da língua, empurrando com o dedo, de volta para dentro da boca, os pedacinhos que saiam. “Mas é claro que naquela época ainda não sabíamos nada disso. Só vimos que era uma senhora rica e muito fina. Ela fingiu que não acontecera nada, e talvez não tivesse sentido nada mesmo, pois, na verdade, eu só a toquei com as pontas dos dedos. Mas ela não tirava os olhos de Delamarche, que, por sua vez — como ele sabe fazer tão bem —, a olhou diretamente nos olhos. E então ela lhe disse: “Entre um pouco”, e com a sombrinha apontou para o apartamento, para onde Delamarche a deveria preceder. Então, os dois entraram e os empregados fecharam a porta atrás deles. Esqueceram de mim lá fora. Achei que não demoraria tanto e me sentei na escada à espera de Delamarche. Porém, em vez de Delamarche, quem saiu foi o criado que me trouxe uma tigela cheia de sopa. ‘Uma cortesia de Delamarche!’, pensei comigo mesmo. Enquanto eu comia, o criado ainda ficou de pé ao meu lado por um tempo e me contou algumas coisas sobre Brunelda, e aí percebi a importância que a visita à casa dela poderia ter para nós. Pois Brunelda era uma mulher divorciada, tinha uma grande fortuna e era completamente independente! É verdade que seu ex-marido, um produtor de cacau, ainda a amava, mas ela não queria mais saber dele. Ele vinha ao apartamento com muita frequência, sempre muito elegante, como se vestido para um casamento — isso é verdade, palavra por palavra, eu mesmo o conheço —, mas, apesar das vultosas gorjetas, o criado não ousava perguntar a Brunelda se ela o queria receber, porque já perguntara algumas vezes, e em todas elas Brunelda lhe jogava na cara o que calhava de ter à mão. Certa vez, atirara até mesmo sua grande bolsa de água quente cheia, quebrando, dessa forma, um dos seus dentes de frente. É, Rossmann, é de deixar o queixo caído!”

“De onde você conhece o marido?”, perguntou Karl.

“De vez em quando também aparece aqui em cima”, disse Robinson.

“Aqui em cima?”, Karl bateu levemente no chão, de espanto.

“Não me admira a sua surpresa”, prosseguiu Robinson, “até eu fiquei espantado quando o criado me contou isso daquela vez. Imagine só, quando Brunelda não estava em casa, o homem se deixava conduzir pelo criado até o quarto dela e sempre levava uma lembrancinha e sempre deixava algo muito caro e fino para Brunelda e o criado estava estritamente proibido de dizer de quem era. Mas certa vez ele deixou — assim o criado

disse, e eu acreditei — algo de porcelana de valor inestimável, Brunelda deve ter reconhecido o objeto de alguma forma, pois imediatamente o jogou no chão, o pisoteou, cuspiu nele e ainda lhe fez algumas outras coisas, de modo que o criado de tanto nojo quase não conseguiu jogá-lo fora”.

“Mas qual foi a ofensa dele?”, perguntou Karl.

“Na verdade, não sei”, disse Robinson. “Acho que nada de muito grave, pelo menos nem ele sabe. Conversei com ele algumas vezes sobre isso. Ele espera por mim todos os dias ali na esquina. Quando vou, tenho de lhe contar as novidades; quando não posso ir, espera meia hora e depois vai embora. Para mim, era uma boa renda adicional, porque me pagava as notícias regamente, mas, desde que Delamarche soube disso, tenho de lhe entregar tudo, e então vou lá com menos frequência.”

“Mas o que é que o marido quer?”, perguntou Karl. “O que é que ele quer, se já sabe que ela não quer mais saber dele?”

“Pois é”, Robinson suspirou, acendeu um cigarro e soprou a fumaça para o alto com amplos movimentos do braço. Em seguida, pareceu mudar de ideia e disse: “O que me importa? Só sei que ele pagaria muito bem para poder ficar deitado aqui na varanda como nós”.

Karl levantou-se, debruçou-se sobre o parapeito e olhou para a rua. A lua já estava visível, mas sua luz ainda não penetrava nas profundezas da rua. Essa rua, tão vazia durante o dia, estava apinhada de gente, sobretudo na frente dos portões, todos se movimentavam de modo lento e pesado, as mangas de camisa dos homens e os vestidos claros das mulheres se destacavam tenuemente da escuridão, todos traziam a cabeça descoberta. As muitas varandas ao redor agora estavam todas ocupadas, lá as famílias estavam reunidas à luz de uma lâmpada incandescente, conforme o tamanho da varanda, ao redor de uma pequena mesa ou apenas acomodadas em poltronas enfileiradas ou, pelo menos, botavam a cabeça para fora das janelas. Os homens sentavam-se com as pernas abertas, os pés esticados entre as grades do parapeito, e liam jornais que chegavam quase até o chão, ou jogavam baralho, aparentemente mudos, mas dando fortes golpes nas mesas; as mulheres tinham o colo cheio de costura e só muito de vez em quando sobrava tempo para uma olhadela em volta ou para a rua. Na varanda vizinha, uma mulher loira e franzina bocejava continuamente, revirando os olhos e tampando a boca com a peça de roupa que estava consertando; mesmo nas menores varandas, as crianças sabiam brincar de pega-pega, o que incomodava bastante os pais. No interior de muitos quartos havia gramofones que tocavam canções ou músicas de orquestra; ninguém prestava atenção a elas, só de vez em quando o pai de família dava o sinal, e alguém corria para o quarto para colocar um novo disco. Em algumas janelas, viam-se casais de namorados completamente imóveis; numa janela bem na frente de Karl, via-se um desses casais em pé, o jovem colocara o braço em torno da moça e apertava-lhe o seio com a

mão.

“Você conhece algumas dessas pessoas que moram ao lado?”, perguntou Karl a Robinson, que agora também se levantara e, como estava com frio, se enrolara não só com o seu cobertor, mas também com o de Brunelda.

“Quase ninguém, e isso é o que há de pior em minha posição”, disse Robinson, puxando Karl para perto dele para poder cochichar no seu ouvido, “fora isso, eu não teria do que me queixar neste momento. A Brunelda vendeu tudo o que tinha por causa de Delamarche e mudou-se para este apartamento aqui no subúrbio para poder dedicar-se inteiramente a ele e para não ser incomodada por ninguém; aliás, esse era também o desejo de Delamarche”.

“E ela dispensou a criadagem?”, perguntou Karl.

“Isso mesmo”, disse Robinson. “Onde haveria lugar aqui para acomodar a criadagem? Esses empregados são senhores muito exigentes. Certa vez, Delamarche expulsou um dos empregados a tapas do quarto da Brunelda, era um tapa voando atrás do outro até o homem chegar ao lado de fora. Naturalmente, os outros criados ficaram do lado do colega e fizeram uma algazarra na frente da porta. Delamarche saiu (naquela época eu ainda não era criado, e sim amigo do casal, mas ficava junto com os criados) e perguntou: ‘O que vocês querem?’. O criado mais velho, um certo Isidor, então disse: ‘A nossa conversa não é com o senhor, a nossa patroa é a madame’. Como você deve ter percebido, eles adoravam Brunelda. Mas Brunelda foi até Delamarche sem se importar com eles, naquela época ainda não estava tão pesada como agora, abraçou-o e beijou-o na frente de todos, tratando-o por ‘Meu queridíssimo Delamarche’. ‘E mande logo essas bestas¹ embora’, disse ela por fim. As bestas — eram os criados; imagine as caras que eles fizeram. Então Brunelda levou a mão de Delamarche até a bolsa que trazia à cintura. Delamarche colocou a mão dentro da bolsa e começou a pagar os empregados; durante a dispensa a participação de Brunelda se limitou a ficar em pé ao lado dele com a bolsa aberta. Delamarche teve de colocar a mão na bolsa com frequência, pois distribuía o dinheiro sem contá-lo e sem conferir as reivindicações. Finalmente disse: ‘Já que não querem falar comigo, a única coisa que tenho a lhes dizer em nome de Brunelda é: sumam daqui imediatamente’. Foi dessa forma que foram demitidos, ainda houve alguns processos, Delamarche até teve de comparecer ao tribunal numa determinada ocasião, mas não sei de nada mais específico a respeito disso. Logo depois da partida dos empregados, Delamarche disse a Brunelda: ‘Agora você não terá mais criados?’. E ela respondeu: ‘Mas temos o Robinson’. Então Delamarche me deu um tapa no ombro e disse: ‘Tudo bem, você vai ser nosso criado’. E Brunelda me deu uma palmadinha na minha bochecha. Quando tiver a oportunidade, Rossmann, deixe-a bater na sua bochecha. Você ficará surpreso com como isso é

bom”.

“Então, você se tornou o criado de Delamarche?”, resumiu Karl.

Robinson percebeu o tom de lástima da pergunta e respondeu: “Sou um criado, mas só poucas pessoas percebem isso. Veja, nem mesmo você sabia, embora já esteja conosco há um tempo. Você viu como eu estava vestido na noite em que fui ao seu hotel. Só roupas de primeira. Por acaso, criados andam vestidos dessa maneira? O problema é que não posso sair com frequência. Preciso estar sempre à mão, sempre há algo a ser feito na casa. Uma pessoa não é suficiente para tanto serviço. Como talvez tenha notado, o quarto está entulhado de coisas; trouxemos tudo que não conseguimos vender durante a grande mudança. Naturalmente, essas coisas poderiam ter sido dadas a alguém, mas Brunelda não é de dar nada. Imagine só o trabalho que foi carregá-las escada acima”.

“Robinson, você carregou tudo isso aqui para cima?”, perguntou Karl.

“Quem mais?”, disse Robinson. “Havia mais um ajudante, um sujeito preguiçoso; tive de fazer a maior parte do trabalho sozinho. Brunelda ficou embaixo, parada ao lado do carro; Delamarche, cá em cima, dava as instruções sobre onde colocar as coisas e eu ficava correndo, o tempo todo, de um lado para o outro. Isso levou dois dias, o que é muito tempo, não é? Mas você não faz ideia de quantas coisas há aqui no quarto, todos os armários estão cheios e atrás deles está tudo abarrotado até o teto. Se tivessem contratado algumas pessoas para o transporte, tudo teria levado pouco tempo, mas Brunelda não queria confiar suas coisas a ninguém, só a mim. Isso foi muito gentil da parte dela, mas arruinou a minha saúde pelo resto da vida, e o que mais eu tinha além da minha saúde? Se eu fizer um pouco de esforço, já sinto uma fisgada aqui, aqui e aqui. Você acha que esses garotos do hotel, esses franguinhos — o que mais eles são? — teriam conseguido me derrotar, se eu estivesse saudável? Mas não importa o que me falte, para o Delamarche e a Brunelda não digo uma só palavra, eu vou trabalhar enquanto der e, se não der mais, vou deitar-me e morrer, e só então, tarde demais, eles vão perceber que estive doente e mesmo assim continuei trabalhando a seu serviço até morrer de tanto trabalhar. Oh, Rossmann —”, concluiu finalmente, enxugando os olhos na manga da camisa de Karl. Após um instante, disse: “Não está com frio, só de camisa?”.

“Faça-me o favor, Robinson”, disse Karl, “você vive chorando. Não acredito que esteja tão doente. Sua aparência até que é bem saudável, mas, como está sempre deitado na varanda, acaba inventando todas essas coisas. Você pode ter fsgadas no peito de vez em quando, mas isso eu também tenho, todo mundo tem. Se todas as pessoas chorassem por causa de qualquer coisa como você faz, as pessoas em todas essas varandas estariam chorando”.

“Eu é que sei”, disse Robinson, enxugando os olhos agora com a ponta do seu cobertor. “O estudante que mora aqui ao lado, na casa da

proprietária, que também cozinhava para nós, me disse recentemente, quando fui devolver a louça: ‘Ouça, Robinson, você não está doente?’. Como me proibiram de conversar com as pessoas, deixei a louça lá e já ia embora. Aí ele se aproximou de mim e disse: ‘Ouça, rapaz, não exagere, você está doente’. ‘Mas e então, o que posso fazer?’, perguntei. ‘Isso é problema seu’, disse e me deu as costas. Os outros que estavam à mesa deram risadas. Aqui temos inimigos em todos os cantos, e assim preferi ir embora.”

“Então, você acredita nas pessoas que o fazem de palhaço, mas não naquelas que querem o seu bem?”

“Mas sei bem o que estou sentindo”, Robinson retrucou, logo voltando a chorar.

“É que você não sabe o que lhe falta, deveria procurar um trabalho decente, em vez de bancar o empregado de Delamarche. Porque, até onde posso avaliar suas histórias e pelo que eu mesmo vi, isso não é um trabalho, mas escravidão. Acho que ninguém poderia suportar isso. Mas você pensa que, porque é amigo de Delamarche, não pode deixá-lo. Isso está errado; se ele não percebe a vida miserável que você leva, você não tem a menor obrigação para com ele.”

“Então você realmente acha, Rossmann, que vou me recuperar se puder me livrar desse serviço aqui?”

“Com certeza”, disse Karl.

“Com certeza?”, Robinson perguntou novamente.

“Com toda a certeza”, disse Karl, sorrindo.

“Então, já posso começar a me recuperar desde já”, disse Robinson, olhando para Karl.

“Por quê?”, perguntou esse.

“Bem, porque você é que vai assumir o meu trabalho aqui”, respondeu Robinson.

“Quem é que disse isso para você?”, perguntou Karl.

“É, na verdade, um plano antigo. Já se fala nisso há alguns dias. Tudo começou quando Brunelda me repreendeu porque a limpeza do apartamento estava deixando muito a desejar. Claro que prometi que logo deixaria tudo em ordem. Ora, acontece que, para mim, é muito difícil. Por exemplo, na minha condição, não posso ficar rastejando por toda parte para tirar a poeira se já não há espaço no meio do quarto, imagine então entre a mobília e as provisões? E, quando se quer limpar tudo direito, é preciso também tirar os móveis do lugar, e isso tenho de fazer sozinho? Além disso, tudo teria de ser feito em silêncio, porque Brunelda, que quase nunca sai do quarto, não deve ser incomodada. Portanto, prometi limpar tudo, mas não limpei. Quando Brunelda percebeu, disse a Delamarche que não dava para continuar assim, que seria necessário arrumar mais um ajudante. ‘O que eu não quero, Delamarche’, disse ela, ‘é você reclamando mais tarde que não cuido bem da casa. Não posso fazer esforço, como você pode

ver, e Robinson não é suficiente; no começo era tão animado e tomava conta de tudo, mas agora está sempre tão cansado e fica o tempo todo sentado num canto. Mas um quarto com tantos objetos como o nosso não se mantém em ordem sozinho'. Então Delamarche pensou no que seria possível fazer, porque não se pode pegar qualquer pessoa para esse tipo de arranjo doméstico, nem mesmo por experiência, porque de todos os lados há gente a nos espreitar. Mas, como sou seu bom amigo e ouvi de Renell o quanto você estava sobrecarregado no hotel, sugeri o seu nome. Delamarche concordou imediatamente, apesar da sua atitude atrevida contra ele naquele outro dia, e é claro que fiquei muito feliz por você poder ser útil. Essa posição parece que foi feita para você, jovem, forte e hábil, enquanto eu já não valho mais nada. Só preciso lhe dizer que ainda não está contratado; se Brunelda não gostar de você, você não nos terá nenhuma utilidade. Portanto, se esforce para agradá-la, que cuidarei de todo o resto."

"E o que você fará quando eu me tornar o criado daqui?", perguntou Karl; sentindo-se já à vontade para perguntar isso, uma vez que o primeiro susto que as informações de Robinson lhe tinham provocado dissipara-se. Então Delamarche não tinha piores intenções com relação a ele do que o transformar em criado — se tivesse, o tagarela do Robinson certamente as teria revelado —, mas, se as coisas estavam nesse pé, então Karl se atreveria a levar a cabo a sua despedida ainda naquela noite. Não se pode forçar ninguém a aceitar uma colocação. E, se antes a preocupação de Karl fora se, depois da sua demissão do hotel, ele logo conseguiria ganhar o suficiente para não passar fome, obter uma posição adequada e talvez nem tão modesta, agora lhe parecia, em comparação com essa colocação que lhe tinham destinado ali, e que o repugnava, que qualquer outra seria aceitável, e ele teria preferido até mesmo o desemprego a essa posição. Mas nem procurou deixar isso claro para Robinson, especialmente tendo em vista que qualquer julgamento de Robinson estaria agora completamente influenciado pela esperança de ser substituído por Karl.

"Portanto", disse Robinson, acompanhando o seu discurso com movimentos confortáveis de mão — os cotovelos apoiados no parapeito — "primeiro vou explicar tudo a você e mostrar-lhe as provisões. É educado e com certeza tem uma boa letra, por isso já poderia fazer um inventário de tudo o que cá temos. Brunelda já deseja isso faz tempo. Se amanhã de manhã fizer tempo bom, pediremos a Brunelda que se sente na varanda e, enquanto isso, poderemos trabalhar no quarto em silêncio e sem incomodá-la. Pois essa, Rossmann, deve ser a sua maior preocupação. Não incomodar Brunelda. Ela ouve tudo, provavelmente seus ouvidos são tão sensíveis por ser cantora. Por exemplo, você está rolando o barril de aguardente que está atrás do armário para trazê-lo aqui para fora, ele faz barulho porque é pesado e há diversos objetos espalhados por toda parte, de forma que não pode rolá-lo para fora de uma vez só. Brunelda está, por exemplo, deitada

calmamente no sofá e pegando as moscas, que a atormentam bastante. Você acha, por isso, que ela não está se importando com você e continua rolando o barril. Ela continua calma. Mas, de repente, quando você menos espera, e quando está fazendo pouquíssimo barulho, ela se senta o mais ereta possível, bate com as duas mãos no sofá de modo que você não a pode ver de tanta poeira — desde que estamos aqui, ainda não tirei o pó do sofá, e não o posso fazer, pois está sempre lá deitada — e começa a gritar terrivelmente, como um homem, e fica assim esbravejando durante horas. Os vizinhos a proibiram de cantar, mas ninguém a pode proibir de gritar, ela precisa gritar, aliás atualmente é raro isso acontecer, eu e Delamarche nos tornamos muito cuidadosos. Isso lhe fazia muito mal. Uma vez desmaiou e eu — Delamarche não estava — tive de chamar o estudante que mora ao lado, que a borrifou com o líquido de uma grande garrafa, o que de fato ajudou, embora esse líquido tivesse um odor insuportável, mesmo agora, quando se aproxima o nariz do sofá, sente-se o cheiro. O estudante é certamente nosso inimigo, como todo mundo aqui, você deve tomar cuidado com todos e não se envolver com ninguém”.

“Puxa, Robinson”, disse Karl, “mas que serviço pesado. Você me recomendou para um belo emprego”.

“Não se preocupe”, disse Robinson, balançando a cabeça com os olhos fechados para afastar todo tipo de preocupação de Karl. “O emprego também inclui benefícios que nenhum outro pode lhe oferecer. Você está sempre perto de uma dama como Brunelda, às vezes dorme no mesmo quarto que ela, o que já representa em si uma série de amenidades. Será bem remunerado, o dinheiro aqui é abundante; como amigo de Delamarche, eu não recebia nada; somente quando eu saía é que Brunelda sempre me dava alguma coisa, mas você naturalmente vai ser pago como qualquer outro empregado. Que é, aliás, o que você vai ser. O mais importante para você é que facilitarei muito o seu trabalho. Naturalmente, no começo nada farei, para me recuperar, mas, assim que estiver melhor, pode contar comigo. Já reservo para mim, de qualquer forma, o atendimento pessoal da Brunelda, penteá-la e vesti-la, na medida em que não seja feito por Delamarche. Você só vai limpar o quarto, cuidar das compras e do trabalho doméstico mais pesado.”

“Não, Robinson”, disse Karl, “nada disso me atrai”.

“Não faça nenhuma bobagem, Rossmann”, disse Robinson muito perto do rosto de Karl. “Não desperdice essa bela oportunidade. Onde você conseguiria uma oportunidade dessa? Quem conhece você? Quem você conhece? Nós, dois homens que já passamos por muitas coisas e temos bastante experiência, andamos por aí durante semanas sem encontrar trabalho. Não é fácil não, é difícil demais.”

Karl assentiu e se espantou com a argumentação prudente de Robinson. Para ele, no entanto, esses conselhos não valiam nada, não podia permanecer ali; nessa grande cidade com certeza ainda haveria de

encontrar um emprego, sabia que à noite as hospedarias estavam superlotadas, precisava-se de atendimento para os hóspedes e nisso já tinha experiência. Adaptar-se-ia de maneira rápida e fácil em qualquer estabelecimento. Justamente o prédio em frente abrigava uma pequena hospedaria lá embaixo, de onde ecoava o som de música vibrante. A entrada principal estava fechada apenas com uma grande cortina amarela que, às vezes, movida por uma corrente de ar, esvoaçava com força para dentro do beco. De resto, o beco realmente ficara mais silencioso. A maioria das varandas estava na penumbra, só à distância, aqui e ali, se via uma luz solitária, mas era só a gente fixar o lugar com a vista por um instante, que já as pessoas se levantavam e voltavam para o apartamento, e um homem, que ficara como último na varanda, pegava a lâmpada e, depois de uma breve olhada para a rua, a desligava.

‘A noite já começa a cair’, pensou Karl, ‘se eu ficar mais tempo aqui, acabarei me tornando um deles’. Virou-se, em seguida, para afastar a cortina da porta do apartamento. “O que você quer?”, perguntou-lhe Robinson colocando-se entre Karl e a cortina.

“Quero ir embora”, disse Karl. “Deixe-me! Deixe-me!”

“Você não vai incomodá-la”, gritou Robinson. “O que pensa que está fazendo?” E atirou os braços em volta do pescoço de Karl, pendurando-se nele com todo o seu peso, prendeu as pernas de Karl com as suas e puxou-o para o chão no mesmo instante. Mas Karl aprendera a lutar um pouco com os ascensoristas e com o punho deu um soco no queixo de Robinson, embora fraco e dado com todo o cuidado. Mas foi este que rapidamente ainda lhe deu uma joelhada impiedosa no estômago e, em seguida, com as duas mãos no queixo, começou a chorar tão alto que da sacada vizinha, batendo palmas energicamente, um homem ordenou: “Silêncio!”. Karl ainda se aquietou um pouco, esperando recuperar-se da dor causada pelo golpe de Robinson. Virou apenas o rosto para a cortina, que pendia imóvel e pesada na entrada do quarto aparentemente escuro. Parecia não haver mais ninguém no quarto, talvez Delamarche tivesse saído com Brunelda e Karl já estivesse totalmente livre. Robinson, que se comportara como um verdadeiro cão de guarda, estava definitivamente descartado.

Nesse ínterim, ouviu-se à distância o som intermitente de tambores e trombetas. Gritos isolados de muitas pessoas logo se transformaram numa algazarra geral. Karl virou a cabeça e viu todas as varandas se animarem outra vez. Lentamente se levantou e, sem conseguir se endireitar, teve de se escorar pesadamente no parapeito. Lá embaixo, na calçada, marchavam jovens rapazes a passos largos, braços estendidos, os bonés nas mãos erguidas, os rostos voltados para trás. A rua continuava livre. No topo de varas altas, alguns agitavam lampiões envolvidos em fumaça amarelada. Fileiras largas de bateristas e trompetistas tinham acabado de adentrar a região iluminada, e Karl espantara-se com a grande quantidade deles, quando ouviu vozes atrás de si, virou-se e viu Delamarche levantar a

pesada cortina e, em seguida, Brunelda emergir do quarto escuro, com um vestido vermelho, uma mantilha de renda sobre os ombros e uma touquinha escura por cima do cabelo, sem dúvida despenteado, que fora apenas amontoado, e cujas pontas apareciam soltas aqui e ali. Na mão, segurava um pequeno leque aberto, mas não o movimentava, e sim o apertava contra o peito.

Karl esgueirou-se ao longo do parapeito para dar lugar aos dois. Com certeza, ninguém o forçaria a ficar ali e, mesmo que Delamarche tentasse, Brunelda o demitiria a seu pedido imediatamente. Não gostara dele, seus olhos a assustavam. Mas, ao dar um passo na direção da porta, ela percebeu e disse-lhe: “Aonde você vai, garoto?”, Karl parou perante os olhos severos de Delamarche e Brunelda puxou-o para si. “Você não quer ver a passeata lá embaixo?”, disse ela, empurrando-o à sua frente para o parapeito. “Você sabe do que se trata?”, Karl a ouviu dizer atrás dele, e sem sucesso fez um movimento involuntário para escapar de sua pressão. Olhou, então, tristemente lá embaixo para a rua, como se ali estivesse a causa de sua tristeza.

A princípio, Delamarche ficou de braços cruzados, atrás de Brunelda, depois correu para o quarto e pegou o binóculo de ópera para ela. Lá embaixo, aparecera o bloco principal da passeata, logo atrás dos músicos. Nos ombros de um homem gigantesco estava acomodado um cavaleiro, de quem àquela altura nada se distinguia além do brilho fosco da sua careca, sobre a qual ele erguia constantemente, em saudação, a sua cartola. Em torno dele carregavam-se, ao que tudo indicava, painéis de madeira, que, vistos da varanda, pareciam completamente brancos; a disposição fora feita de tal modo que esses cartazes literalmente de todos os lados encostavam naquele homem, que no meio deles se destacava. Como tudo estava em movimento, esse muro de cartazes ora se afastava, ora se aproximava. O círculo mais amplo ao redor do tal homem, que ocupava toda a largura da rua, embora, até onde era possível avaliar no escuro, com uma extensão insignificante, estava lotado de seguidores que batiam todos palmas, provavelmente anunciando o nome, um nome muito curto, mas incompreensível, numa espécie de ladainha. Alguns indivíduos isolados, que tinham sido habilmente distribuídos pela multidão, carregavam lanternas de automóveis com luz extremamente potente, com as quais iluminavam os prédios de ambos os lados da rua, lentamente, de cima a baixo. Na altura onde Karl se encontrava, a luz já não incomodava, mas, nas varandas mais baixas, viam-se as pessoas atingidas pelo reflexo levar apressadamente as mãos aos olhos.

A pedido de Brunelda, Delamarche perguntou às pessoas na varanda vizinha que evento era aquele. Karl ficou um pouco curioso se e como lhe responderiam. E, de fato, Delamarche teve de repetir a pergunta três vezes antes de obter uma resposta. Já se inclinava perigosamente sobre o parapeito, Brunelda deu um leve pisão no chão de tanta raiva dos vizinhos,

Karl podia sentir seus joelhos. Finalmente veio uma resposta qualquer, mas ao mesmo tempo começaram a rir ruidosamente naquela varanda lotada de pessoas. Em resposta, Delamarche gritou algo em voz tão alta que, se a rua inteira não estivesse tumultuada naquele momento, todos ao redor teriam prestado atenção, surpresos. De qualquer forma, isso teve o efeito de abreviar a risada de forma pouco natural.

“Amanhã será eleito um juiz em nosso distrito, e aquele que estão carregando lá embaixo é um dos candidatos”, disse Delamarche, retornando totalmente calmo para perto de Brunelda. “Não!”, exclamou ele, dando um tapa carinhoso nas costas de Brunelda. “Já nem sabemos mais o que acontece no mundo.”

“Delamarche”, disse Brunelda, referindo-se ao comportamento dos vizinhos, “como eu gostaria de me mudar, se não fosse tão cansativo. Infelizmente, não estou em condições para tanto”. E, soltando profundos suspiros, inquieta e distraída, brincava com a camisa de Karl, que procurava, o mais discretamente possível, repelir aquelas mãos pequenas e gordas, o que não era difícil, pois Brunelda não estava pensando nele, antes se entregava a pensamentos completamente diferentes.

Porém Karl logo esqueceu Brunelda e tolerou o peso de seus braços em seus ombros, pois os acontecimentos da rua exigiam toda a sua atenção. Por instrução de um pequeno grupo de homens que gesticulavam, que marchavam logo à frente do candidato e cujas conversas deveriam ter um significado especial, porque de todos os lados viam-se rostos atentos inclinando-se na sua direção, o cortejo fez uma parada inesperada na frente da hospedaria. Um desses homens que davam as ordens fez com a mão erguida um sinal que valia tanto para a multidão como para o candidato. A multidão silenciou e o candidato, que tentou levantar-se várias vezes nos ombros de quem o carregava, mas logo se desequilibrava sobre aqueles ombros, proferiu um breve discurso, durante o qual movimentava muito rapidamente a sua cartola de um lado para o outro. Era possível ver isso com toda nitidez, porque durante seu discurso todas as lanternas de automóvel convergiam para ele, de modo que se encontrava no centro de uma estrela brilhante.

Agora já se compreendia o interesse que o acontecimento despertava em toda a rua. Nas varandas ocupadas pelos partidários do candidato, as pessoas começaram a cantar, bater palmas ritmadas com as mãos estendidas bem por cima do parapeito. Das outras varandas, que, inclusive, formavam a maioria, ergueu-se um forte coro de oposição, que, no entanto, não teve efeito de unidade, uma vez que provinha dos seguidores de candidatos diferentes. Mas, logo em seguida, todos os inimigos do candidato ali presente continuaram a se unir num assobiação generalizado, e até mesmo muitas vitrolas foram ligadas novamente. Entre certas varandas as disputas políticas se davam com uma agitação intensificada pelo horário noturno. A maioria das pessoas já estava com roupas de dormir e só havia

colocado sobretudos; as mulheres estavam enroladas em grandes panos escuros, as crianças despercebidas escalavam o parapeito perigosamente e saíam em quantidades cada vez maiores dos cômodos escuros onde havia pouco dormiam. Aqui e ali eram atirados objetos isolados, irreconhecíveis, por pessoas particularmente agitadas na direção de seus adversários. Às vezes chegavam ao seu destino, mas a maioria caía na rua, onde, com frequência, despertavam um uivo de raiva. Quando a algazarra se tornava demasiada para os organizadores lá embaixo, os tocadores de tambor e de trombeta recebiam ordens para intervir, e o som estridente executado interminavelmente com toda a força abafava então todas as vozes humanas, chegando até aos telhados dos prédios. E sempre, de repente — era difícil de acreditar —, quando eles paravam, a multidão na rua, aparentemente treinada para isso, aproveitava o instante geral de silêncio para entoar o hino do partido — via-se a boca aberta de cada um à luz das lanternas de automóveis — até que os opositores, que nesse meio-tempo haviam se recuperado, berrassem, de todas as varandas e janelas, com força dez vezes maior do que antes, silenciando totalmente o partido após a sua breve vitória, pelo menos era o que dava para perceber dessa altura.

“Que está achando disso, garoto?”, perguntou-lhe Brunelda, que atrás de Karl se virava para cá e para lá para ver o máximo possível com o binóculo. Karl apenas assentiu com a cabeça. Nesse ínterim, percebeu como Robinson diligentemente dava várias informações a Delamarche, provavelmente sobre o comportamento de Karl, mas Delamarche não parecia dar-lhe grande importância, porque estava tentando afastar Robinson o tempo todo com a mão esquerda, enquanto com a direita abraçava Brunelda. “Não quer olhar pelo binóculo?”, perguntou Brunelda, batendo no peito de Karl para mostrar que se referia a ele.

“Estou vendo o suficiente”, disse Karl.

“Mas experimente”, ela disse, “você enxergará melhor”.

“Minha vista é boa”, respondeu Karl, “estou vendo tudo”. Ele não interpretou a oferta como um gesto amável, mas sim como uma amolação, quando ela aproximou o binóculo de seus olhos, e, de fato, ela agora não disse nada além da única palavra “Olha!” em tom melódico, porém ameaçador. E imediatamente colocou o binóculo diante dos olhos de Karl, que agora, de fato, nada via.

“Mas não estou vendo nada”, disse ele, querendo se livrar do binóculo, mas ela segurou o binóculo com força e ele não conseguia empurrar a cabeça, encaixada no peito dela, nem para trás e nem para o lado.

“Agora você consegue ver”, disse ela, fazendo a regulação do foco.

“Não, continuo sem ver nada”, disse Karl, lembrando-se de que ele, de fato, estava substituindo Robinson contra sua vontade, porque Brunelda agora descontava seus caprichos insuportáveis nele.

“Quando você finalmente vai enxergar?”, disse ela — o rosto inteiro

de Karl agora era bafejado por seu hálito pesado —, continuando a girar o parafuso. “Agora?”, perguntou.

“Não, não, não!”, exclamou Karl, embora conseguisse agora, de fato, identificar tudo, ainda não muito nitidamente. Mas, nesse momento, Brunelda começou a tratar de outro assunto com Delamarche, o que a levou a segurar o binóculo com menos pressão contra o rosto de Karl, e, sem que ela se desse conta, ele conseguiu observar a rua por baixo do binóculo. Mais tarde, não insistiu mais em sua vontade e usou o binóculo ela mesma.

Um garçom saía da hospedaria lá embaixo e corria de um lado para o outro e tirava os pedidos dos organizadores do cortejo. Era visível como ele se desdobrava para espreitar o interior do restaurante e convocar o atendimento mais completo possível. Durante esses evidentes preparativos para uma extensa distribuição de bebida gratuita, o candidato não parou de falar. O homem enorme que o carregava, que estava a serviço exclusivo dele, sempre se virava um pouco depois de algumas frases para que todas as partes da multidão tivessem acesso ao discurso. O candidato permaneceu a maior parte do tempo completamente curvado, tentando conferir a maior urgência possível às suas palavras com movimentos bruscos da mão livre e da cartola, na outra mão. Porém, às vezes, a intervalos quase regulares, ficava como que tomado, levantava-se com os braços estendidos, já não se dirigia apenas a um grupo, mas a toda uma multidão, dirigia-se aos moradores dos prédios, até aos andares mais altos, e, no entanto, estava perfeitamente claro que até nos mais baixos ninguém conseguia ouvi-lo e que, ainda que fosse possível, ninguém ia querer ouvi-lo, pois cada janela e cada varanda estava ocupada por pelo menos um orador arrebatado. Enquanto isso, alguns garçons da hospedaria trouxeram um grande tabuleiro, do tamanho de uma mesa de bilhar, repleto de resplandecentes copos cheios. Os dirigentes organizaram a distribuição, que se deu na forma de uma marcha que passava em frente da porta da estalagem. Mas, apesar do reabastecimento contínuo dos copos, estes não eram suficientes para a multidão, e duas filas de garçons tiveram de se esgueirar para a direita e a esquerda do tabuleiro e continuar a abastecer a multidão. O candidato, naturalmente, parou de falar e usou o intervalo para se recompor. Longe da multidão e do brilho, o homem que o transportava nos ombros o levava lentamente para e para cá, e apenas alguns de seus partidários o acompanharam lá e falavam com ele.

“Olha só o garoto”, disse Brunelda, “de tanto olhar esqueceu-se de onde está”. E, pegando Karl de surpresa, virou o rosto dele com as duas mãos na direção do seu, para olhar diretamente nos olhos dele. Mas isso levou apenas um instante, porque Karl imediatamente se livrou das mãos dela e, irritado por não o deixarem nem um momento em paz e ao mesmo tempo cheio de vontade de ir para a rua para ver tudo de perto, tentou com toda a sua força se livrar da pressão de Brunelda e disse:

“Por favor, deixe-me ir embora.”

“Você vai ficar com a gente”, disse Delamarche, sem tirar os olhos da rua e estendendo apenas uma mão para impedir que Karl saísse.

“Pare com isso”, disse Brunelda, afastando a mão de Delamarche, “ele vai ficar”, e prensou Karl ainda mais contra o parapeito, de maneira que, para poder se libertar, teria de lutar com ela. E, mesmo que conseguisse, qual seria a sua vantagem! Delamarche estava em pé à sua esquerda, Robinson agora tinha se posicionado à sua direita, ele se encontrava numa verdadeira prisão. “Dê graças a Deus por você não ser expulso”, disse Robinson, tocando Karl com a mão que ele passara por baixo do braço de Brunelda.

“Expulso?”, disse Delamarche. “Não se expulsa um ladrão que quer fugir, a gente o entrega à polícia. E é isso que pode lhe acontecer logo amanhã de manhã, se não sossegar.”

Desse momento em diante, Karl perdeu interesse pelo espetáculo lá embaixo. Apenas forçado, já que ele não podia se levantar por causa de Brunelda, ele se inclinou um pouco sobre o parapeito. Tomado por suas próprias preocupações, olhava distraidamente para os grupos com cerca de vinte pessoas que passavam pela porta da hospedaria, pegavam os copos, viravam-se e os erguiam na direção do candidato, agora ocupado consigo mesmo, proferiam uma saudação partidária, esvaziavam seus copos e os recolocavam com muito barulho, mas inaudível àquela altura, de volta no tabuleiro, para já dar lugar a um novo grupo, barulhento de tanta impaciência. Por ordem dos dirigentes, a banda, que até então tocara na hospedaria, saiu para o beco, os seus grandes instrumentos de sopro brilhavam na multidão escura, mas a sua música quase desaparecia na algazarra geral. A rua agora estava apinhada de gente, pelo menos do lado onde ficava a hospedaria. As pessoas vinham lá de cima, de onde Karl chegara de manhã, no automóvel, e lá de baixo, da direção da ponte, e até mesmo os moradores dos prédios vizinhos não tinham conseguido resistir à tentação de aproveitar a oportunidade; nas varandas e janelas restavam quase só mulheres e crianças, enquanto os homens iam saindo aos montes pelos portões. Mas, agora que a música e a hospitalidade haviam alcançado seu propósito e a multidão já era grande o suficiente, um dos dirigentes, flanqueado por duas lanternas de automóveis, fez sinal para que a música parasse, deu um forte assobio, e agora se via aquele homem com o candidato nos ombros, que havia se desviado um pouco, chegar correndo por um caminho aberto por entre seus partidários.

Assim que chegou à porta da hospedaria, o candidato começou seu novo discurso à luz do estreito círculo que as lanternas de automóvel formavam em torno dele. Mas agora tudo ficara bem mais difícil do que antes, pois o homem que o carregava nas costas não tinha mais a menor liberdade de movimento, a multidão aumentara demais. Os partidários mais próximos, que mais cedo tinham buscado reforçar por todos os meios

possíveis o efeito dos discursos do candidato, agora tinham dificuldade de chegar perto dele, provavelmente uns vinte agarravam-se com toda a força ao homem que o transportava. Mas mesmo esse homem forte já não podia dar um único passo à sua vontade, já não conseguia dominar a multidão por meio dos giros em torno de si, avanços ou recuos eram impensáveis. O fluxo da multidão aumentava desordenadamente, as pessoas se escoravam umas nas outras, ninguém conseguia mais se manter em pé, a quantidade de adversários parecia ter crescido com a chegada de público novo, o homem que o carregava conseguira ficar bastante tempo diante da porta da hospedaria, mas agora ele se deixava impelir, aparentemente sem resistência, rua acima e abaixo, o candidato continuava falando, mas não estava mais claro se estava detalhando o seu programa ou pedindo ajuda; salvo engano, também aparecera um candidato da oposição ou mesmo vários, pois aqui e ali se via aparecer, dentro de alguma luz repentina, um homem com rosto pálido e punhos cerrados erguido pela multidão, fazendo um discurso saudado pelo clamor de múltiplas vozes.

“Que está acontecendo?”, perguntou Karl, virando-se confuso e sem fôlego para aqueles que o vigiavam.

“Olha a perturbação do garoto!”, disse Brunelda a Delamarche, segurando Karl pelo queixo para aproximar de si a sua cabeça. Mas Karl não queria isso e, deixando toda a consideração de lado por causa dos acontecimentos na rua, sacudiu-se com tanta força que Brunelda não só o largou, mas recuou, liberando-o completamente. “Agora que já viu o suficiente”, disse ela, ao que tudo indica enraivecida com o comportamento de Karl, “vá para o quarto, arrume a cama e prepare tudo para a noite”. Estendeu a mão, apontando o quarto. Mas, como essa era exatamente a direção que Karl queria tomar já havia algumas horas, ele não a contestou. Nesse momento, ouviu-se lá do beco o estrondo de muitos vidros estilhaçados. Karl não se conteve e pulou rapidamente para o parapeito, para dar mais uma olhada lá para baixo. Um atentado, talvez crucial, dos adversários, tinha dado certo, as lanternas de automóvel dos seguidores, que com a sua luz forte tinham permitido que, pelo menos, os principais acontecimentos se desenrolassem na frente do público em geral, mantendo, dessa forma, tudo dentro de certos limites, tinham sido todas destruídas simultaneamente. O candidato e o homem que o carregava agora estavam envoltos pela iluminação geral incerta, que, ao se espalhar subitamente, tinha o efeito de uma completa escuridão. Nem de forma casual alguém seria capaz de indicar onde o candidato estava, e a miragem da escuridão ainda se tornava mais patente devido a uma cantoria ampla e uníssona, que começava nesse instante a se aproximar, vindo de lá de baixo, dos lados da ponte.

“Eu não lhe disse o que você tem de fazer agora?”, perguntou Brunelda. “Ande! Estou cansada”, acrescentou, espreguiçando-se, de maneira que seus seios pareceram muito mais arqueados do que de

costume. Delamarche, que ainda a abraçava, puxou-a para um canto da varanda. Robinson foi atrás deles para afastar os restos de sua refeição que ainda estavam espalhados por lá.

Karl precisava aproveitar aquela oportunidade favorável, agora já não era hora de ficar olhando lá para baixo, poderia acompanhar os acontecimentos da rua bem melhor lá de baixo do que dali de cima. Com dois saltos, atravessou o quarto, iluminado por uma luz avermelhada, mas a porta estava trancada e a chave fora removida. Era preciso encontrá-la imediatamente, mas quem a conseguiria encontrar no meio daquela bagunça, nesse breve e precioso espaço de tempo de que Karl dispunha! Àquela altura já deveria estar nas escadas, correndo a não poder mais. E lá estava ele, procurando a chave! Procurou-a em todas as gavetas acessíveis, vasculhou em cima da mesa, onde se encontravam diversas peças de louça, guardanapos e um bordado já começado. Atraiu-lhe a atenção uma poltrona com uma pilha de roupas velhas emaranhadas em que a chave poderia estar, mas jamais seria encontrada, até que finalmente se jogou em cima do sofá de cheiro horrível, apalpando todos os cantos e todas as dobras em busca da chave. Por fim, abandonou a busca e deteve-se no centro do cômodo. Com certeza Brunelda prendera a chave ao cinto, onde costumava pendurar muitas coisas, toda a procura havia sido em vão.

E, às cegas, Karl pegou duas facas e as inseriu entre as folhas da porta, uma no topo e uma na parte inferior, para ter dois pontos de ataque afastados entre si. Assim que puxou as facas, as lâminas se partiram em duas. Tanto melhor: os tocos das lâminas, que agora poderiam ser cravados com mais firmeza, seriam tanto mais duráveis. Empurrava, então, com toda a força, com os braços bem esticados e as pernas bem afastadas, fincadas no chão, gemendo e vigiando a porta. Reconheceu com alegria que ela não resistiria durante muito tempo, podia-se perceber nitidamente como a fechadura estava cedendo, quanto mais devagar melhor, a fechadura não podia se abrir bruscamente senão chamaria a atenção dos que estavam no terraço; pelo contrário, suas partes precisavam se soltar bem devagar, para isso Karl trabalhava com a máxima cautela, com os seus olhos se aproximando cada vez mais da fechadura.

“Vejam só!”, soou nesse momento a voz do Delamarche. Todos os três estavam no quarto, a cortina já estava fechada atrás deles. Karl não percebera a sua chegada, suas mãos soltaram as facas. Mas nem teve tempo para explicações ou desculpas, pois, tomado de uma fúria totalmente desproporcional para a situação, Delamarche pulou — com o cinto afrouxado do seu roupão descrevendo um grande arco no ar — para cima de Karl. Karl desviou-se do ataque no último instante, poderia ter puxado as facas para fora da porta e tê-las utilizado para se defender, porém não o fez; em compensação, agachou-se e agarrou de um salto a larga gola do roupão de Delamarche, levantou-a e depois a puxou ainda mais para cima — o roupão lhe era demasiado grande — e finalmente

segurou Delamarche pela cabeça, o qual, surpreso demais, primeiro gesticulou cegamente com as mãos e, só depois de certo tempo, mas ainda não com toda sua força, bateu com os punhos nas costas de Karl, que, para proteger o seu rosto, tinha-se jogado contra o peito de Delamarche. Karl aguentou os socos, embora se contorcesse de dor e apesar dos golpes se tornarem cada vez mais fortes, mas como poderia deixar de suportá-los, com a vitória à vista? Com as mãos na cabeça de Delamarche e os polegares a taparem-lhe os olhos, levou-o até o lugar mais entulhado de móveis e tentou, além disso, colocar com as pontas dos dedos de seus pés o cinto do roupão ao redor dos pés de Delamarche para derrubá-lo também dessa maneira.

Porém, como tinha de se ocupar totalmente com Delamarche, sobretudo porque sentia que sua resistência crescia cada vez mais e seu inimigo opunha-se-lhe cada vez mais vigorosamente, esqueceu, de fato, que não estava sozinho com Delamarche. Mas logo foi obrigado a lembrar-se, porque de repente seus pés falharam, separados aos gritos por Robinson, que se jogara no chão atrás dele. Suspirando, Karl soltou Delamarche, que ainda recuou outro passo. Brunelda, com o seu corpanzil estacionado no centro do quarto, estava com as pernas bem afastadas e os joelhos dobrados e acompanhava os acontecimentos com olhos brilhantes. Ela respirava profundamente, mirava com os olhos e deixava seus punhos avançar lentamente, como se estivesse envolvida na luta, de verdade. Delamarche abaixou a gola e voltara a ter o campo de visão livre. Naturalmente agora não haveria mais luta, apenas uma punição. Agarrou Karl pela camisa, quase o levantou do chão, e seu desprezo era tanto que nem olhou para ele, atirou-o para a frente com tal violência contra um armário que se encontrava a alguns passos dali que no primeiro momento Karl chegou a pensar que a dor aguda que sentira nas costas e na cabeça ao colidir com o armário vinha diretamente da mão de Delamarche. “Seu canalha!”, ouviu Delamarche gritar no escuro que se fez diante da sua vista trêmula. E esvaído, ao desabar na frente do armário, as palavras “Me aguarde!” ainda soaram fracas nos seus ouvidos.

Quando voltou a si, estava tudo escuro em volta dele, seria ainda tarde da noite, por baixo da cortina da varanda um leve brilho de luar penetrava no quarto. Podia-se ouvir a respiração calma dos três adormecidos, de longe a mais alta era a de Brunelda, que bufava durante o sono, como às vezes fazia, aliás, enquanto falava; mas não era fácil localizar a direção de cada um, pois o quarto todo estava repleto do ruído da sua respiração. Só depois de examinar um pouco o lugar em que se encontrava é que Karl pensou em seu estado e levou um tremendo susto porque, embora sentisse o corpo torto e rígido de tanta dor, julgara que não sofrera uma lesão sangrenta grave. Porém agora sentia um peso na cabeça, e no rosto inteiro, no pescoço e no seu peito, sob a camisa, havia uma umidade como de sangue. Precisava de luz para saber como estava, talvez o tivessem

espancado até ficar aleijado, e nesse caso Delamarche certamente teria prazer em demiti-lo, mas, então, o que seria dele? Não haveria realmente mais perspectivas para ele? Lembrou-se do rapaz com o nariz carcomido junto ao portão de entrada e, por um instante, cobriu o rosto com as mãos.

Involuntariamente, virou-se para a porta, e engatinhou, Tateando o seu caminho naquela direção. Logo as pontas dos seus dedos identificaram uma bota e, em seguida, uma perna. Era Robinson, certamente; quem mais dormiria de botas? Tinham ordenado que se deitasse na frente da porta para impedir a fuga de Karl. Mas será que não sabiam do estado de Karl? Por enquanto, não queria fugir, só precisava de luz. Se não podia sair pela porta, teria de ir até a varanda.

A mesa do jantar estava, ao que parecia, em um lugar bem diferente daquele em que se encontrava à noite; o sofá, do qual Karl naturalmente se aproximou com muita cautela, estava surpreendentemente vazio; em compensação, encontrou uma pilha alta, ainda que fortemente comprimida, de roupas, cobertores, cortinas, estofados e tapetes no meio do quarto. Primeiro, achou que fosse apenas uma pequena pilha, semelhante à que ele encontrara no sofá à noite, e que talvez caísse no chão, mas, para sua surpresa, notou, ao continuar rastejando, que havia uma verdadeira montanha das tais coisas, que à noite provavelmente tinham sido retiradas do guarda-roupa, onde ficavam guardadas durante o dia. Engatinhou em torno da pilha e logo percebeu que tudo aquilo era uma espécie de leito, no alto do qual, como verificou com um toque cauteloso, repousavam Delamarche e Brunelda.

Agora sabia, portanto, onde todos dormiam, e então se apressou para chegar à varanda. Era um mundo muito diferente esse, em que ele, agora do lado de fora da cortina, se soergueu rapidamente. No frescor da noite, sob a plena luz da lua, caminhou algumas vezes de um lado para o outro da varanda. Olhou para a rua, naquele momento totalmente tranquila; da hospedaria ainda vinha o som, mas agora abafado, de música. Diante da porta um homem varria a calçada, no mesmo beco, em que à noite não fora possível no alvoroço geral distinguir a gritaria de um candidato entre milhares de outras vozes, agora se podia ouvir nitidamente o som da vassoura arranhando a calçada.

O ruído do afastamento de uma mesa na varanda vizinha chamou a atenção de Karl, alguém estava sentado lá e estudava. Tratava-se de um jovem com um pequeno cavanhaque, o qual ele torcia constantemente durante a sua leitura, acompanhado de rápidos movimentos dos lábios. Estava sentado diante da pequena mesa coberta de livros, com o rosto voltado para Karl, havia retirado a lâmpada da parede e prendera-a entre dois grandes livros, e agora estava totalmente iluminado pela sua luz intensa.

“Boa noite”, disse Karl, na suposição de que o homem olhara para ele.

Mas devia estar enganado, pois o jovem, que nem parecia tê-lo notado ainda, colocara a mão sobre os olhos para afastar a claridade e ver quem o cumprimentava tão de supetão, e então, como se ainda não visse nada, levantou a lâmpada para iluminar um pouco a varanda vizinha.

“Boa noite”, disse também ele, fixando-lhe o olhar por um momento e em seguida acrescentando: “E então?”.

“Incomodo-o?”, perguntou Karl.

“Certamente”, disse o homem, recolocando a lâmpada no seu lugar anterior.

Com essas palavras, qualquer tentativa de comunicação fora, de fato, recusada, mas mesmo assim Karl não saiu do canto da varanda que o deixava mais próximo do homem. Observou-o calado ler o seu livro, folheá-lo, de vez em quando consultando outro livro, que sempre pegava com a rapidez de um raio, tomando notas com frequência, com o rosto enfiado no caderno.

Seria esse homem realmente um estudante? Tudo indicava que estava estudando. Não era muito diferente — agora já fazia muito tempo — quando Karl, em casa, sentava à mesa de seus pais para fazer suas tarefas, enquanto o pai lia o jornal ou se ocupava da contabilidade e da correspondência de um clube e a mãe se entretinha com uma costura, puxando uma longa linha de dentro do tecido. Para não incomodar o pai, Karl colocava apenas o caderno e o material de escrita na mesa, enquanto os livros necessários eram arrumados em cadeiras à sua direita e à sua esquerda. Quanto silêncio reinava no aposento! Era tão raro que gente estranha entrasse naquela sala! Desde quando ainda era pequeno, Karl sempre gostava de ver a mãe trancando a porta da casa ao anoitecer. Jamais ela suporia que Karl chegara ao ponto de tentar arrombar portas alheias com facas.

E de que servira todo o seu estudo! Já se esquecera de tudo; se tivesse tido de continuar seus estudos aqui, teria tido dificuldades. Lembrou-se de que, quando ainda morava em casa, estivera uma vez doente durante um mês; quanta dificuldade lhe custara depois retomar o aprendizado interrompido! E agora já fazia muito tempo que não lia livro algum além do manual de correspondência comercial inglesa.

“Ei, jovem”, Karl de repente ouviu, “se importaria de se instalar em outro lugar? Seu olhar me incomoda terrivelmente. Às duas horas da madrugada a gente espera poder trabalhar na varanda sem ser incomodado. Quer algo de mim?”

“Está estudando?”, perguntou Karl.

“Sim, sim”, disse o homem, usando esse tempo de estudo perdido para estabelecer uma nova ordem entre seus livros.

“Então, não vou atrapalhá-lo”, disse Karl, “já estava mesmo voltando para o quarto. Boa noite!”

O homem sequer respondeu e, numa súbita decisão, tendo eliminado

o distúrbio, retornou decidido ao estudo, apoiando sua testa com força na mão direita.

Já perto da cortina, Karl se lembrou do motivo que o trouxera para fora ele, de fato, ainda não sabia qual era o seu estado. Que peso era aquele que sentia na cabeça? Apalpou-a e ficou surpreso ao descobrir que ali não havia um ferimento sangrento, como rezeira no escuro do quarto, apenas uma faixa, ainda úmida, enrolada em torno da sua cabeça como um turbante. A julgar pelos restos de renda pendurados aqui e ali, tratava-se de um pedaço de pano arrancado de alguma velha roupa de Brunelda, que Robinson devia ter enrolado às pressas em volta da cabeça de Karl. Só que ele havia se esquecido de secá-lo, e foi assim que, enquanto Karl estivera inconsciente, a água escorrera-lhe pelo rosto para dentro da sua camisa, provocando-lhe um enorme susto.

“Ainda está aí?”, perguntou o homem com um olhar de relance.

“Agora, já estou indo mesmo”, disse Karl, “eu só precisava verificar algo, pois o quarto está muito escuro”.

“Mas, afinal, quem é você?”, perguntou o homem, colocando a caneta sobre o livro aberto à sua frente e aproximando-se do parapeito. “Qual é o seu nome? Como chegou até essas pessoas? Está aqui há muito tempo? O que quer examinar? Acenda, por favor, a sua lâmpada para que eu possa vê-lo.”

Karl obedeceu, mas, antes de responder, fechou melhor a cortina da porta, para que não pudessem perceber nada lá de dentro. “Desculpe-me”, disse ele cochichando, “por falar tão baixo. Se os que estão lá dentro me ouvirem, haverá outra confusão”.

“Outra?”, perguntou o homem. “Sim”, disse Karl, “tive uma briga feia com eles. Ainda devo ter um tremendo de um galo aqui atrás”. E apalpou a parte de trás da sua cabeça.

“Que briga foi essa?”, perguntou o homem, acrescentando, como Karl não respondesse de imediato: “Pode confiar em mim para desabafar sobre eles. Odeio todos os três, em especial a tal senhora. A propósito, ficaria surpreso se alguém já não o tiver colocado contra mim. Meu nome é Josef Mendel e sou estudante”.

“Sim”, disse Karl, “já me falaram de você, mas nada de mal. Foi você provavelmente quem socorreu a Sra. Brunelda, não foi?”

“É verdade”, o estudante disse e riu. “O sofá continua com aquele cheiro forte?”

“Pode apostar!”, disse Karl.

“Isso me deixa feliz”, disse o estudante, passando a mão pelos cabelos. “Mas e os galos em sua cabeça?”

“Foi uma briga”, disse Karl, pensando numa maneira de explicar-lhe o que acontecera. Mas logo se interrompeu e disse: “Não estou incomodando você?”.

“Em primeiro lugar”, disse o estudante, “já me atrapalhou e,

infelizmente, sou tão nervoso que levo muito tempo para retomar o fio da meada. Desde que começou a dar voltas na varanda, não consigo me concentrar nos estudos. Em segundo lugar, sempre faço uma pausa às três horas. Então, pode me contar o que houve. Isso também me interessa”.

“É muito simples”, disse Karl. “Delamarche quer que eu seja seu criado. Mas eu não quero. Se pudesse, já teria ido embora ontem à noite. Ele não quis me deixar ir, trancou a porta, tentei arrombá-la e aí começou a luta. Sinto-me infeliz por ainda estar aqui”.

“Você tem outro emprego?”, perguntou o estudante.

“Não”, disse Karl, “mas nem me importo com isso, desde que possa ir embora daqui”.

“Escute”, disse o estudante, “você não se importa com isso?” E ambos ficaram em silêncio por um momento. “Por que não quer ficar com essas pessoas?”, perguntou então o estudante.

“Delamarche é má pessoa”, disse Karl, “já o conhecia de antes. Andei em sua companhia durante um dia inteiro e dei graças a Deus quando não estava mais com ele. E agora vou servi-lo como criado?”

“Se todos os criados fossem tão exigentes na escolha dos seus patrões como você!”, o estudante disse e pareceu sorrir. “Veja, durante o dia sou vendedor, um vendedor da categoria mais baixa, praticamente um ajudante na loja de departamentos de Montly. Esse Montly é sem dúvida um canalha, mas isso não me incomoda. Só fico com raiva por ganhar uma miséria. Então mire-se no meu exemplo.”

“Como?”, disse Karl, “você trabalha como vendedor de dia e estuda à noite?”

“Sim”, disse o estudante, “não tem outro jeito. Já tentei de tudo, mas este tipo de vida ainda é o melhor. Imagine que, anos atrás, eu só estudava dia e noite, só que quase morri de fome, dormia num buraco velho e sujo e com o meu terno de então não me atrevia a frequentar as aulas. Mas isso passou”.

“Mas quando é que você dorme?”, Karl perguntou, olhando surpreso para o estudante.

“Pois é, dormir!”, disse o estudante. “Dormirei quando tiver terminado os meus estudos. Por enquanto, vou tomando café.” Virou-se, tirou uma garrafa grande de baixo da mesa de estudo, derramou o café em uma pequena xícara e o engoliu de uma só vez, como se faz com remédios para sentir o mínimo possível do seu gosto.

“Café é ótimo”, disse o estudante. “Pena que você esteja longe e eu não possa lhe oferecer um pouquinho.”

“Não gosto de café”, disse Karl.

“Eu também não”, disse o estudante, rindo. “Mas o que faria sem ele? Sem o café, Montly não me manteria lá nem por um instante. Sempre falo sobre Montly, embora ele naturalmente nem saiba que existo. Nem sei exatamente como me comportaria no trabalho, se eu não tivesse sempre à

mão, na minha escrivadinha, uma garrafa desse mesmo tamanho. Nunca ousei parar de tomar café, pois pode acreditar que logo adormeceria deitado atrás da escrivadinha. Infelizmente, eles suspeitam disso e lá me chamam de Café, o que é uma piada estúpida e certamente já prejudicou minha promoção.”

“E quando completará seus estudos?”, perguntou Karl.

“Isso ainda vai demorar”, disse o estudante, de cabeça baixa. Deixou o parapeito e sentou-se de novo à mesa. Com os cotovelos apoiados no livro aberto e passando as mãos pelo cabelo, disse: “Pode levar mais um ano ou dois”.

“Eu também queria estudar”, disse Karl, como se essa circunstância lhe desse direito a uma confiança ainda maior do que a que o estudante, agora emudecido, já lhe demonstrara.

“Então”, disse o estudante, e não ficou claro se ele já voltara a ler o seu livro ou se, distraído, apenas o olhava, “Você deveria estar feliz por ter desistido de estudar. Eu mesmo estudo há anos apenas por uma questão de coerência. Satisfações tenho tido poucas e perspectivas futuras, menos ainda. Que perspectivas, aliás, poderia ter! A América está cheia de médicos charlatões”.

“Quer ser engenheiro”, disse Karl, apressado, ao estudante, que já parecia completamente desatento.

“E agora vai se tornar criado dessas pessoas”, disse o estudante, erguendo os olhos do livro, “é natural que isso o magoe”.

Essa conclusão do estudante, na verdade, fora um mal-entendido, mas talvez pudesse ajudá-lo no relacionamento com aquele jovem. Por isso, perguntou: “Seria possível eu também conseguir um emprego na loja de departamentos?”.

Essa pergunta tirou o estudante completamente de seu livro; o pensamento de que ele pudesse ajudar Karl na sua candidatura a um emprego nem lhe ocorrera. “Tente”, ele disse, “ou melhor, não tente. O meu trabalho com Montly é o maior sucesso que obtive na vida até agora. Se tivesse de escolher entre estudar e meu emprego, é claro que escolheria o emprego. Meu esforço vai apenas no sentido de evitar a necessidade de tal escolha”.

“É tão difícil arrumar um emprego lá”, disse Karl, mais para si mesmo.

“Ah, mas o que você acha?”, disse o estudante, “é mais fácil alguém se tornar juiz distrital daqui do que porteiro na firma de Montly”.

Karl ficou em silêncio. Esse estudante, que era tão mais experiente do que ele e que odiava Delamarche por alguma razão que Karl desconhecia, ao mesmo tempo que certamente não desejava nada de mal a Karl, não encontrava uma só palavra de incentivo para que Karl abandonasse Delamarche. Isso porque ele não sabia, ainda por cima, o perigo que a polícia representava para Karl e da qual ele estava apenas parcialmente

protegido ficando com Delamarche.

“Você viu a manifestação lá embaixo ontem à noite, não viu? Quem não conhecesse as circunstâncias, pensaria que aquele candidato, seu nome é Lobter, poderia ter alguma chance ou pelo menos figurar como opção, não acha?”

“Não entendo nada de política”, disse Karl.

“Isso é um erro”, criticou-o o estudante. “Mas independentemente disso, você tem olhos e ouvidos. O homem, sem dúvida, tem amigos e inimigos, isso não pode ter-lhe escapado. Pois considere que, na minha opinião, o homem não tem a menor chance de ser eleito. Por acaso, sei tudo sobre ele, aqui conosco mora um sujeito que o conhece. Não é incompetente e, a julgar pelas suas opiniões políticas e seu passado político, até seria o juiz adequado para o distrito. Mas ninguém está convencido de que ele poderia ser eleito, vai perder de maneira tão honrada quanto se pode perder. Perderá os poucos dólares investidos na campanha eleitoral, isso será tudo”.

Karl e o estudante se olharam em silêncio durante algum tempo. O estudante acenou com a cabeça, sorrindo, e esfregou os olhos cansados com uma das mãos.

“Bem, não vai voltar a dormir?”, perguntou.

“Eu tenho de voltar a estudar. Veja o quanto ainda falta repassar. E rapidamente folheou meio livro para dar a Karl uma noção do trabalho que ainda esperava por ele.

“Boa noite, então”, disse Karl, cumprimentando o jovem.

“Venha nos visitar”, disse o estudante, já sentado à sua mesa, “é claro, só se quiser. Sempre há muitas pessoas por aqui. Das nove às dez da noite, também terei tempo para o senhor”.

“Então me aconselha a ficar com Delamarche?”, perguntou Karl.

“Sem dúvida!”, disse o estudante, já enterrando a cabeça nos seus livros. Parecia que não era ele que tinha proferido tais palavras; como pronunciadas por uma voz mais grave que a do estudante, ainda ressoavam nos ouvidos de Karl. Lentamente dirigiu-se até a cortina, ainda lançou um último olhar ao estudante, que agora permanecia sentado imóvel dentro do seu foco de luz, cercado pela grande escuridão, e entrou no quarto. As respirações combinadas dos três adormecidos o receberam. Procurou o sofá tateando ao longo da parede e, quando o encontrou, deitou-se nele calmamente, como se fosse seu lugar habitual de repouso. Como o estudante, que conhecia bem o Delamarche e as condições do lugar e que, além disso, era um homem culto, tinha-o aconselhado a ficar, ele, por enquanto, não tinha qualquer dúvida. Não tinha objetivos tão altos quanto os do estudante, quem sabe se em casa teria sido capaz de terminar os estudos e, se já em casa isso dificilmente seria possível, então ninguém poderia exigir isso dele aqui em terra estrangeira. A esperança, no entanto, de encontrar um emprego em que pudesse realizar algo e ser reconhecido

por suas qualidades seria certamente maior, se provisoriamente aceitasse a função de criado de Delamarche e, a partir dessa posição segura, aguardasse uma oportunidade melhor. Parecia haver naquela rua muitos escritórios, uns de mais categoria, outros de menos, que, em caso de necessidade, talvez não fossem tão exigentes na seleção de seu pessoal. Ele bem que aceitaria, se fosse necessário, ser menino de recados de um escritório, mas, afinal, não era impossível que o aceitassem para fazer o serviço de escritório propriamente dito e que, em algum momento do futuro, pudesse ocupar a sua própria mesa e olhar um pouco pela janela sem preocupações, como o funcionário que vira naquela manhã ao atravessar os pátios. Quando já fechava os olhos, veio-lhe a ideia tranquilizadora de que ainda era jovem e que Delamarche o deixaria ir embora qualquer dia; de fato, esse trabalho doméstico não parecia feito para durar eternamente. Mas, se um dia Karl conseguisse uma colocação em um escritório, pretendia se ocupar exclusivamente com o trabalho de escritório e não dispersar as suas forças, como estava fazendo o estudante. Se fosse necessário, também dedicaria a noite ao escritório, o que no início até lhe poderiam exigir de qualquer maneira, devido a seus conhecimentos elementares de comércio. Pretendia pensar apenas no interesse da firma, a que teria de servir, e poderia se submeter a todo tipo de tarefa, mesmo àquelas que outros funcionários recusassem por considerarem-nas indignas. As boas intenções povoaram sua mente, como se seu futuro chefe estivesse em frente ao sofá e as lesse expressão de seu rosto.

Com tais pensamentos Karl adormeceu e só durante o primeiro sono foi incomodado por um enorme suspiro de Brunelda, que, aparentemente atormentada por pesadelos, se remexia no seu leito.

¹ Optou-se por traduzir o termo *Affe* (“macaco”) do original por “besta”, que não tem conotação racial em português.

“Hora de levantar!”, exclamou Robinson, assim que Karl abriu os olhos logo cedo. A cortina da porta ainda não fora afastada, mas percebia-se pela luz solar constante que penetrava pelas frestas que a manhã já ia avançada. Robinson corria apressadamente com o semblante preocupado de um lado para o outro, trazendo ora uma toalha, ora um balde de água, ora roupas íntimas e peças de vestuário e, sempre que passava por Karl, tentava animá-lo a se levantar, acenando-lhe com a cabeça e, ao exibir o que segurava em sua mão naquele momento, procurava mostrar-lhe o quanto ainda se sacrificava, pela última vez, por Karl, que nessa primeira manhã naturalmente ainda não podia estar a par dos detalhes do serviço.

Mas logo Karl percebeu a quem Robinson de fato servia. Em um espaço separado por dois armários — que Karl até agora ainda não tinha visto —, uma grande sessão de banho estava em andamento. A cabeça de Brunelda, o pescoço descoberto — com o cabelo caído no rosto — e a base da nuca apareciam por cima do armário e a mão de Delamarche, que se erguia vez ou outra, segurava uma esponja de banho, que espirrava para todos os lados, para lavar e esfregar Brunelda. Ouviam-se as ordens breves que Delamarche dava a Robinson, que lhe entregava as coisas não pela entrada própria do recinto, agora bloqueada, mas por uma pequena fresta entre um armário e um biombo, tendo de, ainda por cima, esticar o braço e desviar o rosto toda vez que entregava alguma coisa.

“A toalha! A toalha!”, exclamava Delamarche. Mas Robinson, que procurava outra coisa embaixo da mesa, mal se assustou com essa incumbência e tirou a cabeça de sob a mesa, e já ouvia: “Onde está a água, que inferno!” e por cima do armário apareceu empertigado o rosto irado de Delamarche. Tudo o que, em outras circunstâncias, alguém precisava uma única vez para banhar-se e vestir-se, na opinião de Karl, era ali solicitado muitas vezes e trazido pela ordem mais maluca. Em cima de um pequeno fogão elétrico havia sempre uma vasilha de água para aquecer e Robinson levava constantemente a pesada carga entre as pernas, bem afastadas, até a sala de banho. Sobrecarregado como estava, era compreensível que nem sempre se ativesse às ordens ao pé da letra e, em certa ocasião, quando mais uma vez lhe solicitaram outra toalha, simplesmente pegou uma camisa da grande pilha de roupas no meio do quarto que servia de cama e a atirou embolada por cima do armário.

Mas também o trabalho de Delamarche era árduo e talvez essa fosse a única razão da sua irritação para com Robinson — irritado como estava, simplesmente se esquecera até de Karl — porque ele mesmo não conseguia satisfazer Brunelda. “Ai!”, ela gritou, e até mesmo Karl, que não estava envolvido na atividade, estremeceu de susto. “Você está me machucando!

Vá embora! Prefiro eu mesma me lavar em vez de sofrer assim! Já não consigo levantar o braço outra vez. Sinto-me muito mal quando você me aperta. Devo estar cheia de manchas roxas nas costas. É claro que você não vai me dizer. Espere, vou pedir a Robinson ou a nosso garoto que dê uma olhada. Não, não vou fazer isso, mas seja um pouco mais delicado. Tenha consideração, Delamarche, mas é o que eu digo e repito todas as manhãs, você não tem consideração. — Robinson!", chamou ela de repente, agitando uma calcinha de renda sobre a cabeça. "Venha em meu socorro, olhe como estou sofrendo, ele chama essa tortura de banho, esse Delamarche! Robinson, Robinson, cadê você, você também não tem coração?" Em silêncio, Karl fez-lhe um sinal com o dedo para que fosse, mas Robinson, pensativo, com os olhos baixos, acenou negativamente com a cabeça; sabia o que estava fazendo. "Que ideia?", disse Robinson, inclinando-se até o ouvido de Karl. "Isso não é para ser levado ao pé da letra. Só fui uma vez e nunca mais. Daquela vez os dois me agarraram e mergulharam na banheira até eu quase me afogar. E durante vários dias Brunelda me acusou de ser sem-vergonha e ficava dizendo: 'Mas faz tempo que não vem me visitar no banho' ou 'Quando vem me olhar no banho?'. Somente depois de eu lhe pedir desculpas de joelhos diversas vezes ela parou. Jamais vou me esquecer disso."

E, enquanto Robinson contava essa história, Brunelda continuava gritando: "Robinson! Robinson! Cadê esse Robinson!"

Embora ninguém tivesse ido em seu socorro e nem mesmo tivesse recebido uma resposta — Robinson sentara-se ao lado de Karl e ambos olharam em silêncio para os armários, sobre os quais vez ou outra apareciam as cabeças de Brunelda ou Delamarche — Brunelda não parava de reclamar em voz alta de Delamarche. "Mas, Delamarche", exclamava ela, "nem sinto que você está me lavando. Onde está usando a esponja? Mais força! Ah, se eu pudesse me agachar, se eu pudesse me mexer! Ia mostrar a você como se dá banho. Onde estão os anos de juventude, quando nadava todas as manhãs no Colorado, na propriedade dos meus pais, a mais ágil entre todas as minhas amigas. E agora? Quando é que vai aprender a me dar banho, Delamarche? Você fica sacudindo a esponja, se esforça e eu nada sinto. Quando digo que não quero que me aperte até eu ficar em carne viva, isso não quer dizer que quero ficar sentada e pegar um resfriado. Você vai ver que ainda pularei da banheira e correrei para bem longe, do jeito que estou!"

Entretanto, não cumpriu a ameaça — na verdade, nem tinha condições para isso — Delamarche parecia tê-la agarrado e a mergulhado na banheira, por medo de que ela pudesse se resfriar, porque se ouvia um forte barulho da água se agitando.

"Isso você sabe fazer muito bem, Delamarche", Brunelda disse um pouco mais baixo. "Você sabe insinuar-se tão bem depois que fez algo de errado." Então se fez silêncio durante algum tempo. "Agora ele a está

beijando”, disse Robinson, levantando as sobranceiras.

“Qual é a próxima tarefa?”, perguntou Karl. Já que decidira ficar, queria cuidar imediatamente do seu serviço. Deixou Robinson, que não lhe respondeu, sozinho no sofá e começou a desmanchar a pilha de coisas que servia como leito, ainda muito amassada pelo peso dos seus ocupantes durante a longa noite, para em seguida dobrar com cuidado cada peça era, o que provavelmente não havia feito semanas.

“Vá lá ver, Delamarche”, Brunelda disse, “desconfio que estejam desmontando nossa cama. É preciso pensar em tudo, a gente nunca tem sossego. Você tem de ser mais rigoroso com eles, senão fazem tudo o que querem”. “Isso com certeza é o garoto com sua maldita avidez pelo trabalho!”, exclamou Delamarche, provavelmente a ponto de sair correndo do banheiro. Karl já largara tudo, mas felizmente Brunelda pediu-lhe: “Não vá embora, Delamarche, não vá embora. Ah, como a água está quente, a gente fica tão cansada. Fique comigo, Delamarche”. Só nesse momento Karl notou como o vapor subia incessantemente por detrás do armário.

Robinson levou a mão à boca como se Karl tivesse feito alguma coisa errada. “Deixem tudo como estava!”, soou a voz de Delamarche. “Não sabem que depois do banho Brunelda ainda descansa por uma hora? Que bagunça! Me aguardem! Podem esperar! Já deve estar de novo com a cabeça no mundo da lua, Robinson! Você é o único responsável por tudo o que acontecer. Tem de manter o garoto na rédea curta, aqui as coisas não são feitas de acordo com a cabeça dele. Quando se quer algo de vocês, não se consegue nada; quando não há nada para fazer, vocês ficam loucos de vontade de trabalhar. Enfiem-se em qualquer canto e esperem até que sejam solicitados!”

Mas logo tudo foi esquecido, pois Brunelda, muito cansada, sussurrou, como se estivesse mergulhada naquela água quente: “O perfume! Tragam o perfume!” “O perfume!”, exclamou Delamarche. “Mexam-se!” Sim, mas onde estava o perfume? Karl olhou para Robinson. Robinson olhou para Karl. Karl percebeu que dessa vez precisaria agir por iniciativa própria. Robinson não fazia ideia de onde estava o perfume, apenas deitou-se no chão, mergulhou repetidas vezes os dois braços sob o sofá, mas de lá nada retirou além de muita poeira e cabelos de mulher. Karl correu primeiro para a pia, bem ao lado da porta, mas nas gavetas do gabinete havia apenas velhos romances ingleses, revistas e anotações, e todas estavam tão entulhadas que não se conseguia mais fechá-las depois de abertas. “O perfume”, suspirava Brunelda enquanto isso, “que demora! Será que me trazem o perfume ainda hoje?!” Essa impaciência de Brunelda naturalmente não permitia a Karl procurar direito em parte alguma, ele tinha de confiar em suas impressões superficiais e imediatas. De resto, o frasco não se encontrava no armário do lavabo, sobre esse móvel só havia frascos velhos de remédios e pomadas, todo o resto já fora levado para o

local do banho. Talvez o frasco estivesse na gaveta da mesa de jantar. Porém, no caminho até a mesa — Karl só pensava no perfume, em nada mais —, esbarrou violentamente com Robinson, que havia enfim desistido de procurar embaixo do sofá e, com um palpite cada vez mais forte sobre o paradeiro do perfume, correu como cego ao encontro de Karl. Ouviu-se claramente o choque das cabeças, Karl ficou calado, mas Robinson não parou de correr, gritava alto e bom som para aliviar a dor.

“Em vez de procurar o perfume, estão se engalfinhando”, disse Brunelda. “Essa bagunça está acabando comigo, Delamarche, e com certeza morrerei em seus braços. Preciso do perfume”, exclamou, recuperando o autocontrole. “Preciso do perfume, sem falta! Não saio da banheira antes que o tragam para mim, nem que tenha de ficar aqui até à noite.” E bateu com o punho na água; dava para ouvir como ela espirrava.

Porém, o perfume também não estava na gaveta da mesa de jantar, embora lá se encontrassem exclusivamente itens de higiene de Brunelda, como velhas esponjas de pó compacto, potes de maquiagem, escovas de cabelo, cachinhos e muitas bugigangas emaranhadas e grudadas umas às outras. Mas o perfume não estava lá. E também Robinson, que abria e vasculhava, sempre gritando, uma a uma as cerca de cem caixas e estojos empilhados em um canto, com o que metade do conteúdo, principalmente kits de costura e cartas, caíam no chão e lá ficavam, não conseguia encontrar o que procurava, como ocasionalmente comunicava a Karl, sacudindo a cabeça e encolhendo os ombros.

Foi então que Delamarche irrompeu, em roupas íntimas, da sala de banho, enquanto se ouvia Brunelda chorando convulsivamente. Karl e Robinson abandonaram a busca e olharam para Delamarche, que, totalmente encharcado — mesmo do rosto e de seu cabelo escorria-lhe a água —, exclamou: “Então, agora, façam o favor de começar a procurar!” — “Aqui”, primeiro ordenou a Karl, e, depois, “Lá!” a Robinson. Karl realmente procurou e ainda conferiu os lugares para os quais Robinson já tinha sido designado, mas não teve mais sorte que Robinson, que procurava ainda com mais afincio, olhando de soslaio para Delamarche. Esse, andava de um lado para o outro até onde o cômodo permitia, martelando o chão com as suas pisadas, e com certeza, se dependesse dele, teria adorado dar uma boa surra em Karl e Robinson.

“Delamarche!”, gritou Brunelda. “Venha me enxugar, pelo menos! Esses dois não vão encontrar o perfume mesmo, só vão desarrumar tudo. É para eles pararem de procurar imediatamente. Agora! E largar tudo o que têm em mãos! E não tocar em mais nada! Eles querem transformar o apartamento num chiqueiro. Se não pararem, agarre-os pelo colarinho, Delamarche! Mas continuam a mexer em tudo, agora mesmo caiu uma caixa. Eles não devem pegá-la, que deixem tudo do jeito que está e saiam do quarto! Tranque a porta atrás deles e venha para cá. Já estou deitada tempo demais na água, minhas pernas já estão frias.”

“Já vou, Brunelda, já vou!”, exclamou Delamarche e se apressou em levar Karl e Robinson até a porta. Mas antes de dispensá-los, ordenou-lhes que providenciassem o café da manhã e, se possível, conseguissem emprestado de alguém um bom perfume para Brunelda.

“Esse apartamento de vocês está uma bagunça e uma sujeira só!”, disse Karl lá fora, no corredor, “Assim que voltarmos com o café da manhã, teremos de começar com a arrumação”.

“Se não fossem minhas indisposições!”, disse Robinson. “E o tratamento!” Com certeza, Robinson sentia-se magoado por ver que Brunelda não fazia a menor distinção entre ele, que já a servia há meses, e Karl, que começara apenas na véspera. Mas estava tendo o que merecia, e Karl disse: “Você tem de se controlar um pouco”. Para não o deixar completamente entregue ao desespero, acrescentou: “Será só uma vez. Vou arrumar um canto atrás do armário para você ficar deitado. Depois que tudo estiver um pouco mais arrumado, você vai poder ficar deitado lá o dia inteiro, sem precisar se preocupar com nada, e logo estará bem”.

“Agora compreende a minha situação”, disse Robinson, afastando o seu rosto de Karl, para ficar sozinho consigo e seu sofrimento. “Mas será que vão me deixar ficar deitado em paz?”

“Se você quiser, eu mesmo falarei com Delamarche e Brunelda sobre isso.”

“E Brunelda tem consideração por alguém?”, exclamou Robinson, empurrando com o punho a porta que tinham alcançado, sem que tivesse prevenido Karl.

Entraram em uma cozinha, de cujo fogão, que parecia precisar de conserto, subiam nuvenzinhas quase negras. Uma das mulheres, que Karl vira no dia anterior no corredor, estava ajoelhada em frente da porta do fogão e, com as mãos sem qualquer proteção, colocava grandes pedaços de carvão no fogo, empurrando-os para todos os lados. Suspirava em sua posição ajoelhada, desconfortável para uma mulher idosa.

“É claro que não podia faltar essa praga”, disse ela ao ver Robinson. Levantou-se com dificuldade, apoiando a mão na caixa de carvão e fechou a porta do fogão, cujo trinco embrulhara no avental. “Agora, às quatro horas da tarde”— Karl olhou o relógio da cozinha espantado — “é que querem tomar café da manhã? Que gente! Sentem-se”, disse em seguida, “e esperem até que eu tenha tempo para vocês”.

Robinson arrastou Karl até um banquinho perto da porta e lhe segredou: “Temos de obedecer. Dependemos dela. Foi ela que nos alugou o nosso quarto e naturalmente pode nos colocar no olho da rua a qualquer momento. Mas não podemos mudar de apartamento, como podemos transportar novamente todas as coisas, e principalmente Brunelda, que não é nada transportável”.

“E não há nenhum quarto disponível nesse mesmo corredor?”, perguntou Karl.

“Ninguém nos aceitaria”, respondeu Robinson. “No prédio inteiro, não há quem nos aceite.”

Então, permaneceram sentados em silêncio no banquinho e esperaram. A mulher continuou correndo de lá para cá, entre duas mesas, uma pia e o fogão. De suas exclamações depreendia-se que sua filha estava indisposta e que ela, portanto, precisava dar conta sozinha de todo serviço, ou seja, providenciar o atendimento e a alimentação de trinta inquilinos. Além disso, o fogão também estava com defeito, a comida demorava muito para ficar pronta. Em duas panelas enormes preparava-se uma sopa espessa, e por mais que a mulher a examinasse com as conchas, deixando-a escorrer de uma certa altura, a sopa nunca atingia o ponto, a culpa deveria ser do fogo ruim e, assim, sentava-se no chão, na frente da porta do fogão e remexia o carvão incandescente com o atizador: a fumaça que enchia a cozinha provocava-lhe um acesso de tosse que, às vezes, se intensificava tanto que ela se agarrava a uma cadeira e, durante minutos, nada fazia além de tossir. Com frequência fazia comentários que naquele dia não serviria mais o café da manhã porque não tinha tempo nem vontade. Como Karl e Robinson tinham, por um lado, recebido ordem para buscar o café da manhã e, por outro, não podiam obtê-lo à força, não respondiam a essas observações e permaneciam sentados em silêncio, como antes.

Em volta deles, nas cadeiras e nos bancos, em cima e embaixo das mesas, e até mesmo amontoada em um canto, ainda estava espalhada a louça suja do café da manhã dos inquilinos. Havia jarros nos quais se poderia encontrar restos de café ou leite, em alguns pratinhos ainda havia sobras de manteiga, de uma lata grande os biscoitos haviam rolados para longe. Com tudo aquilo era possível preparar um café da manhã para Brunelda não botar defeito, desde que não soubesse a sua origem. Enquanto Karl ponderava tudo isso, e um olhar para o relógio mostrava-lhe que não só já esperavam lá há meia hora, mas também que Brunelda poderia se enfurecer e incitar Delamarche contra os criados, a mulher exclamou no meio de um acesso de tosse — fixando o olhar para Karl —: “Podem ficar sentados aqui, mas não terão mais café da manhã. Em compensação, o jantar vai sair daqui a duas horas”.

“Venha, Robinson”, disse Karl, “vamos montar nós mesmos o nosso café da manhã”. “O quê?”, exclamou a mulher, com a cabeça baixa. “Por favor, seja razoável”, disse Karl, “por que a senhora não nos quer dar o café da manhã? Nós já esperamos meia hora, isso é tempo suficiente. Nós lhe pagamos tudo, e com certeza pagamos melhor do que qualquer outra pessoa. Que tomemos o café da manhã tão tarde, é natural que a incomode, mas somos seus inquilinos, temos o hábito de tomar o café da manhã tarde e a senhora também precisa se adaptar um pouco a nós. Hoje talvez isso lhe seja difícil especialmente por causa da doença da sua filha, mas estamos dispostos a montar o nosso café da manhã com as sobras, se não houver outro jeito e a senhora não nos der comida fresca”.

Porém, a mulher não queria se envolver com ninguém numa conversa amena, para esses inquilinos até as sobras do café da manhã já lhe pareciam boas demais; mas, por outro lado, já estava farta de ser importunada pelos dois criados, por isso, pegou uma vasilha e empurrou-a contra o corpo de Robinson, que só depois de um tempo, com um rosto lastimoso, compreendeu que era para segurá-la para receber a comida que a mulher ia escolher. Ela, então, encheu a vasilha apressadamente com um monte de coisas, mas tudo parecia muito mais uma pilha de louça suja do que um café da manhã que acabava de ser servido. Enquanto a mulher ainda os empurrava para fora e eles corriam para a porta encolhidos, como que temendo xingamentos ou empurrões, Karl tirou a vasilha das mãos de Robinson, em cujas mãos ela não lhe parecia suficientemente segura.

Karl sentou-se com a vasilha no chão do corredor, depois que eles se afastaram suficientemente da porta da senhoria, para, antes de mais nada, limpar o recipiente, reunir os itens pertinentes, ou seja, juntar todos os restos de leite, reunir as sobras de manteiga em um prato, eliminar em seguida todos os sinais de uso, limpando as facas e as colheres, acertando com a faca os pãozinhos mordidos para que o conjunto apresentasse uma aparência mais atraente. Robinson achava esse trabalho desnecessário, alegando que o café da manhã, muitas vezes, tinha um aspecto bem pior, mas Karl não se deixou desviar do seu propósito e ainda sentiu-se grato por Robinson, com os dedos sujos, não querer participar do trabalho. Para que sossegasse, Karl lhe deu prontamente, alguns biscoitos e a camada espessa de uma caneca, antes cheia de chocolate, dizendo-lhe, no entanto, que era a única vez a que tinha direito.

Quando chegaram à entrada do apartamento e Robinson sem mais delongas pôs a mão no trinco, Karl o deteve, pois não tinha certeza se a entrada estava permitida. “Fique tranquilo”, disse Robinson, “agora ele só a está penteando”. E, de fato, Brunelda estava sentada na poltrona, com as pernas bem abertas, no quarto ainda fechado e sem ventilação, e Delamarche, de pé atrás dela, com o rosto muito inclinado, penteava-lhe o cabelo curto, que devia estar muito emaranhado. Brunelda usava novamente um vestido solto, só que dessa vez rosa-pálido, talvez um pouco mais curto que o do dia anterior, pelo menos podia-se ver o branco das grossas meias de malha quase até os joelhos. Impaciente com o tempo que Delamarche levava para penteá-la, Brunelda passava a língua grossa e vermelha entre os lábios e, às vezes, afastava a cabeça de repente, exclamando: “Mas Delamarche!”, enquanto ele esperava calmamente, com o pente levantado, até que ela tornasse a encostar a cabeça.

“Que demora”, observou Brunelda, dirigindo-se aos dois de modo geral, e a Karl em particular, disse: “Precisa ser um pouco mais rápido, se quiser que fiquemos satisfeitos com você. Não tome o preguiçoso e comilão do Robinson como exemplo. Vocês já devem ter tomado café da manhã em algum lugar; afirmo-lhes que, da próxima vez, não vou tolerar

isso”.

Isso era muito injusto, e Robinson sacudiu a cabeça em sinal de reprovação e moveu os lábios, mas em silêncio, porém Karl reconheceu que a única maneira de conquistar os patrões era, sem dúvida, mostrando serviço. Por isso, puxou uma mesinha japonesa baixa que estava num canto, cobriu-a com uma toalha e arrumou os alimentos em cima dela. Quem sabia de onde saía o café da manhã dar-se-ia por satisfeito com o arranjo, mas tirando isso, como Karl teve de admitir para si mesmo, algumas coisas deixavam bastante a desejar.

Felizmente, Brunelda estava faminta. Balançava a cabeça expressando a sua satisfação com Karl, enquanto ele arrumava tudo, e muitas vezes o atrapalhava ao pegar, antes da hora, com sua mão macia e gorda, que não raro tudo esmagava, algum bocado para si. “Está se saindo bem”, disse ela, comendo ruidosamente, e fez Delamarche, que lhe metera o pente no cabelo, para depois continuar a penteá-la, se sentar numa cadeira ao seu lado. Também Delamarche tornou-se cordial à vista da comida, ambos estavam esfomeados, suas mãos corriam a torto e a direito por cima da mesa. Karl percebeu que, para contentá-los, só precisava trazer a maior quantidade possível de comida e, lembrando-se de que ainda deixara tantos alimentos aproveitáveis no chão da cozinha, disse: “Da primeira vez não sabia como preparar tudo, da próxima vez farei melhor”. Mas, enquanto ainda estava falando, lembrou-se de com quem falava, deixara-se entusiasmar demais pela tarefa. Brunelda assentiu satisfeita com a cabeça na direção de Delamarche e, como recompensa, entregou um punhado de biscoitos a Karl.

FRAGMENTOS

A PARTIDA DE BRUNELDA

Certa manhã, Karl empurrou o carrinho, em que Brunelda estava sentada, pelo portão da frente. Já não era tão cedo como ele desejara. Haviam concordado em sair ainda à noite para não chamarem a atenção nas ruas, o que teria sido inevitável durante o dia, por mais que Brunelda pretendesse cobrir-se modestamente com uma grande manta cinzenta. Mas o transporte escadas abaixo demorara demais, apesar da ajuda bem-disposta do estudante, que era muito mais fraco que Karl, como ficou claro na ocasião. Brunelda demonstrou muita coragem, raramente suspirava e tentava facilitar o trabalho deles de todas as maneiras. Mas não havia outra solução do que colocá-la no chão a cada cinco degraus de escada, para proporcionar a eles mesmos e a ela o tempo necessário para o descanso. Era uma manhã fresca, nos corredores soprava uma brisa fria, como sucede nos porões, mas Karl e o estudante estavam cobertos de suor e durante os intervalos de descanso cada um tinha de usar uma ponta da manta de Brunelda, que, diga-se de passagem, estendia-a gentilmente a eles, para enxugar o rosto. E, assim, só chegaram duas horas mais tarde lá embaixo, onde o carrinho já se encontrava desde a noite anterior. Acomodar Brunelda ali ainda deu algum trabalho, mas depois disso podia se considerar a empreitada como bem-sucedida, porque empurrar o carro não deveria ser difícil graças às rodas altas, e só restava o receio de que o carro desmontasse sob o peso de Brunelda. Mas era necessário correr esse risco, não era possível levar um carro sobressalente, embora o estudante houvesse se oferecido meio de brincadeira para providenciar e empurrar um desses. Seguiu-se a despedida do estudante, que foi até bastante cordial. Todas os desentendimentos entre Brunelda e o estudante pareciam esquecidos; ele até se desculpou com Brunelda pela antiga ofensa que cometera contra ela durante a sua doença, mas Brunelda disse que tudo isso já fora esquecido havia muito tempo e mais do que compensado. Por último, pediu ao estudante que aceitasse como lembrança dela um dólar, que ela laboriosamente procurou no meio de suas muitas saias. Esse presente era especialmente significativo, dada a notória mesquinhez de Brunelda; o estudante ficou tão contente que até jogou a moeda para o alto. Mas em seguida teve de procurá-la no chão, e Karl teve de ajudá-lo;

finalmente Karl a encontrou embaixo do carro de Brunelda. A despedida entre o estudante e Karl naturalmente foi bem mais simples, eles apenas expressaram a convicção de que voltariam a se encontrar e de que, então, pelo menos um deles — o estudante desejava isso a Karl e Karl ao estudante — teria conseguido realizar algo digno de nota, o que infelizmente até agora não se concretizara. Então, Karl, com bastante ânimo, agarrou o cabo do carro e o empurrou para fora do portão. O estudante os seguiu com o olhar enquanto pôde vê-los, e acenou com um pano. Karl, olhando para trás, agradeceu-lhe muitas vezes com a cabeça, e Brunelda também teria gostado de se virar, mas tais movimentos eram exaustivos demais para ela. Para lhe possibilitar, apesar disso, um último adeus, Karl fez o carrinho girar sobre si no fim da rua, para que também Brunelda pudesse ver o estudante, que aproveitou a oportunidade para agitar o lenço com especial entusiasmo.

Mas logo Karl disse que não poderiam mais parar, pois o caminho era longo e tinham saído bem mais tarde do que planejaram. De fato, já se viam alguns veículos aqui e ali e, embora ainda isoladamente, pessoas que iam para o trabalho. Com essa observação Karl quis dizer literalmente o que de fato disse, mas a suscetibilidade de Brunelda fez com que ela a entendesse de forma diferente e cobriu-se então completamente com a manta cinza. Karl não se opôs; coberto com a manta cinza, o carrinho de fato já chamava bastante a atenção, mas incomparavelmente menos do que se Brunelda estivesse descoberta. Conduzia o carrinho com muito cuidado; antes de virar a esquina, observava a rua seguinte, chegando até a parar o carro quando necessário, adiantando-se alguns passos sozinho. Caso previsse algum encontro desagradável, esperava até o poder evitar ou até escolhia um caminho por uma rua totalmente diferente. Mesmo assim, nunca corria o risco de desviar-se significativamente, já que havia analisado todos os caminhos possíveis de antemão. Se bem que apareceram-lhes obstáculos, que, na verdade, seriam de recear, mas não haviam sido previstos em detalhes. Foi assim que surgiu, de repente, numa rua que ascendia levemente, podia ser abarcada com o olhar até uma grande distância e, felizmente, estava completamente vazia — uma vantagem que Karl tentou aproveitar com a maior rapidez —, do canto escuro do portão de uma casa, um policial e perguntou a Karl o que ele transportava no carro, tão cuidadosamente coberto. Mas, por mais que tivesse encarado Karl com severidade, viu-se obrigado a sorrir quando levantou a manta e deu com o rosto ruborizado e apavorado de Brunelda. “Como?”, disse ele. “Pensei que carregava uns dez sacos de batatas, e afinal é só uma mulher? Para onde vão? Quem são vocês?” Brunelda nem se atrevia a olhar para o policial, só olhava para Karl, nitidamente convencida de que nem ele seria capaz de salvá-la. Mas Karl já tinha experiência suficiente com policiais, a situação não lhe parecia muito perigosa. “Mostre, por gentileza”, disse ele “o documento que a senhorita

recebeu”. “Pois não”, disse Brunelda, começando a busca de uma maneira tão desesperada que realmente devia parecer suspeita. “A senhorita”, disse o policial com ironia indubitável, “não encontrará o documento”. “Oh, sim!”, disse Karl calmamente, “com certeza tem o documento, só não sabe onde o colocou”. Ele próprio começou a procurar o documento e realmente o tirou das costas de Brunelda. O policial apenas o examinou ligeiramente. “Ei-lo, portanto”, disse o policial sorrindo. “Então essa senhorita aqui é a senhorita mesmo? E você, garoto, é quem cuida do negócio e do transporte? Você realmente não encontrou um trabalho melhor?” Karl apenas deu de ombros, era mais uma das já conhecidas intromissões da polícia. “Bem, boa viagem”, disse o policial, ao não receber resposta. As palavras do policial provavelmente indicavam desprezo, em compensação também Karl seguiu em frente sem despedir-se, o desprezo da polícia era preferível à sua atenção.

Pouco depois, teve um encontro talvez ainda mais desagradável, quando foi abordado por um homem que empurrava uma carroça com grandes latões de leite e morria de curiosidade para saber o que havia no carrinho de Karl, debaixo da manta cinza. Não era provável que o seu caminho fosse o mesmo que o de Karl, mas mesmo assim manteve-se a seu lado, por mais que Karl desviasse do caminho por atalhos inusitados. No começo contentava-se com exclamações como por exemplo “Você deve ter uma carga pesada!” ou “Você não carregou o seu carro direito, pode cair alguma coisa do topo!” Mais tarde, porém, já perguntava diretamente: “O que há debaixo da manta?” Karl disse: “Isso é da sua conta?” Mas como isso deixou o homem ainda mais curioso, Karl disse finalmente: “Maças”. “Tantas maçãs!” disse o homem com espanto e não parou com essa exclamação. “Mas isso é uma safra inteira”, disse ele. “Pois é”, disse Karl. Porém, seja porque não acreditasse em Karl, seja porque quisesse irritá-lo, foi ainda mais longe: começou a estender a mão, como que por brincadeira — tudo isso durante o percurso — na direção da manta, atrevendo-se finalmente até a dar um puxão nela. O que Brunelda tinha de suportar! Por consideração a ela, Karl não queria discutir com o homem e empurrou o carro para dentro do primeiro portão que encontrou aberto, como se esse fosse seu destino. “Eu moro aqui”, disse ele. “Obrigado pela companhia”. O homem parou espantado na frente do portão e seguiu Karl, que se dispôs tranquilamente a atravessar todo o primeiro pátio, caso isso fosse necessário, com o olhar. O homem já não podia duvidar, mas para satisfazer sua maldade uma última vez, parou sua carroça, correu na ponta dos pés atrás de Karl e puxou a manta com tanta força que quase descobriu o rosto de Brunelda. “Para que suas maçãs possam respirar”, disse ele, e voltou correndo. Até isso Karl ainda tolerou, porque livrava-o definitivamente do sujeito. Em seguida, levou o carrinho a um canto do pátio, onde havia alguns caixotes grandes e vazios, sob cuja proteção queria dizer algumas palavras tranquilizadoras a Brunelda, que continuava

debaixo de sua manta. Mas levou um longo tempo para persuadi-la, pois ela estava debulhada em lágrimas e implorava encarecidamente que ficassem aqui, atrás dos caixotes, durante o dia inteiro e só continuassem a sua viagem à noite. Talvez ele sozinho não a tivesse convencido do equívoco que teria sido, mas quando, do outro lado da pilha, alguém jogou um caixote vazio no chão, provocando um enorme estrondo que ecoou no pátio vazio, ela ficou tão assustada que, sem ousar dizer mais uma palavra, cobriu-se com a manta e provavelmente ficou muito contente quando Karl decidiu retomar a jornada na mesma hora.

As ruas agora estavam ficando cada vez mais movimentadas, mas o carrinho não chamava tanta a atenção quanto Karl recebera. Talvez tivesse sido até mais sensato escolher uma outra hora para o transporte. Se essa viagem se fizesse necessária novamente, Karl se arriscaria a empreendê-la ao meio-dia. Sem maiores transtornos, finalmente adentrou o beco estreito e escuro onde ficava a empresa nº 25. O administrador estrábico estava plantado na frente da porta, com o relógio na mão. “Costuma ser sempre assim tão pouco pontual?”, perguntou. “Encontrei vários obstáculos”, explicou Karl. “É sabido que existem”, disse o administrador. “Mas aqui no nosso estabelecimento eles não contam. Lembre-se disso!” Karl já nem mais prestava atenção nesses sermões, cada qual aproveitava o seu poder para insultar o seu inferior. Uma vez que a gente se acostuma, não soa diferente do som regular das batidas do relógio. Mas, quando empurrou o carro para dentro do corredor, assustou-se com a sujeira que ali reinava e que, aliás, de certo modo já esperava. Vista mais de perto, não era uma sujeira palpável. O chão de pedra do corredor apresentava-se quase bem varrido, a pintura das paredes não era velha, as palmeiras artificiais estavam apenas um pouco empoeiradas e, mesmo assim, tudo oferecia um aspecto enebado e repugnante, era como se tivessem feito um mau uso de tudo e como se não houvesse limpeza possível capaz de corrigir aquela sujeira. Quando chegava a algum lugar, Karl gostava de pensar o que se poderia ser melhorar e a alegria que teria em pôr a mão na massa imediatamente, sem levar em conta o trabalho talvez infinito que teria. Porém ali não sabia o que fazer. Lentamente afastou o pano de cima de Brunelda. “Bem-vinda, senhorita”, disse o administrador com afetação, não havia dúvidas de que Brunelda lhe causara uma boa impressão. Assim que Brunelda se apercebeu disso, ela soube, como Karl constatou satisfeito, tirar proveito da situação. Todo o receio das últimas horas dissipou-se.

O TEATRO NATURAL DE OKLAHOMA

Na esquina de uma rua, Karl viu um cartaz com a seguinte inscrição: “Hoje, das seis horas da manhã até a meia-noite, no hipódromo de Clayton, haverá seleção de pessoal para o Teatro de Oklahoma! O Grande Teatro de Oklahoma está convocando vocês! A convocação é só hoje e acontece uma única vez! Quem perder essa oportunidade agora, a perderá para sempre! Quem pensa no seu futuro, pertence a nosso grupo! Todos são bem-vindos! Quem quiser ser artista, que se apresente! Somos o teatro que acolhe todos, cada qual em seu lugar! Parabenizamos aqui mesmo quem nos escolheu! Mas apressem-se, para serem admitidos até a meia-noite! À meia-noite encerra-se a seleção, que não mais reabrirá! Maldito seja quem não acredita em nós. Venham para Clayton!”.

Muitas pessoas liam o cartaz, entretanto, ele não parecia despertar grande entusiasmo. Havia tantos cartazes que neles ninguém mais acreditava. E esse em especial era ainda menos convincente do que costumam ser. Tinha, sobretudo, um grande defeito: nele não constava uma palavrinha sequer sobre o pagamento. Certamente que o cartaz faria alguma referência a pagamento, se tivesse valor, por pouco que fosse, que valesse a pena; não teriam esquecido do detalhe mais atraente. Ninguém queria ser artista, mas todos queriam ser pagos pelo seu trabalho.

Para Karl, no entanto, o cartaz continha um grande atrativo. Nele constava: “todos são bem-vindos”. Todos; portanto, isso incluía Karl. Tudo o que fizera até agora seria esquecido, ninguém o censuraria por isso. Poderia candidatar-se a um trabalho que não era vergonhoso, para o qual se era convidado publicamente! E a promessa de que o aceitariam era igualmente pública. Não exigia nada mais do que isso, queria finalmente encontrar o começo de uma carreira decente, e talvez ali se abrisse a possibilidade. Não importava que o tom grandiloquente do cartaz fosse mentiroso e que o grande teatro de Oklahoma fosse um pequeno circo itinerante, ele procurava integrantes, e isso era o suficiente. Karl não releu o cartaz, mas procurou novamente a frase: “Todos são bem-vindos”.

Inicialmente, pensou em ir a pé para Clayton, mas seriam três horas de uma dura caminhada e ademais poderia chegar justamente a tempo de receber a notícia de que todas as vagas disponíveis já estavam preenchidas. É verdade que, a julgar pelo cartaz, o número de vagas era ilimitado, mas esse tipo de oferta de emprego sempre era redigido dessa forma. Karl reconheceu que, ou desistia da vaga ou teria de usar algum transporte público. Contou o seu dinheiro — sem essa viagem, duraria oito dias — empurrando as pequenas moedas de um lado para o outro na palma da

mão. Um senhor que o observava bateu-lhe no ombro e disse: “Boa sorte na viagem até Clayton”. Karl assentiu em silêncio com a cabeça e continuou contando. Mas rapidamente decidiu-se, separou o dinheiro necessário para a viagem e correu para a estação do metrô.

Quando chegou a Clayton, ouviu o barulho de muitas trombetas. Era um ruído ensurdecedor, as trombetas não eram tocadas harmoniosamente, eram, na verdade, sopradas de qualquer jeito. Mas isso não incomodou Karl, era a confirmação de que o teatro de Oklahoma era uma grande empresa. Porém, quando saiu do prédio da estação e seu olhar abarcou toda a instalação à sua frente, percebeu que tudo era ainda muito maior do que pudera jamais imaginar e não entendeu como uma empresa, apenas com o propósito de contratação de pessoal, poderia incorrer em tais despesas. Na frente da entrada do hipódromo fora montado um palco comprido e baixo em que centenas de mulheres vestidas de anjos, em vestes brancas com grandes asas nas costas, sopravam longas trombetas douradas. Porém, não se encontravam diretamente em cima do palco, cada uma ocupava um pedestal invisível, porque os longos tecidos ondulantes das roupas dos anjos o envolviam por completo. Como os pedestais eram muito altos, atingindo provavelmente até dois metros de altura, as figuras das mulheres pareciam gigantescas, apenas suas cabeças, muito pequenas, contrariavam um pouco essa impressão descomunal e também o cabelo caído para os lados, que pendia solto, curto demais e quase ridículo entre as grandes asas. Para não dar uma impressão de uniformidade, empregaram pedestais dos mais variados tamanhos; havia mulheres muito baixas, não muito acima do tamanho natural, enquanto ao seu lado outras se elevavam a uma tal altura que se acreditava que a mais leve rajada de vento as colocaria em perigo. E todas essas mulheres tocavam os instrumentos. Não havia muitos espectadores. Cerca de dez rapazes, pequenos em comparação com aquelas figuras agigantadas, andavam para cá e para lá na frente do palco e olhavam para as mulheres. Apontavam uma ou outra para os companheiros, mas não pareciam ter a intenção de entrar e se candidatar. Via-se apenas um único homem mais velho aguardando de pé, um pouco afastado. Ele trouxera sua esposa e um filho no carrinho de bebê. A mulher segurava o carrinho com uma das mãos e com a outra se apoiava no ombro do homem. Embora admirassem o espetáculo, percebia-se que estavam desapontados. Provavelmente tinham esperado encontrar uma oportunidade de emprego, mas o ruído de todos aqueles instrumentos os deixava confusos. Karl estava na mesma situação. Aproximou-se do homem, escutou um pouco as trombetas e então disse: “É aqui que se faz admissão para o teatro de Oklahoma?”

“Foi o que também pensei”, disse o homem, “mas já estamos esperando aqui faz uma hora e não ouvimos nada além das trombetas. Não se vê nenhum cartaz, nenhum mensageiro, ninguém que possa dar qualquer informação”.

Karl disse: “Talvez esperem até aumentar o número de candidatos. Aqui realmente ainda são muito poucos”.

“É possível”, disse o homem, e ficaram novamente em silêncio. Também era difícil entender o que se dizia com todo aquele barulho das trombetas. Mas, então, a mulher sussurrou algo para seu marido, ele assentiu, e ela imediatamente perguntou a Karl, “Você não poderia ir até o hipódromo e perguntar onde se faz a inscrição?”.

“Posso”, disse Karl, “mas eu teria de passar pelo palco, por entre os anjos”.

“Isso é tão difícil assim?”, perguntou a mulher.

Para enviar Karl, o caminho lhe parecia fácil, mas não queria mandar o seu marido.

“Está bem”, disse Karl, “eu vou”.

“Você é muito prestativo”, disse a mulher, e ela e seu marido deram a mão a Karl.

Os rapazes se juntaram para ver de perto como Karl subia no palco. Era como se então as mulheres agora tocassem mais forte para cumprimentar o primeiro candidato ao emprego. Mas aquelas por cujo pedestal Karl passava tiravam até as trombetas da boca e inclinavam-se para o lado para ver para onde ele ia. Do outro lado do palco, Karl viu um homem andando inquieto de um lado para o outro, aparentemente esperando que as pessoas o encontrassem, para dar-lhes todas as informações que alguém poderia desejar. Karl já se encaminhava na sua direção, quando ouviu uma voz chamar o seu nome lá de cima.

“Karl!”, chamou o anjo. Karl olhou para cima e começou a rir, feliz com a surpresa. Era Fanny.¹

“Fanny!”, exclamou ele, cumprimentando-a com a mão.

“Venha cá!”, chamou Fanny. “Você não pode simplesmente passar assim por mim!” E ela abriu os panos para que o pedestal e uma estreita escada que levava para cima ficasse visível.

“É permitido subir?”, perguntou Karl.

“Quem vai nos proibir de apertarmos as mãos?”, exclamou Fanny e olhou em volta com raiva, para ver se já aparecia alguém que pudesse impedi-los de se cumprimentar. Mas Karl já estava subindo as escadas.

“Mais devagar!”, gritou Fanny. “Você vai derrubar o pedestal e nós dois!” Mas nada aconteceu e Karl chegou felizmente ao último degrau. “Olhe”, disse Fanny depois que eles se cumprimentaram, “olhe só o trabalho que arrumei”.

“Que bom”, disse Karl, olhando em volta. Todas as mulheres ao redor tinham percebido a sua presença e soltavam risadinhas. “Você é quase a mais alta”, disse Karl e estendeu a mão para medir a altura das outras.

“Eu logo o vi”, disse Fanny, “quando saiu da estação, mas infelizmente estou na última fila aqui, ninguém me vê e chamar também não podia. Até soprei com muita força, mas você não me reconheceu”.

“Vocês todas tocam muito mal”, disse Karl, “deixe-me tocar uma vez”.

“Certamente”, disse Fanny, entregando-lhe a trombeta, “mas não estrague o coro, senão serei demitida”.

Karl começou então a soprar; pensara que era uma trombeta rudimentar, daquelas destinadas apenas a fazer barulho, mas agora dava para perceber que era um instrumento capaz de executar quase todas as variedades de som. Se todos os instrumentos eram feitos da mesma forma, estavam decerto sendo usados inadequadamente. Sem permitir que o barulho das outras o atrapalhasse, Karl tocava a plenos pulmões uma canção que ouvira certa vez em uma taverna de algum lugar. Estava feliz não só por ter encontrado uma velha amiga, como também por ter a regalia de tocar a trombeta e, possivelmente, em breve conseguir ali uma boa colocação. Muitas mulheres pararam de tocar e passaram a escutá-lo; quando ele se interrompeu de repente, mal a metade das trombetas estava em ação, só pouco a pouco o barulho de todas elas se restabeleceu totalmente.

“Você é mesmo um artista”, disse Fanny quando Karl lhe devolveu a trombeta. “Inscreva-se como trompetista.”

“Eles também aceitam homens?”, perguntou Karl.

“Sim”, respondeu Fanny, “nós tocamos durante duas horas. Então somos substituídas por homens vestidos de demônios. Metade toca trombeta, a outra faz a percussão. É muito bonito, como, aliás, todo o espetáculo é muito precioso. Nossa roupa também é uma beleza, não acha? E as asas, então?” E abaixou seu olhar para sua vestimenta.

“Você acha”, perguntou Karl, “que também conseguirei um emprego?”

“Com toda a certeza”, disse Fanny, “esse é o maior teatro do mundo. Que bom que estaremos juntos novamente! No entanto, isso depende de que trabalho você vai conseguir. É possível que nós nem nos encontremos, mesmo estando os dois empregados aqui”.

“Esse empreendimento é realmente tão grande assim?”, perguntou Karl.

“É o maior teatro do mundo”, disse Fanny novamente, “na verdade, eu mesma ainda não o vi, mas algumas das minhas colegas que já estiveram em Oklahoma dizem que é quase sem fim”.

“Entretanto, não há muitos candidatos”, disse Karl, apontando para os rapazes e a pequena família.

“Isso é verdade”, disse Fanny. “Considere, no entanto, que estamos contratando pessoas em todas as cidades, que nossa equipe de recrutamento viaja constantemente e que ainda há muitas outras equipes desse tipo.”

“O teatro ainda não foi inaugurado?”, perguntou Karl.

“Oh, já, já”, disse Fanny. “É um teatro antigo, mas é ampliado

constantemente”.

“Estou surpreso”, disse Karl, “que não haja mais interessados”.

“Sim”, disse Fanny, “é estranho”.

“Talvez”, disse Karl, “esse grande cenário de anjos e demônios mais afaste do que atraia”.

“De onde é que você tirou essa ideia!”, Fanny disse. “Mas é possível. Diga isso ao nosso chefe, talvez você possa ser-lhe útil.”

“Onde ele está?”, perguntou Karl.

“Na pista de corridas”, disse Fanny, “na tribuna dos árbitros”.

“Também isso me surpreende”, disse Karl, “por que a contratação é feita no hipódromo?”

“Bem”, explicou Fanny, “em todos os lugares, fazemos sempre os maiores preparativos, preparando-nos para o maior fluxo de pessoas possível. Há bastante espaço na pista. E em todos os guichês, onde se costuma fazer as apostas, foram montados os postos de seleção. Deve haver uns duzentos postos diferentes”.

“Mas”, exclamou Karl, “o teatro de Oklahoma dá tanto lucro assim para manter toda essa equipe de recrutamento?”

“O que nos importa isso?”, respondeu Fanny. “Mas agora vá, Karl, para não desperdiçar a oportunidade; eu também preciso voltar a tocar. Tente, de qualquer forma, conseguir uma colocação nessa trupe e venha me contar em seguida. Lembre-se de que fico aguardando a notícia ansiosamente.”

Apertou-lhe a mão, recomendou-lhe cuidado ao descer e levou a trombeta novamente à boca, mas não voltou a tocar, antes de ver Karl em segurança no chão. Karl recolocou as vestes da amiga ao redor da escada, assim como as encontrara. Fanny agradeceu com um aceno de cabeça e Karl, enquanto refletia de diversas maneiras sobre o que acabara de ouvir, foi ao encontro do homem que já o vira lá em cima com Fanny e se aproximara do pedestal para esperar por ele.

“O senhor quer se juntar a nós?”, perguntou-lhe o homem. “Sou o gerente de pessoal desta trupe e quero dar-lhe as boas-vindas.” Sempre um pouco inclinado para a frente, como que por cortesia, saltitava, embora sem sair do lugar, e brincava com a corrente de seu relógio.

“Obrigado”, disse Karl, “li o cartaz da sua empresa e estou-me apresentando de acordo com as instruções”.

“Muito bem”, disse o homem, com satisfação, “infelizmente nem todos se comportam com tanta propriedade”.

Karl chegou a pensar que poderia alertá-lo naquele momento de que era possível que os métodos de atração da empresa de recrutamento falhassem justamente por causa de sua grandiosidade. Mas não disse nada, porque o homem sequer era o chefe da equipe e, além disso, não teria sido muito apropriado que ele, que ainda nem sequer fora contratado, já fizesse sugestões de possíveis melhorias. Portanto, disse apenas: “Há outro

candidato esperando do lado de fora que também quer se inscrever e apenas me enviou à sua frente. Posso ir buscá-lo agora?”

“Naturalmente”, disse o homem, “quanto mais pessoas, melhor”.

“Ele está com a esposa e uma criança no carrinho de bebê. Podem vir também?”

“Naturalmente”, disse o homem e pareceu sorrir da dúvida de Karl. “Nós temos lugar para todos”.

“Já volto”, disse Karl, retornando depressa para a beirada do palco. Acenou ao casal e gritou-lhes que todos deveriam vir. Ajudou a colocar o carrinho do bebê no palco e eles passaram a andar juntos. Os rapazes que observavam tudo conversaram entre si, subiram então lentamente para o palco com as mãos nos bolsos, hesitando até o último momento, e finalmente seguiram Karl e a família. Nesse momento, saíram novos passageiros da estação do metrô que, ao verem o palco com os anjos, ergueram os braços, admirados. Afinal, parecia que a busca de vagas agora ia ficar mais animada. Karl estava muito contente por ter chegado tão cedo, talvez em primeiro lugar, o casal estava com receio e fez várias perguntas, querendo saber se seriam feitas grandes exigências. Karl respondeu-lhes que ainda não sabia de nada, mas que realmente tivera a impressão de que todos, sem exceção, seriam aceitos. Acreditava que eles poderiam ficar confiantes.

O gerente de pessoal veio ao encontro deles. Estava muito satisfeito com tantos candidatos, esfregava as mãos, cumprimentava cada um com uma pequena reverência e colocou-os todos em uma fila. Karl era o primeiro, depois vinha o casal e só então os outros. Quando todos estavam posicionados — os rapazes primeiro se amontoaram confusamente e demorou um pouco antes que voltasse a reinar a paz entre eles — o gerente de pessoal disse enquanto as trombetas silenciavam: “Em nome do teatro de Oklahoma, quero-lhes dar as boas-vindas. Como chegaram cedo”, (embora já fosse quase meio-dia), “a aglomeração ainda não é grande, por isso as formalidades da admissão serão resolvidas logo. Naturalmente trouxeram todos os seus documentos de identidade”.

Os rapazes imediatamente tiraram alguns papéis de seus bolsos e acenaram com eles na direção do gerente de pessoal. O marido cutucou a esposa, que logo tirou um maço de papéis de debaixo do colchão do carrinho de bebê. Karl, no entanto, estava sem documentos. Isso seria um obstáculo à sua contratação? Apesar disso, Karl sabia por experiência (própria) que tais regras eram facilmente contornáveis, era só mostrar um pouco de determinação. Não era improvável. O gerente de pessoal inspecionou a fila, certificando-se de que todos tinham documentos, e, como também Karl levantara a mão, ainda que vazia, concluiu que tudo estava em ordem com ele também.

“Está bem”, disse então o gerente de pessoal, recusando os documentos dos rapazes, que queriam que os seus fossem examinados

imediatamente, “os documentos agora serão examinados nos postos de seleção. Como os senhores já puderam ler no nosso cartaz, podemos aproveitar todo mundo. Naturalmente, precisamos saber qual profissão cada um exerceu até agora para que possamos colocá-lo no lugar certo, onde possa utilizar o seu conhecimento”.

“Mas não é um teatro?”, pensou Karl, tomado pela dúvida, e acompanhando tudo com muita atenção.

“Por isso”, continuou o gerente de pessoal, “instalamos postos de admissão nos guichês das apostas, um posto para cada profissão. Cada um me dirá agora qual é a sua profissão, e a família, de modo geral, será incluída no posto de admissão do marido. Vou então encaminhá-los aos postos de seleção, onde primeiro seus papéis e depois sua experiência deverá ser verificada por profissionais. Será apenas um exame muito breve, ninguém precisa ficar com receio. Lá então serão contratados imediatamente e receberão as outras instruções. Começemos, então? Aqui, o primeiro posto de seleção é, como diz a inscrição, destinado a engenheiros. Será que há um engenheiro entre vocês?” Karl levantou a mão. Acreditava que, precisamente por não ter documentos, precisava se empenhar para apressar todas as formalidades o máximo possível, uma pequena justificativa também já tinha, uma vez que quisera ser engenheiro. Mas, quando os rapazes viram que Karl levantara a mão, ficaram com inveja e também levantaram todos a mão. O gerente de pessoal, endireitando-se, disse para os rapazes: “Vocês são engenheiros?”. Eles abaixaram lentamente as mãos; Karl, pelo contrário, insistiu em sua primeira resposta. O gerente de pessoal o olhou com desconfiança, porque Karl parecia-lhe muito malvestido e muito jovem para ser engenheiro, mas não disse mais nada, talvez por gratidão por ter sido Karl, pelo menos em sua opinião, quem tinha conduzido os candidatos até lá. Limitou-se apenas a apontar convidativamente para o guichê, e Karl para lá se dirigiu, enquanto o gerente de pessoal se voltava para os outros candidatos.

No posto de admissão de engenheiros, encontravam-se sentados dois senhores dos dois lados de uma escrivaninha retangular, comparando duas extensas listas diante deles. Um deles lia em voz alta, o outro riscava os nomes lidos em sua lista. Quando Karl se aproximou deles, cumprimentando-os, imediatamente deixaram as listas de lado e pegaram outros grandes livros, que abriram.

Um deles, aparentemente apenas um escriturário, disse: “Os seus documentos de identidade, por favor”.

“Infelizmente, não estão comigo”, disse Karl.

“Não estão com ele”, o escriturário disse ao outro cavalheiro e escreveu a resposta em seu livro.

“É engenheiro?”, perguntou então o outro, que parecia ser o chefe do posto de admissão.

“Ainda não”, disse Karl rapidamente, “mas —”

“Chega”, disse o cavalheiro ainda muito mais depressa, “então não é um de nós. Por favor, observe a placa”. Karl então cerrou os dentes; o chefe deve ter notado, pois disse: “Não há motivo para inquietação. Podemos aproveitar todo mundo”. E chamou um dos criados, que circulavam desocupados entre as barreiras: “Leve este cavalheiro até o posto de admissão para pessoas com conhecimentos técnicos”.

O criado seguiu a ordem à risca e pegou Karl pela mão. Passaram por muitos guichês, em um deles Karl viu um dos rapazes, que já fora admitido, apertar agradecido a mão dos cavalheiros que ali estavam. Como Karl previra, o procedimento do posto para o qual fora levado era semelhante ao do primeiro. Só que, ao tomarem conhecimento de que havia frequentado o ensino médio, o enviaram para o guichê de antigos alunos do ensino médio. Mas quando Karl disse que havia frequentado uma escola secundária europeia, também lá declararam que ele não estava no lugar certo e o encaminharam para o posto destinado a alunos do ensino médio europeu. Tratava-se de um guichê na margem mais externa, não apenas menor, mas ainda mais modesto do que todos os outros. O criado que o trouxera estava irritado com a demora do encaminhamento e as muitas recusas que, na sua opinião, eram culpa exclusiva de Karl. Ele não esperou mais até que as perguntas fossem feitas, e foi embora de imediato. Aliás, esse posto era provavelmente o último refúgio. Quando Karl viu o chefe desse posto, tomou um susto por causa da semelhança dele com um professor que provavelmente ainda continuava lecionando na *Realschule*, lá na sua terra. A semelhança, no entanto, como logo se pôde perceber, limitava-se a detalhes; mas os óculos que repousavam no nariz largo, a barba loira e cuidada como se fosse uma peça de um mostruário, as costas levemente curvadas e a voz alta que sempre soava inesperadamente ainda deixaram Karl intrigado durante algum tempo. Felizmente, não teve de prestar muita atenção porque esse posto funcionava de forma mais simples do que os outros. É verdade que também aqui registraram a falta dos seus documentos de identidade, o que o chefe qualificou como uma negligência incompreensível, mas o escriturário, que era quem dava as cartas ali, passou rapidamente por cima dessa questão e declarou, depois de algumas breves perguntas do chefe e enquanto este se preparava para uma pergunta mais importante, que Karl estava admitido. O chefe virou-se com a boca aberta para o escriturário, mas este, fazendo um gesto definitivo, disse “contratado” e logo registrou a decisão no livro. Aparentemente, o escriturário era da opinião que ser um aluno do ensino médio europeu era algo tão vergonhoso que quem afirmasse isto de si merecia crédito absoluto. Karl, de sua parte, não tinha nenhuma objeção, e assim se dirigiu até ele para agradecer-lhe. Mas ainda houve um pequeno atraso, quando lhe perguntaram o seu nome. Não respondeu de imediato, tinha certo receio de dizer o seu verdadeiro nome e permitir que o anotassem. Assim que conseguisse um emprego, por mais modesto que fosse, e o

desempenhasse a contento, poderiam saber o nome dele, mas não agora; ele ocultara-o tempo demais para revelá-lo agora. Como nenhum outro nome lhe ocorreu na hora, forneceu o nome pelo qual se tornara conhecido nos seus últimos empregos: “Negro”.

“Negro?”, perguntou o chefe, virando a cabeça e fazendo uma careta como se Karl agora tivesse alcançado o auge do absurdo. Também o escriturário observou Karl atentamente por um momento, depois repetiu “Negro” e anotou o nome.

“O senhor não escreveu Negro?”, gritou o chefe com o funcionário.

“Sim, Negro”, o funcionário disse calmamente e fez um gesto com a mão, como se agora conhecesse ao chefe providenciar o resto. O chefe recuperou o seu autocontrole, levantou-se e disse: “O senhor foi ...—“, mas não conseguiu continuar, não podia agir contra sua consciência. Sentou-se e disse: “Seu nome não é Negro”.

O escriturário arqueou as sobrancelhas, levantou-se também e disse: “Então comunico-lhe eu que você foi admitido para o teatro de Oklahoma e que agora será apresentado ao nosso diretor”.

Mais uma vez chamaram um criado, que levou Karl à tribuna dos árbitros.

No pé da escada, Karl viu o carrinho de bebê e nesse momento o casal descia os degraus, a mulher com a criança nos braços.

“Foi admitido?”, perguntou o homem, que estava muito mais animado do que antes, e também a mulher olhava sorrindo por cima do ombro dele. Quando Karl respondeu que acabara de ser contratado e estava indo se apresentar, o homem disse: “Parabéns, então! Nós também fomos contratados. Parece ser uma boa empresa, no entanto, a gente não se familiariza instantaneamente com tudo, mas é assim em toda parte”. Despediram-se e Karl subiu até a tribuna. Caminhou sem pressa, porque o pequeno cômodo lá no alto parecia estar lotado de pessoas e ele não queria ser invasivo. Até parou e contemplou o grande campo de corridas, que se estendia de todos os lados até longínquas florestas. Foi tomado pelo desejo de assistir a uma corrida de cavalos, algo que ainda não tivera oportunidade de ver na América. Na Europa, certa vez, quando ainda era garotinho, tinha sido levado para assistir a uma corrida, mas só se lembrava da mãe puxando-o por entre a multidão, que não queria abrir-lhes caminho. Então, na verdade, nunca tinha visto uma corrida. Atrás dele, o barulho de um instrumento se fez ouvir, virou-se e viu que no aparelho onde se costuma anunciar os nomes dos vencedores, agora aparecia a seguinte inscrição: “comerciante Kalla, com esposa e filho”. Portanto, era daqui que se divulgavam os nomes dos contratados aos postos de seleção.

Naquele instante, alguns senhores conversando animadamente, lápis e papel nas mãos, desciam as escadas, Karl encostou-se ao corrimão para deixá-los passar e subiu, já que agora havia espaço lá em cima. Em um canto da plataforma guarnecida com parapeitos de madeira — o todo

parecia com o terraço de uma torre estreita — estava sentado um cavaleiro com os braços estirados sobre os parapeitos, que ostentava uma larga faixa de seda branca em diagonal sobre o peito, com a inscrição: “Chefe da Décima Equipe de Recrutamento do Teatro de Oklahoma”. Ao seu lado, sobre uma mesinha, encontrava-se um telefone, certamente também usado nas corridas, pelo qual o chefe decerto recebia todas as informações necessárias sobre cada candidato ainda antes da apresentação, pois inicialmente não fez quaisquer perguntas a Karl, mas disse a um senhor encostado ao lado dele, de pernas cruzadas, a mão no queixo: “Negro, um estudante do ensino médio europeu”. E, como se com isso, para ele, já estivesse encerrada a entrevista com Karl, que lhe fazia uma solene reverência, olhou para a escada para ver se chegaria mais alguém. Porém, como ninguém mais aparecia, ele, ocasionalmente, acompanhava a conversa do outro cavaleiro com Karl, mas passava a maior parte do tempo olhando para o campo de corridas, tamborilando com os dedos no corrimão. Esses dedos delicados e, ao mesmo tempo, fortes, longos e ágeis atraíram de vez em quando a atenção de Karl, embora o outro senhor lhe exigisse muita concentração.

“Estava desempregado?”, esse cavaleiro perguntou primeiro. Essa pergunta, bem como quase todas as outras eram muito simples e diretas e, além disso, as respostas não eram testadas com perguntas intermediárias. Mesmo assim, pelo modo como as proferia, com grandes olhos abertos, observando o seu efeito com a parte superior do corpo curvada para a frente, absorvendo as respostas com a cabeça inclinada sobre o peito e, de vez em quando, repetindo-as em voz alta, conseguia conferir-lhes um significado especial que não se apreendia facilmente, mas cuja intuição inspirava cautela e prudência. Com frequência, Karl tinha o impulso de substituir a resposta dada por outra que talvez obtivesse mais aprovação, mas sempre se abstinha, pois não só sabia a má impressão que essa indecisão produziria, como também o quão imprevisível seria na maior parte das vezes o efeito das respostas. Além disso, sua contratação parecia-lhe já estar decidida, saber disso lhe dava segurança.

À pergunta se estivera desempregado, respondeu com um singelo “Sim”.

“Qual foi o seu último emprego?”, perguntou o cavaleiro em seguida. Karl já ia responder, quando o cavaleiro levantou o dedo indicador e disse novamente: “o último!”.

Karl já havia entendido a primeira pergunta corretamente sacudindo a cabeça, ele sem querer afastou a última observação como algo que o confundia e respondeu: “Em um escritório”.

Essa ainda era a verdade, mas, caso o cavaleiro pedisse mais informações sobre o tipo de escritório, teria de mentir. Porém o cavaleiro não o fez; em vez disso, fez-lhe uma pergunta muito fácil de ser respondida com sinceridade: “Estava satisfeito naquele emprego?”.

“Não!”, gritou Karl, quase o interrompendo. Karl notou, de relance, que o chefe sorria um pouco. Lamentou a resposta impensada, mas tinha sido tentador demais gritar esse “não”; durante todo o tempo que passara nesse último emprego, seu maior desejo fora que aparecesse qualquer outro patrão e lhe fizesse essa pergunta. Sua resposta, contudo, poderia trazer-lhe ainda outra desvantagem, pois o cavalheiro poderia perguntar agora por que ele não estava satisfeito. Em vez disso, perguntou: “Para qual função se sente capacitado?”. Essa pergunta poderia de fato conter uma armadilha, pois para que fazê-la, se Karl já tinha sido contratado como ator? Embora o reconhecesse, não conseguia dizer sem receio que se sentia particularmente apto para a profissão de ator. Por isso, evitou responder e disse, correndo o risco de parecer obstinado: “Li o cartaz na cidade e, como lá dizia que todo mundo pode ser aproveitado, apresentei-me”.

“Sabemos disso”, disse o cavalheiro, ficando em silêncio, mostrando assim que insistia na pergunta anterior.

“Fui contratado como ator”, disse Karl, hesitante, dirigindo-se ao cavalheiro, numa tentativa de fazê-lo entender a dificuldade em que a última pergunta o tinha colocado.

“Isso mesmo”, disse o cavalheiro e ficou em silêncio novamente.

“Não sei”, disse Karl, e toda a esperança de encontrar uma colocação ficou abalada: “Não sei se estou preparado para a atuação teatral. Porém vou me esforçar e tentarei cumprir todas as ordens”.

O cavalheiro virou-se para o chefe, ambos assentiram; Karl parecia ter dado a resposta certa, recuperou sua coragem e, endireitando-se, aguardou a próxima pergunta, que foi: “O que pretendia estudar originalmente?”.

Para conferir mais precisão à pergunta — o cavalheiro parecia prezar muito a precisão —, acrescentou: “Na Europa, quero dizer”. Nesse momento, tirou a mão do queixo e fez um movimento vago com a mão, como se com isso quisesse sugerir simultaneamente quão distante ficava a Europa e quão insignificantes eram os planos feitos lá.

Karl disse: “Pretendia ser engenheiro”. É certo que essa resposta o repugnava, era ridículo que ele, totalmente consciente que estava de sua carreira na América até o presente momento, ressuscitasse essa lembrança antiga de que certa vez quis se tornar engenheiro — será mesmo que ele teria se tornado um, se tivesse permanecido na Europa? —, mas não lhe ocorreu outra resposta e, por isso, usou essa.

Mas o cavalheiro o levou a sério como, aliás, levava tudo a sério. “Bem”, disse ele: “engenheiro provavelmente não poderá ser de imediato, mas talvez por enquanto seja adequado realizar serviços técnicos mais básicos”.

“Com certeza”, disse Karl, que estava muito satisfeito. É verdade que, caso aceitasse a oferta, seria deslocado da posição de ator para a dos técnicos, mas ele realmente acreditava que poderia realizar melhor esse

trabalho. Aliás, não cansava de repetir para si mesmo que não importava tanto o tipo de trabalho, mas sim alcançar alguma forma de estabilidade.

“É forte o suficiente para um trabalho mais pesado?”, o cavalheiro perguntou.

“Oh, sim”, disse Karl.

O cavalheiro, depois de ouvir a resposta de Karl, pediu que se aproximasse e examinou o seu braço.

“É um rapaz forte”, disse ele, puxando Karl pelo braço até o chefe. O chefe assentiu com um sorriso e, dando a mão a Karl sem abandonar sua posição de repouso, disse: “Então, está tudo acertado. Em Oklahoma tudo será verificado. Honre nossa empresa de recrutamento!”

Karl fez uma reverência de despedida, em seguida também quis se despedir do outro cavalheiro, mas ele já estava passeando de um lado para o outro na cobertura, com o rosto voltado para cima, como se já tivesse cumprido sua missão. Enquanto Karl descia, viu aparecer no quadro ao lado da escada a seguinte inscrição: “Negro, trabalhador do setor técnico”.

Como afinal tudo corria bem, Karl não teria lamentado tanto se o seu nome verdadeiro aparecesse no quadro. Tudo fora cuidadosamente organizado, pois ao pé da escada já era aguardado por um criado, que lhe colocou uma pulseira em volta do pulso. Quando levantou o braço para ver o que estava escrito na pulseira, lá estava impresso, de forma correta, “Trabalhador do setor técnico”.

Independentemente do lugar para onde quer que fosse levado, Karl primeiro queria informar Fanny de que tinha dado tudo certo. Mas, para seu pesar, soube pelo criado que os anjos, bem como os demônios, já haviam partido para o próximo destino, para lá divulgarem a chegada da equipe de recrutamento no dia seguinte.

“Que pena”, disse Karl; era a primeira decepção que sofria nessa empresa, “eu tinha uma conhecida entre os anjos”.

“Você a encontrará novamente em Oklahoma”, disse o criado, “mas agora venha, que você é o último”.

Conduziu Karl ao longo da parte de trás do palco, onde antes tinham estado os anjos; agora só havia pedestais vazios ali. Porém, a suposição de Karl de que sem a música dos anjos apareceriam mais candidatos em busca de emprego provou ser falsa, pois não havia mais adultos na frente do palco, apenas algumas crianças que brigavam por uma longa pena branca que provavelmente caíra da asa de algum anjo. Um menino segurava-a no alto, enquanto as outras crianças queriam empurrar a sua cabeça para baixo com uma mão e com a outra alcançar a pena.

Karl apontou para as crianças, mas o criado disse, sem olhar: “Ande mais depressa, demorou muito para ser admitido. Será que eles estavam com dúvidas?”.

“Não sei”, disse Karl, espantado, mas ele não acreditava nisso. Sempre, mesmo nas mais claras das circunstâncias, aparecia alguém que

queria deixar seus semelhantes preocupados. Mas, diante da visão acolhedora da grande arquibancada de espectadores, à qual eles acabavam de chegar, Karl logo esqueceu a observação do criado. Nessa arquibancada havia um banco grande e comprido, coberto com uma toalha branca; todos os contratados estavam sentados, de costas voltadas para a pista de corridas, no banco ao lado, mais baixo, e lhes era servida uma refeição. Todos estavam felizes e animados e, justamente quando Karl, sem ser percebido, sentou-se no último lugar desse banco, muitos deles se levantaram com copos erguidos e um deles fez um brinde ao chefe da décima equipe de recrutamento, a quem chamou “pai dos desempregados”. Alguém observou que era possível vê-lo dali, e de fato podia-se ver a tribuna dos árbitros com os dois homens a uma distância razoável. Então, todos levantaram os copos naquela direção, também Karl pegou o copo à sua frente, mas, por mais que eles gritassem e quisessem chamar-lhes a atenção, nada indicava que na tribuna do árbitro alguém tivesse notado a ovação, ou que, pelo menos, a quisessem notar. O chefe continuava recostado no canto como antes, e o outro cavalheiro permanecia de pé ao seu lado, com a mão no queixo. Um pouco desapontadas as pessoas sentaram-se novamente, vez ou outra alguém se virava na direção da tribuna dos árbitros, mas logo a atenção voltou-se para a comida farta; eram servidas aves grandes, como Karl nunca tinha visto, com muitos garfos espetados na sua crocante carne assada, o vinho era servido continuamente pelos criados —, que mal dava para perceber, em virtude de como as pessoas se debruçavam sobre o prato, enquanto o vinho tinto jorrava nas taças — e quem não queria participar da conversa geral podia olhar as fotos do teatro de Oklahoma, que estavam empilhadas em uma das extremidades da mesa para serem passadas de mão em mão. Mas ninguém se importava muito com as fotos, e assim aconteceu que, como Karl era o último, apenas uma delas chegou às suas mãos. A julgar por essa foto, valeria muito a pena ver todas. Essa foto representava o camarote do Presidente dos Estados Unidos. À primeira vista, poder-se-ia pensar que não era um camarote e sim o próprio palco, de tal forma o parapeito se projetava para dentro do espaço aberto. O parapeito era inteiramente de ouro. Entre as pequenas colunas, que pareciam recortadas com as mais finas tesouras, viam-se lado a lado retratos de antigos presidentes; um deles tinha um nariz que chamava a atenção por ser surpreendentemente reto, ter lábios salientes e o olhar fixo, encovado sob pálpebras arqueadas. Ao redor do camarote, do alto e dos lados saíam raios de luz; uma luz branca, mas suave, revelava o primeiro plano do camarote, enquanto o fundo, atrás dos muitos tons de vermelho do veludo que caía em pregas por toda a beirada e era regulado por cordões, aparecia como um vazio cintilado avermelhado. Era difícil imaginar pessoas nesse camarote, tão despótico parecia tudo. Karl não se esqueceu de comer, mas olhava com frequência para a fotografia, que colocara ao lado de seu prato.

Enfim, teria gostado muito de ver pelo menos mais uma das outras imagens, mas ele mesmo não queria ir buscá-la, porque um dos criados colocara a mão sobre as fotos, a sequência certamente tinha de ser mantida; portanto, limitou-se a olhar para a mesa para ver se, não obstante, alguma outra foto se aproximava. Foi quando percebeu com espanto que — a princípio nem quis acreditar —, entre os rostos que mais intensamente se debruçavam sobre a comida, havia um bem conhecido: Giacomo. Imediatamente correu até lá. “Giacomo!” exclamou.

Este, tímido, como sempre ficava quando surpreendido, levantou a cabeça, virou-se no vão estreito entre os bancos, limpou a boca com a mão e ficou muito feliz em ver Karl. Pediu-lhe que se sentasse ao seu lado, ou ofereceu-se para ir até o lugar de Karl; queriam contar tudo um ao outro e ficar juntos. Karl não queria incomodar os outros e disse que, por isso, cada um deveria ficar em seu lugar por enquanto, pois a refeição terminaria em breve e naturalmente poderiam então ficar juntos. Mas Karl ainda ficou por um momento perto de Giacomo, só para poder olhar para ele. Quantas lembranças do passado! Onde estaria a chefe de cozinha? O que Therese estaria fazendo? A aparência do próprio Giacomo pouco mudara, a previsão da chefe de cozinha de que em meio ano ele se tornaria um americano forte não se confirmara; ele continuava delicado como antes, suas bochechas encovadas como antes, se bem que no momento estavam arredondadas, pois tinha colocado em sua boca um grande pedaço de carne, do qual lentamente removia os ossos para, em seguida, jogá-los no prato. Como Karl pôde ler em sua pulseira, também Giacomo não fora contratado como ator, e sim como ascensorista; o teatro de Oklahoma realmente parecia precisar de todos. Entretido olhando para Giacomo, Karl ficou tempo demais longe do seu lugar. Justamente quando pretendia voltar, chegou o gerente de pessoal, subiu em um dos bancos mais altos, bateu palmas e fez um pequeno discurso, enquanto a maioria das pessoas se levantava, e aquelas que continuavam sentadas, por não conseguirem largar a comida, finalmente foram forçadas a se levantar às custas das cotoveladas das outras.

“Espero”, disse ele, nesse meio-tempo Karl já havia voltado ao seu lugar nas pontas dos pés, “que tenham ficado satisfeitos com o nosso almoço de boas-vindas. Costumam elogiar a comida da nossa equipe de recrutamento. Infelizmente tenho de pôr um fim à refeição, pois o trem que vai levá-los a Oklahoma parte daqui a cinco minutos. É verdade que será uma longa viagem, mas verão que estão em boas mãos. Aqui lhes apresento o cavalheiro encarregado pela viagem e ao qual devem obediência”.

Um homenzinho magricela e baixo subiu no banco em que estava o gerente de pessoal, mal tomou o tempo para uma rápida reverência e imediatamente começou a mostrar com as mãos nervosas estendidas como todos deveriam se reunir, se organizar e se colocar em movimento. Mas

não foi atendido de imediato, porque aquele integrante do grupo, que já discursara mais cedo, bateu com a mão na mesa e começou um longo discurso de agradecimento, embora — Karl ficou bastante inquieto — acabara de ser informado de que o trem estava para sair. Mas o homem que discursava sequer levou em consideração o fato de que nem o gerente de pessoal estava prestando atenção a seu discurso; antes, dava diversas instruções ao encarregado do transporte. Foi minucioso em sua exposição, enumerou todos os pratos que tinham sido servidos, avaliou cada um deles e, em seguida, concluiu, resumindo sua fala com a exclamação: “Meus caros, é assim que nos conquistam!”. Todos riram, exceto aqueles a quem o discurso se dirigia, mas era mais verdade do que brincadeira.

O tempo que se perdeu com o discurso agora tinha de ser compensado pela correria para pegar o trem. Mas isso não foi muito difícil, porque — como Karl só então percebeu — ninguém carregava bagagem; a única peça de bagagem era, na verdade, o carrinho de bebê, que, empurrado pelo pai, agora à frente do grupo, saltava incontrolavelmente para cima e para baixo. Que tipos suspeitos e sem pertences haviam se reunido ali e, no entanto, tinham sido tão bem recebidos e cuidados! E tinham sido, com certeza, especialmente recomendados ao encarregado do transporte. Ora pegava o guidão do carrinho com uma mão e levantava a outra para animar o grupo, ora já estava atrás da última fila, incentivando as pessoas, e logo já corria ao lado da fila, prestando atenção em algumas pessoas mais lentas, tentando lhes mostrar com o balançar dos braços como deveriam correr.

Quando chegaram à estação, o trem já estava pronto para partir. As pessoas que se encontravam na estação apontavam o grupo com exclamações como: “Todos eles pertencem ao teatro de Oklahoma!”. O teatro parecia ser muito mais conhecido do que Karl imaginava; mas é verdade que nunca se ocupara com assuntos de teatro. Um vagão inteiro fora destinado especialmente ao grupo, o encarregado do transporte apressava o embarque mais do que o fiscal de bilhetes. Verificou primeiro cada compartimento, organizando algo aqui e ali, e só então embarcou. Por acaso, Karl conseguira um assento na janela e logo puxou Giacomo para o lugar ao seu lado. Assim, sentaram-se lado a lado, no fundo felizes em poder viajar. Jamais tinham viajado tão despreocupadamente na América. Quando o trem começou a andar, acenaram com as mãos pela janela enquanto os rapazes sentados em frente cutucavam um ao outro, achando aquilo ridículo.

Viajaram dois dias e duas noites. Só agora Karl se deu conta da imensidão da América. Não se cansava de olhar pela janela e Giacomo tanto insistiu em ficar se encostando que os rapazes em frente, muito entretidos com jogos de cartas, se cansaram disso e voluntariamente ofereceram-lhe o assento junto à janela. Karl lhes agradeceu — o inglês de Giacomo não era compreensível para todos — e, à medida que o tempo passava, como não poderia ser diferente entre companheiros de cabine,

tornaram-se mais amistosos, porém, a simpatia deles muitas vezes se tornava irritante, como, por exemplo, toda vez que uma carta caía e eles a vasculhavam o chão, beliscavam Karl ou Giacomo nas pernas com toda a força. Giacomo então gritava, sempre pego novamente de surpresa, e levantava a perna; Karl tentou uma vez responder com um pontapé, mas, de resto, suportou tudo em silêncio. Tudo o que acontecia naquela pequena cabine cheia de fumaça, mesmo quando a janela estava aberta, desvanecia-se diante do que havia para ver do lado de fora.

No primeiro dia, atravessaram uma alta cordilheira. Maciços de rochas negro-azuladas aproximavam-se do trem como cunhas afiadas; as pessoas se debruçavam para fora da janela e procuravam em vão enxergar os seus cumes; vales escuros, estreitos e repletos de fendas se descerravam e as pessoas indicavam com o dedo a direção em que se perdiam; largos riachos vindos das montanhas fugiam em grandes ondas sobre o terreno acidentado, impelindo as milhares de ondinhas de espuma que carregavam dentro de si, precipitando-se para baixo das pontes, sobre as quais passava o trem, e eles estavam tão próximos que o rosto estremecia ao contato da aragem fresca.

¹ Fanny é introduzida aqui como uma antiga conhecida de Karl. Entretanto, nos capítulos 1-7 não há qualquer referência a ela. (N.T.)

© Copyright desta tradução: Editora Martin Claret Ltda., 2022.

direção MARTIN CLARET
produção editorial CAROLINA MARANI LIMA MAYARA
ZUCHELI
capa FERNANDA MELLO
diagramação GIOVANA QUADROTTI
revisão MAYARA ZUCHELI

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Kafka, Franz, 1883-1924.

Amérika [livro eletrônico] / Franz Kafka; tradução do
alemão por Daniela Kahn. — São Paulo: Martin Claret,
2024.
ePub

Título original: Amerika.
ISBN 978-65-5910-296-9

1. Ficção alemã I. Título.

24-208208

CDD-833

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura alemã 833

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

EDITORA MARTIN CLARET LTDA.

Rua Alegrete, 62 – Bairro Sumaré – CEP: 01254-010 – São Paulo, SP

Tel.: (11) 3672-8144 – www.martinclaret.com.br

CONTINUE COM A GENTE!



[Editora Martin Claret](#)



[editoramartinclaret](#)



[@EdMartinClaret](#)



www.martinclaret.com.br